

MEMORIAS

XIII Congreso Latinoamericano
de Investigadores de la Comunicación

**Sociedad del Conocimiento y Comunicación:
Reflexiones Críticas desde América Latina**

MÉXICO | 5 al 7 de octubre de 2016

**Grupo Temático 15
Comunicación y Ciudad**

MEMORIAS

XIII Congreso Latinoamericano

de Investigadores de la Comunicación

Sociedad del Conocimiento y Comunicación: Reflexiones Críticas desde América Latina

**Grupo Temático 15
Comunicación y Ciudad**

Universidad Autónoma Metropolitana
Unidad Cuajimalpa
División de Ciencias de la Comunicación y Diseño
Avenida Vasco de Quiroga #4871,
Colonia Santa Fe Cuajimalpa,
Delegación Cuajimalpa, C.P: 05300
Ciudad de México

ISSN 2179-7617



División
Ciencias de la
Comunicación y
Diseño

Índice

Temporalidades na cena urbana: o neovitorianismo no contexto brasileiro <i>Everly Pegoraro</i>	7
População em situação de rua: a representação do outro na sociedade <i>Lucas Eduardo Dantas</i>	15
La participación ciudadana en el fortalecimiento de la formación en temas de seguridad en Pimentel: un estudio experimental de desarrollo de capacidades comunicativas <i>Jerry Jara Llanos</i>	23
Os piratas do campus: práticas sociais e construção do conhecimento em uma universidade brasileira <i>Fernanda Martinelli</i> <i>João Paulo Apolinário Passos</i>	31
Consumo alternativo, engajamentos juvenis e ativismos anti-capitalistas na cidade de São Paulo <i>Rose de Melo Rocha</i> <i>Simone Luci Pereira</i>	43
Contribuições da latinidade para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras no início do século XXI na cidade do Rio de Janeiro <i>Micael Herschmann</i> <i>Maria Pilar Cabanzo</i> <i>Cíntia Sanmartin Fernandes</i>	51
A produção de bens culturais no Brasil: um estudo sobre o Pólo Cinematográfico de Paulínia/SP <i>Cleber Fernando Gomes</i>	59
Mulheres e bicicleta: um estudo sobre comunicação e espaço urbano a partir do grupo Ciclanas <i>Paulo Victor Sousa</i> <i>Elane Abreu</i>	67
Os efeitos da inércia atencional sobre a publicidade externa <i>Sérgio Roberto Trein</i>	73
Os 400 anos da cidade de Belém e a memória indígena <i>Ivânia dos Santos Neves</i>	81
Por detrás das grades outras cidades: a arte resistente de prisioneiras políticas do Peru <i>Monica Vasconcellos Cruvinel</i>	89
Ciudad de Desarrollo, Ciudad de Subdesarrollo: concepciones representadas en mapas sociales por estudiantes de comunicación social - periodismo en la UPB Medellín <i>Juan David Zapata-Agudelo</i>	99
Do Parque do Carmo ao estádio do Corinthians: as transformações de um bairro no jornal Notícias de Itaquera <i>Barbara Heller</i> <i>Fátima Regina Nunes</i>	107
Si cambia el medio, cambia el mensaje: entorno y habitar <i>Eduardo Álvarez Pedrosian</i>	115

Reflexiones en torno a la investigación sobre ciudad y comunicación: mediaciones sociales e intersecciones espaciales <i>Alejandra García-Vargas Jessica Retis Patria Román-Velázquez</i>	123
100emdia Cuiabá, comunicação participativa numa cidade possível <i>Heidy Bello Medina Maria Thereza Azevedo</i>	139
Prácticas comunicacionales en el escenario urbano: elementos para el abordaje y análisis de estrategias de comunicación creadas por grupos de vecinos autoconvocados <i>Virginia Cáneva</i>	145
Prácticas sociales que disputan poder político en un espacio público de la ciudad de San Juan, Argentina <i>Ana Celina Puebla Daniel Osvaldo Gimeno</i>	153
Produção do espaço urbano na sociedade de consumo e a constituição do imaginário das cidades inseguras <i>Maria Angélica de Oliveira Magrini</i>	163
O movimento Bandas de Rua no Rio de Janeiro: a música e o espaço público urbano <i>Lucimara Rett</i>	171
Cultura Ciudadana desde la piel Cebra <i>Divha Alejandra Gantier Mita</i>	179
¿Una vuelta a lo local? Ciudadanos como “coautores” del mundo <i>Alicia García Dalmás</i>	189
De las Flechas a los Smartphones . Espacios de consumo y reparación y nuevas legalidades tecnoculturales en Bogotá, Colombia <i>Fabian Mauricio Prieto Ñañez</i>	195
Comunicación, ciudad e inclusión de personas en situación de discapacidad <i>Oscar Julián Cuesta Moreno</i>	203
Ciudades imaginadas: representaciones del imaginario urbano en las ciudades contemporáneas <i>Pedro Felipe Díaz Arenas Damaris Ramírez Bernate</i>	213
Se essa rua fosse minha... e él: Ação artística das Madalenas Teatro das Oprimidas na transformação do imaginário de espaço e gênero <i>Patricia da Gloria F. Gomes</i>	227
Rankings de ciudades, competitividad urbana y prensa económica: diálogos y tensiones en el ecosistema de medios en torno al modelo de ‘ ciudad contemporánea ’ <i>Alberto Carrera Portugal</i>	233
Nas escadas da favla: sentidos e silêncios na construção do espaço político da cidade <i>Tatiana Lima</i>	241

- Las representaciones de la ciudad de Buenos Aires en el periodo de la Independencia.
Un análisis de la iconografía de Emeric Essex Vidal (1817 – 1819) 247
Ana Isabel Guérin
- La enseñanza de la crónica urbana en la formación de periodistas
de la Universidad de Chile: convirtiendo en texto/memoria la historia
del presente latinoamericano 257
Ximena Póo Figueroa
- Jornalismo, redes sociais e casarões em Salvador 265
Mary Weinstein

Temporalidades na cena urbana: o neovitorianismo no contexto brasileiro

Universidade Estadual do Centro-Oeste
– Unicentro

Everly Pegoraro
everlypegoraro@gmail.com

Resumen

En este artículo se presentan notas de investigación sobre las narrativas de temporalidad propuestas por dos grupos brasileños que se pueden caracterizar como neovictorianos: el *Piquenique Vitoriano de Curitiba* e la *Sociedade Histórica Destherrense*. El escenario creado para ellos se producen en la apropiación pública y creativa de los espacios urbanos, que proporcionan formas de crítica, convivencia y la participación fuera del alcance de la corriente *mainstream* de expresión estética y cultural. El neovictorianismo es un movimiento cultural, con nuevos significados a las formas en que (re)visitamos el tiempo en sus costumbres, su estética, su desarrollo técnico y científico. Se argumenta que dos factores son fundamentales en las proposiciones de temporalidad que los participantes idealizan y/o (des) construyen: el retro-consumismo y la obsesiva cultura de la memoria contemporánea. La cartografía de los dos grupos presentados es a través de las actividades publicadas en sus redes sociales, espacio privilegiado para que la visibilidad de las programaciones, así como la interacción entre los participantes y curiosos y el intercambio de información sobre las temporalidades apreciadas.

Palabras clave:

Cultura Urbana, Época Vitoriana, Performance.

Abstract

This article presents the research notes about the narratives of temporality by two Brazilian groups that can be characterized as neo-victorian: Piquenique Vitoriano de Curitiba and Sociedade Histórica Destherrense. The scene created by them occur in public and creative appropriation of urban spaces, which provide forms of criticism, coexistence and participation outside the scope of mainstream aesthetic and cultural expression. The neo-victorianism is a cultural movement, with new meanings to the ways in which we revisit the time in its customs, its aesthetics, its technical and scientific development. Two factors are fundamental in the propositions of temporality that the participants idealize and/or (un)build: the retro-consumism and the obsessive contemporary culture of memory. The mapping of the two groups presented here is through the activities posted on their social networks, a privileged space for them to the visibility of their events, as well as the interaction between participants and curious people and the information exchanged about the appreciated temporalities.

Keywords:



Urban Culture, Victorian Era, Performance.

Resumo

Este artigo apresenta apontamentos de pesquisa sobre as narrativas de temporalidade proposta por dois grupos brasileiros que podem ser caracterizados como neovitorianos: o Piquenique Vitoriano de Curitiba e a Sociedade Histórica Destherrense. A cena criada por eles ocorre em apropriações públicas e criativas de espaços urbanos, que propiciam formas de crítica, convivência e participação fora do âmbito mainstream das manifestações estéticas e culturais. O neovitorianismo ressignifica as maneiras pelas quais revisitamos a época, em seus costumes, sua estética, seu desenvolvimento técnico-científico. Argumenta-se que dois fatores são fundamentais nas proposições de temporalidade que os participantes idealizam e/ou (des)constroem: o retroconsumismo e a obsessiva cultura da memória contemporânea. O mapeamento dos dois grupos apresentados se dá por meio das atividades postadas em suas redes sociais, espaço privilegiado por eles para a visibilidade das programações, bem como para a interação entre participantes e curiosos e para a troca de informações sobre as temporalidades apreciadas.

Palavras chave:

Cultura Urbana, Era Vitoriana, Performance.

Introdução

Um piquenique vitoriano numa tarde de domingo, um passeio de trem que mergulha na História do início do século XX, um passeio pelo centro histórico da cidade com personagens tipicamente caracterizados. Esses são apenas alguns exemplos de eventos que têm animado diferentes agrupamentos juvenis brasileiros. São participantes que revivem ou misturam temporalidades, cultura da mídia, literatura, história e visualidades, ressignificando narrativas e personagens históricos.

No contexto brasileiro, o século XIX e a Era Vitoriana¹ são recortes temporais privilegiados para algumas delas, que romantizam uma visão de época. Os participantes concebem formas diferenciadas de tempo, de ação sobre o mundo e de construção identitária. Na urbanidade das experimentações juvenis, os diferentes conceitos de temporalidade que propõem se potencializam em narrativas históricas, práticas culturais e estratégias de socialidade.

A proposta deste artigo é analisar as narrativas de temporalidade propostas por jovens brasileiros na urbanidade de suas cenas, argumentando que dois fatores são fundamentais nas proposições de temporalidade que eles carregam, idealizam e/ou (des)constroem: o retroconsumismo e a obsessiva cultura da memória contemporânea. Serão apresentados apontamentos iniciais de pesquisa com dois grupos que promovem cenas peculiares: o *Piquenique Vitoriano de Curitiba*² e a *Sociedade Histórica Destherrense*,³ por meio do mapeamento das atividades do grupo em suas redes sociais, espaço onde postam as programações realizadas, bem como estabelecem interações e trocas de materiais (visuais, literários, históricos

¹ O período no qual a Rainha Vitória reinou na Inglaterra do século XIX é conhecido como Era Vitoriana. Estendeu-se por 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901.

² Disponível em <http://picnicvictorianocwb.com/equipe-picnic-vitoriano-curitiba/>.

³ Disponível em <http://shdestherrense.com/shd/>.

e midiáticos) sobre as temporalidades apreciadas. Para isso, o texto estabelecerá referências com os estudos sobre o neovitorianismo e as reimaginações do século XIX em performances urbanas.

Temporalidade na cena urbana

A dimensão temporal parece adquirir fundamental importância para algumas culturas juvenis contemporâneas, a partir de diferenciadas estratégias: nostalgia, presenteísmo, futurismo, retrofuturismo, temporalidades fictícias. Os diferentes conceitos de temporalidade que este jovens propõem se potencializam por meio de criações, em eventos culturais e estratégias de socialidade. Eles lançam formas diferenciadas de conceber o tempo, de ação sobre o mundo e de narrativas identitárias.

Que o passado é inatingível, todos sabem. Ele reelabora-se na constante rememoração narrativa daqueles que o invocam no presente. Assim, tal qual a ficção, as narrativas históricas também são obras da imaginação. Os participantes lançam novas formas de compreender e significar as temporalidades com as quais performatizam as narrativas. Simultaneamente, dão pistas da forma como pensam suas identidades e identificações enquanto atores sociais. Maffesoli (1995) fala que vivemos um tempo espiralado, que expressa um movimento cílico, um eterno retorno em espiral de valores arcaicos em confluência com a cultura tecnológica que pauta estilos de vida e visões de mundo.

Feixa (2003), por sua vez, utiliza a metáfora do relógio para caracterizar as relações que se estabelecem entre o tempo e a juventude. Para ele, da mesma forma que o conceito de juventude é uma construção social, a juventude constrói socialmente o tempo, pois elabora, adapta e, no caso dos grupos estudados aqui, transgride modalidades de vivência temporal. O autor caracteriza a geração atual e suas concepções de tempo a partir do funcionamento do relógio digital. Na argumentação do autor, esta comparação serve para delinejar uma espécie de filosofia da desaceleração, que se baseia em uma concepção mais plural de tempo. Esta perspectiva propicia aos jovens se “destemporalizarem”, com a criação de “não-tempos” e “não-lugares”. Tais “limbos sociais” estimulam o nomadismo social e uma concepção virtual de idade, na opinião de Feixa (2003), pois há constante rompimento de regras e características geracionais.

Isso leva a pensar na significação de um conceito de temporalidade que articula imaginários, formas de manejar as relações temporais e agenciamentos da cultura da mídia que se integram como os aportes das performances narrativas desses agrupamentos juvenis. Esses jovens possuem uma forma própria de narrar e de construir sentidos de temporalidade, distorcendo a concepção de um contexto presenteísta que, geralmente, vem atrelado às gerações jovens atualmente.

As estratégicas lúdicas e a criatividade performativa são traços marcantes das culturas juvenis contemporâneas. As operações memoráveis evocadas por eles no neovitorianismo não provêm de experiências vividas por eles, mas acabam sendo incorporadas às suas narrativas de vida e percepções de mundo. Elas trazem à tona relatos de um passado idealizado, questionamentos e contradições, inquietações do presente, aspirações de futuro, enfim, compreensões de temporalidade híbrida. Novos significados se atualizam nas constantes reconstruções. Dessa forma, esses jovens performatizam percepções e anseios a respeito do tempo – não se pautando pelo compasso cronológico e pelo rigor histórico, muitas vezes – mas materializando a concepção de tempo espiralado de Maffesoli (1995).

O conceito de cena de Straw (2006), frequentemente empregada no mapeamento das sociabilidades emergentes no espaço urbano, auxilia a compreender a dinâmica desses agrupamentos. Para este autor, a cena sugere mais do que a fluidez agitada da sociabilidade urbana: compele-se a examinar o papel das afinidades e interconexões que marcam e regularizam os itinerários espaciais de pessoas, produtos e ideias através do tempo. Nas cenas urbanas, muitas práticas culturais lúdicas e experimentais adquirem forma e consistência. Por isso,

a cena engloba a efervescência e a exposição das experiências que refletem a teatralidade da estética urbana (Straw, 2013).

As atividades que os participantes dos dois grupos aqui apresentados propõem são variadas, para atender aos mais diversos gostos: piqueniques, jantares, feiras, passeios de trem, caminhadas no parque, ensaios fotográficos. Em cada uma delas, a criação da “cena” inspira a imersão na temporalidade proposta. Tudo é pensado nos mínimos detalhes: roupas, acessórios pessoais, utensílios, música ambiente, alimentação, atividades recreativas, produtos artesanais feitos pelos próprios participantes, colocados à venda ou para exibição. A *Sociedade Histórica Destherrense* ainda organiza palestras, cafés e discussões literárias e/ou históricas. A seguir, apresentam-se algumas características iniciais de pesquisa sobre as duas culturas urbanas brasileiras que podem ser caracterizadas como neovitorianas. As análises partem de observação das atividades dos dois grupos em suas respectivas redes sociais, espaço privilegiado de interação entre participantes e curiosos⁴.

Em cena, os neovitorianos

O imaginário sobre a Era Vitoriana é permeado pelo romantismo de uma época de *ladies* e *gentlemen* bem vestidos, assim como pela revolução técnico-científica que transformou o convívio em sociedade (Singer, 2011). No contexto contemporâneo, um movimento ganha força em revisitações à Era Vitoriana (prioritária, mas não exclusivamente) (Kucich & Sadoff, 2010). Conhecido como neovitorianismo, surgiu na literatura, expandindo-se, posteriormente, como movimento cultural, com ressignificações às maneiras pelas quais revisitamos a época, em seus costumes, sua estética, seu desenvolvimento técnico-científico.

No Brasil, até o momento de finalização deste artigo, foi possível mapear dois grupos que apresentam características que os aproximam do neovitorianismo: o *Piquenique Vitoriano de Curitiba* e a *Sociedade Histórica Destherrense*. Ambos promovem processos de ressignificação em que se misturam literatura, cultura da mídia, narrativas históricas e/ou estratégias adaptadas do *cosplay*.

O *Piquenique Vitoriano de Curitiba* é formado por participantes de Curitiba (PR), que se pautam, principalmente, pela Era Vitoriana, buscando nela inspiração para as programações que promovem, como se pode observar no texto introdutório do grupo na internet:

Houve uma idade de guerreiros corajosos, um tempo de donzelas que coziam [sic] um vestido durante meses, uma época de escandalosas damas exageradamente ataviadas, um período de elegantes cavalheiros que davam bailes e faziam pedidos formais de casamento, uma era de enormes avanços científicos, tecnológicos e artísticos. Momentos que vibram no coração dos apaixonados por esses séculos que podemos reviver e recriar!⁵ (Picnic Vitoriano, *on line*)

A *Sociedade Histórica Destherrense* é de Florianópolis (SC) e afirma ser um grupo de pessoas interessadas em recriação histórica e na discussão sobre o período compreendido entre a Revolução Francesa (1789) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente em seus aspectos culturais, econômicos, políticos, comportamentais e estéticos. Para isso, a programação é variada: passeios históricos, palestras, chás da tarde.

A aproximação mais flagrante do neovitorianismo ao período que lhe deu origem está na estética, principalmente nas roupas e nos acessórios de *ladies* e *gentlemen* contemporâneos (Costa, 2013). Além disso, os participantes indicam apreciar os rituais ceremoniosos, tanto em âmbito social como nas relações interpessoais. Para isso, propiciam um variado leque de

⁴ Como o estudo encontra-se em sua fase inicial, ainda não há um delineamento conclusivo do perfil dos participantes. As próximas etapas da pesquisa empírica incluem entrevistas com os participantes.

⁵ Disponível em <http://picnicvitorianocwb.com/page/6/>. Acesso em 5 dez. 15.

novas formas de socialidade e de relações com o que entendemos por temporalidade, propondo uma visualidade híbrida – temporal e culturalmente –, já que eles misturam presente, passado e futuro, bem como características vitorianas e brasileiras nas performances.

É interessante observar que o período histórico privilegiado pelos envolvidos com o neovitorianismo é cheio de rituais cerimoniais, tanto em âmbito social, nas relações interpessoais, como institucionalizados. Entretanto, assim como Hobsbawm e Ranger (1997) defendem, muitas das tradições e rituais que permanecem no imaginário coletivo sobre uma determinada época são invenções que atendiam, sobretudo, a interesses para legitimação de poder.

É possível afirmar que os neovitorianos abrem novos caminhos de interpretação das tradições inventadas (Hobsbawm e Ranger, 1997), principalmente no que se refere aos costumes de época da Era Vitoriana. Observe-se o relato abaixo, retirado da página da *Sociedade Histórica Destherrense*, sobre evento realizado pelo grupo em 2015, na capital catarinense:

Imagine poder abrir uma janela para espiar e interagir com o passado. Foi isso que a Sociedade Histórica Destherrense proporcionou aos participantes do Convescote Anacrônico 2015. O evento aconteceu no Solar dos Neves, casa que recebeu D. Pedro II em uma de suas passagens por Santa Catarina, e levou os participantes em uma viagem através do tempo, até 1845. A ambientação ficou por conta do acervo do Peça Única Antiguidades e o evento contou com uma visita guiada ficcional à casa em 1845; sarau de música e poesia; degustação de duas receitas de época reconstruídas pelo grupo. Na foto, a diretora do grupo representa uma criada vestindo a filha do Coronel Neves. O traje da criada é uma reprodução e o vestido da menina é um traje de Primeira Comunhão original da década de 1910, que sofreu algumas alterações ao longo dos anos seguintes.⁶ (Sociedade Histórica Destherrense, *on line*)

No fragmento acima, percebemos que a cena urbana do grupo utilizou-se de uma dos passatempos tradicionais da Era Vitoriana – os piqueniques – em um espaço de ambientação histórica por natureza, o Solar dos Neves, por ter recebido um dos mais conhecidos personagens da história do Brasil. Portanto, a cena do considera a ambientação física e o próprio “peso de passado” do lugar escolhido na sua proposta de “viagem pelo tempo”. A ideia de cena dos neovitorianos da *Sociedade Histórica Destherrense* promete mais do que a simples “espiada pela janela”, mas uma verdadeira imersão, ou interação com o passado, como o texto propõe: sarau de música e poesia, degustação de receitas de época e interação com personagens. Estas – uma criada e uma criança – estão numa preparação para uma das cerimônias ritualísticas que perpetuam as tradições indicadas acima: a Primeira Comunhão, evento de significativa importância para os católicos.

Chama a atenção, ainda, o próprio nome do evento, Convescote Anacrônico, ou seja, a ideia de que a proposta contraria a cronologia regular, ou que está em desacordo com os usos e costumes de uma época. A descrição do anacronismo pode exprimir os próprios anseios dos participantes sobre temporalidade. Costa (2013, p. 31) comenta que as expectativas sociais definidas na Era Vitoriana são reprojetadas pelo neovitorianismo. Indica que o revivalismo vitoriano não se restringe à estética, mas demarca possibilidades de se discutir questões acerca de sexualidade, gênero, imperialismo e do outro.

Boehm-Schnitker e Gruss (2011) defendem que as estratégias adotadas pelo neovitorianismo, como nostalgia, fetichismo, adaptação e metaficação historiográfica, são baseadas em aspectos visuais e materiais, reajustando nossa perspectiva sobre os textos do passado e as reflexões sobre eles. Portanto, a reiteração performativa dos neovitorianos baseia-se em materialização de passado por meio de objetos concretos, exibição visual e desejos contemporâneos por esse passado (o retroconsumismo, ou o gosto por consumir coisas e experiências de passado).

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/shdestherrense/?fref=ts>. Acesso em 10 abr. 16.



Jenkins (2013) vê as forças que movem o “retroconsumismo” como conservadoras ou preservacionistas: são pessoas que não gostam do presente e escapam para o passado ou são aqueles que gostam de coisas originais. Entretanto, embora possa haver uma propensão ao “consumo de passado” por parte dos participantes, é precipitado afirmar que as experiências dos neovitorianos são simplesmente reflexo de uma cultura consumista. Eles lançam novas formas de compreender e significar as temporalidades com que performatizam. Simultaneamente, dão pistas da forma como pensam suas identidades enquanto atores sociais.

Para Boehm-Schnitker e Gruss (2011), longe de ser um capricho contemporâneo, o neovitorianismo tem efeitos materiais no que concerne às construções identitária contemporâneas. Por outro lado, as ressignificações de passado refletem o “poder das coisas” ao seduzir os participantes com a promessa de se apropriar do passado.

Para Straw (2007), o espaço virtual potencializa os efeitos de coerência e disponibilidade dos artefatos do passado. Baseando-se em forte apelo visual, diferentes grupos imaginam, criam e trocam artefatos culturais elevados ao *status* de passado, com fins memorialistas. O autor argumenta que a internet é um terreno fértil para o cultivo do que denomina memórias embutidas, pois altera-se a relação subjetiva com o residual, através das estratégias de coleção e reciclagem do passado. Ele salienta que, muitas vezes, o ilimitado espaço de armazenagem e troca de informações via ambiente virtual impulsiona em gerações jovens o fascínio por imagens, produtos e experiências de outro tempo. Ao potencializar a união de interesses que, a princípio, poderiam parecer distantes, e com sua capacidade ilimitada de armazenamento, a internet propicia as condições para que ligações sentimentais, conhecimentos vernaculares e uma imensidão de outras relações com a cultura material do passado ampliem-se e ganhem coerência.

Huyssen (2000) fornece uma pista interessante para pensar sobre o peculiar fascínio que o passado tem despertado nas sociedades contemporâneas, fenômeno que contrasta com o olhar otimista que se dava ao futuro, característico das primeiras décadas do século XX. Ao mesmo tempo, o autor lembra que uma das lamentações permanentes da modernidade refere-se ao sentimento de ter perdido um passado melhor, da memória de ter vivido em um lugar mais seguro e estável, com fluxo regular de tempo, com relações permanentes.

O autor atribui a uma série de fatores o desejo de privilegiar o passado, entre eles, a transformação da temporalidade do homem, provocada pela “complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global” (Huyssen, 2000, p. 35). O autor argumenta que o fascínio pelo passado é mais que efeito colateral de uma nova temporalidade que necessita de práticas memoráveis e tem medo de esquecer. Entretanto, o autor alerta para o perigo dessa rememoração se transformar em memória mítica. Ele questiona se não estamos apenas criando nossas próprias ilusões de passado, na medida em que somos marcados por um presente que se encolhe cada vez mais (semelhante aos argumentos do presenteísmo de outros pensadores). Na visão do autor, são memórias imaginadas, concepção originada nas discussões propostas por Appadurai (2004).

A cena neovitoriana constrói-se na urbanidade do século XXI, com suas discrepâncias sociais e temporais. Por um lado, trata-se do prazer em imergir em um passado romantizado, por outro, ressignificar costumes e tradições de um período que foi palco de sérias injustiças sociais. Portanto, cultivar tradições inventadas pode refletir, em alguns sentidos, um neoconservadorismo perigoso.

Considerações finais

A “filosofia da desaceleração”, proposta por Feixa (2003) possibilita que analisemos as experiências desses jovens como uma “destemporalização” que estimula a criação de espacialidades e temporalidades próprias agenciada pela cultura da mídia. Tais agenciamentos propiciam a elaboração de variadas performances de temporalidade híbrida, que podem ser

analisadas por meio das práticas culturais e identitárias na urbanidade de experimentações juvenis. Além disso, os participantes dessas culturas urbanas, como os neovitorianos aqui apresentados, instauram novas estratégias de comunicação, que são adaptáveis, abertas e em constante processo de transformação. Grande parte das intervenções comunicativas da cultura juvenil foi convertida em práticas do espaço e do corpo (Carrion, 2007), inseridas na urbanidade dos seus espaços de socialidade. São sujeitos que emergem em um contexto marcadamente imaginal e emocional, cujas experiências perpassam a corporeidade, resgatando o lugar próprio e ativo da relação corpo-espírito no ato de ver/perceber o mundo.

As propostas das culturas urbanas podem ser entendidas como manifestações culturais de interpretação, resistência e até mesmo contradição de um contexto de temporalidade híbrida que articula imaginários e formas de manejar as relações temporais. Todos estes elementos se integram como aportes das performances narrativas desses agrupamentos juvenis. O neovitorianismo desponta como uma forma de narrar e construir sentidos de temporalidade. Os hibridismos culturais (Canclini, 1997) e temporais da proposta são a confluência de imaginários de passado, resquícios de memória social e subjetividades engendradas pela sociedade mediatizada (Braga, 2010). Do espaço próprio de expressão e interação dos participantes, emergem culturas urbanas com visualidades específicas, resultantes de formas diferenciais de ver e experienciar o mundo e, principalmente, da relação de cada um com a temporalidade.

Esses jovens propõem uma forma de resistência à percepção de aceleração temporal, por meio de estratégias de relativização da própria identidade e da criação de espaços diferenciados de socialidade e de comunicação. A cena criada por eles ocorre em apropriações públicas e criativas de espaços urbanos, verdadeiros palcos de performances narrativas que propiciam formas de crítica, convivência e participação fora do âmbito *mainstream* das manifestações estéticas e culturais. Os neovitorianos trazem à tona relatos de um passado idealizado, questionamentos e contradições, inquietações do presente, aspirações de futuro, enfim, compreensões de temporalidade híbrida.

A verdadeira obsessão dos dias atuais para com a memória sinaliza uma crise da estrutura de temporalidade em que o futuro parece se dobrar numa volta ao passado, como aponta Huyssen (2000). A proliferação de neotribos dessa natureza⁷, agregando os mais diversos participantes, aponta a emergência de um cenário social complexo nas relações que tais atores sociais estabelecem com a temporalidade. As culturas juvenis se expressam através de códigos próprios, símbolos e linguagens diversos, propiciando formas específicas de ver e experimentar o mundo através das visualidades que constroem e corporificam. Isso demonstra a importância das representações visuais e de suas respectivas práticas culturais na construção de percepções no contemporâneo. Nestas configurações, há formas de interação comunicativa e percepções de mundo que propõem uma “política com minúsculas” (Reguillo Cruz, 2007) fora do âmbito político-partidário ou das tradicionais formas de participação política, bem como reflete fissuras espaço-temporais na cultura tecnológica delineadora das subjetividades contemporâneas.

Bibliografia

- APPADURAI, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização*. A modernidade sem peias. Lisboa: Teorema.
- BARRAL, É. (2000). *Otaku – os filhos do virtual*. São Paulo: Senac.
- BRAGA, J. L. (2010) Experiência estética & mediatização. In: LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos; GUIMARÃES, César. (Org.). *Entre o sensível e o comunicacional*. (pp. 73-87). Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁷ Em pesquisa realizada anteriormente, até 2015 já havia 14 estados com grupos de participantes do steampunk. Além deles, há grupos eduardianos, vitorianos, medievalistas, dieselpunk, praticantes do *Storm Swordplay* etc. (Pegoraro, 2015).

- BOEHM-SCHNITKER, N.; GRUSS, S. (2011). Introduction: Spectacles and Things - Visual and Material Culture and/in Neo-Victorianism. *Journal of Neo-Victorian Studies*. pp. 1-23.
- CANCLINI, N. G. (1997). *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- CARRION, A. M. (sep. 2007). Tácticas de comunicación juvenil: intervenciones estéticas. In: *Revista de Estudios de Juventud. Culturas y Lenguajes Juveniles*. nº 78, pp. 11-23.
- COSTA, J. G. (2013). *Steampunk: Utopismo e Neovitorianismo nos séculos XX e XXI*. Lisboa, Portugal. (Dissertação em Línguas, Literaturas e Culturas. Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- FEIXA, C. (jul./dez. 2003). Del reloj de arena al reloj digital – sobre las temporalidades juveniles. *Revista de Estudios sobre Juventud*, v. 19, pp. 06-27. Retirado de http://www.catunescomujer.org/catunesco_mujer/documents/Del_reloj_de_arena_al_reloj_digital.pdf. Acesso em 4 mai. 15.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (1997). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HUYSEN, A. (2000). *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- JENKINS, H. (2013). Foreword: Any Questions? In: CARROTT, J. H.; JOHNSON, B. D. *Vintage Tomorrows*. (pp. vii-xv). A historian and a futurist journey through steampunk into the future of technology. Sebastopol, CA: Maker Media.
- KUCICH, J.; SADOFF, D. F. (2010). *Victorian Afterlife: Postmodern Culture Rewrites the Nineteenth Century*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press.
- MAFFESOLI, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2004). *Ofício de Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola.
- PEGORARO, É. (2015). *No compasso do tempo steampunk: o retrofuturismo no contexto brasileiro*. São Paulo: Paco Editorial.
- REGUILLO CRUZ, R. (2007). *Emergencia de Culturas Juveniles. Estrategias del desencanto*. Colômbia: Grupo Editorial Norma.
- SINGER, B. (2001). Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. (pp.95-123). São Paulo: Cosac & Naif.
- STRAW, W. (2013). Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de (Org.). *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco.
- STRAW, W. (2007). Embedded Memories. In: ACLAND, Charles R. (Ed.). *Residual Media*. Minneapolis: University of Minnesota.
- STRAW, W. (ago. 2006). Scenes and Sensibilities. In: *E-Compós*, Brasília, COMPÓS, nº 6. Retirado de: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 27 out. 2011.

Biografia

Éverly Pegoraro. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação da Unicentro, em Guarapuava, Paraná, Brasil. Autora do livro *No compasso do tempo steampunk: o retrofuturismo no contexto brasileiro* (2015) e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Interfaces Socioculturais. everlypegoraro@gmail.com

População em situação de rua: a representação do outro na sociedade

Universidade Federal Fluminense

Lucas Eduardo Dantas
lucaseduardodantas@gmail.com

Resumen

Este ensayo discute sobre el tema relacionados a la Población en Situación de Calle (PSR). Centrándose en la relación que esto construye con el medio ambiente urbano, a través de las construcciones de identidad que se dilucidar con el fin de considerar el acto de caminar. Lo concepto a considerar el PSR como clase desorganizado como una estructura social y también colocan en esta discusión con el fin de entender su proceso de identidad socio - cultural.

Palabras – clave:

Retóricas ambulatorias; Población de calle; Derechos Humanos; Ciudad; Representaciones Sociales.

Abstract

This essay discusses about the related topic Population in Homeless (PSR). Focusing on the relationship that this builds to the urban environment, through the identity constructions that are elucidated in order to consider the act of walking. Ideas to consider the PSR as a disorganized class as a social structure and also placed in this discussion in order to understand their socio-cultural identity process.

Keywords:

Rhetorical ambulatory; Homeless People; Human Rights; City; Social representations.

Resumo

O presente ensaio busca discutir acerca da temática relacionada a População em Situação de Rua (PSR). Tendo como foco a relação que este constrói perante o ambiente urbano, através das construções identitárias que são elucidadas de forma a considerarmos o ato de caminhar. As ideias de considerar a PSR como uma classe desorganizada enquanto estrutura social também e colocada nesta discussão a fim de entender seu processo de identidade sociocultural.

Palavras – chave:

Retóricas ambulatorias; População de Rua; Direitos Humanos; Cidade; Representações Sociais.

Introdução

Quando se aborda a temática de população de rua, sempre se discute o assunto a partir de um ponto acima da real situação. Seja a relação da População em Situação de Rua e o Estado ou a mídia, ou em relação a sua condição econômica, um dos fatores que se considera preponderante para a imposição e aceitação da sua condição. Entretanto, o viés de análise partindo do indivíduo, entendendo a sua condição de morador de rua enquanto uma representação do meio social também se apresenta como elemento crucial de discussão e compreensão dentro da esfera pública como um todo, principalmente no contexto social objetivado.

O que se propõe, de início, é observar o sujeito e colocar a questão do morar na rua como algo secundário, definindo como uma *persona*, uma característica na composição pessoal do indivíduo. Para isto, é necessário expor as outras faces que este também possui, mas são reduzidas pela sua condição de *homeless*, desprovido de ambiente de repouso particular¹.

Entender o indivíduo como sujeito possuidor de multifaces, é também aceitar que este possui discursos. O discurso é colocado como ferramenta de poder, de enunciação e definição de ideologia, não somente de forma individual, mas também de maneira coletiva, enquanto ideologia de classe.

Desconstruindo a ideia de classes estruturadas sobre conceitos econômicos, Bourdieu aponta também que em determinados grupos, existem estímulos colocados sobre características em comum, que seriam suficientes para criar uma classe.

Com base no conhecimento do espaço das decisões, podemos recortar *classes* no sentido lógico do termo, quero dizer, conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticos e tomadas de decisões semelhantes. (BOURDIEU, 2011, p.136)

Porém, alguns elementos necessários para a estruturação do pensamento de classe, ainda se colocam facultativos. A mobilização e o reconhecimento, que seriam esses elementos essenciais para a elaboração do pensamento, ainda não estariam presentes. A população de rua, baseando-se no que afirma Bourdieu

Não é realmente uma classe, uma classe atual, no sentido de grupo e de grupo mobilizado para a luta; poder-se-ia dizer, em rigor, que é uma *classe provável*, enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes (BOURDIEU, 2011, p.136).

Ao colocar a População em Situação de Rua enquanto *classe provável*, porém desmobilizada, poder-se-ia colocar a PSR como um corpo social desorganizado, mas que constitui a construção de um discurso semelhante, sendo este o elemento de associação entre os agentes. Pode-se assim, definir estes indivíduos que constituem esta possível classe, enquanto condicionados e definidos como moradores de rua, a formação de uma fachada, um mecanismo usado como ação conjunta do grupo perante a sociedade. Seria, como define Goffman, a utilização do equipamento expressivo, aplicado aqui de maneira associada. A respeito das definições de fachada, Goffman apresenta o seguinte argumento:

Será conveniente denominar fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para

1 Entende-se real função do lar neste quesito, se reduz a mera questão de proteção do mundo, o local de repouso, ou seja, de descanso da realidade social que se apresenta porta afora. Podemos colocar a necessidade de possuir residência fixa como um elemento capitalista baseado no ‘ter’ implícito na cultura e na ordem social vigente.

os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado, intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 1985, p. 29)

Para a realização da fachada de forma eficaz, Goffman aponta para dois elementos simbólicos que devem condizer com a representação: O cenário e a maneira. O cenário, neste caso, se engendra como o ambiente urbano, a cidade. As ações dos agentes sociais acontecem dentro desta esfera simbólica, onde se emitem discursos e são realizadas ações que contribuem para a manutenção e o fortalecimento da fachada. Como elementos constitutivos deste cenário, podemos colocar as condições da rua, a estrutura da cidade – o plano urbanístico como um todo (prédios, casas, praças, vias) –, as relações tecidas pelos indivíduos para além de sua condição – relações referentes ao trabalho, relações familiares, relações sociais e políticas.

Com relação a definição da maneira, ou do modo de agir deste indivíduo, Goffman postula acerca de uma outra vertente da fachada. A *fachada pessoal*, como postulo ao autor, se coloca não só como elemento que compõe a fachada social, mas também como essencial para a constituição e construção da maneira de agir do indivíduo. Por fachada pessoal entende-se:

Podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de comportamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 1985, p. 31).

Parte do que constrói a personalidade do indivíduo está presente na fachada pessoal. Logo, as definições adotadas para caracterização de um indivíduo que reside em logradouro público em sua maioria, partem da fachada social (grupo) para social (morador).

A maneira descrita por Goffman, que se refere ao modo de atuação social deste agente, é um dos elementos que fazem parte da afirmação dos níveis de fachadas existentes e aqui analisadas. Este agir está diretamente relacionado com a retórica discursiva do indivíduo, principalmente no que diz respeito ao discurso itinerante e estratificado, definido por Michel de Certeau como *retóricas ambulatórias*, sobre este assunto, discutiremos mais à frente.

Goffman conclui as definições acerca da construção da fachada definindo o entendimento acerca da realização da “maneira”:

Chamaremos de “maneira” os estímulos que funcionam no momento para informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima. [...] Frequentemente esperamos, é claro, uma compatibilidade confirmadora entre aparência e maneira. (GOFFMAN, 1985, p. 32)

A maneira, pelo que se pode concluir, está relacionada não só ao agir, as ações do indivíduo, mas também com os aparatos simbólicos que este desfruta para a construção da sua *persona*. Estes elementos constituem de forma ampla, a enunciação do discurso da População de rua, ou talvez, discursos, entendendo não apenas a enunciação linguística deste dentro do contexto social, mas também o seu agir, a construção cultural, as ressignificações feitas por este sobre o espaço, e relacionado a este último paradigma, o próprio caminhar.

A ferramenta do discurso aqui apresentada de maneira objetiva (enunciação) e subjetiva (elementos simbólicos e apropriações do espaço) tem talvez sempre a mesma função, a disputa de poder dentro da ordem social.

A retórica do espaço

Ocupar o espaço também pode ser visto como uma forma de enunciação e até de construção da identidade social de um indivíduo. O caminhar pelo mapa urbano constrói um



texto que pode ser lido de outra maneira, e que se faz necessário para entender o discurso daqueles que fazem deste paradigma, a sua própria retórica.

Conforma afirme Michel de Certeau, “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode ai, fabricar e fazer. São leituras do espaço” (CERTEAU, 2014, p.189). O autor trabalha a partir da valorização do ato de caminhar sobre o mapa da cidade como elemento definidor de um discurso legitimo do ser. Acerca do conceito de cidade, Certeau define que

“A cidade”, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui, portanto, os “detritos” de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte) (CERTEAU, 2014, p.160-161).

Partindo destes pressupostos, interessante analisar a forma como este indivíduo atribui significações aos objetos e aos locais dispostos sobre o espaço urbano, como também a forma como este transita sobre a estrutura da cidade e a partir daí, observar as relações que este tece com os demais agentes sobre este ambiente legitimando-o.

A cidade é consumida pelos indivíduos através das significações que se engendram dentro de sua esfera social. A respeito de como as formas de uso compõem a construção de um texto urbano, Certeau explica que:

Mais embaixo (*down*), a partir dos limiares de onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, *wandersmänner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. [...] As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações, de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra (CERTEAU, 2014, p. 159).

Portanto, observemos os usos e significações produzidos sobre a População em Situação de Rua sobre a cidade. Este grupo, que apesar de possuir uma enunciação estruturada, expõe sua identidade, sua visão e seus pensamentos através das caminhadas que realizam sobre o ambiente público. A PSR atribui à rua não somente um valor de transição de espaço, adiciona a ela o sentido de produção de sentidos, de habitat. Desconstrói a ideia de rua enquanto limbo público entre os espaços comuns de ocupação, como os ambientes de trabalho e familiar. É partindo da prerrogativa do ato de “escrever com o corpo em movimento” que a PSR faz da rua um lugar de histórias. Histórias essas não só contadas pela linguagem, mas pelas significações e pelo espaço. O ato de ocupar e transitar é, nessa lógica, uma forma de contar uma história, e de escrever a própria retórica.

Na rua, não se busca escutar relatos a partir do outro, a retórica do caminhar consistem praticar o relato contínuo, a vivência dos acontecimentos em primeira pessoa. “O trivial não é mais o outro (encarregado de reconhecer a isenção de seu diretor de cena); é a experiência produtora do texto” (CERTEAU, 2014, p. 158).

Este conjunto de ações e práticas demonstram, segundo Certeau, um novo paradigma para entender a lógica social e a cidade em si. Talvez possamos afirmar que esta visão sobre a cidade, está a ser de certa maneira executada pelos moradores de rua. Seria, um olhar totalizador sobre o ambiente urbano.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente o limite avançado, um limite que se destaca sobre o invisível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética, mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e *cega* da cidade habitada. Uma cidade *trasmutable*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (CERTEAU, 2014, p. 159).

Pode-se compreender a cidade como o todo do corpo social, constituído pelas estruturas, códigos, processos e agentes que nela subsistem. Enxergando de tal maneira, a retórica do espaço se comporta como a ferramenta que os agentes sociais utilizam para manter o fluxo produtor de significações e construção de identidades sobre o plano. Sobre o ato de caminhar em relação a esta relação de fluidez, Certeau explica que

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vedo as coisas no nível mais elementar, ela tem com efeito uma tríplice função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização, sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre locutores). O ato de caminhar parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 2014, p.164).

Logo, o relato se apresenta como instrumento mais importante dentro deste processo de enunciação prática. Seria pois, a ponte de ligação entre as experiências vividas através dos processos retóricos topográficos e a linguagem discursiva. O relato do morador de rua se coloca como adereço do seu discurso itinerante, simbolizado pelo ato de caminhar. A ferramenta do relato se coloca como objeto construtor da geografia das ações, e também como via de exposição do genuíno discurso da PSR.

Interessante notar que a construção deste processo de enunciação, do relato, se faz também pelo agrupamento de símbolos obtidos dentro do processo de interação social. Se constrói a partir de experiência, relação e observações feitas durante as caminhadas.

Os símbolos são instrumentos por excelência da “interação social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. à análise durkeimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social (BOURDIEU, 2011, p.10).

Por fim, importante ressaltar a relevância que o relato puro, fruto da retórica caminhatória tem para entendermos a realidade da População em Situação de Rua. Partindo deste relato, que inexiste em qualquer outra esfera maior, como a midiática e a governamental, é que se pode entender a verdadeira realidade da População em situação de Rua e suas verdadeiras enunciations, discursos e visões (sobre si, sobre a sociedade e sobre o espaço). Conforme afirma Certeau, os relatos são aventuras narradas, que

[...] ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-

los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés executam. (CERTEAU, 2014, p.183)

Entender o relato e sua significância, é compreender a ponte entre os discursos, as enunciações, as caminhadas e a realidade objetivada. O discurso se coloca dentro desta lógica, como algo transversal, que perpassa pelos diversos campos, se remodelando que se encontra em um patamar diferente, desde a linguagem, até chegar nas “artes do fazer”.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi feita uma discussão priorizando sempre refletir a sociedade ao partir das análises sobre a população de rua. Expondo formas que a sociedade enxerga e trata esse grupo. O objetivo foi justamente discutir sobre aquilo que pouco se discutiu e se discutiu hoje dentro da academia no âmbito da comunicação. Como já foi dito, a PSR é um tema muito importante em outros campos de estudo, como o da antropologia e o dos direitos humanos.

Ao longo desta trajetória, houve o esforço de executar a desconstrução de estruturas simbólicas sociais acerca dos moradores de rua. Essas questões podem ser definidas como “fantasmas e ilusões burgueses do empirismo” (CAETANO DA SILVA, 1999). As discussões buscaram sempre expor um lado mais verdadeiro e fiel sobre a População em Situação de Rua, para que assim ficasse claro as ideias de preconceitos e os estereótipos que recaem sobre estes indivíduos.

Interessante analisar a partir destes pressupostos, a maneira que o imaginário coletivo é construído tendo como base estas duas vertentes dentro do jogo social: O Estado e a mídia. A construção da imagem da PSR no cotidiano da maioria dos cidadãos, é feita partindo dos ideais e das estruturas criadas por estes dois setores, logo que se comportam como esferas acima do convívio urbano. Em exceção a isso, temos os indivíduos que constroem suas próprias opiniões através da própria imagem que a PSR possui. Para este tipo de designações, temos as ONGs – sendo que apesar de algumas delas se apresentarem como dissidentes do discurso hegemônico destes dois setores já citados, também constrói de certa forma uma imagem estereotipada dos moradores – os militantes das causas ligadas aos Direitos Humanos e a academia através das ações de pesquisa e extensão.

Contudo, buscou-se discorrer acerca da maneira que a própria população de rua se enuncia e se coloca dentro da sociedade, abordando os aspectos relacionados ao seu lugar natural, a rua, e discutindo acerca das estruturas simbólicas e discursivas cabíveis a estes cidadãos. Como desfecho para tentar entender este discurso, se defende que a enunciação deste indivíduo através da sua retórica pelo espaço, expondo a sua verdadeira identidade e as suas relações sociais.

Por fim, importante salientar que este trabalho não representa o início da discussão sobre este tema, muito menos se apresenta como um trabalho de fato conclusivo. Acredita-se que todo tipo de conhecimento é construído para ser posto à prova e reformulado, sempre sendo aprimorado para oferecer a maior utilidade social que lhe venha caber. Da mesma maneira que se tomou a palavra durante este trabalho, houveram aqueles que já a também tomaram, e outros que ainda viram a se enunciar.

Referências

- Amman, Safira Bezerra (2013). Expressões da pobreza no Brasil: análise a partir das desigualdades regionais. São Paulo: Cortez.
- Bourdieu, Pierre (1997). Efeitos de Lugar. In: _____ (org.). A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes. p.159-166.

- Bourdieu, Pierre (2011). Sobre o poder simbólico. In: _____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. p. 7-16.
- Bourdieu, Pierre (2011). A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: _____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. p. 59-74.
- Bourdieu, Pierre (2011). Espaço social e gênese das “classes”. In: _____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. p. 133-162.
- Caetano da Silva, José Luís (2007). Entre fantasmas burgueses e ilusões empiristas. In: _____. Do macaco ao alemão, sobrevivência e dominação. O cotidiano de favelização do subúrbio carioca. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb.
- Certeau, Michel de (2014). Um lugar comum: a linguagem ordinária. In: _____. A invenção do cotidiano: Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, p.57-70.
- Certeau, Michel de (2014). A “Douta ignorância”: Bourdieu. In: _____. A invenção do cotidiano: Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, p.117-129.
- Certeau, Michel de (2014). Caminhadas pela cidade. In: _____. A invenção do cotidiano: Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, p.157-181.
- Certeau, Michel de (2014). Relatos de espaço. In: _____. A invenção do cotidiano: Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, p.182-200.
- Foucault, Michel (1979). A casa dos loucos. In: _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, p.113-128.
- Foucault, Michel (1979). Genealogia e poder. In: _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal. P.167-178.
- Foucault, Michel (1979). A governamentalidade. In: _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal. P.277-293.
- Foucault, Michel (2012). A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, Michel (1981). Omnes et Singulatim: Towards a Criticism of ‘Political Reason’. In: Universidade de Utah. The Tanner Lectures on Human Values. Salt Lake City, USA, p. 223-254.
- Freitag, Barbara (2012). Teorias da Cidade. – 4º ed. Capminas, SP. Papirus.
- Goffman, Erving (1985). Representações. In: _____. A Representação do Eu Cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 25-75.
- Goffman, Erving (2013). As características da Instituições totais. In: _____. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo, SP: Perspectiva, p. 13-109.
- Gruppi, Luciano (1978). O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal.

Biografia

Lucas Eduardo Dantas é mestrando em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense, linha de pesquisa: Linguagens, Representações e produção de sentido. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2011-2014), com ênfase em Jornalismo. Atuante nas áreas de Antropologia da comunicação e Comunicação e Sociedade, nas temáticas de criminalização da pobreza e criminalização da População em Situação de Rua (PSR). E-mail: lucaseduardodantas@gmail.com

La participación ciudadana en el fortalecimiento de la formación en temas de seguridad en Pimentel: un estudio experimental de desarrollo de capacidades comunicativas

**Universidad Nacional Pedro Ruiz Gallo,
Perú**

Jerry Jara Llanos
tommytomas1@yahoo.es

Resumen

El desarrollo de esta investigación responde a la necesidad de fortalecer la práctica comunicativa, fomentar la participación ciudadana activa y democrática con respecto al desarrollo de la comunidad de Pimentel. Mediante la aplicación de una encuesta, un focus group y entrevista individual a cada miembro de la comunidad, logramos probar el rol protagónico de los pobladores, a través de los escenarios comunicativos, y el trabajo reciproco con sus autoridades locales, para la ejecución de sus iniciativas ciudadanas en pro de su desarrollo humano y bienestar social.

Desde este tipo de problemáticas, la Comunicación para el desarrollo juega un papel estratégico, pues ayuda a generar nuevos procesos de cambio donde se fortalecen las relaciones humanas e interpersonales, para que de esta forma, los pobladores generen espacios participativos en la sociedad y puedan ser reconocidos como actores sociales.

Palabras clave

Comunicación para el Desarrollo, capacidades comunicativas, participación ciudadana, escenarios comunicativos.

Abstract

The development of this research responds to the need to strengthen communicative practice, encourage active and democratic citizen participation regarding the development of the community. By applying a survey, focus group and individually to each member of the community interview, we can prove the leading role of the people, through the communication scenarios, and mutual work with local authorities for the implementation of their citizen initiatives for human development and social welfare.

Since this type of problem, communication for development plays a strategic role, helping to generate new change processes where human and interpersonal relationships are strengthened, so that in this way, villagers generate participatory spaces in society and can be recognized as social actors.

Keywords

Development Communication, communication skills, civic participation, communicative scenarios.



Objetivo

Determinar la manera en que un plan de comunicación para el desarrollo de las capacidades comunicativas entre los pobladores del AAHH La Molina, del distrito de Pimentel, permite aumentar la participación ciudadana, y, con ello, fortalecer la formación en temas de seguridad.

Enfoque y/o metodología de abordaje

Diseño:

GE O₁X₍₁₎O₂X₍₂₎O₃

O1 encuesta, O2 focus group, O3 entrevista individual. La intervención se dio en dos etapas: “Mis derechos de participación”, y “Mi participación como ciudadano”

De la población de nuestra investigación 4587 pobladores trabajamos con una muestra total de 30 personas del AA.HH. La Molina Alta, 15 mujeres y 15 hombres.

Principales resultados y reflexiones

Extractos de la discusión final

La comunicación para el desarrollo es más que un proceso de comunicación lineal y sin retorno, es bidireccional; los pobladores de este asentamiento humano no le habían dado la importancia necesaria y el gran rol que cumple en el desarrollo humano. Empezar diciendo que, en la mayoría de estos hogares la comunicación es deficiente, debido a varios factores, mayormente a la poca información que poseen, lo cual ha dificultado el buen diálogo con los hijos y el debate mesurado para el buen desarrollo de las relaciones interpersonales entre vecinos y autoridades competentes.

Gumucio (2011) “la comunicación es un factor determinante en la facilitación de la gente en el acceso a la información; por tanto en posibilitar también que sea la propia gente la que tome el control de sus propias vidas y establecer sus propias agendas en relación al desarrollo político, económico y social. En particular, puede contribuir a amplificar las voces de los económicos y políticamente marginados, incorporándolas a los debates públicos y políticos del conjunto de la sociedad. La información no se debe reducir a permitirle a la gente saber lo que debería hacer o pensar. La información es poder. Les permitiría a los individuos y comunidades construir su destino y hacer realidad sus aspiraciones”.

Al respecto, se ha fortalecido la comunicación a través de las diferentes charlas y talleres, ya que es el eje principal para no solo el cambio de comportamientos, sino hacia el cambio social, el cual compete el empleo de mejores estrategias comunicacionales, una mayor participación ciudadana, mejores procesos de aprendizaje, desarrollo de habilidades y capacidades, mejores oportunidades, un mejor diálogo, un eficiente trabajo en equipo, una mejor convivencia y sobre todo el empoderamiento de las personas para que se conviertan en los protagonistas responsables de su propio desarrollo.

Carrasco (2011) “La comunicación cumple un rol facilitador en los procesos de participación ciudadana, sobre todo cuando su fin es relacional. Así pues, la comunicación y los comunicadores hacen posible la participación estimulando a los ciudadanos a identificar sus problemas y plantear soluciones a partir del diálogo y la negociación de intereses, conduciendo a la definición de objetivos y metas que orienten la acción ciudadana, moderando instancias

de decisión, entre otros. Sin embargo, la comunicación, por sí sola, no genera procesos participativos exitosos ni sostenibles, sino que requiere voluntad política y cierta institucionalidad en la organización ciudadana, para promover una participación afectiva (que implique) pero efectiva (es decir, responsable)".

Todas las actividades han sumado para la concreción y entendimiento de la comunicación para el desarrollo, lo cual lo han plasmado en aquellas iniciativas ciudadanas presentadas al alcalde de Pimentel, y en el taller de radio; ha sido un proceso complejo y que necesita ir fortaleciéndose periódicamente, la formación de ciudadanos empoderados en la solución de sus problemas, principalmente en el tema de inseguridad, lo cual lo han tratado de enfocar hacia una cultura de prevención y paz, es decir, el trabajo con niños y jóvenes, rescatar el potencial de estos (desarrollo de sus capacidades y talentos), formarlos y educarlos para que en un futuro sean ciudadanos de bien, y contribuyan al desarrollo de su comunidad.

Gina Gogín (2008) dentro de esta perspectiva, pertinenteamente señala que, "la comunicación para el desarrollo busca, propicia, que los individuos y las comunidades se apropien tanto de los mensajes, como de los medios (en términos de proceso y contenido)" Asimismo, es particularmente enfática en señalar el poder que la comunicación nos puede brindar. Un poder no exclusivo de los grandes medios o estadistas, sino de las poblaciones e individuos que, esta vez empoderados tienen potestad de decisión, de participación y por qué no, de cambio".

La comunicación para el desarrollo entonces vista desde esta óptica se refiere al cambio de comportamiento y su correlato con el dar conocimiento y/o difundir información para promover la adopción de nuevas actitudes, generar participaciones en los actores sociales y así mejorar la calidad de vida de las personas.

Ahora que se les ha brindado a los pobladores una nueva percepción acerca de esta herramienta, tienen el gran reto de emplear esa comunicación que realmente los incita, promueva o lleve a la práctica de una eficiente participación ciudadana, por su alta carga de transformación social, contribuyendo a la gobernabilidad democrática, a la construcción de la paz, a la cultura y al desarrollo, es decir el convertirse en comunicadores y agentes del cambio.

Una de las fortalezas de la comunicación, ha sido el permitir el desarrollo de aquellos escenarios donde las personas han podido participar de forma colectiva en su comunidad, espacios que han incitado al desarrollo de sus habilidades y capacidades, como también el empoderamiento, donde se pudo abrir nuevas y mejores perspectivas hacia el diálogo, el debate, el consenso, la cultura y arte.

Para la buena obtención de resultados para la participación en estos escenarios, las personas tuvieron que poner en práctica todo lo aprendido en las diversas charlas, aquellas que fueron parte de su aprendizaje y formación como ciudadanos comprometidos y responsables con su comunidad; es así que demostraron al momento de exponer aquellas soluciones con respecto a sus problemas sociales, el fortalecimiento de su autoestima, la confianza en si mismos de lo que decían y de lo que querían; además en la audiencia pública dieron a conocer un mejor liderazgo y trabajo en equipo como organización y con las autoridades pertinentes, logrando el mejoramiento de la comunicación interpersonal a base del dialogo, el fortalecimiento de sus relaciones humanas, la comprensión sobre la importancia de sus derechos colectivos y de aquellos mecanismos de participación ciudadana, comunicando de esta forma el inicio de un gran proyecto de desarrollo para con su comunidad.

La radio ciudadana, les permitió tener una buena experiencia, señalaron sentirse parte de su comunidad de una forma diferente, ya que les daba un poder significativo al momento de transmitir sus opiniones e ideas, resultó un alto valor no solo para ellos, sino también para sus vecinos, es decir, fue un medio en el que todos se escuchaban y participaban activamente.

El papel de la radio comunitaria, radica en atender las prioridades establecidas por la comunidad, de forma que puedan facilitar su discusión, fortalecerlas y desafiarlas, es un espacio donde se ve reflejada la comunidad, donde hay un empoderamiento de la sociedad base; como señala López (1995) "son emisoras donde se ve reflejada la comunidad, donde hay un

empoderamiento de la sociedad base. Son espacios caracterizados por la participación, la inclusión, la diversidad, el respeto, y que se convierten en un punto de encuentro entre grupos de población. Tienen un rol importante dentro de la sociedad, sobre todo de visibilizar temáticas que otros no ven”.

Para lograr, entonces, que esta comunicación pueda servir verdaderamente para el fomento de la participación y el fortalecimiento de la democracia, debe considerarse a la comunicación como un agente que puede ayudar a construir el espacio público a través de imágenes, intereses y espacios comunes, lo cual es definido por Andrenacci (2005) como, “el nuevo paradigma de comunicación ciudadana, en el cual se modifican las políticas de comunicación, tratando de inducir el encuentro de la sociedad consigo misma, con el futuro a buscar, posibilitando una expresión y un diálogo plural, testeando al poder, generando la inclusión de los medios masivos al proceso y forjando otros equilibrios que empoderen al ciudadano”.

A través de estos escenarios comunicativos, sale a relucir una vez más la “Comunicación para el Desarrollo”, una forma particular de hacer comunicación. Esta particularidad se debe a que este tipo de comunicación busca, propicia, que los individuos y las comunidades se apropien tanto de los mensajes, como de los medios (en términos de contenido y proceso).

Por tanto, se trata de un proceso de comunicación que otorga poder (empodera) a la comunidad, que busca dar voz a los no escuchados, que es de “muchos a muchos”; y que pone el énfasis en contenidos y temáticas locales. Por ello, quienes trabajamos en este ámbito debemos comprometernos a convencer a otros, del valor de este enfoque; ya sea publicando, promoviendo el debate, o socializando la información más actualizada; y por supuesto, continuar investigando y sistematizando experiencias de desarrollo con perspectiva comunicacional.

La violencia social y la inseguridad ciudadana se convierte en uno de los principales obstáculos para la construcción de ciudadanía. En consecuencia, para luchar de manera efectiva contra ese fenómeno se requiere más sociedad, más espacio público y una ciudadanía fortalecida en sus derechos y en sus capacidades de acción colectiva.

Como hemos podido apreciar durante toda la ejecución del proyecto, el problema apremiante y preocupante es la inseguridad que viven actualmente los pobladores de La Molina, la seguridad ciudadana es un problema muy complejo que tiene múltiples causas y factores que lo generan. Como no podemos actuar sobre todos ellos a la vez, es necesario que prioricemos sobre qué temas y aspectos podemos trabajar, y la única forma que los pobladores han podido identificar es uniéndose e involucrándose, además de relacionarse mejor con sus autoridades.

La calidad de la ciudadanía tiene una vinculación directa con la inseguridad que se vive diariamente en el asentamiento. Se trata de una relación de intercambio permanente ya que el aumento de la inseguridad tiene también consecuencias en el debilitamiento de la ciudadanía. Son dos fenómenos profundamente interconectados que requieren ser enfrentados de manera conjunta. Slavoj Žižek (2009) “La seguridad es tarea de todos y todas, pero también una clara responsabilidad del Estado, mediante la definición de políticas que permitan avanzar con claridad en el combate de la delincuencia y al mismo tiempo en la articulación de iniciativas que posibiliten ejercer plenamente los derechos ciudadanos. De esta forma, es necesario avanzar en agendas proactivas que contribuyan a disminuir los procesos de exclusión, el debilitamiento de la cohesión social y el aumento de la violencia en el país”.

Lo mencionado por Slavoj es muy importante porque se basa en la relación y participación de la ciudadanía para obtener la tranquilidad tan anhelada, si bien es cierto hay impedimentos, el ahínco está presente, la vinculación de los pobladores frente al problema de seguridad es más evidente ya que manifiestan; el deseo de trabajar en conjunto además de incluir a el alcalde para que tome las riendas del problema.

La comunicación ha fortalecido las relaciones sociales, el cooperativismo y la participación; factores importantes dentro del proyecto, las participantes que forman parte de nuestra muestra del proyecto, se comienzan a empoderar para enfrentar sus problemas.

La experiencia vivida demuestra que la seguridad no se relaciona directa y principalmente con la capacidad de reprender, con la cantidad de policías, con la militarización o con la compra de armas; ni con medidas represivas que llegan a ser intolerantes con cualquier tipo de división. Sí se relaciona, en cambio, con la inversión que se hace en políticas de acceso a la educación y al trabajo. Para muchos jóvenes es más fácil conseguir un arma que una beca educativa. La inseguridad se relaciona con la carencia de espacios públicos para la convivencia que sean saludables, sanos, seguros, plurales e incluyentes.

U.T 04: Organización y prevención para la seguridad

El trabajo en equipo es la base del éxito, cuando un grupo de personas desean obtener algo, la organización es el soporte fundamental para fortalecer los objetivos trazados, esta a su vez permite canalizar y afianzar el involucramiento y capacidad de participación de cada integrante, sin ello es difícil lograr de manera individual un reclamo. En el AA.HH. La Molina los pobladores, participantes de nuestra muestra, han podido entender, rescatar y afianzar que sin su participación esta comunidad no podrá resolver un problema que se afianza cada vez más, la inseguridad.

Ante situaciones críticas en donde la vulnerabilidad de la tranquilidad y la violencia se desatan, es necesario e importante el fortalecimiento de la organización, además de mantener activa las relaciones vecinales y comunitarias, con ello también pueden generar fuerza social para generar y poner en marcha programas de prevención del delito con participación de la comunidad.

Nancy Guerra (2005), en las localidades que poseen una actividad social de base organizada, suele ocurrir que existen organizaciones capaces de canalizar los reclamos de la comunidad contra la inseguridad, la violencia, la falta de presencia gubernamental y policial en sus vecindarios. Ante situaciones de crisis, estas organizaciones son capaces de poner su saber social en funcionamiento y presionar a los gobiernos locales para que respondan a sus requerimientos, recibir asesoría, financiamiento y apoyo en las tareas.

Conforme avanzábamos con el proyecto hemos podido notar que la comunicación entre los pobladores comenzaba a mejorar en su calidad, cada taller brindado hacía notar el involucramiento y una mejor cohesión entre pobladores. El taller radial se convirtió en el más atractivo, porque les iba a permitir mejor su calidad comunicacional con los demás pobladores y así reunir fuerzas para poder desterrar uno de los problemas latentes.

Frente a cualquier problema comunal la organización se convertirá en uno de los ejes, siendo secundado por la comunicación permitiendo no solamente avanzar mancomunadamente sido generando soluciones que al final todos aprovecharán. Es probable que no se pueda abordar todos los problemas de seguridad ciudadana que afectan a la comunidad, pero sí podemos generar una agenda de problemas y posibles proyectos que la comunidad progresivamente puede desarrollar. Esta agenda nos permitirá actuar preventiva y progresivamente sobre los problemas derivados del diagnóstico y plantear diversas áreas de acción.

Es rescatable la participación activa de nuestra muestra, porque en cada taller brindado comenzaban a descubrir que en sus manos tenían las soluciones para enfrentarse a uno de los problemas como la inseguridad, lo importante comenzaban a potenciar sus capacidades comunicativas tomando conciencia que uniéndose les iba a ser más fácil tener la tranquilidad en su vida cotidiana.

Conclusiones

1. Mediante la ejecución del plan de desarrollo de las capacidades comunicativas entre los pobladores del AA.HH. La Molina del distrito de Pimentel, se mejoró notoriamente la participación ciudadana, manifestado en el involucramiento que tenía cada miembro para establecer estrategias frente a la inseguridad.
2. Conforme conocían las formas de poder participar para enfrentar la inseguridad, más empoderamiento e involucramiento tenían.

3. La comunicación se ha fortalecido entre los pobladores del AA.HH. La Molina en un inicio era deficiente, esto debido al poco trato que tenían entre vecinos, solo podían relacionarse cuando cargan agua de una pileta o cuando sucedía algún escándalo. La problemática era esquiva, se protegían solos no había un trabajo en conjunto.
4. Este aspecto comunicativo, posterior al desarrollo de las actividades del plan intervención, fue progresivamente superior, gracias al reconocimiento de poder participar de cada poblador.
5. La inseguridad que experimentan los pobladores del Asentamiento Human La Molina, es una problemática que cada vez se agrava y esto debido falta de involucramiento de los pobladores y autoridades; además de la falta de comunicación. Estas causas se iban incrementando, pero luego de la ejecución del plan de intervención, fueron reemplazadas consecutivamente por un mejoramiento de sus capacidades comunicativas e involucramiento.
6. El proceder de las autoridades inmediatas (alcalde, policía nacional), frente al problema inseguridad siempre es muy pasiva, podemos concluir que el involucramiento de estas con los pobladores no cambiará sino hay iniciativas por ambas partes.
7. La apertura de espacios participativos y la definición de las capacidades comunicativas permitirán a los ciudadanos; la posibilidad de enfrentar de una manera conjunta la inseguridad ciudadana y el mejoramiento de la convivencia.

Referencias

- ACERO VELÁSQUEZ, Hugo (2006). “Los Gobiernos Locales y la Seguridad Ciudadana”. Bogotá.
- ACOSTA, Dina (2006). “Gestión y ciudadana: Aprendiendo a participar y ejercer nuestra ciudadanía”. 2da Edición. Editorial: Gutenberg E.I.R.L. Perú.
- AGUILAR, Luis Enrique (2006). “Aproximaciones a la participación ciudadana en la región andina: el caso peruano”. Lima: CAJ.
- ARRIOLA, Marta: “La participación comunitaria: en Comunidad y seguridad”. Universidad Nacional de Lanús y Consejo de Seguridad Interior. Cuadernos de Seguridad. Bs. As. 2010.
- BASOMBRÍO, Iglesias Carlos. “Seguridad Ciudadana: Diagnóstico del problema y estrategias de solución”. Instituto Peruano de Economía Social de Mercado, Lima. 2005.
- BOISIER, Sergio. “Desarrollo Descentralizado y Descentralizado en América Latina”. Universo S.A. Lima. 2007.
- CARMONA. “Tomar la iniciativa, tomar el territorio”. Andalucía- Sevilla. 2008.
- CARRASCO ALEGRE, Lorena. “El rol de la comunicación en los procesos de participación ciudadana a nivel local: el caso del distrito de Barranco”. Pontificia Universidad Católica del Perú. Facultad de Ciencias y Artes de la Comunicación. 2011.
- CARRASCO ALEGRE, Lorena. “El rol de la comunicación en los procesos de participación ciudadana a nivel local: el caso del distrito de Barranco”. Pontificia Universidad Católica del Perú. Facultad de Ciencias y Artes de la Comunicación. 2011.
- CASTELLS, Manuel. “La ciudad y las masas”. Barcelona: Paidós. 2006.
- COPER R. K. “La inteligencia emocional aplicada al liderazgo y a las organizaciones”. Paidós Ibérica, Barcelona. 2008.
- DIEF, Jacques. “La comunicación clave para el desarrollo humano”. 5ta Edición. New York, NY: McGraw-Hill. 2014.
- FERNÁNDEZ, C. “La comunicación humana en el mundo contemporáneo”. Tercera edición. México: Mc Graw-Hill. México. 2008.
- GOGÍN SIAS, Gina. “El enfoque en comunicación para el desarrollo ¿en qué consiste?”. Editorial: McGraw-Hill. México. 2008.

- GUMUCIO, Alfonso. "Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo". Volumen XXX. La Paz: Editorial Plural. 2011.
- GUMUCIO, Alfonso y TUFLE, Thomas. "Antología de la comunicación para el cambio social". La Paz: Editorial Plural. 2008.
- HALL RICHARD, H. "Organizaciones". España. Editorial Prentice-Hall Hispanoamérica. 2009.
- LOPEZ VIGIL, José Ignacio. "Comentarios a la Declaración de los radioapasionados y televisionales", AMARC, Quito, 1995.
- MEDINA ARIZA, Juanjo. "Políticas y estrategias de prevención del delito y seguridad ciudadana". Editorial: B de F .Colección:1^a Edición / Rústica / Castellano / Libro. 2011.
- MONTERO, M. "Fortalecimiento de la ciudadanía y transformación social: Área de encuentro entre la Psicología Política y la Psicología Comunitaria". Editorial Paidós. Buenos Aires: 2012.
- RICO, José María. "Seguridad ciudadana en América Latina: hacia una política integral". Editorial Siglo Veintiuno, México 2002.
- SALINAS, Remy. "Los Múltiples Campos de la Participación Ciudadana en el Perú, Un reconocimiento del Terreno y Algunas Reflexiones". Instituto de Estudios Peruanos, Lima. 2005.
- SEN, Amartya. "Desarrollo y Libertad". Buenos Aires, Editorial Planeta. 2000.
- TRELLES CABRERA Mariela. "Participación Ciudadana de las Mujeres de Organizaciones Sociales en las localidades de Ate, El Agustino y Santa Anita". Lima. 2010.
- VÁSQUEZ W. Claudio. "Aproximación sociológica al fenómeno de la seguridad ciudadana en Talca". Ecuador 2008. Disponible en: <http://www.tesis.uchile.cl/handle/2250/106484>
- VERDUGO, Eduardo. "La Democracia Mediática. Un Triángulo entre Medios, Políticos y Opinión Pública". Apunte proporcionado en Diplomado de Teoría Política y Gestión Pública. Universidad Miguel de Cervantes. 2009.
- ZAPATA BARRERO, Richard. "Ciudadanía, Democracia y Pluralismo Cultural". Buenos Aires: Paidós. 2001.
- ŽIŽEK, Slavoj. "La violencia: Seis reflexiones marginales". Buenos Aires, Paidós. 2009.

Os piratas do campus: práticas sociais e construção do conhecimento em uma universidade brasileira

Universidade de Brasília

Fernanda Martinelli

nandamartineli@unb.com

João Paulo Apolinário Passos

joaopaulo.passos@gmail.com

Resumen

El presente estudio analiza la relación de los estudiantes de la Universidad de Brasilia con el material académico que les es asignado o que buscan de modo voluntario, con el fin de conocer la forma en que los estudiantes lidian con el acceso, la distribución y el intercambio de artículos, libros, películas y otros materiales académicos protegidas o no por los derechos de autor. Para la realización de este estudio la metodología utilizada fue de carácter cuantitativa mediante un cuestionario administrado entre 465 estudiantes universitarios en la Universidad de Brasilia (UNB). Se observó que los estudiantes utilizan redes de solidaridad locales (grupos *online* de materias cursadas) o más amplias (contenido buscado al azar a través de Internet) para el intercambio de materiales académicos y educativos. Este intercambio está organizado tanto de forma voluntaria por los estudiantes, como también es compartido entre estudiantes y profesores, por lo que esta práctica se configura como cotidiana en la cultura universitaria de la Universidad de Brasilia. El carácter ilegal de esta actividad actualmente no parece ser un impedimento para que los estudiantes y / o profesores que se dedican a prácticas de intercambio de materiales académicos.

Palabras-clave:

Piratería, Intercambio, Materiales Académicos, Propiedad Intelectual, Redes de Solidaridad

Abstract

The present study aims to analyze how University of Brasilia (UnB) students engage with academic learning materials recommended to them or voluntarily sought, so as to understand how students deal with access, distribution and sharing of articles, books, films and other academic materials, protected or not by copyright law. Quantitative research methodology was used, through the use of an online poll answered by 467 UnB undergraduate students. We detected that students make use of local solidarity networks (online classroom communities) or broader ones (content found through online searches) to share academic and learning materials. Such sharing occurs both through voluntary student initiatives and through faculty-student interaction, which indicates it is a daily practice in campus culture. The current legal status of this activity is borderliner, but it does not seem to inhibit students of faculty from engaging in it.

Keywords:



Piracy, Sharing, Academic learning materials, Intellectual Property, Solidarity Networks

Resumo

O presente estudo analisa a relação dos estudantes da Universidade de Brasília com o material acadêmico a eles designado ou por eles voluntariamente buscado, de forma a conhecer a maneira com a qual os estudantes lidam com o acesso, distribuição e compartilhamento de artigos, livros, filmes e demais materiais acadêmicos protegidos ou não por direito autoral. Para a elaboração do estudo a metodologia utilizada foi a pesquisa quantitativa, através de um questionário aplicado virtualmente entre 465 estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB). Observou-se que os estudantes utilizam-se de redes de solidariedade locais (grupos online de disciplinas) ou mais amplas (conteúdo buscado de forma aleatória na internet) para o compartilhamento de materiais acadêmicos e educacionais. Esse compartilhamento é organizado tanto voluntariamente pelos estudantes, quanto partilhado entre discentes e docentes, de modo que esta prática se configura como cotidiana na cultura universitária na Universidade de Brasília. A situação legal dessa atividade atualmente não parece ser um impedimento para os estudantes e/ou professores que se engajam em práticas de compartilhamento de material acadêmico.

Palavras-chave:

Pirataria, Compartilhamento, Materiais Acadêmicos, Propriedade Intelectual, Redes de Solidariedade

Introdução: pirataria, ética hacker e solidariedade

A pirataria pode ser, em muitos casos, uma força transformadora do capitalismo. Apesar do discurso normativo da mídia que frequentemente associa ao crime qualquer prática definida como pirata, é possível considerar que a pirataria frequentemente emerge com um sentido de democratização do acesso a bens culturais – seja por disponibilizá-los em circuitos até então impensados, seja por se basear em modelos de troca que não se inscrevem necessariamente no tradicional modelo monetizado.

Esta pesquisa investiga um tipo bem específico de pirataria: aquela relacionada a materiais acadêmicos, ou seja, materiais protegidos por direitos autorais e utilizados como fonte de estudo. Assumimos aqui a perspectiva da pirataria “como prática positiva e produtiva, considerando-a como o compartilhamento fora dos limites legais, mas principalmente como criação de espaços de liberdade e cooperação” (Tarin e Belisário, 2012: 2).

No Brasil, a legislação não especifica pirataria como crime, tampouco define condenação para quem acessa e/ou consome algum tipo de produto pirata. As sanções se dirigem, via de regra, àqueles indivíduos envolvidos com a pirataria no universo do trabalho ou da produção (Martinelli, 2011) – e são frequentemente relacionadas a investigações policiais que apreendem bens comercializados em camelódromos nas mais diversas cidades do país (Martinelli, 2012; Pinheiro Machado, 2005; Mafra, 2007). Isso evidencia um recorte claro de desigualdade social que é dado não pelo consumo – uma vez que, conforme investigado em outra pesquisa (Martinelli, 2011), o consumo de bens piratas não é exclusivo de classe social desprivilegiada –, mas sobretudo pela produção e pelo trabalho, e que embasa políticas que enquadram a pirataria muito frequentemente como caso de polícia, e não de política pública.

No contexto dessa pesquisa, a investigação se dirige para outros circuitos de produção, consumo e circulação, uma vez que se concentra nas práticas de compartilhamento de material acadêmico entre estudantes na Universidade de Brasília. Investigamos redes de circulação de informação e conhecimento que envolvem estudantes de diversos cursos de graduação, além de professores, fotocopiadoras, livreiros e editoras. Considerando que a legislação de direitos autorais é, sobretudo, uma regulação sobre a circulação de informação (Gillespie, 2009), o trabalho se concentra em problematizar o que significa colocar fronteiras para a circulação de conhecimento (ver ABAPI, 20014; ABDR, 2014; CNCP, 2014), e como essas fronteiras são questionadas através de práticas que democratizam o acesso ao conhecimento. Parte-se do princípio de que a pirataria é mais complexa do que os discursos antipirataria conseguem apreender – e, nesse sentido, é compreendida aqui desde uma perspectiva contextual. Se tradicionalmente considera-se pirataria um processo de produção que não respeita direitos autorais, nem propriedade intelectual nem os direitos da marca registrada, processo este legalmente e moralmente condenável, esta pesquisa insiste que tal perspectiva normativa não dá conta da amplitude e da complexidade do fenômeno, de modo que o caráter relacional das valorações ligadas às práticas de consumo e compartilhamento de cópias literárias, como abordado neste trabalho, embasa a não-adoção estrita de categorias normativas presentes na legislação do direito autoral e penal brasileiros (respectivamente Lei Federal n. 9.610/1998 e Decreto Lei n. 2.848/1940 com alterações), situando-as no contexto de uso em que foram empregadas, quando ocorrer (Martinelli, 2011).

Entre as grandes transformações introduzidas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação está a maneira de estudar. Cada vez mais estudantes em todo o mundo acessam material acadêmico via internet, e muitas editoras, vendo aí uma oportunidade de negócio, emprenham-se em publicar seu catálogo em versão digital. Ao mesmo tempo, livros impressos são facilmente digitalizáveis, de modo que suas versões .pdf, .doc, .jpg, entre outras, circulam indiscriminadamente pela rede e podem ser acessadas e compartilhadas gratuitamente em diversos sites e programas de armazenamento. Esta termina por ser uma alternativa à qual muitos estudantes recorrem, e essa prática de compartilhamento parece ter significados que vão além de uma recusa em pagar os preços relativamente altos dos livros impressos ou mesmo dos digitais. Antonio Lafuente, ao discorrer sobre os itinerários da ciência, problematiza a relação entre ciência e sociedade e reconhece a importância do movimento hacker em pautar a democratização do conhecimento:

Aqueles que lutaram para a democratização do conhecimento (conhecimento, avaliação) nunca imaginaram que chegaria nada comparável ao movimento hacker. Originalmente eram uns poucos programadores que se recusaram a permitir que uma empresa pudesse patentear o código, o que para eles era algo tão absurdo como privatizar as leis de Newton, os teoremas matemáticos ou o genoma humano. Não se pode reivindicar direitos sobre as descobertas, incluindo as anônimas, como é o caso da linguagem, do folclore ou das sementes. Todas são heranças que devem chegar intactas aos nossos filhos. Inicialmente, a resistência era para defender o conhecimento de uma apropriação corporativa. Mas isso logo ressoou em diversas áreas do saber. A Wikipedia certamente é um belo exemplo de como preservar o conhecimento para todos e, principalmente, entre todos. (Lafuente, 2014)

A perspectiva de Lafuente sinaliza para um entendimento das dimensões da pirataria e de seu sentido político a partir de uma ética baseada em colaboração, conhecimento e liberdade: a ética hacker. Pekka Himanen, em seu livro *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age* (2001), reflete sobre a emergência dessa ética hacker, definida como uma ética que se distancia da ética protestante de Max Weber (2010), qual seja, uma ética do trabalho no mundo capitalista. A ética hacker é, nesse sentido, uma nova ética de trabalho que se configura como uma espécie de resistência ao modelo de acumulação capitalista, pois confere um novo significado às trocas e às relações que aí se estabelecem. No contexto aqui estudado, isso



ilumina a discussão e a distinção entre o que é legal e o que é legítimo. A prática de fotocopiar ou digitalizar e difundir livremente o conteúdo de materiais acadêmicos sem autorização expressa do autor é compreendida por muitos como pirataria, e qualificada desta maneira desde uma perspectiva legalista e acusatória.

Sabemos que um contingente significativo de alunos na UnB produz, sobe para a rede e compartilha material didático via internet. São, simultaneamente, consumidores e produtores desse material, considerando a produção aí como a organização e a distribuição de arquivos digitais de diversos autores. Sabemos, ainda, que existe uma série de outros atores sociais que encorajam e participam desse processo (professores, alguns autores, fotocopiadoras que oferecem serviços de scaneamento, comunidade externa à universidade), e alguns empreendedores morais (Becker, 1977; 1973) que condenam e se esforçam para arbitrar sanções a essas práticas (instituições de proteção dos direitos intelectuais e reprográficos, outros professores e alunos, outros autores e intelectuais, etc). Esta pesquisa parte do princípio de que existe uma transformação social em curso, e que a UnB é um campo emblemático para investigar esse fenômeno. A prática da pirataria de material acadêmico, baseada em uma ética hacker, que se sustenta no tripé colaboração-liberdade-conhecimento, transforma processos de aprendizagem e evidencia a centralidade da comunicação nesse processo.

Os materiais acadêmicos, aqui entendidos como livros, artigos, revistas, *slides* e quaisquer outros materiais escritos, gráficos ou audiovisuais indicados pelos docentes ou utilizados pelos discentes para aprofundar e adensar o conhecimento obtido em sala de aula no exercício da aprendizagem, estão inclusos nessa transformação pela qual a sociedade da informação passa. Esses materiais podem ser compartilhados pelos professores e alunos por meios físicos, como pastas nas copiadoras das universidades e distribuição dos textos impressos; e por meios digitais, como compartilhamento pela internet através de grupos e comunidades nas redes sociais ou compartilhamento de *pendrives* e redes *peer-to-peer* entre os dispositivos dos estudantes e professores. Os resultados dessa interação têm efeitos em escala global, especialmente no sentido de democratizar o acesso à informação, tanto que o maior acesso a informação e ao conhecimento gerado através da pirataria de livros e conteúdos acadêmicos está relacionado com a melhoria nos índices de alfabetização de onze países da África (Asongu, 2015).

No contexto mais específico deste trabalho, apresentamos uma pesquisa quantitativa realizada na Universidade de Brasília durante o mês de agosto de 2014, e que tem como finalidade traçar um panorama da pirataria de material acadêmico entre alunos de diversos cursos de graduação que recorrem a esse material para estudar. A ideia é aferir o impacto que essa nova forma de acessar conhecimento tem na formação desses alunos, bem como analisar as redes de compartilhamento, as relações e os significados das trocas que aí se estabelecem.

Pirataria na Universidade de Brasília: como os estudante acessam, produzem e compartilham conhecimento

A Universidade de Brasília (UnB) é uma universidade pública brasileira situada na capital do país, que conta com 38 mil estudantes e 2245 docentes e oferece 103 cursos de graduação¹. Para avaliar e estudar o comportamento dos estudantes de graduação da Universidade de Brasília com relação ao compartilhamento de materiais acadêmicos, conforme especificado acima, aplicamos um questionário online que foi respondido por 467 estudantes de diversos cursos de graduação durante todo o mês de agosto de 2014. Este universo representa uma amostra aleatória qualitativa obtida a partir da aplicação de questionário online difuso para todos os cursos e faculdades, como podemos observar nos dados daqueles que responderam ao questionário.

¹ <<http://unb.br>>. Acesso em: 9 out. 2014

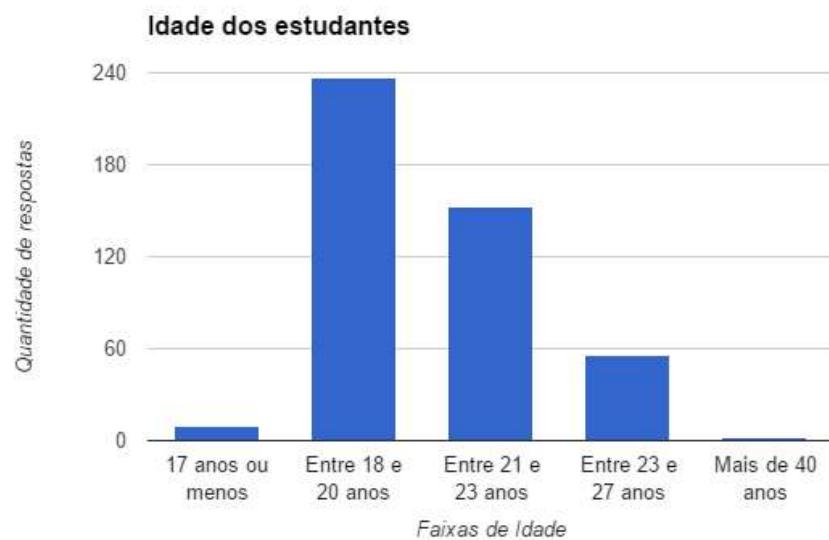


Figura 1: Gráfico que representa faixa de idade daqueles que responderam ao questionário



Figura 2: Gráfico que representa o gênero daqueles que responderam ao questionário

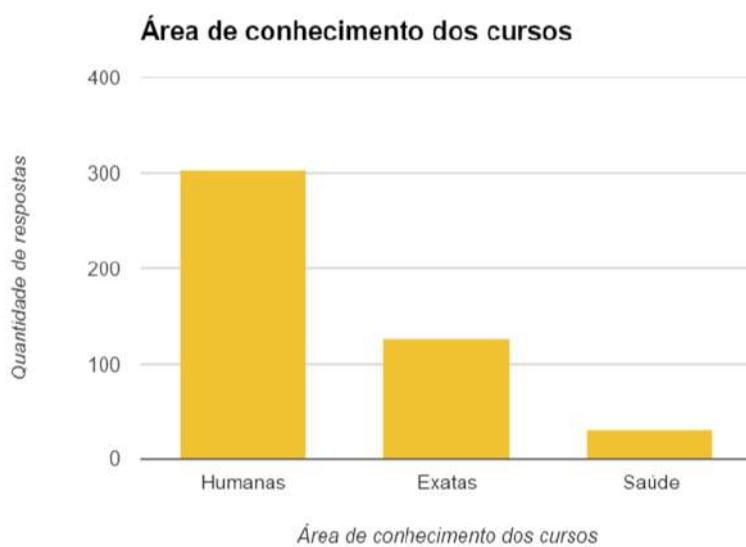


Figura 3: Gráfico que representa a área do conhecimento dos cursos pelos estudantes que responderam ao questionário



Após questionados sobre dados pessoais, os entrevistados foram perguntados sobre como funciona o acesso aos materiais didáticos. As respostas nessas situações estão em uma escala de 1 a 5, em que 1 representa “Fiz isso em pouca ou nenhuma disciplina que cursei” e 5 representa “Fiz isso na grande maioria ou em todas as disciplinas que cursei”, e os outros números da escala representam o cenário intermediário entre essas duas situações extremas.

Você faz ou utiliza cópias de livros, revistas, textos acadêmicos?

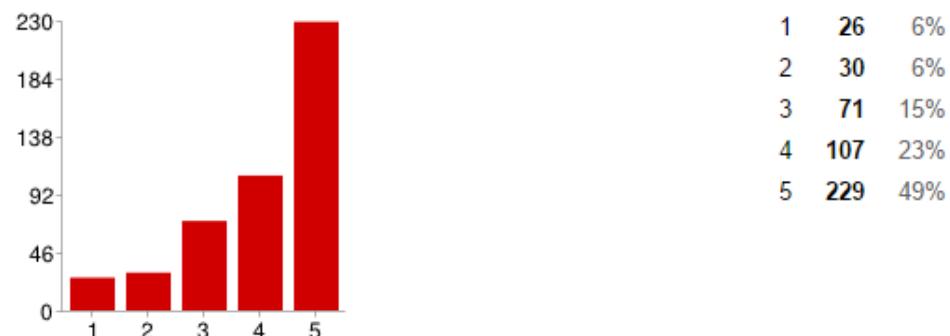


Figura 4: Gráfico que representa a utilização da cópia física de materiais acadêmicos

O cenário apontado pela *figura 4* é de que quase metade dos estudantes entrevistados utilizaram cópias de materiais em praticamente todas as disciplinas que cursam e que 87% dos estudantes utilizaram mais do que não utilizaram cópias desses materiais nas cadeiras cursadas.

Para aqueles que utilizam as cópias dos materiais, foi perguntado qual tipo de material costuma copiar.

Qual o tipo de material que você costuma copiar?

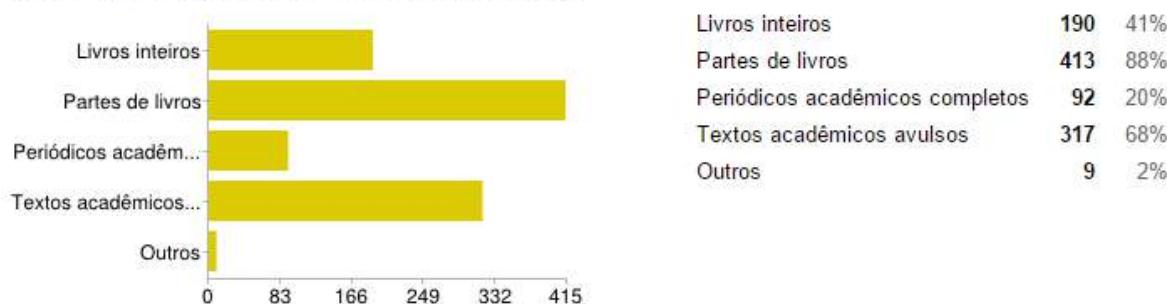


Figura 5: Gráfico que representa o tipo de material copiado por aqueles que fazem uso das cópias

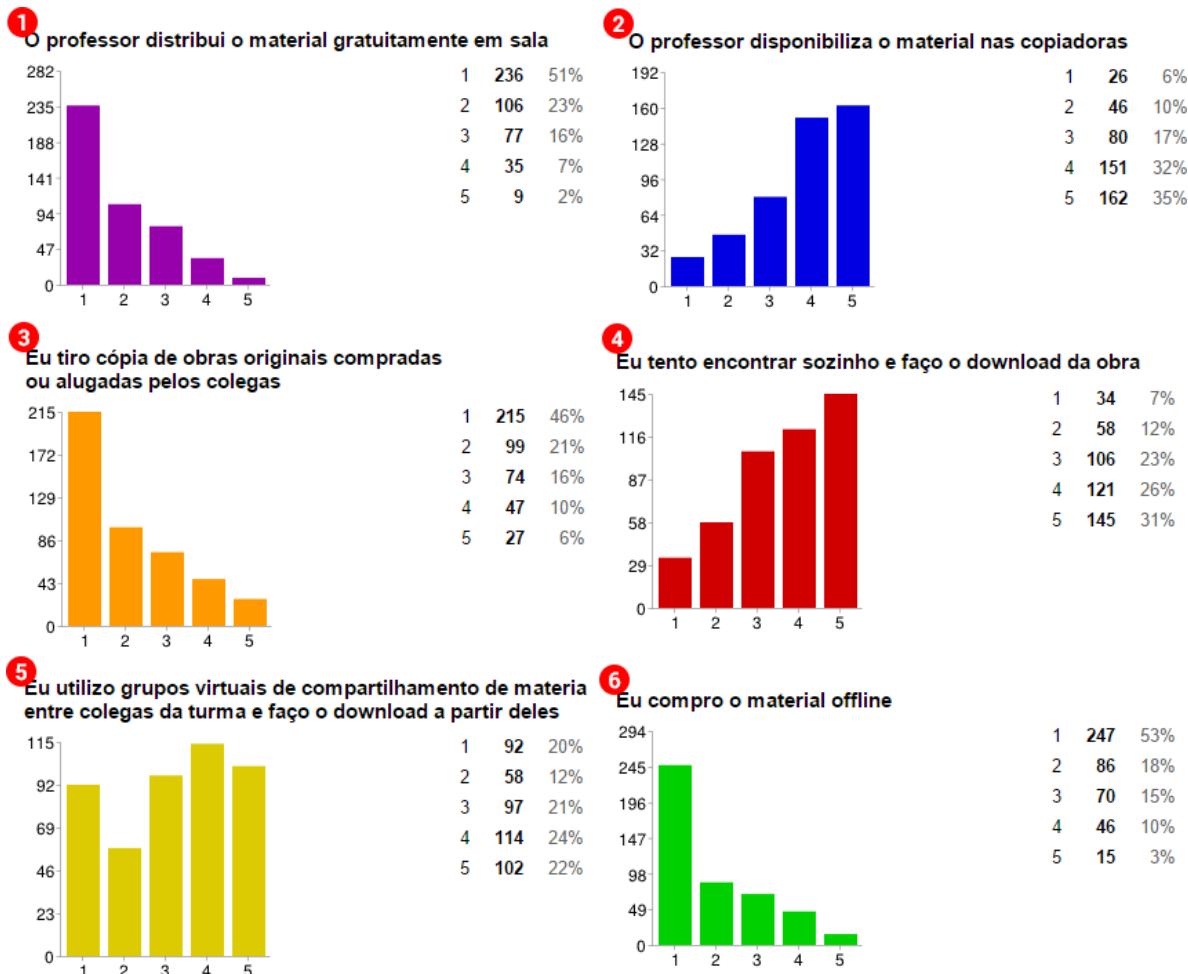
Observa-se na *figura 5* que o material que mais estudantes copiam são partes de livros, seguidos por textos acadêmicos, utilizados respectivamente por 88% e 68% dos entrevistados. Entretanto livros inteiros ainda são acessados de forma relevante, representando 41% das cópias. A soma excede 100% pois cada pessoa poderia responder a mais de um item.

A forma com a qual os estudantes adquirem ou lidam com os mais diversos materiais foi outro objeto de questionamento. As respostas nessas situações estão em uma escala de 1 a 5, em que 1 representa “A situação ocorreu em pouquíssimas ou nenhuma disciplina que cursei” e 5 representa “A situação ocorreu na imensa maioria ou em todas as disciplinas que cursei”.

Os gráficos um, três, seis e oito da *figura 6* que dizem respeito à distribuição gratuita de materiais, à compra de livros, artigos e demais materiais em meios físicos ou *offline* e à compra de livros, artigos e demais materiais em meios virtuais ou *online* são comportamentos

com que a grande maioria os estudantes não se identificaram nas disciplinas que cursam. Ao mesmo tempo, os gráficos dois e quatro (FIG. 6) demonstram que há, na maioria das disciplinas cursadas pelos estudantes, a colaboratividade dos professores para compartilhar os materiais nas copiadoras e um empenho individual de cada estudante na busca por *download* gratuito dos materiais acadêmicos que não encontrem ou não sejam disponibilizados. Isso significa que os estudantes preferem a conveniência de terem o material de estudo disponibilizado pelos professores, mas também acessam redes disponíveis na internet quando não há compartilhamento de material acadêmico – em meio físico ou digital – por parte do professor.

Os gráficos dois, cinco e sete da figura 6 evidenciam que a utilização de grupos virtuais de compartilhamentos de arquivo e a utilização das fotocopiadoras são a principal forma de acesso ao material didático para estudo. Portanto, redes de solidariedade são criadas tanto nas fotocopiadoras onde os professores compartilham os materiais com os estudantes quanto no caso de grupos de compartilhamentos de links e materiais, haja vista que os estudantes em muitos casos encontram links (FIG 6) e utilizam grupos de compartilhamento virtuais (FIG 6), mostrando que a atividade individualizada de busca pelo link pode se tornar uma atividade social e partilhada. No caso do gráfico cinco, que diz respeito aos grupos virtuais de compartilhamento, pouco mais da metade dos estudante afirmaram que fazem uso de tal recurso na maioria ou em boa parte das disciplinas que cursam, enquanto que o restante dos estudantes dizem não fazer uso desse recurso. No gráfico sete, o comportamento de pouco mais da metade dos estudantes evidencia a não utilização do empréstimo de livros em biblioteca.



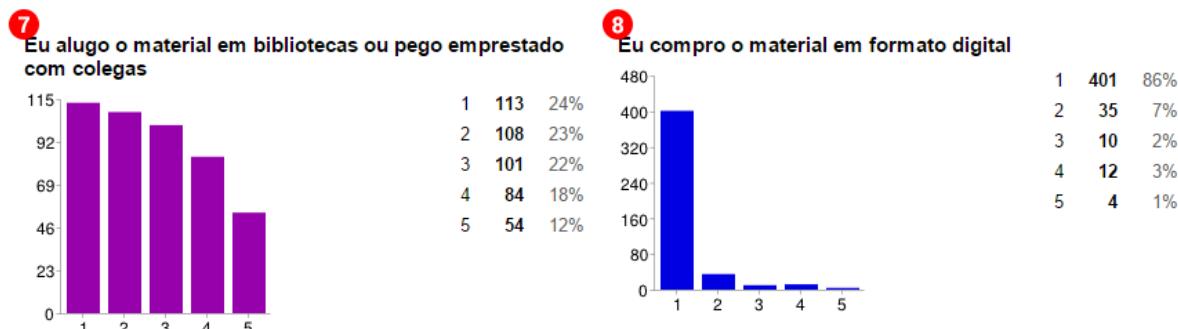


Figura 6: Oito gráficos que representam o comportamento dos estudantes no compartilhamento de materiais em suas mais diversas facetas

Analizando os oito gráficos em perspectiva comparada, percebe-se que a quantidade de estudantes que adquire seus materiais acadêmicos através da compra de materiais originais - sejam eles físicos ou digitais - é mínima. Curiosamente, a prática de recorrer a empréstimo de livros em bibliotecas também apresenta um baixo índice de adesão: quase metade dos estudantes respondeu que nunca ou quase nunca realizou empréstimo de livro em biblioteca, e pouco mais de 10% desses estudantes afirmaram utilizar livros da biblioteca para todas as disciplinas que cursam. A previsão feita em 2000 por Cunha de que a grande maioria das bibliotecas teriam seus acervos digitalizados e disponibilizados para o público no ano de 2010 no Brasil não se concretizou (Cunha, 2000), entretanto, o diagnóstico de que as bibliotecas que o fizessem seriam sub-utilizadas se verifica nesta pesquisa.

Os questionamentos subsequentes aos estudantes diziam respeito a questões relacionadas a direito autoral e propriedade intelectual.

Os materiais que utiliza são protegidos por direito autoral?

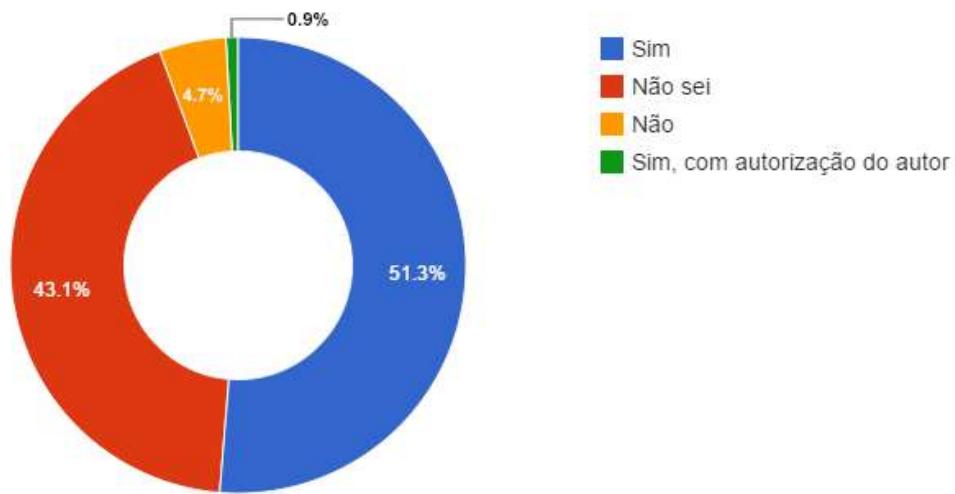


Figura 7: Conhecimento dos estudantes sobre questão legal sobre os materiais utilizados

De acordo com a figura 7 observa-se que mais da metade dos estudantes tem conhecimento de que os materiais que utilizam são protegidos por direitos autorais. Entretanto, 43,1% dos alunos demonstra total desconhecimento acerca da situação legal no que tange ao direito de propriedade intelectual do material acadêmico utilizado. Menos de 5% dos entrevistados afirmaram utilizar apenas materiais disponíveis em domínio público e menos de 1% destes disseram que pedem autorização dos autores para utilizar os materiais.

O gráfico abaixo ilustra o conhecimento do estudante acerca da legislação de direito autoral no Brasil. A escala utilizada para respostas foi de 1 a 5, em que 1 representa “Não conheço nada sobre a legislação autoral brasileira” e 5 representa “Conheço a legislação autoral de forma profunda”, e os outros números da escala representam o cenário intermediário entre essa: **Quanto você conhece a legislação de direito autoral no Brasil?**

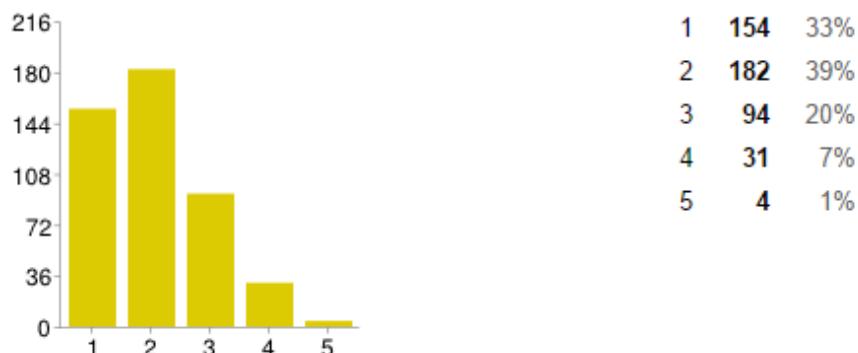


Figura 8: Grau de conhecimento dos estudantes sobre a legislação de direito autoral no Brasil

A figura 8 evidencia que 72% dos entrevistados demonstram majoritariamente desconhecimento acerca da legislação brasileira em relação ao direito autoral. 8% dos entrevistados afirmaram possuir um conhecimento adequado ou avançado nessa questão, e 20% destes um conhecimento intermediário.

No universo dos estudantes que utilizam materiais acadêmicos, questionamos sobre sua percepção a respeito da violação da legislação.

Você acredita que algumas das atividades praticadas por você podem violar essa legislação?

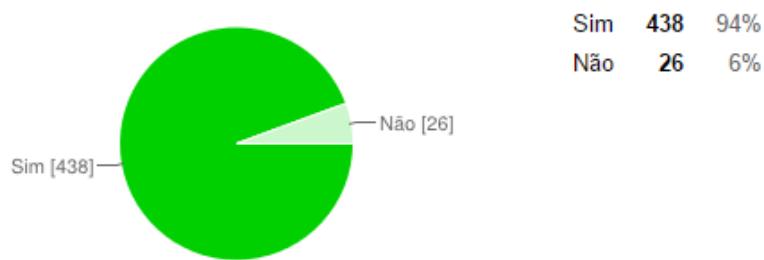


Figura 9: Percepção dos estudantes acerca da legalidade de suas práticas

94% dos estudantes afirmaram que pelo menos alguma das atividades que praticam no que tange à utilização de materiais acadêmicos pode ter violado a legislação de direito autoral brasileira.

Por fim, os estudantes foram questionados a respeito de seu posicionamento sobre a revisão da lei de direitos autorais, no sentido de tornar a legislação mais flexível para não criminalizar o acesso a materiais para fins educacionais, tanto no que diz respeito ao compartilhamento de materiais via fotocópia quanto de forma online. A escala utilizada foi de 1 a 5, em que 1 representa “Nada a favor” e 5 representa “Muito a favor” e os outros números da escala representam o cenário intermediário entre essas duas situações extremas.



Você é a favor da revisão da legislação de direito autoral no Brasil para um tratamento diferenciado de materiais educacionais ou acadêmicos?



Figura 10: Estudantes sobre a mudança na legislação brasileira de direitos autorais

A maioria dos estudantes, quantificada em 80% daqueles que responderam a pesquisa, afirmaram ser a favor ou muito a favor de mudanças na legislação autoral para flexibilizá-la no que tange a conteúdos acadêmicos e educacionais. 13% dos estudantes tem uma posição intermediária e 6% dos estudantes se dizem nada ou pouco a favor de uma revisão legal nesse sentido.

A grande maioria dos estudantes afirma ter acesso aos materiais acadêmicos por redes de colaboração, sejam essas redes consolidadas a partir do docente fornecendo a cópia de seus textos nas copiadoras, ou através dos estudantes que buscam os materiais por conta própria na internet, contando com a colaboração de outros indivíduos anônimos que uma vez já disponibilizaram esses materiais. Quando não disponível na copiadora, a tendência de quase a integralidade dos estudantes é a de buscar na internet; entretanto, o comportamento de compartilhar o próprio material nas redes de colegas de curso é utilizado com frequência por pouco menos da metade dos estudantes.

Com relação à questão legal, observa-se que a imensa maioria dos estudantes não conhece e não se importa com a legislação vigente. Essa mesma maioria defende que a legislação deve ser flexibilizada para que o acesso a materiais com fins educacionais não configure crime contra direitos autorais.

Nesta pesquisa foi possível observar que os docentes e discentes praticam a pirataria dos materiais ignorando totalmente o papel que a legislação tem nessa atividade. Por muitas vezes essa atividade é social, com grupos de compartilhamento organizados entre colegas a partir das disciplinas, ou em redes mais amplas que envolvem desconhecidos através da internet. Os professores também participam dessa atividade social, disponibilizando o material nas copiadoras e em alguns casos distribuindo-o em sala de aula. Os docentes e discentes “piratas”, nesse caso, são desviantes de uma norma - a legislação autoral - entendendo desvio como “algo que existe na interação, e não no próprio comportamento, e está associado à ideia de acusação” (Martinelli, 2009). Nesse contexto é possível ainda pensar no desvio como ação coletiva nos termos de Becker (1963), uma vez que os estudantes e professores dão significado a suas práticas dentro do contexto universitário do qual fazem parte. De acordo com Becker,

Quando encaramos o desvio como ação coletiva, vemos imediatamente que as pessoas agem atentas às reações de outros envolvidos nessa ação. Eles levam em conta o modo como seus companheiros avaliarão o que fazem, e como essa avaliação afetará o seu prestígio e posição” (Becker, 1963, p. 184).

Segundo a legislação autoral brasileira vigente, “Depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como: I - a reprodução

parcial ou integral" (BRASIL, Lei nº 9610, 1998, art 29). Recorrendo novamente a Becker, podemos considerar que, nesse caso, o legislador se comporta como um empreendedor moral que se esforça por impor regras que vão em disposição contrária a uma prática cultural estabelecida por um determinado grupo social (Becker, 1963).

A defesa do direito autoral sob a suposta preocupação da proteção do autor evidencia oposições. Apesar de haver uma alegação das editoras filiadas à ABDR (Associação Brasileira de Direitos Reprográficos) de que a cópia de trechos de livros traz prejuízos injustos ao mercado editorial, o acesso e a realização de cópias de trechos ou livros inteiros sem fins lucrativos para fins acadêmicos, prática que ocorreu de forma generalizada e concomitante com o estabelecimento, crescimento e a sedimentação de uma forte indústria editorial no Brasil, mostra que é possível a coexistência de uma indústria comercial de livros impressos com a liberdade de cópia. (Machado e Ortellado 2006).

Considerações finais: pirataria e mudança social

Esta pesquisa demonstra que docentes e discentes da Universidade de Brasília compartilham e utilizam materiais acadêmicos independente de autorização do autor e das regras ou normas previstas na legislação autoral. Observamos que existem redes de solidariedade, sejam elas descentralizadas ou *peer-to-peer*, através de grupos locais, nacionais ou mundiais de compartilhamentos de arquivo pela internet, sejam eles centralizados em fotocopiadoras espalhadas pela universidade ou *online*, tanto de forma organizada em grupos de disciplinas quando de modo mais disperso na rede mundial. O estudo também evidencia que os estudantes desejam que a atividade praticada por eles não só seja descriminalizada, como também deixe de ser considerada irregular (sem, por exemplo, pedidos de remoção e retirada do ar de materiais protegidos por direito de autor que estejam sendo compartilhados em comunidades *online*).

A prática da pirataria de material acadêmico é generalizada e está profundamente incorporada ao cotidiano dos estudantes, não só como estratégia de aprendizagem, mas também como estratégia de ensino por parte dos professores. Embora esta pesquisa tenha sido realizada na Universidade de Brasília, é possível afirmar que este panorama se replica em praticamente todas as universidades brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, e envolvem estudantes de perfis heterogêneos quanto a classe social, nível de renda, gênero, origem regional e estilo de vida.

Os empreendedores morais que organizam uma cruzada conceitual com consequências práticas contra a pirataria têm de lidar com cada vez mais indivíduos e coletivos "desviantes" dessas regras proibitivas e punitivas ao acesso e ao compartilhamento democrático e solidário de informação e conhecimento. O processo de desvio se mostra catalisado, sobretudo quando entendemos a internet como uma alavancada na transição para uma sociedade de rede (Castells, 2003) e que uma sociedade de rede tende a criar redes de solidariedade e de livre disseminação de informação e conhecimento. Embora editoras e outros empreendedores morais mobilizem esforços para criminalizar uma mudança social já consolidada, a comunidade acadêmica, da qual fazem parte diversos autores, entre eles professores e demais pesquisadores que publicam com regularidade livros, artigos e eventualmente produzem material audiovisual, não defende o combate à pirataria de material com fins educacionais, e inclusive percebe esse combate como um retrocesso à democratização da educação.

Bibliografia

- ABAPI. Associação Brasileira dos Agentes da Propriedade Industrial. Disponível em: www.abapi.org.br/. Acesso: 20 jan 2014
- ABDR. Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos. Disponível em: <http://www.abdr.org.br>. Acesso: 21 jan 2014

- ADOLFO, L. G. S.; ROCHA, I.; MAISONNAVE, L. L (2012). *O compartilhamento de obras científicas na internet*. Estud. av., São Paulo , 26(75), 309-320.
- ASONGU, S.; ANDRÉS, A. *The Impact of Software Piracy on Inclusive Human Development: Evidence from Africa*. African Governance and Development Institute WP/14/035, Dez. 2014. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2571787> Acesso: 20 Jul. 2015.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. Nova York: The Free Press, 1973.
- _____. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar, 2003.
- CNCP. Conselho Nacional de Combate à Pirataria. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/combatepirataria> . Accessed in: 20 jan 2014
- CUNHA, M. B (2000). *Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. Ciência da Informação*, [S.l.], 29(1). Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/269>>. Acesso: 12 jul. 2015.
- GILLESPIE, T (2009). Characterizing Copyright in the Classroom: the cultural work of anti-piracy campaigns. In: *Communication, Culture and Critique*, 2, p. 274-318.
- HIMANEN, P (2001). *The Hacker Ethic and The Spirit of the Information Age*. Random House Trade Publishers: New York.
- LAFUENTE, A. Ciencia ciudadana: los itinerarios amateur, activista y hacker. Disponível em: <http://blog.educalab.es/intef/2013/07/31/ciencia-ciudadana-los-itinerarios-amateur-activista-y-hacker/>. Acesso: 04 mar 2014
- MACHADO, A.; ORTELLADO, P (2006). *Direitos autorais e o acesso a publicações científicas*. Revista ADUSP: São Paulo.
- MAFRA, P. D (2007). Camelôs cariocas. In: VELHO, G. (Org.). *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito* (pp. 191-207). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MARTINELI, F (2011). *PIRATARIA S.A.: circulação de bens, pessoas e informação nas práticas de consumo*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TARIN, A.; BELISÁRIO, A (2012). *Copyfight: Pirataria & Cultura Livre*. Azougue Editorial.
- WEBER, M (2010). *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Biografias

Fernanda Martinelli é professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, coordenadora da linha Jornalismo e Sociedade na Pós-Graduação, membro do Núcleo de Pesquisa sobre Mídia e Política (NEMP), do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política, e da Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC-UFRJ). Dedica-se ao estudo da pirataria desde 2004, e possui vários artigos publicados sobre o tema.

João Paulo Apolinário Passos é estudante de graduação do curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, membro do Partido Pirata e pesquisador do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).

Consumo alternativo, engajamentos juvenis e ativismos anti-capitalistas na cidade de São Paulo

PPGCOM-ESPM e GT CLACSO

Rose de Melo Rocha
rrocha@espm.br

PPGCOM-ESPM e PPGCOM-UNIP

Simone Luci Pereira
simonelp@uol.com.br

Resumen

El artículo presenta los supuestos teóricos y metodológicos de la investigación **¿Que consumen aquellos que no consumen? Activistas, alternativos, comprometidos** que comprende un mapeo y un estudio de los conceptos y prácticas de consumo y comunicación de segmentos juveniles brasileños que tienen posiciones críticas o alternativas a las sociedades mediáticas y del consumo. El análisis se basa en la inspiración cualitativa y etnográfica, centrándose en la escucha de las narrativas de los sujetos investigados.

Palabras clave:

Juventud; activismo; consumo; ciudad.

Abstract

*The article presents the theoretical and methodological assumptions of the research **What those who do not consume are consuming? Activists, alternative, engaged** that intends to map the concepts and the consumption and communication practices of Brazilian youth segments that take criticism or alternative positions at mediatic and consumption societies. The analysis is based on qualitative and ethnographic inspiration, focusing on listening to the narratives of the study subjects.*

Keywords:

Youth; activism; consumption; city.

Resumo

O artigo apresenta os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa **O que consomem os que não consomem? Ativistas, alternativos, engajados** que consta de um mapeamento e um estudo das concepções e práticas de consumo e de comunicação de segmentos juvenis brasileiros que assumem posturas críticas ou alternativas às sociedades midiáticas e do consumo. A base de análise é qualitativa e de inspiração etnográfica, privilegiando a escuta das narrativas dos sujeitos de estudo.

Palavras chave:

Juventude; ativismo; consumo; cidade.

Introdução



Este artigo apresenta os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa **O que consomem os que não consomem? Ativistas, alternativos, engajados** que consta de um mapeamento e um estudo das concepções e práticas de consumo e de comunicação de segmentos juvenis brasileiros que assumem posturas críticas ou alternativas às sociedades midiáticas e do consumo. A pesquisa, financiada pelo Centro de Altos Estudos em Propaganda e Marketing (CAEPM-SP), vislumbra apresentar resultados que possam ser ampliados, comparados e/ou atualizados por meio de parcerias interinstitucionais, no Brasil e no exterior. A equipe é composta pelas autoras desta comunicação, Rose de Melo Rocha e Simone Luci Pereira, coordenadoras do projeto, e pelos doutorandos Danilo Postinguel (PPGCOM-ESPM), assistente de pesquisa, e Fernanda Louise Budag (PPGCOM-USP), coordenadora de campo.

Em termos de seus objetivos e de suas justificativas esta proposta toma por inspiração o instigante livro **Em que crêem os que não crêem?** no qual Umberto Eco e Carlo Maria Martini, Arcebispo de Milão, debatiam o lugar e os exercícios possíveis da ética (cristã e laica) no fim de milênio. Estudando as relações entre juventude e consumo nos preparamos com questionamentos similares, só que, obviamente, atinentes a ordens discursivas e a campos interlocutivos outros. Eles podem ser circunscritos por uma constatação – são inúmeros os críticos do sistema e das narrativas capitalistas – e de uma pergunta – o que pensam e o que consomem efetivamente estes críticos?

A este núcleo central de problematização acresceram-se outros. Ativistas, alternativos e engajados embora, de modo geral, muitas vezes rechacem dinâmicas e lógicas de funcionamento do capitalismo e, por exemplo, das indústrias culturais, têm sido, progressivamente, protagonistas e usuários fervorosos de diferentes ferramentas e conteúdos midiáticos, em especial aqueles dotados de tecnicidade. Como estes sujeitos percebem a estas práticas? A crítica ideológica resulta efetivamente em que tipo de prática e/ou hábito de consumo?

Notávamos, além disto, em especial devido a processos de inclusão pelo consumo no Brasil, uma reconfiguração de perspectivas de produção, circulação e consumo de segmentos tradicionalmente periféricos, aí incluídos muitos jovens moradores das periferias urbanas, que muito rapidamente se apropriam de recursos tecnológicos e se beneficiam de políticas públicas de base cultural. Além de consumidores de novas marcas e conteúdos, geram todo um novo circuito artístico e cultural, que extrapola fronteiras geográficas e de classe.

Se, na origem de inúmeras das marchas juvenis, e de ações agressivas e iconoclastas como a dos *black-blocks*, há o estofo de movimentos antiglobalização oriundos de solo norte-americano, a preocupação ambiental, com a sustentabilidade, dentre outras, nortearam esforços de distinção e de proposição de alternativas de funcionamento ao próprio capitalismo e às sociedades pós-industriais. Ou seja, sem negá-lo, determinados atores sociais esforçam-se a promover novos modos de viver nas cidades, no campo e, inclusive, nas territorialidades midiáticas e comunicacionais, bandeira esta capitaneada por coletivos de democratização da mídia, por exemplo.

Além disto, existem os militantes veganos, propondo outro modo de se alimentar, de pensar e de consumir, não-consumista, seletivo e ético. As e os ativistas ligados ao debate de gênero, por sua vez, defendem a criação de uma nova agenda de debate público, transitando de blogs a fóruns políticos tradicionais, mas propondo modos de gestão coletivos e compartilhados. Militantes de partidos políticos também assumem, por outra via, este debate. Ativistas ligados aos direitos de imigrantes postulam, por sua vez, formas de visibilidade/audibilidade e maneiras de inserção e cidadania, valendo-se das mídias na busca pelo direito à representação.

A identificação destes eixos de questionamento, a inegável visibilidade que possuem no mundo digital, suas formas de presença na cena urbana, na mídia massiva e nas manifestações e marchas nos levaram a constituir nossa proposta de investigação, que, estamos certas, possuem potencial de aplicação a outros contextos (regionais e internacionais) e a outras práticas que podem extrapolar o recorte geracional ora privilegiado, em casos de inegável

interesse de pesquisa (como no “cohousing”, nas comunidades auto-sustentáveis, no *slow-food* e nas formas de agricultura e culinária orgânica e não-industrializada, na busca de novos modos de armazenamento de produtos e de prestação de serviços).

Marcos teóricos para pensar um “outro consumo” na cidade e nas juventudes

Esta investigação dialoga diretamente com as bases teóricas que apreendem o consumo como fato social e cultural complexo, incluindo os polos da produção, da circulação e da recepção, bem como considerando seus respectivos contextos, lógicas e estratégias. No âmbito acadêmico, ressaltamos que a relação “comunicação, consumo, juventude e ativismo” mostra-se ainda em desenvolvimento no Brasil. Destacamos os trabalhos de Rose de Melo Rocha e de algumas de suas orientandas (Thálita Galutti, Denise Tangerino e Beatriz Beraldo), João Freire Filho (2007, 2008) e de algumas de suas orientandas (Monica Machado e Taiane Linhares), e, tratando de consumo cultural juvenil, em uma perspectiva não convencional de ativismo, que inclui práticas comunicacionais e midiáticas, os estudos de Veneza Ronsini (2007), Alexandre Barbalho (2013), Simone Luci Pereira (2015) e Micael Herschmann e Cíntia Fernandes (2015).

Em linhas gerais, podem-se identificar traços desta problemática em estudos sobre subculturas juvenis, vinculados a pesquisas inglesas e norte-americanas. Tem crescido, ainda, a produção de estudos sobre estética e ação política, bem como a produção artística que aborda esta interface. Na Iberoamérica autores que trazem uma interpretação aproximada sobre juventude, consumo e ativismo são os mexicanos Rossana Reguillo (2010), Nestor Garcia Canclini (2010) e Rogelio Marcial (2006) e o espanhol Carles Feixa (2014), que articulam juventude e resistência política a práticas originais de produção e consumo tecnológico, cultural e midiático. As coordenadoras deste projeto possuem diferentes colaborações acadêmicas com alguns desses pesquisadores, assumindo e reforçando uma perspectiva de análise latino-americana.

Destacamos aqui algumas bases conceituais em torno do consumo com as quais, inclusive por seu caráter díspar, dialogamos, incluindo pensadores clássicos como: Garcia-Canclini (2006) que defende uma análise não reproduzivista do consumo, articulando-o a processos de atribuição de sentido, cognitivos e de cidadania; e Baudrillard (2007), abordando o que podemos chamar de uma semiologia do consumo, com uma análise que o toma pela perspectiva do excesso e não apenas da promoção da escassez. Ainda, dialogamos com pesquisadores brasileiros contemporâneos que vêm investigando o consumo e suas articulações com a comunicação, a subjetividade e a cultura, como Jurandir Freire Costa (2005); Everardo Rocha e Cláudia Pereira (2009); e Borelli, Rocha e Oliveira (2009). Everardo Rocha e Cláudia Pereira (2009) empreendem uma reflexão, a partir dos campos da comunicação e da antropologia, sobre a cultura contemporânea e o consumo focalizando os jovens:

Não é por acaso [que] a mídia destaca o papel do adolescente e do jovem em nossa sociedade, demonstrando sua força como mediador de inovações tecnológicas e modos de consumo dentro da família. Neste aspecto, ele vem se tornando protagonista em um mercado que busca atingir, com rapidez e eficiência, os grandes usuários de novos meios de comunicação.” (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 16)

Juventude, pois, que é a fase por excelência da experiência e que assume função de liderança e de norteadora de tendências que podem nos ajudar a pensar sobre as formas de consumo alternativo objeto de nosso estudo. Já em pesquisa de cunho etnográfico de Borelli, Rocha e Oliveira (2009) que teve o objetivo de investigar jovens urbanos e suas narrativas culturais e midiáticas, as autoras exploram outra face da juventude que caminha ao lado desse imaginário de jovem “soberano”. Investigam, então, um “[...] outro cenário [que] também povoa o cotidiano de nossas cidades: aquele que reafirma a existência de uma natureza essen-



cialmente rebelde e iminentemente perigosa da juventude." (p. 15)

Da guerrilha aos contemporâneos movimentos anticonsumistas juvenis,

cada vez mais se assumem como protagonistas de uma politicidade pouco convencional. Os jovens, e seus corpos-mídia, ocupam crescentemente as ruas e, utilizando-as como amplos fóruns de atuação estética, fazem da cultura urbana a mais legítima expressão de sua diversidade e de seus conflitos. (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 13-14)

Esta cultura juvenil-adolescente emergida “no seio da cultura de massas, a partir de 1950” (MORIN, 2009, p. 137), possibilitava oferecer a uma determinada faixa etária, através da mediação das indústrias culturais, formas de contestar a identidade adulta, assim como e principalmente buscar por certa autenticidade. Borelli; Rocha e Oliveira (2009), em consonância com os postulados teóricos de Morin, sinalizam para o aparecimento dessa cultura juvenil na sociedade brasileira, em especial a partir da década de 1960, quando

a juventude ganha uma inequívoca visibilidade social, aspecto que desde esse momento original corrobora o entrelaçamento da cultura e dos meios de comunicação massivos na construção de representações dominantes do que seria a condição juvenil em nosso país. Também a partir desse marco histórico começa a se engendrar a efetiva apropriação pelos jovens de discursos, produtos e espaços midiáticos, algo claramente associado à consolidação de uma sociedade de consumo já totalmente sensível ao processo que autores como Edgar Morin (1984) – na linha de frente – definem como uma “juvenilização” da cultura (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 13).

Inaugurada essa cultura juvenil, inúmeras foram as motivações que ao longo das décadas colocaram a temática juventude no centro de discussões mercadológicas, teóricas e socioculturais. Desde o surgimento de uma indústria, motivada pelo consumo, que oferta representações dominantes do que seria essa condição juvenil em nosso país, assertiva levantada anteriormente pelas autoras, até mesmo suas políticas de visibilidade e ativismo juvenil inscritas em uma cena urbana que confrontam esses discursos hegemônicos.

Reiterando esta argumentação, as autoras enfatizam que “os jovens assumem o caráter midiático de suas existências, seja usando o corpo como suporte expressivo, seja utilizando a cidade como suporte para inscrição de suas marcas identitárias” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 14-15). Em direção similar Machado (2010) aponta que se por um lado os jovens perderam o interesse pelos processos políticos-eleitorais, em contrapartida encontraram nas narrativas publicitárias “discursos do engajamento, participação e estímulo à cidadania” (MACHADO, 2010, p. 13), que em sua visão estimulam novas formas de propiciar engajamento político dos jovens por meio da mediação dos bens de consumo e de suas narrativas.

A questão da juventude e das culturas juvenis coloca-se, assim, como central nesta pesquisa que propomos, embora a discussão sobre consumo e ativismo possa levar-nos a outros desdobramentos com diferentes faixas etárias. O foco sobre a relação entre juventudes e culturas urbanas em metrópoles como São Paulo se dá pela experiência de pesquisa acumulada pelas coordenadoras deste projeto, que vêm se dedicando a pensar as culturas juvenis como categoria e como lócus de reflexão para interpretar questões mais amplas da cultura contemporânea midiática e de consumo.

No que tange à discussão sobre juventude, consumo e formas de agência política, apontamos para a dimensão performativa e estética das ações juvenis nos meios urbanos. Em suas práticas cotidianas e imaginários surgem sentidos de socialidades, visões e escutas do mundo, sensibilidades, afetos, onde ações políticas não estão dissociadas de elementos ligados ao consumo e ao entretenimento. Atenta-se, assim, para o caráter político, performativo e

estético das apropriações juvenis da cultura e do consumo (Rocha e Tangerino, 2010; Pereira e Santiago, 2014), com jovens atuando como agentes sociais de suas narrativas e práticas materiais e simbólicas.

Outro aspecto a ser destacado nesta discussão é uma interpretação do consumo que não se deixa confundir com uma louvação acrítica ao consumismo. Se o consumo nos serve de sinalizador para compreender formas de pertencimento e identidade, bem como maneiras de dar sentido e ordenamento ao mundo, “a lógica consumista, da ordem das adições, lançanos num canto das sereias um tanto perverso” (Rocha, 2013). O enfrentamento da dicotomia consumo/consumismo, que por vezes se vale de recursos fáceis e frágeis é tarefa que se impõe nesta reflexão, buscando perceber os paradoxos e contradições aí existentes, para uma interpretação crítica e por uma leitura política dos modos de consumir.

Vale destacar que aqui buscamos mapear e compreender os circuitos alternativos de produção e consumo material e simbólico, em que estão inseridos os grupos de ativistas que estabelecem com as lógicas de consumo uma postura crítica. Mas para além da aclamada sociedade do consumo, neste momento da cultura contemporânea estamos observando emergir e repercutir manifestações, de diferentes origens e bandeiras, que defendem formas alternativas de produção e consumo. Vemos, por exemplo, referências a práticas de consumo como afirmação política de identidades no movimento feminista contemporâneo, nos blogs e comunidades na internet dedicadas ao assunto.

Estamos justamente interessadas em mapear formas alternativas de consumo, abrangendo distintas realidades que escapam ao convencional, tais como: concepções e ações de consumo de a) ativistas ambientais, b) ativistas migrantes, c) praticantes do veganismo, d) participantes de movimentos ligados ao universo LGBT, e) produtores culturais, f) militantes pela democratização da mídia, g) militantes anti-globalização, e e) militantes partidários. É interessante notar como a agenda ativista já invadiu a indústria do entretenimento, como notamos no *game Dragon Age: Inquisition*¹, que recentemente conquistou prêmio por incorporar positivamente representações de personagens lésbicas, gays e transexuais com papéis importantes na trama do jogo.

Costa (2005), após problematizar crenças e noções científicas que atribuem ao consumismo a responsabilidade imediata e abrangente por algumas das mais graves patologias da sociedade contemporânea, defende que “[...] muito do que queremos ser condiciona o modo como produzimos materialmente as circunstâncias de nossas vidas” (COSTA, 2005, p. 179). Em outras palavras, nossas escolhas de modos de vida nos levam a determinadas escolhas de consumo – que, no caso de nossos sujeitos de estudo, resultam em práticas de consumo que se podem nomear “alternativas”. Ao final, Costa (2005) pondera que, “se quisermos, portanto, enfrentar os problemas éticos de nosso tempo, teremos de rever nossos ideais de felicidade e não dar ao ‘consumismo’ mais do que ele merece” (2005, p. 181).

A discussão, extremamente relevante e necessária, sobre consumo e ativismo, um tanto incipiente em termos da produção científica nacional, é algo a ser explorado, e poderá ser uma contribuição importante de nosso estudo. Destacamos aqui a potencial parceria com o GT COMUNICON (Grupos de Estudos em Comunicação e Consumo do Congresso Internacional de mesmo nome) *Comunicação, consumo e novos fluxos políticos*, coordenado por Rose de Melo Rocha, e com o Memorial do Consumo ESPM, cuja curadora é de Simone Luci Pereira.

Metodología e parâmetros de análise

¹ FLORO, Paulo. Jogo *Dragon Age: Inquisition* ganha prêmio pela representação de personagens LGBT. Disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/01/27/jogo-dragon-age-inquisition-ganha-premio-pela-representacao-de-personagens-lgbt/>>. Acesso em: 18 mar. 2016.



As novas formas juvenis de consumo são analisadas em nossa proposta investigativa a partir da montagem de duas grandes cartografias. A primeira delas contempla uma síntese analítica das narrativas em que se identificam as concepções de consumo, comunicação e ativismo dos jovens pesquisados, colhidas através das seguintes ferramentas: questionários qualitativos semi-estruturados, que incluem perguntas abertas de escopo mais aprofundado e autoral. Identidades narrativas, no dizer de Ricoeur (1985), que são construídas e podem ser percebidas nas especificidades das “histórias de vida”, pois ao rememorar a sua trajetória, há um esforço de construção de sua própria identidade, num resultado de apropriação simbólica do real, lembrando e omitindo passagens de sua vida, fatos, atos, construindo sentidos. As narrativas de vida dos jovens ativistas podem suscitar pistas para outros desdobramentos investigativos, ampliando assim, o olhar sobre o fenômeno a ser pesquisado, pois essa técnica de pesquisa possibilita um “tom confidencial da narração, que leva o entrevistado a pontuar marcas e marcos de sua vida” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 34).

A segunda descreve e interpreta suas práticas efetivas de consumo – cultural, de bens e serviços, midiático, e será obtida a partir de etnografias de consumo realizadas com oito dos ativistas. Esta etnografia consiste, basicamente, do acompanhamento do dia-a-dia do sujeito de investigação, registrando-se as práticas de produção, recepção e consumo que compõem este cotidiano. Este mapeamento considera os repertórios conceituais já consolidados, advindos das investigações que articulam o campo da comunicação e os estudos do consumo a concepções ampliadas de ação política, caras aos ativismos da atualidade.

Em termos metodológicos a pesquisa, de natureza qualitativa, propõe uma leitura reflexiva sobre o “ativismo juvenil”, considerando sua presença entre práticas de consumo e de comunicação que questionam ou colocam em xeque processos, discursos e modelos hegemônicos. Quanto ao *corpus*, ele contempla: a) militantes político-partidários, b) ativistas ambientais, ambientalistas, ecológicos, c) militantes ligados ao debate de gênero, d) veganos, e) ativistas migrantes, f) produtores culturais, g) militantes da democratização da mídia, e h) ativistas anti-globalização.

Nossa cartografia dialoga com a grade metodológica consolidada por Borelli, Rocha e Oliveira (2010), na pesquisa, *Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação*, da qual constavam não apenas múltiplos instrumentos metodológicos, mas também a montagem de bancos sonoros, documentais, audiovisuais e iconográficos.

Os locais e as práticas a serem observadas permitirão montar um repertório interpretativo das relações dos sujeitos analisados com a sua cultura. Trindade (2008) aponta a importância deste método de pesquisa para a criação de uma etnologia do consumo, constituída pela interpretação dos dados coletados na etnografia e sua transformação em linguagem reflexiva sobre as práticas culturais e modos de ritualização das práticas de consumo.

Barros *et al* (2005) ressalta que o olhar etnográfico define uma postura (e não apenas uma técnica) que pressupõe uma concepção da realidade onde o real não se encontra pré-definido. Através da noção de definição da situação, impõe-se a ideia de que são os próprios atores que definem a situação na qual se encontram, e ao fazerem-na, a estão construindo coletivamente. Nas etnografias de consumo, as dimensões culturais presentes nos comportamentos cotidianos dos grupos ou indivíduos ajudam a captar os sistemas de classificações que compõem seus universos simbólicos e definem suas identidades. (Barros *et al*, 2005)

Ainda segundo os autores, a etnografia, junto com outros métodos, permite o acesso a significados culturais profundos, que não estariam expostos na dimensão consciente e verbal da comunicação humana, ressaltando a complexidade do fenômeno do consumo, sua dimensão cultural e simbólica, que não pode ser reduzido a esquemas causais e simplistas. Para além da dimensão das materialidades do consumo é imprescindível, nesta pesquisa, compreender que tais mapas abrangem o campo do consumo simbólico e cultural e o plano das subjetividades e identidades políticas.

Pretendemos chegar, ao fim da investigação, à montagem de dois grandes mapas (concepções e práticas), sinérgicos e entrelaçados, que organizem e ampliem a compreensão so-

bre nosso questionamento de origem e, de modo claro, deem visibilidade às narrativas dos sujeitos estudados.

Referências bibliográficas

- BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar**. Juventudes, política, cultura e mídia. Fortaleza: Editora UECE, 2013.
- BARROS, Carla *et al* (2005). ““Do Ponto de Vista Nativo”: Compreendendo o Consumidor através da Visão Etnográfica”. **Anais INTERCOM 2005**. (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). Rio de Janeiro/RJ, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BORELLI, Silvia H. S.; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens na cena metropolitana**: percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CANCLINI, Néstor García *et all*. **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Madrid: Telefónica, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FEIXA, Carles *et all*. **De La generación@ a La generación#**. Barcelona: Need Ediciones, 2014.
- FLORO, Paulo. **Jogo Dragon Age: Inquisition ganha prêmio pela representação de personagens LGBT**. Disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/01/27/jogo-dragon-age-inquisition-ganha-premio-pela-representacao-de-personagens-lgbt/>>. Acesso em: 18 mar. 2016.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- HERSCHMANN, Micael e FERNANDES, Cíntia. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.
- MARCIAL, Rogelio. **Andamos como andamos porque somos como somos**. Guadalajara: El Colegio de Jalisco, 2006.
- PEREIRA, Simone Luci. Consumo y escucha musical, identidades, alteridades. **Chasqui**, n. 128, 2015.
- PEREIRA, Simone Luci; SANTIAGO, Sabrina. Circuitos, cenas, cosmopolismos: Cartografias da latinidade em São Paulo. In: COMUNICON 2014, 2014, São Paulo/SP. **Anais do COMUNICON 2014**. São Paulo: PPGCOM ESPM, 2014.
- RICOEUR, Paul. **Temps et Récit**. Paris: Seuil, 1985.
- ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- ROCHA, Rose de Melo. Cenários e práticas comunicacionais emergentes na América Latina: reflexões sobre culturas juvenis, mídia e consumo. **Rumores** (USP), v. 8, p. 205, 2010.
- ROCHA, Rose de Melo. Consumo y visibilidad en las actitudes políticas juveniles en Latinoamérica. **Conexiones. Revista Iberoamericana de Comunicación**, v. 2, p. 19-28, 2010.
- ROCHA, Rose de Melo. Culturas juvenis, consumo e politicidades: uma abordagem comunicacional. In: Inês Sampaio. (Org.). **Comunicação, Cultura e Cidadania**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 95-106.
- ROCHA, Rose e TANGERINO, Denise. “Culturas Urbanas, Cena Midiática e Políticas de Visibilidade: Comunicação e Consumo em um Coletivo Juvenil Brasileiro”. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM**. CDROM. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- REGUILLO, Rossana. **Estrategias del desencanto. Emergencia de culturas juveniles**. Bogotá,



Norma, 2000.

TRINDADE, Eneus. "Recepção publicitária e práticas de consumo". **Revista Fronteiras- estudos midiáticos**. X(2). 2008. pp. 73-80.

Contribuições da latinidade para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras no início do século XXI na cidade do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Micael Herschmann
micaelmh@pq.cnpq.br

Universidade Federal Fluminense

Maria Pilar Cabanzo
pilarcabanzo@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cíntia Sanmartin Fernandes
cintia@lagoadaconceicao.com

Resumo

Tomando como base a pesquisa empírica realizada nos últimos anos (construída não só a partir da coleta, seleção e análise de matérias veiculadas na mídia impressa tradicional e material postado nas redes sociais, mas também de observações de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas com os atores), buscou-se – a partir do estudo da trajetória do grupo musical *Songoro Cosongo* – analisar a relevância das sonoridades latinas para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras nos últimos anos na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave:

Comunicação; Música; Cultura Urbana; Latinidade; Carnaval.

Abstract

Based on the empirical research conducted in recent years (built not only from the collection, selection and analysis of conveyed material in traditional print media and material posted on social networks, but also field observations and semi-structured interviews with the actors), sought to - from the study of the trajectory of the musical group *Songoro Cosongo* - analized the relevance of latin sounds to the growth of street carnival and fanfare in recent years in the city of Rio de Janeiro.

Keywords:

Communication; Music; Urban Culture; Latinity; Carnival.

Resumen

Basándose en la investigación empírica llevada a cabo en los últimos años (construida no sólo mediante la recogida, selección y análisis de material publicado en los medios impresos tradicionales y en las redes sociales, sino también observaciones de campo y entrevistas semi-estructuradas con los actores), se buscó – a partir del estudio de la trayectoria del grupo musical *Songoro Cosongo* - analizar la relevancia de los sonidos latinos para el crecimiento del carnaval callejero y de las fanfarrias, en los últimos años, en la ciudad de Río de Janeiro.

Palabras claves:

Comunicación; Música; Cultura urbana; Latinidad; Carnaval.



Introdução

Um pouco diferente das fanfarras militares do passado - com uma “performatividade” (Beeman, 1993; Bauman, 1984) mais teatral quase carnavalizada - as fanfarras cariocas estão organizadas em redes (quase como um movimento) e vem cativando um segmento expressivo do público, especialmente mais jovem. Isso pode se constatar examinando não só o destaque dado ao circuito de festivais internacionais de fanfarras – em eventos como o *HONK!* e o *Cirque et Fanfares Festival International* –, mas também frequentando os concertos realizados regularmente por bandas notórias como *Funkymuppets* (em Paris), *Pink Puffers* (em Roma), *Perhaps Contraption* (em Londres) ou *The Original Big 7* (em Nova Orleans), que cada vez mais este universo musical vem mobilizando um público expressivo nos espaços públicos de diferentes localidades do globo. Poder-se-ia mencionar ainda o sucesso e a repercussão alcançada pela banda dos *Os Siderais* em turnê nos EUA e o êxito junto ao público alcançado pela *Orquestra Voadora* na edição 2013 do Rock in Rio, tocando em um dos palcos alternativos. Todos estes acontecimentos colocam em evidência a necessidade de se refletir *como e porque* a fanfarra – enquanto uma forma de expressão cultural de rua – vem ganhando tantos espaços institucionalizados e não institucionalizados no Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, no festival *Honk!*, realizado em agosto de 2015, pela primeira vez no Rio de Janeiro, pode-se contatar a contrariedade dos organizadores que queriam poder contar com uma presença de grupos latino-americanos ou para usar uma categoria nativa, diziam que gostariam de poder contar com a presença mais efetiva de “latinos” no evento, já que esses teriam influenciado – segundo eles – em alguma medida, o movimento das fanfarras cariocas atual.

Este sentimento de frustração dos organizadores deste evento nos motivou a elaborar este trabalho que busca justamente procurar entender como os músicos de fanfarras veem a questão da “latinidade”. Sem a ambição de dar conta das inúmeras questões que envolvem as o debate da “latinidade no Brasil” – extremamente complexo e bastante idealizado, num país que sempre se definiu como um produtor de “sonoridades latinas” e “aberto” à recepção de estrangeiros – buscou-se compreender as potencialidades e limitações da disposição dos grupos musicais locais de fanfarras em se articularem com artistas provenientes do contexto latino-americano. Procurou-se também compreender o nível de interesse e envolvimento dos consumidores em relação à “música latina” e as dificuldades de se consolidar na cidade do Rio de Janeiro um “circuito musical latino”. Afinal, quase sempre que se toma contato com a literatura especializada ou que comentamos a relação do Brasil com a “latinidade” reitera-se uma “dinâmica curto-circuitada”. Parte-se da convicção que este breve estudo vai, de certo modo, além disso, identificando uma trama entre os atores que, em algum momento, foi potente e rendeu interessantes desdobramentos socioculturais na cidade do Rio.

Emergência das fanfarras

Antes de prosseguir é necessário caracterizar o universo das fanfarras ou das neofanfarras cariocas que muitos talvez não conheçam. Este universo é tradicionalmente associado à sonoridade de instrumentos de sopro e percussão, sempre se priorizando as facilidades de mobilidade e instrumentos que pudessem ser acusticamente consumidos pelo público no ambiente ruidoso da cidade.

O que foi possível notar na pesquisa que estamos realizando nos últimos anos é que, cada vez mais, as rodas de grupos de fanfarras vêm mobilizando recorrentemente um público interessado em consumir, de forma praticamente gratuita, a “cultura de rua carioca”.

Outro aspecto a ser ressaltado no universo das fanfarras é a dimensão política, de um novo tipo ativismo que se articula com essas práticas culturais. A principal preocupação dos músicos que atuam nas fanfarras cariocas é com a inclusão social, com a construção da cida-

dania. Esses artistas de certo modo desestabilizam o ritmo e a lógica funcionalista urbanos ao ocupar de forma recorrente as ruas de forma nômade, lenta, promovendo trocas e encontros interculturais (Herschmann; Fernandes, 2014). Nos últimos anos, foi possível constatar a presença dos membros das fanfarras na maior parte das manifestações políticas juvenis que tem ocupado os espaços públicos do Rio de Janeiro: seja nas “manifestações de junho de 2013”, seja nas “manifestações Anti Copa do Mundo” ou na resistência dos índios na remoção da Aldeia Maracanã. Portanto, uma das principais preocupações dos atores envolvidos com as fanfarras cariocas é com a inclusão social, com a construção da cidadania que se daria pelo ato de ocupar as ruas de forma nômade e lenta.

Além das releituras de grandes sucessos musicais, outro aspecto sublinhado pelos artistas com frequência nos seus depoimentos é que as performances realizadas pelos músicos devem priorizar o volume e o resultado sonoro na rua – num ambiente marcado pelos desafios de fazer ouvir nas cidades polifônicas, dispondo só de instrumentos acústicos –, muitas vezes em detrimento da qualidade e da técnica. Como sugere Juba Pires, trombonista da *Orquestra Voadora e Os Siderais*, para compreender de forma mais densa e clara a dimensão cidadã e política das fanfarras é preciso rever um pouco da sua história. Segundo Guibert (1998) a origem das fanfarras está relacionada às bandas militares que emergiram no início do século XIX na França e eram compostas por músicos que tocavam instrumentos de sopro e percussão. A etimologia do termo “fanfarra” veio provavelmente do “fanfa” em espanhol, que se relaciona à “ostentação” e também da palavra árabe “farfar”, que remete à ideia de falante e inconstante. Além da França, a estrutura e dinâmica musical da fanfarra foi adotada, aos poucos, em outros países da Europa. Em outros lugares, como os EUA ganhou outra roupa – ficaram conhecidos como *brass bands* – e se articulou mais diretamente as bandas marciais (Burns, 2006).

Poder-se-ia perguntar a esta altura como surgiram as fanfarras populares e irreverentes? Tradicionalmente ligadas às cornetas e trompetes, as fanfarras foram com o tempo reunindo mais instrumentos, como a tuba e o saxofone, e aqueles que estivessem disponíveis e de fácil mobilidade. Ao longo do século XX, as fanfarras populares – voltadas para uma atmosfera de diversão – começaram a se proliferar no âmbito universitário europeu (Pierre; Bridenne, 2007). No Brasil, o estilo da fanfarra – com características tradicionais - está articulado ao das bandas militares. Sua prática está espalhada pelo país e pode ser encontrado em desfiles cívicos, apresentações em estádios esportivos e celebrações especiais na maioria das cidades brasileiras.

Evidentemente, as fanfarras cariocas analisadas aqui têm uma formatação e uma atuação no espaço urbano distintas deste universo das bandas militares e fanfarras tradicionais. É um movimento que emergiu como muita força na segunda metade da primeira década do século XXI.

Renascimento do Carnaval de rua no Rio

Durante a pesquisa realizada pode-se constatar que a festa do Carnaval até o final dos anos 1990, em certo sentido encontrava-se de alguma forma “esvaziada”, isto é, à exceção de alguns blocos mais tradicionais que continuavam realizando seus cortejos, o Carnaval carioca chegou ao final do século XX como uma celebração circunscrita ao desfile da escola de samba do sambódromo e a um punhado de bailes de Carnaval realizado em clubes.

Entretanto, no início do século XXI, o Carnaval carioca impulsionado pela iniciativa espontânea dos atores sociais volta a ganhar força com os blocos e grupos musicais que tomam as ruas da cidade. Para muitos dos seus frequentadores e especialistas, este *boom* do Carnaval de rua carioca representa a retomada da tradição do Carnaval do século XIX e XX, isto é, uma retomada da festa espontânea dos entrudos, ranchos, cordões e das sociedades carnavalescas (Marques, 2006). Sem entrar no mérito do debate sobre a tradição do Carnaval

local, é possível constatar algumas diferenças neste novo contexto do Carnaval e que dizem respeito à expansão da temporalidade dessa celebração e ao número de atores sociais envolvidos, especialmente de classe média. Para que se tenha uma ideia da importância dos blocos de rua no Rio de Janeiro: a celebração desses cortejos passou a ocupar os meses de verão – foi convertida em importantes atividades de entretenimento de veraneio – e, como consequência, ampliou-se oficiosamente a festa de Carnaval de uma semana para quase dois meses.

Crescentemente mais sensível aos benefícios que são gerados pela atuação dos blocos, o poder público tem procurado apoiar, normatizar e explorar o Carnaval de rua com o objetivo de atrair visitantes e recursos ao Rio de Janeiro. É comum encontrar matérias publicitárias nomeando o Carnaval do Rio como o maior do mundo, em função especialmente da escala de ocupação dos espaços públicos pelos blocos. O Carnaval do Rio de Janeiro vem movimentando uma economia superior a 700 milhões de reais e gerando 500 mil empregos, diretos e indiretos. Na última década, a prática do Carnaval de rua na cidade do Rio não para de crescer, mobilizando moradores e turistas.

Portanto, parte-se do pressuposto de que o crescimento do Carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro desde meados da primeira década do século XXI está em alguma medida relacionado (mas não de forma exclusiva) a um ativismo musical realizado nos espaços públicos desta localidade pelos grupos de fanfarras e suas redes de “prosumidores” (Garcia Canclini *et al.*, 2012; Jenkins, 2010). Contudo, a esta altura, poder-se-ia indagar: como este quadro foi alterado? Como foi que os atores locais se reapropriaram e ressignificaram mais uma vez essa importante festa da cidade?

Poder-se-ia destacar dois momentos de retomada do Carnaval de rua no Rio, após o seu “esvaziamento” nos anos 1970 e 1980. Há um primeiro momento de retomada do Carnaval de rua: quando ainda era um processo tímido, capitaneado por atores sociais de classe média e que começou a dar outro dinamismo ao Carnaval do Rio (até então praticamente restrito à semana da festa de Carnaval e aos blocos da Zona Norte que desfilavam no Centro).

O segundo momento inicia-se na primeira década do século XXI, quando há efetivamente um *boom* do Carnaval nas ruas do Rio: é possível atestar que há uma expansão temporal (o Carnaval se torna uma festa praticamente de veraneio) e espacial da festa (a sensação para muitos que não apreciam o Carnaval – especialmente o de rua – é de que a cidade está quase “sitiada” pelos foliões). É importante destacar que se este crescimento do Carnaval de rua carioca segue sendo resultado de um engajamento de foliões jovens e a maioria deles é procede da classe média local: a sensação que se tem ao assistir à festa é a de que esses cortejos de rua estão se convertendo, cada vez mais, em uma forma de entretenimento “juvenil”.

Por conseguinte, poder-se-ia dividir em “duas ondas” este segundo momento de crescimento dos blocos. Uma na primeira metade da década passada, em que claramente havia uma preocupação da juventude que frequentava o circuito da Lapa com a retomada e expansão da “tradição do samba de raiz” (Herschmann, 2007): metas que vão nortear a criação de alguns blocos sempre citados como parâmetros fundamentais, tais como *Cordão do Boitatá*, *Boi Tolo* e *Céu na Terra* (que tradicionalmente arrastam centenas de milhares de pessoas pelas ruas da cidade). E, a “segunda onda”, que começou na segunda metade da década inicial do século XXI e veio se somar ao movimento sociocultural existente, e que colocou no epicentro os blocos temáticos, os blocos das fanfarras, os cortejos de rua que incorporam outros ritmos (outros gêneros musicais atípicos do mundo do samba) e, ainda, os blocos que estão ligados à trajetória de músicos profissionais. Poder-se-ia mencionar como exemplos destes blocos os seguintes agrupamentos: *Sargento Pimenta*, *Orquestra Voadora*, *Monobloco*, *Bloco da Preta*, *Cinebloco*, *Gigantes da Lira*, *Toca Raul*, *Mulheres de Chico*, *Fogo & Paixão*, *Super Mario Bloco*, entre vários outros.

Assim, tendo em vista a pesquisa de campo que foi realizada de forma sistemática desde 2012 - que envolveu não só a coleta, seleção e análise de matérias veiculadas na mídia impressa tradicional e material postado nas redes sociais, mas também observações de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas com os atores sociais (produtores, músicos e fãs/

consumidores) – postula-se que, como alguns grupos de fanfarras atuam também como blocos de carnaval de rua, há uma dificuldade em perceber que este ativismo musical de rua está não só alicerçando e impulsionando o crescimento desta importantíssima festa da cidade, mas também fortalecendo a “cultura de rua carioca” nos últimos anos (Herschmann; Fernandes, 2014). Em outras palavras, há um processo de internalização de rotinas que, apesar de não ter sido de modo geral constatado pelo poder público e pela maioria dos especialistas do meio acadêmico, vem gerando resultados bastante significativos (benefícios socioculturais, econômicos e políticos diretos e indiretos), dos quais o estrondoso sucesso do carnaval de rua carioca dos últimos anos é a mais forte evidência.

Latinidade e relevância do grupo *Songoro Cosongo*

A essa altura poder-se-ia indagar se a cidade do Rio de Janeiro, na qualidade de metrópole globalizada, não disporia de um atraente circuito latino. De fato, na pesquisa que foi empreendida foi possível identificar um “circuito cultural” (Herschmann, 2013) bem variável na sua composição e atuação, que hoje é resultado de algumas iniciativas de jovens produtores culturais. Uma parte deste está localizado nos bairros de Copacabana e Botafogo (onde são realizadas com certa regularidade as festas *Noches de Sol*, *Copacabana Latin Fest* e *Salsa em Botafogo*); e a outra parte está distribuída em festas e eventos que são realizadas em áreas da Lapa, Centro e Santa Teresa (tais como *Club Rio Latino*, *La Cumbia* e *Rumba Tipo-Colômbia*). Sobre este circuito carioca, os atores nos informaram que é comandado por vários “agitadores”, cujos laços de amizade possibilitam o trabalho em conjunto necessário para a realização dos eventos. Não existe uma única liderança ou um espaço privilegiado em torno do qual gravitem os eventos e shows, cuja realização depende de esforços destas lideranças e suas redes (que estão dispersos pela urbe).

A esta altura é importante salientar que se está considerando o termo “latinidade” e “latino” como uma categoria nativa, que abrange tanto a denominação de certas formas culturais da América hispânica, quanto referências mercadológicas, nas quais o “latino” costuma ser associado a sonoridades caribenhas, festivas e dançantes. Evidentemente, que no enfrentamento desta questão é preciso levar em conta também as fortes conotações de exotismo e estereotipização do outro e a construção de hierarquias que estão associadas a esta nomenclatura, que é evidentemente um grande guarda-chuva, o qual encobre inúmeras nuances (Pereira, 2014a, 2014b). Cabe destacar que no Rio de Janeiro temos uma predominância de imigrantes colombianos, peruanos, chilenos e argentinos que organizam concertos, festas e eventos e, por isso, com frequência, a latinidade nesta cidade está relacionada a manifestações culturais muito presentes nestes países, atreladas a múltiplas referências e discursos. Por exemplo, uma “festa latina” pode incluir, por um lado, a apresentação de um grupo cujo repertório é tradicional ou folclórico (como o caso de *Negro Mendes* e *Kumbiamba*, que se dedicam à música afro-peruana e afro-colombiana, respectivamente), associando a “latinidade” com identidades estrangeiras étnicas ou nacionais. Por outro lado, a mesma festa pode incluir um leque de música gravada com referências sonoras globalizantes ou transnacionais, como a salsa e o reggaeton, evocando assim uma “latinidade” menos local e talvez mais cosmopolita.

Identificamos nestes músicos e no público da fanfarra, o que Pereira chamou nas suas pesquisas sobre o circuito latino da cidade de São Paulo, de um consumo de um “cosmopolitismo alternativo” (Pereira, 2014a e 2014b), isto é, nas redes pesquisadas há, de certo modo, um consumo efêmero e fluido de um mundo não anglófono, ou seja, foi possível identificar práticas que valorizam uma “identificação latino-americana”, difusa, contraditória e múltipla. É, portanto, um cosmopolitismo que critica, grosso modo, o processo de homogeneização cultural do mundo globalizado. Entretanto, cabe ressaltar que estamos considerando o tipo de gregarismo que envolve os atores estudados, isto é, o tipo de agrupamentos que gravitam em torno deste consumo musical, como sendo da ordem do “neotribalismo” (Maffesoli,

1987), portanto, os processos de identificação são constantes, plurais, efêmeros e até contraditórios. Por conseguinte, em geral não se exige desses músicos e suas redes que a experiência identitária seja exclusivista ou estável.

Evidentemente, vale destacar que uma grande parte do público que consome “música latina” no Rio de Janeiro a consome também como expressão de um “exotismo”, isto é, mesmo aqueles que a abraçam mais abertamente como uma forma de se posicionar politicamente no mundo globalizado, tem dificuldade em compreender inteiramente a língua e de se aprofundar nos respectivos universos culturais acionados nestas experiências sensíveis e estéticas. Vários “músicos latinos” que experimentam algum nível de êxito de mercado no Rio costumam salientar certo incomodo com o comportamento do público que muitas vezes se move a partir de estereótipos. Alexis Graterol, um dos líderes do grupo *Songoro Cosongo*, comenta algo nessa direção: “sempre fomos vistos meio como extraterrestres, o público infelizmente segue nos vendo como personagens exóticos”¹. Nesse sentido, vale sublinhar outra observação de Pereira a este respeito: “[...] este tipo de consumo no Brasil envolve lutas e negociações presentes em processos interculturais, em ambiguidades que revelam uma dupla tarefa de renegar, mas também por vezes reforçar, acionando o jogo conflituoso das identidades (Pereira, 2014a, p. 10)”. Nesta direção também, analisando a complexidade da questão da latinidade para os próprios latino-americanos, Garcia Canclini faz algumas observações significativas:

[...] mais do que de uma identidade comum, é possível falar de uma latinidade como um espaço cultural muito heterogêneo. Nesse espaço ou rede, as línguas latinas estão ligadas a circuitos editoriais e acadêmicos, gastronômicos, turísticos e comunicacionais, todos mobilizando altos investimentos econômicos. A experiência de ser latino se modula com ênfase variada: conforme o peso histórico e as influências atuais dos europeus e norte-americanos e sua articulação com projetos nacionais e étnicos em cada região (Garcia Canclini, 2008: 77).

Portanto, Garcia Canclini sublinha o fato de que os níveis de colonialismo ou pós-colonialismo vêm historicamente “curto-circuitando” ou afetando a maneira em geral como os atores de alguns países – como é o caso do Brasil – tratam a possibilidade de se identificar ou não com aspectos da cultura latino-americana (Garcia Canclini, 2008).

Parte-se do pressuposto neste artigo que o grupo de música latino-americano *Songoro Cosongo* desempenhou relevante papel na conformação em meados da década passada da nova roupagem das fanfarras e da renovação dos blocos de rua do carnaval de rua na cidade do Rio. Este grupo que era formado músicos da Argentina, Venezuela, Colômbia, Chile e do Brasil começou em 2004 (parando de atuar no final de 2015), tem dois discos gravados e os componentes misturavam em seu repertório gêneros como salsa, merengue, cumbia, chorinho e frevo. Além da atividade da banda que não se considerava uma fanfarra, o *Songoro Cosongo*, no auge da sua popularidade, costumava organizar concorridas festas em locais emblemáticos da Lapa como a casa de shows *Os Democráticos* e sair também como bloco de carnaval de rua no bairro de Santa Teresa (entre os anos de 2005 e 2008). O grupo chegou ainda a tocar em casas de espetáculo consideradas de consagração da música da cidade, como por exemplo, o Circo Voador. Analisando o trabalho do *Songoro Cosongo* é possível atestar que o grupo enfatiza a mistura estética e o colorido como elementos fundamentais da sua proposta. Aliás, os próprios artistas do grupo consideram que desenvolvem uma visualidade e sonoridade que denominam mais como “psicotropical” do que “latina”. Ou seja, para além das idealizações dos músicos brasileiros, buscou-se salientar aqui as contribuições deste grupo musical latino-americano como um caso pouco recorrente no Brasil que inspirou – como analisa Di Nicola – um movimento musical nos espaços públicos da cidade.

¹ Entrevista com Alex Graterol músico do grupo *Songoro Cosongo* concedida à pesquisa no dia 23 de agosto de 2015.

O *Songoro Cosongo* e a *Orquestra Voadora* fundaram este momento das fanfarras cariocas. Ou melhor, *Songoro Cosongo* começou antes, foi uma espécie de irmão mais velho da *Orquestra Voadora* e inspiraram os grupos de fanfarras que estão aí hoje. O grupo do *Songoro Cosongo* foi também o primeiro a se organizar também como bloco. Foi um grupo importantíssimo neste contexto carioca, de músicos que atuam nas ruas, no qual surgiram depois outros blocos de rua considerados importantíssimos tais como o *Céu na Terra* e o *Boi Tolo* e o *Boitatá*. [...] Em 2005 *Songoro Cosongo* mostrou aos cariocas que era possível fazer blocos de carnaval que não tocassem só marchinha, que é possível tocar qualquer tipo de música no Carnaval. O repertório deles era música latina que se mesclava às vezes com ritmos brasileiros. Eles fizeram uma verdadeira revolução que levou depois ao crescimento das fanfarras e a explosão atual do carnaval de rua carioca. [...] Tudo isso foi importante para que o movimento musical de rua decolasse e conquistasse o grande público. [...] Pode-se dizer que o *Songoro Cosongo* foi a faísca, e a *Orquestra Voadora*, foi a gasolina. Ambos incendiaram a cidade!²

Considerações finais

Evidentemente, há outros fatores que contribuíram para o êxito das fanfarras e do carnaval de rua na cidade do Rio – como, por exemplo, o êxito do circuito do samba e choro da Lapa (nos anos de 1990) junto às gerações mais jovens, força do localismo no mundo globalizado, mais segurança nas ruas, etc. –, mas o grande mérito e inovação introduzida pelo *Songoro Cosongo* foi ter mostrado aos músicos e suas redes de fãs que era possível organizar fanfarras e blocos de carnaval, articulando com outros gêneros musicais que não apenas samba ou música brasileira.

É interessante também perceber que o crescimento deste consumo musical começou – como já foi mencionado anteriormente – como parte de um “cosmopolitismo alternativo-latino”, mas depois evidentemente foi incorporado por outros jovens dentro de outras propostas. Logo surgiram também blocos anglófonos como, por exemplo, *Sargento Pimenta*, *Bloco Cru* e *Loveblock* que incluíram no repertório o rock, pop e *black music*. Ou seja, surgiram blocos não antenados com este cosmopolitismo alternativo. Os desdobramentos dessa história muitos já conhecem: estes blocos, repletos de jovens, com um repertório renovado seja de música de inspiração “latina” ou “inglesa” viraram uma “coqueluche” na cidade e levou a expansão do carnaval de rua carioca a ponto de se tornar uma das maiores festas do país na atualidade.

Em suma, não se buscou afirmar aqui que a cultura anglófona não seja importante para o boom do carnaval de rua e das fanfarras cariocas, mas sim sublinhar que a despeito das idealizações dos atores sobre a latinidade, é possível afirmar (revendo as contribuições do grupo musical *Songoro Cosongo*) que a “cultura latina” vem tendo significativa relevância na vida cultural do Rio.

Bibliografia

- BAKTHIN, Mikhail (2010). *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec.
- BAUMAN, Richard (1984). Verbal art as performance. In: BAUMAN, Richard. (org.) *Verbal Art as performance*. Illinois: Waveland Press.
- BEEMAN, William O. (1993). The anthropology of theater and spectacle. In: *Annual Review of Anthropology*. Nova York: vol. 22.

² Entrevista com Bruno Di Nicola, trompetista do *Cinebloco*, concedida a pesquisa no dia 25 de setembro de 2013.

- BURNS, Mick (2006). *Keeping the Beat on the Street*. Baton Rouge: Louisiana State University Press.
- GARCIA CANCLINI, Néstor (2008). *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor G. et al. (2012). *Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales*. Madrid: Fundación Telefónica.
- GUIBERT, Gérome. (1998). *Les Nouveaux courants musicaux*. Nantes: Éditions Séteun.
- HERSCHMANN, Micael (2013). Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais. In: SÁ, Simone P.; JANOTTI JUNIOR, Jeder (orgs.). *Cenas Musicais*. Guararema: Ed. Andarco.
- _____. (2007). *Lapa, cidade da música*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- _____; FERNANDES, Cíntia S. (2014). *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. Intercom.
- JENKINS, Henry (2010). *Piratas de textos*. Barcelona: Paidós.
- MAFFESOLI, Michel. (1987). *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- MARQUES, Márcio. (2006). A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro. In: *Revista Jovem Museologia*. Rio de Janeiro: Departamento de Museologia/UNIRIO, n. 1.
- PIERRE, Jean L.; BRIDENNE, Michel. (2007). *Guide de las Fanfares*. Paris: Irma.
- PIMENTEL, João. (2002). *Blocos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PEREIRA, Simone Luci; SANTIAGO, Sabrina. (2014a). Circuitos, cenas, cosmopolismos: cartografias da latinidade em São Paulo. In: *Anais do IV COMUNICON*. São Paulo: ES-PM-SP, p. 1-16.
- _____. (2014b). Uma certa escuta da cidade: práticas musicais entre cubanos em São Paulo. In: *Revista Logos*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UERJ, vol. 2, n. 24, p. 1-17.

A produção de bens culturais no Brasil: um estudo sobre o Pólo Cinematográfico de Paulínia/SP

Universidade Federal de São Paulo

Cleber Fernando Gomes
clebergom@hotmail.com
cleber.gomes@unifesp.br

Resumen

El Polo Cinematográfico se encuentra en Paulínia, en el estado de São Paulo / Brasil. Fue inaugurado oficialmente en 2008 y desde entonces ha sido responsable de la producción de más de 40 películas brasileñas con repercusión nacional e internacional. Este complejo de cines de Brasil también señala como un área de gran alcance de la creación, la formación profesional de bienes culturales que tiene dos escuelas de formación en el campo del cine. A través de la metodología de los estudios históricos sobre la base de datos de la encuesta y la investigación cualitativa y cuantitativa, tenemos la intención de presentar los resultados que pueden contribuir a comprender cómo la producción cinematográfica en Brasil está directamente relacionada con el campo político y económico particular.

Palabras-chave:

cine; industria; ciudad; películas; Brasil.

Abstract

The Polo Cinematographic is located in Paulínia, in the state of São Paulo / Brazil. It was officially opened in 2008 and since then has been responsible for producing more than 40 Brazilian films with national and international repercussions. This Brazilian cinema complex also signals as a powerful area of creation, professional education in cultural property that has two training schools in the field of cinema. Through the methodology of historical studies based on survey data and qualitative and quantitative research, we intend to present results that can contribute to understand how film production in Brazil is directly linked to the particular political and economic field.

Keywords:

cinema; industry; city; movies; Brazil.

Resumo

O Pólo Cinematográfico está localizado na cidade de Paulínia, no interior do Estado de São Paulo/Brasil. Foi inaugurado oficialmente no ano de 2008 e desde então já foi responsável pela produção de mais de 40 filmes brasileiros com repercussão nacional e internacional. Esse complexo cinematográfico brasileiro também sinaliza como uma potente área de criação, profissionalização e educação em bens culturais por que possui duas escolas de formação no campo do cinema. Através da metodologia de estudos históricos, com base em levantamentos de dados e pesquisa quali-



tativa e quantitativa, pretendemos expor resultados que possam contribuir para compreender como a produção de cinema no Brasil possui particularidades diretamente vinculadas ao campo político e econômico.

Palavras-chave:

cinema; indústria; cidade; filmes; Brasil.

Introdução

A cidade de Paulínia inaugurou o Pólo Cinematográfico no ano de 2008, se consolidando como um dos principais espaços para produções audiovisuais no país. A estrutura do Pólo Cinematográfico é composta por quatro estúdios, escritórios temporários, *motor home* (casa motorizada), e duas escolas para formação no campo do cinema. Esse complexo cinematográfico está localizado em uma área total de 2,5 milhões de m², tendo um orçamento total de R\$ 2 bilhões previstos para sua conclusão até o ano de 2023 (o prazo pode ser reduzido se houver investimentos privado); sua estrutura foi projetada para concentrar 18 km de monotrilho (sendo três dentro do próprio complexo), 2 parques temáticos, 1 parque aquático, além de 5 hotéis (com mil apartamentos no total). A construção parcial do Pólo, já serviu de base para produção de vários filmes com projeção nacional e internacional.

Alguns dados estatísticos mostram que já foram investidos milhões de reais no complexo cinematográfico. Em um país, como o Brasil, no qual os investimentos em cultura são poucos e intermitentes, trata-se de uma experiência diferenciada cujos resultados precisam ser melhor compreendidos. De acordo com Magenta (2012), observamos que o Pólo Cinematográfico de Paulínia/SP foi idealizado pela Secretaria Municipal de Cultura com investimentos aproximados em mais de R\$ 400 milhões de reais.

A produção filmica

Por meio de editais de fomento de produção audiovisual, já foram disponibilizadas cifras milionárias para produção de diversos filmes nacionais no Pólo Cinematográfico de Paulínia. No período de 2007 a 2010, foram distribuídos R\$ 38,8 milhões para realização de 42 filmes no Pólo de Paulínia, alguns destes com sucessos de bilheteria.

No Informe Anual da Agência Nacional de Cinema (ANCINE), apresentado no início do ano de 2015, podemos observar que o público total que foi ao cinema em 2014 assistir a filmes nacionais atingiu um total de 19 milhões de espectadores, um decréscimo em referência ao ano anterior que atingiu um público de 27,8 milhões. (BRASIL, 2015).

A partir desses dados, é importante destacar que já foram produzidos um número considerável de filmes no Polo Cinematográfico de Paulínia/SP (ver tabela 1). Do ano de 2009 a 2014, mesmo funcionando parcialmente, houve uma produção variada de filmes no Polo, dos quais um conseguiu projeção internacional, oferecendo aos espectadores uma experiência cinematográfica no campo cultural e histórico.

Ano	Filme	Diretor
2009	Cabeça a Prêmio	Marco Ricca, M.Aquino, F.Braga
2009	Jean Charles	Henrique Goldman
2009	Salve Geral	Sergio Rezende
2009	O Menino da Porteira	Jeremias Moreira Filho
2009	Hotel Atlântico	Suzana Amaral

2010	Chico Xavier	Daniel Filho
2010	De Pernas Pro Ar	Roberto Santucci
2010	Eu e Meu Guarda Chuva	Toni Vanzolini
2010	Topografia de um Desnudo	Teresa Aguiar
2011	Corações Sujos	Vicente Amorim
2011	Bruna Surfistinha	Marcus Baldini
2011	Estamos Juntos	Toni Venturi
2011	Meu País	André Ristum
2011	O Palhaço	Selton Mello
2011	Onde Está a Felicidade?	Carlos Alberto Ricelli
2011	O Homem do Futuro	Cláudio Torres
2011	Trabalhar Cansa	Juliana Rojas e Marco Dutra
2012	Acorda Brasil	Sergio Machado
2012	As Doze Estrelas	Luiz Alberto Pereira
2012	A Última Estação	Márcio Curi
2012	O Vendedor de Passados	Lula Buarque de Hollanda
2012	O Tempo e o Vento	Jayme Monjardim
2012	Totalmente Inocentes	Rodrigo Bittencourt
2012	Transeunte	Eryk Rocha
2012	Trinta	Paulo Machine
2013	Vai que dá Certo	Maurício Farias
2013	Somos Tão Jovens	Antonio Carlos da Fontoura
2013	Colegas	Marcelo Galvão
2013	A Busca	Luciano Moura
2014	Confia em Mirim	Michel Tikhomiroff

Tabela 1: Relação de filmes produzidos em Paulínia/SP

Fonte: cinemapaulinia.com.br

Por motivos políticos, o Pólo Cinematográfico de Paulínia, na sua breve história no cenário cultural brasileiro, acaba sendo afetado por disputas de poder que interferem no seu desenvolvimento como uma importante área industrial de produção de bens culturais para o Brasil.

De acordo com Genestreti (2015), e ilustrando a questão da interferência política no Pólo, em 27 de fevereiro de 2015 foi anunciada, mais uma vez, a suspensão do Festival de Cinema da cidade de Paulínia e, consequentemente a suspensão e revisão do edital que previa a produção de oito obras cinematográficas, totalizando um valor de R\$ 8 milhões de reais.

A crise e as artes

Para alguns estudiosos “fala-se de uma crise da arte, ou seja, de uma separação das atividades artísticas do contexto das atividades que, nesta condição da sociedade, produzem cultura” (ARGAN, 2005, p.85). Essa crise da arte remete ao desenvolvimento cada vez mais rápido das novas tecnologias de industrialização, informação e comunicação.

A problematização de Giulio C. Argan, talvez esteja centralizada nas artes plásticas – mas as preocupações sobre uma possível crise nesse campo também são observadas no contexto cinematográfico, como destacou o próprio Argan (2005, p.86), sobre os produtos das

artes: “Enfim, pode-se dizer que os produtos da arte, ou, mais precisamente, das artes, se inserem no contexto cultural contemporâneo dominado pela ciência, na medida em que são sustentados por uma ciência da arte (que, no fundo, é história da arte)”.

Nos estudos de Jacques Aumont (2008, p.71), notamos uma atenção especial em analisar uma “crise do cinema”, forma de manifestação artística que corre o risco de desaparecer ou modificar-se radicalmente, principalmente com o avanço da era digital.

O autor ainda destaca as pesquisas de Pierre Bourdieu sobre a fotografia e conclui que os estudos mais prolíficos se deram no campo de uma “história social da arte”, que abandona um caráter mais tradicional de análise, com bases nas formas, e concentram-se em estudos históricos sobre a produção e a recepção das obras de artes (AUMONT, 1993, p.185-186). Já em *Teorias da Arte*, Anne Cauquelin (2005, p.110-111) buscou enfatizar a importância de *uma história localista* que legitima o método histórico como um recurso essencial para o pesquisador das artes, disponibilizando diversos materiais (documentos, arquivos) para a construção de argumentos dentro de uma regra estruturada.

Um cinema globalizado

O Pólo Cinematográfico de Paulínia, como produtor de filmes, e as escolas de cinema, tem em sua estrutura o poder de gerar bens culturais para o Brasil, além de valorizar o fazer cinematográfico, podendo aderir ao conceito “soft power” (MARTEL, 2012, p.12).

No livro *Mainstrem – a guerra global das mídias e das culturas*, de Frédéric Martel, observamos que, com o fenômeno da globalização as influências não se materializam apenas pela força militar, econômica e industrial. Segundo Joseph Nye, vice-ministro da Defesa no Governo de Bill Clinton (EUA), a cultura passa a ser um recurso indispensável para se sobressair em um mundo de “interdependência complexa” das interações sociais. Nesse caso, Nye destaca que “o soft power é a atração, e não a coerção”, ou seja, o objetivo dos EUA deve estar centrado também na obtenção e garantia do poder através da difusão dos bens culturais produzidos em seu país, principalmente a produção vinda de *Hollywood*. (MARTEL, 2012, p. 12).

O fenômeno da reproduzibilidade técnica exposta por Walter Benjamin (1985), no seu ensaio “A obra de arte na era da reproduzibilidade técnica”, pode nos remeter a natureza da reproduzibilidade técnica do cinema que obriga a uma distribuição em massa do filme, já que a sua produção técnica tem um custo tão elevado que restringir o acesso a uma classe social mais abastada limitaria em grande medida os lucros. Sendo assim, com a reproduzibilidade técnica do cinema, é essencial fazer uma difusão ampla e rápida para que os custos desse produto cinematográfico compensem a sua produção. Nesse caso, a grande massa passa a se beneficiar dessas obras de arte, sejam clássicas, *cult*, ou populares, tendo acesso a conteúdos e temas, inclusive, ideológicos, políticos e culturais.

Ao mesmo tempo em que o cinema se expande positivamente na cultura de massa, oferecendo acesso a arte cinematográfica a diversas pessoas, ele também pode ser objeto de reflexão crítica por estar inserido na indústria cultural capitalista. E o cinema realizado no Pólo Cinematográfico de Paulínia/SP é um produto da indústria cultural e “está sujeito à formação da consciência de seus consumidores” (ADORNO, 1978, p. 291).

Observamos em Adorno uma ênfase em não subestimar as influências da indústria cultural porque ela exerce um papel social e merece ser contestada em sua adesão à racionalidade técnica e ao capitalismo. Para Theodor Adorno, a arte como fenômeno social tem consequências sociais e merece ser objeto de reflexão na medida em que dentro do contexto da indústria cultural ela desenvolve e influencia a “economia psíquica das massas” colaborando assim para um estado de alienação.

A crítica de Adorno à indústria cultural é um interessante objeto de discussão, porém, não podemos condenar os produtos culturais com base somente no fenômeno técnico e mercadológico. Existe nesses produtos uma memória histórica de uma sociedade complexa e em constante transformação.

Embora o cinema, enquanto mercadoria, deva ser objeto de reflexão crítica, considera-se também que o cinema é um objeto importante do patrimônio cultural do Brasil. Para tanto, Funari & Pelegrini (2006, p.29) vão salientar que a preservação do patrimônio cultural na América Latina pode ser uma forma de desenvolvimento sustentável para as cidades que possuem centros culturais. Dentro desse contexto, é possível entender que um Pólo Cinematográfico é considerado um centro cultural porque produz bens culturais, materiais e imateriais que podem abrir um diálogo sobre a vida de uma coletividade. De acordo com os autores “a definição de patrimônio passou a ser pautada pelos referenciais culturais dos povos, pela percepção dos bens culturais nas dimensões testemunhais do cotidiano e das realizações intangíveis” (FUNARI & PELEGRINI, 2006, p.32).

Consequentemente esses bens culturais também estão ligados aos dados econômicos dos países, uma vez que as atividades culturais geram direta e indiretamente diversos recursos financeiros, além de postos de trabalho e mão de obra especializada. Esse fenômeno inerente à cultura filmica também traz reflexões sobre a indústria cinematográfica – um setor econômico e cultural que tem gerado números extraordinários – principalmente quando colocamos em questão os dados estatísticos da história dos grandes estúdios de *Hollywood*.

O Brasil também faz parte dessa história, porque contribui diretamente com as bilheterias dos filmes estrangeiros, principalmente os norte-americanos. Segundo relatório apresentado pela ANCINE (BRASIL, 2015) através da Superintendência de Análise de Mercado (SAM), no ano de 2014 o cinema estrangeiro foi responsável por 87,8% do público total das salas de cinema no Brasil, em contraposição aos 12,2% do próprio cinema brasileiro.

O impacto hollywoodiano

É interessante observar que esse fenômeno da difusão e ocupação dos filmes *hollywoodianos* em salas de cinema do Brasil já era notado desde a década de 1920, conforme destaca Arthur Autran (2004, p.02) em sua tese de doutorado em Multimeios na UNICAMP: “na indústria do filme, o Brasil ainda dorme envolto em faixas sem saber balbuciar uma palavra, e no comércio de exibições é um dos grandes importadores a enriquecer fábricas estrangeiras”.

Mesmo antes do decênio de 20, Autran (2004, p.01-10) destaca matérias jornalísticas que salientavam o poder de *Hollywood* sobre a cultura cinematográfica brasileira. O autor ressalta que de 1909 a 1920, houve publicações no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, e no jornal paulista *O Estado de São Paulo* que expressavam um pensamento industrial cinematográfico e que condenavam a concorrência das produções estrangeiras (EUA) sobre as produções brasileiras.

Essa realidade nada confortável tanto em termos culturais quanto financeiros para o Brasil nos sugere um cenário crítico para o cinema nacional, pois mostra que o povo brasileiro está contribuindo muito mais para o cinema norte-americano do que para o brasileiro, e consequentemente consumindo muito mais produtos daquela cultura. Embora essa seja a realidade de muitos outros países na América e demais continentes, o cinema brasileiro tem como melhorar essa situação, alavancando os índices estatísticos sobre o público de seus próprios filmes, nas salas do país.

As estratégias de produção e participação do cinema nacional, nos moldes da indústria *hollywoodiana*, já foram testadas e colocadas em prática desde o final da década de 1940, quando surge no cenário brasileiro a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. A partir da experiência cinematográfica da Vera Cruz, e anteriormente, de outras ações realizadas por entusiastas do cinema brasileiro – como no caso da Atlântida Cinematográfica, fundada em 1941, voltada para filmes mais populares – a produção de filmes no Brasil em alguns casos e determinados períodos históricos (estúdios da Vera Cruz e da Atlântida) esteve direcionada para tentar atingir um nível industrial.

No Brasil não temos uma indústria cinematográfica consolidada. Segundo Autran (2009, p.02) “o cinema brasileiro é algo descontínuo (...) nunca conseguiu se industrializar efetiva-

mente, limitando-se a alguns surtos de produção". Se por um lado os surtos interrompidos de industrialização sempre prejudicaram a expansão da produção fílmica, em contraponto pode ter criado espaço fecundo para "o desenvolvimento das ideias sobre cinema independente" (GALVÃO, 1980, p.13).

Porém, vale ressaltar que novas políticas de incentivos fazem-se necessárias para que novas produções cinematográficas possam ter condições de entrar no circuito de distribuição e exibição, contribuindo para a difusão cultural, além da diversidade de obras – "leis de incentivo, quotas, estratégias de *marketing*, produção de gêneros populares nacionais, assim como a promoção internacional de produtos culturais" (MELEIRO, 2007, p.15).

Conclusões

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo fazer um breve levantamento da história recente de um Pólo Cinematográfico brasileiro que já contribuiu para a produção de diversos filmes. Esse complexo se mostrou um excelente centro de pré-produção, produção e pós-produção de diversos produtos audiovisuais, não só voltados ao cinema, mas como um Pólo essencial aos diversos campos que tem a imagem em movimento como resultado final.

Por outro lado, os entraves políticos afetaram e ainda afetam diretamente as atividades que envolvem o Pólo Cinematográfico de Paulínia. As disputas entre partidos políticos e as denúncias de sobre irregularidades nas prestações de contas, interrompem a continuidade de projetos futuros, principalmente os inerentes aos editais públicos do município. É necessário ressaltar que os incentivos ao campo cinematográfico do Brasil e dos países latino-americanos é algo necessário e essencial para garantir a produção de bens culturais do continente sul-americano e, dessa forma, contribuir para o fortalecimento do cinema dessa região, principalmente com ações de coprodução.

Bibliografia

- Adorno, T. W. (2002). *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.
- Argan, G. C. (2005). *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Campinas, SP: Ed. Papirus.
- Aumont, J. (2008). *Moderno? Por que o cinema se torna a mais singular das artes*. Campinas, SP: Ed. Papirus.
- Autran, A. (2004). O pensamento industrial cinematográfico brasileiro. *Tese (doutorado)*. Instituto de Artes / Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP.
- Autran, A. (2008). *O pensamento industrial cinematográfico em tempos neoliberais (1990-1993)*. Estudos de Cinema. São Paulo: Ed. Annablume; FAPESP; SOCINE.
- Autran, A. (2009). O Pensamento Industrial Cinematográfico Brasileiro: Ontem e Hoje. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba.
- Benjamin, W. (1985). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade Técnica*. In: Obras Escolhidas I. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Cauquelin, A. (2005). *Teorias da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. (2015). Ancine. Informe de Acompanhamento do Mercado. Distribuição em Salas de Exibição. *Informe Anual. Superintendência de Análise de Mercado – SAM*. Brasília. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA.
- Funari, P. y Pelegrini, S. C. A. (2006). *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Galvão, M. R. (1980). *O desenvolvimento das idéias sobre cinema independente*. In: 30 anos de cinema paulista, 1950-1980. São Paulo: Cadernos da Cinemateca. Cinemateca Brasileira.

- Galvão, M. R. (1981). *Burguesia e cinema: o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- Genestreti, G. (2015). Festival de Cinema de Paulínia é Suspenso. São Paulo: *Jornal Folha de S.Paulo*.
- Magenta, M. (2012). Após declínio, polo cinematográfico de Paulínia é retomado. *Jornal Folha de São Paulo*.
- Martel, F. (2012). *Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Meleiro, A. (2007). *Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina*. São Paulo: Ed. Escrituras.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP. À Profa. Dra. Marina Soler Jorge.

Biografia

Cleber Fernando Gomes é Sociólogo brasileiro, cursando mestrado acadêmico em História da Arte (cinema), na linha de pesquisa Imagem, Cidade e Contemporaneidade, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP/Brasil, com bolsa de pesquisa da FAPESP/Brasil. Possui Pós-Graduação em Artes Visuais, Intermeios e Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP/Brasil, e Pós-Graduação em Estudios Culturales pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales/CLACSO/Argentina.

Mulheres e bicicleta: um estudo sobre comunicação e espaço urbano a partir do grupo Ciclanas

Universidade Federal do Ceará

Paulo Victor Sousa
paulo.victor@ufc.br

Faculdade Cearense

Elane Abreu
elaneabreu@gmail.com

Resumen

La actuación de la mujer de bicicleta en la ciudad de Fortaleza tiene como referencia el grupo Ciclanas, colectivo ciclofeminista cuya articulación en la Internet es constante. El propósito de esta ponencia es explorar el funcionamiento de este grupo y el uso de las herramientas de comunicación que ayudan a sus propósitos. Para esta investigación, cuestionarios abiertos fueron aplicados a participantes del grupo y uno de los principales resultados observados es que existe una relación de pertenencia a una colectividad mayor a través del grupo de ciclistas mujeres, ya sea en las interacciones a través de la red o en las calles. Esta colectividad se encuentra en el reconocimiento de que no están solas cuando se van en bici por la ciudad y que la ocupación del espacio público, no sólo para las mujeres, es un beneficio para todos los géneros.

Palabras clave:

mujeres; feminismo; ciudad; bicicleta; medios de comunicación.

Abstract

The bike women acting in the city of Fortaleza has as reference the Ciclanas group, cyclofeminist collective whose articulation on the web is constant. The goal of this paper is to explore the group's operation and the use of communication tools that support its purposes. For this research, open questionnaires were applied with group participants and one of the main results observed is that there is a belonging to a greater collectivity through the group of women cyclists, either online interactions or on the streets. This collectivity exists by recognition that female cyclists are not alone when ride their bikes in the city and the public space occupation is a benefit for all the genders, not just for women.

Keywords:

women; feminism; city; bike; media.

Resumo

A atuação de mulheres de bicicleta na cidade de Fortaleza tem como referência o grupo Ciclanas, coletivo ciclofeminista cuja articulação na internet é constante. O objetivo deste artigo é explorar o funcionamento deste grupo e o uso das ferramentas de comunicação que auxiliam em seus propósitos. Para esta pesquisa, foram aplicados questionários abertos com participantes do grupo e um dos principais resultados observados é de que há uma relação de pertencimento a uma coletividade maior através do grupo de ciclistas mulheres, seja nas interações pela rede, seja nas ruas.



Esta coletividade existe pelo reconhecimento de que não estão sozinhas ao pedalar na cidade e de que a ocupação do espaço público, não só por mulheres, é um benefício para todos os gêneros.

Palavras-chave:

mujeres; feminismo; ciudad; bicicleta; medios de comunicación.

A cidade enquanto tal não existe.
Existem diferentes e distintas formas de vida urbana
Massimo Cacciari

Introdução: mulheres, comunicação e espaço urbano

O direito à cidade é contemplado por uma série de fatores e estratégias – dentre elas, a eleição e manutenção de modais de transporte. “Ir e vir” não é dado pelo simples trato de que a rua é pública: sua efetividade se dá na criação e manutenção de elos entre os lugares e os meios de locomoção. Entre tantos e variados desafios, a questão da mobilidade, especificamente das mulheres, é aquele que nos toca no desenvolvimento desta pesquisa sobre o grupo Ciclanas na cidade de Fortaleza.

Os estudos em comunicação e mobilidade partem, em geral, de uma ideia de “virada espacial” (Falkheimer & Jansson, 2006; Adams, 2009), a qual enxerga uma não-separação entre processos e efeitos comunicacionais de um lado e a prática, a vivência e a construção do espaço de outro. É dessa conjunção que partimos em nossa observação, considerando que as pessoas podem utilizar meios diversos para repensar a própria relação com o espaço, e que este mesmo possui efeitos sobre os processos comunicativos e interacionais.

Por esse ponto de vista, questionamos o lugar da mulher na sociedade contemporânea, tendo como especificidade seu poder de mobilidade no espaço público – pondo em questão as ferramentas de comunicação atuais como mediadoras de novos sentidos e articulações. A rua, fisicamente, sempre esteve acessível à mulher. Mas chegar à rua é diferente de frequentá-la, de usufruí-la e de fazer dela um espaço seu – seja num viés político, econômico ou de sociabilidade. Historicamente, uma pesada carga simbólica recai sobre o usufruto do espaço público a partir da figura feminina. Encontra-se também no medo a irracionalidade de se trancarem as mulheres portas adentro: “a cidade é violenta, há assaltos e estupros por todos os lados”, comenta-se. Independente do que é dito, a cidade, constantemente, não éposta para nem pela mulher.

O fato de as ruas não pertencerem às mulheres é um índice de um domínio masculino sobre a própria cidade, enquanto a casa seria o domínio da mulher diante das relações sociais estabelecidas por aquele poder forçoso dos homens. É o que aponta Risério (2015), ao observar, na produção literária, como os homens têm acesso à rua e como as mulheres falam de um recluso e dominado universo doméstico, tratando o espaço urbano de maneira enevoada.

O que parece permanecer, atravessando tempos, modas e estilos, é que a cidade responde com firmeza em (e mesmo domina) textos masculinos, como no *Ulysses* de James Joyce, ao tempo em que quase se liquefaz, entre gazes e garoas verbais, em muitos textos femininos (Risério, 2015: 35).

Risério é direto: tanto quanto escrever sobre a cidade, “fazer casa e fazer cidade nunca foram coisas de mulher” (2015: 43) – com notáveis exceções, como as arquitetas Lota ou Lina Bo Bardi, para nos atermos ao contexto brasileiro. Desde a Grécia Antiga, com sua democracia voltada a alguns poucos homens livres, até o mundo contemporâneo, estar em meio às

ruas é um desafio à mulher. Não poderia ser diferente: o mesmo se dá em outras instâncias e esferas da vida.

As mulheres precisaram desbravar e conquistar espaços na cultura, na sociedade, na história, na comunicação e nas cidades. Ao mesmo passo, precisam igualmente tomar os meios de comunicação e, inevitavelmente, adotar e criar suas próprias ferramentas e tecnologias digitais (Natansohn, 2014), o que lhes possibilitaria congregações e trocas em grupo. A função reproduutora e de cuidadora do espaço doméstico fez com que muitas outras potencialidades femininas, durante longos períodos, não fossem descritas, registradas, tampouco historicizadas. Suas atividades de criatividade, diversão e sexualidade, dentre outras, eram pouco toleradas e, sobre isso, a psicanalista Clarissa Estés (2014:17) discorre que, na geração que cresceu após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres eram vistas como infantis e “tratadas como propriedade”, tendo que “implorar pelos instrumentos e pelo espaço necessário às suas artes”.

Instrumentos e espaço de expressão ainda hoje são reivindicados pelas mulheres. Disso, surge a necessidade de atuação delas em grupos, organizações e movimentos coletivos. A cidade de Fortaleza é um dos espaços cuja atuação feminina tem sido observada e um dos seus instrumentos de poder é a bicicleta. A mulher nas ruas, na cidade, pedalando em distintos horários e exercendo sua liberdade tem sido a motivação do grupo Ciclanas – Mulheres de Bicicleta no Trânsito de Fortaleza. Nossa objetivo aqui é entender como as ferramentas de comunicação auxiliam este grupo na manutenção de seus propósitos, assim como observar de que forma algumas participantes entendem e articulam a bicicleta como instrumento de conquista espacial da cidade.

A pesquisa que descrevemos neste artigo é exploratória e busca, por meio de uma abordagem qualitativa, identificar as relações e tensões entre a mobilidade urbana, notoriamente feminina e por meio da bicicleta, e a ocupação do espaço público por parte das mulheres. Especificamente, realizamos uma investigação sobre como o Ciclanas utiliza redes digitais para articulação própria, propagação e discussão de questões correlatas ao empoderamento feminino quanto ao espaço urbano, buscando identificar desafios e oportunidades quanto ao uso de bicicleta como modal de transporte urbano. O grupo serviu como um objeto de acesso e interpretação de um fenômeno mais amplo e mais complexo, que problematiza precisamente as tradicionais formas de locomoção e a delegação de espaços e limites às mulheres.

Descrição do caso: Fortaleza e o grupo Ciclanas

Fortaleza é a capital do estado do Ceará, no Nordeste do Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, relativos ao último censo nacional (2010)¹, a cidade possui uma população estimada de 2,5 milhões de habitantes e densidade demográfica de mais de 7.700 habitantes por km². Assim como boa parte das metrópoles brasileiras, Fortaleza possui vários problemas relativos à mobilidade, e essa pauta tem sido uma constante nas tensões entre a sociedade civil organizada e o poder público.

Nos últimos anos, a bicicleta ganhou notoriedade em Fortaleza como opção a quem busca alternativas em locomoção, talvez por conta de ampla adoção da bicicleta a partir do programa Bicletar (projeto de bicicletas compartilhadas sob tutela da prefeitura). Dados de setembro de 2015² mostram que Fortaleza teve o mais alto índice de adoção nesse tipo de projeto em todo o Brasil. Nesse cenário, grupos da sociedade civil têm reclamado ao poder público maior atenção ao ciclismo. O Ciclanas é um desses coletivos e atua numa pauta específica: a relação da mulher com a cidade por meio do ciclismo enquanto meio de transporte.

1 Disponível em: http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230440&search=ceara|fortaleza|info_graficos:-informacoes-completas. Acesso em 25 abr. 2016

2 Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/09/bicletar-de-fortaleza-lidera-o-ranking-de-bicicletas-compartilhadas-no-pais.html>. Acesso em 25 abr. 2016



O grupo Ciclanas se traduz como movimento “ciclofeminista”: suas motivações giram em torno do uso da bicicleta no cotidiano aliado à autonomia das mulheres na cidade de Fortaleza. Surgiu há mais de um e são mais de duas mil ciclistas que integram o grupo fechado no Facebook para discutir o uso da bicicleta e o feminismo. Ciclanas, então, é tanto o nome dado ao grupo como também a alcunha que se dá às mulheres que dele participam. Segundo Sheryda Lopes, jornalista e ciclana, “fora da internet, palestras, debates, pedaladas, oficinas de alongamento, mecânica para mulheres e até uma cicloviagem são algumas das ações já realizadas pelo grupo”³. Dessa forma, o espaço de atuação e comunicação se dá tanto pelas redes sociais *online* como pelos encontros presenciais que acontecem corriqueiramente.

Vale ressaltar que existe a página (*fanpage* do Facebook) aberta para o público em geral interessado nas divulgações do coletivo⁴, assim como o grupo fechado (também no Facebook) cuja participação exige autorização prévia de moderadoras, sendo um espaço sobretudo feminino. Conforme a postagem fixa de descrição das Ciclanas no grupo fechado⁵, são utilizados outros aplicativos para trocas de mensagens: WhatsApp (informações sobre datas de eventos/encontros) e Telegram (assuntos mais genéricos). Dentre as motivações informadas no Facebook, destaca-se que o coletivo existe para “estimular mulheres que querem começar a utilizar a bicicleta no dia a dia, mas que ainda não se sentem seguras para colocar a vontade em prática” e, de uma forma mais geral, a proposta do grupo é “por uma cidade mais humana e que transforma e é transformada quando a possibilidade da bicicleta como meio de transporte é real e possível”.

As Ciclanas se descrevem como um grupo sem hierarquias ou liderança centralizada – logo não foi possível coletar informações de representantes. Diante dessa máxima e sob orientação de uma das administradoras da *fanpage*, trabalhamos com um questionário aberto no grupo do Facebook, publicado em 25 de janeiro de 2016, o qual seria respondido por quaisquer ciclanas, sem detrimento do papel ou da posição simbólica no coletivo.

O funcionamento das publicações no grupo do Facebook não permitiu grande visibilidade do nosso pedido, pois constatamos que os tópicos não apareciam em ordem de postagem. Assim, obtivemos respostas de 8 mulheres, o que dá uma leve noção sobre como a coletividade e a troca de informações naquele espaço ajudam na articulação delas entre si e de suas devidas ocupações do espaço.

As perguntas demandavam informações sobre como a ciclana conheceu o grupo, quais suas formas de atuação e como a participação naquele grupo ajudava no enfrentamento de tais dificuldades e na própria mobilidade em geral. Também perguntamos que desafios ela via dentro do coletivo Ciclanas e o que poderia ser feito para melhorar a condição de mobilidade feminina quanto a soluções tecnológicas. Ao final, pedímos breves informações de identificação pessoal, como idade e ocupação.

Resultados e discussão

As respostas mostram que o Ciclanas é levado ao conhecimento de outras mulheres de modo rizomático, no “boca a boca”. A rede constituída dota esse grupo de um aspecto intimista, exclusivo e protetor, o que se ressalta inclusive na forma como suas integrantes são consideradas em suas existências factuais. Uma das ciclanas se identificou como moderadora do grupo, indicando que seu papel era o de aceitar ou rejeitar pedidos de entrada ali. Seu procedimento é verificar as redes e as relações de uma requerente: “observamos se a

³ Disponível em <http://vadebike.org/2016/03/ciclanas-coletivo-feminista-mulheres-ciclistas-fortaleza/>. Acesso em 25 abr. 2016.

⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/ciclanas/>. Acesso em 25 abr. 2016.

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/531147383694553/permalink/535961896546435/>. Acesso em 25 abr. 2016.

solicitação vem de uma mulher e que ela de fato existe, ou seja, não aceitamos homens nem perfis falsos".

Percebemos que o coletivo acolhe as ciclanas a partir de problemas de mobilidade cotidianos, mas essa tônica não é muito utilizada como mote de propagação. As diversas atividades realizadas pelo grupo dão conta de ações como orientação postural, oficina de manutenção de bicicleta, ciclovias, exibição de filmes e debates. Ainda assim, várias das respostas sublinham que a coletividade vista no Ciclanas facilita na superação das situações constrangedoras vivenciadas no cotidiano, especialmente por haver ali uma troca constante de dicas de trajetos e compartilhamento de experiências. As respostas mostram que o coletivo traz, não apenas por sua posição política no atual cenário de Fortaleza, uma sensação de estarem juntas, o que ressalta a multiplicidade de vozes vivenciada tanto na ambiente eletrônica quanto nos deslocamentos físicos. As ciclanas se veem parte de uma coletividade maior, percebendo que não se encontram isoladas e que, assim como cada uma individualmente, há outras tantas que pedalam sozinhas pelas ruas e não querem depender unicamente de transporte público ou carro particular.

Essa percepção se dá diante de um compartilhamento *a posteriori* das experiências, e não há, dentro do Ciclanas, qualquer ferramenta ou procedimento que possa fazer com que mais mulheres se percebam nas ruas. Isso quer dizer que ainda é necessário apostar na saída de bicicleta e que tudo correrá tranquilamente. Ainda assim, a mera "sensação" de não-isolamento já é uma importante variável a fomentar o ciclismo. Como relata uma das participantes da pesquisa, "Sozinha eu me sentia acuada, remando contra a corrente, contra a minha família, contra a sociedade [...], então quando formamos o grupo, vi que existia uma outra forma de lidar com todas essas barreiras e consigo pedalar cada vez mais". Ainda que seja uma questão de percepção, ao se verem parte de uma realidade maior, as ciclanas passam a encontrar alguma ressonância prática no dia a dia: "acho bacana poder ter possibilidade de formar grupos que vão no mesmo sentido ou para o mesmo lugar", afirma outra participante, dando a entender que a coletividade constituída no Facebook ajuda a formar grupos menores de acordo com as rotas individuais rotineiras.

Quanto às dificuldades descritas, a maioria ressalta as "finas", quando motoristas de carros ou de ônibus passam muito próximo às ciclistas. Também são relatados casos de assédio moral, com gritos, piadas machistas e insinuações sexuais em geral. A insegurança também éposta como um problema, e algumas das ciclanas chegaram a dizer que, no atual momento da cidade, já há um olhar de menor estranhamento quanto ao ciclismo: "agora as pessoas encaram com mais naturalidade", afirma uma delas, enquanto outra considera que "a educação dos fortalezenses tem mudado bastante depois da implantação das bikes compartilhadas".

Conclusão

As respostas obtidas junto às ciclanas nos levam à compreensão de que a simples participação no grupo do Facebook já lhes apresenta uma sensação de não-isolamento, o que as leva a compreender que não estão sozinhas em deslocamentos diários. Existe nessa atuação por meio das TICs um exemplo claro de coletividade, apesar de possíveis desentendimentos pontuais, especialmente por elas se verem em torno de um objetivo em comum – usar a bicicleta como meio de transporte na cidade, não para diversão ou exercício. Essa consideração questiona diretamente o lugar da mulher na sociedade e as possibilidades de ela habitar o espaço público da maneira desejada, e não da forma como o homem planeja, por exemplo.

Há, subjacente a essa discussão, um questionamento sobre como os esforços coletivos podem auxiliar na constituição de um imaginário mais propício à circulação da mulher no espaço público e, indo mais a fundo, como a mulher pode ter plenos domínios de criação e gerenciamento urbano. O grupo Ciclanas no Facebook é um passo importante para a consolidação de direitos equalizados, mas a busca não se encerra aí. Algumas das participantes

ressaltam que ainda são necessários vários equipamentos e soluções que melhorem a relação da mulher com a cidade, mas várias dessas soluções têm a ver não com um gênero específico, mas com a possibilidade de locomoção adequada em geral: “A mobilidade não tem a ver com feminina ou masculina, ela precisa ser melhorada para os dois gêneros se beneficiarem”, ressalta uma das ciclanas.

Referências bibliográficas

- Adams, P. (2009) *Geographies of media and communication: a critical introduction*. United Kingdom: Wiley-Blackwell.
- Cacciari, M. (2010). *A cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Estés, C. (2014). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco.
- Falkheimer, J.; Jansson, A. (ed.) (2006). *Geographies of Communication: The Spatial Turn in Media Studies*. Göteborg: Nordicom.
- Natansohn, G. (2014). Mulheres e uso das TIC, algumas reflexões metodológicas. *XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM*.
- Risério, A. (2015). *Mulher, casa e cidade*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Biografias

Paulo Victor Sousa é doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (PósCom/UFBA), membro do Grupo de Pesquisa em Interação, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS/UFBA) e professor na Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua no ensino e pesquisa das áreas de Comunicação Social e Design e tem como foco de investigação o uso de dispositivos móveis comunicacionais e as relações das tecnologias digitais com o espaço urbano. E-mail: paulo.victor@ufc.br.

Elane Abreu é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professora do curso de Comunicação Social da Faculdade Cearense (FaC). Realizou e realiza estudos sobre fotografia, arte e espaço urbano. E-mail: elaneabreu@gmail.com.

Os efeitos da inércia atencional sobre a publicidade externa

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Sérgio Roberto Trein
sergiotrein@uol.com.br

Resumen

El paisaje urbano se compone de elementos fijos (edificios, árboles, calles), semifijos (publicidad, comercio callejero) y móviles (vehículos, personas). En este contexto, la existencia de numerosos distractores en el paisaje urbano, más que una lucha por la atención, puede crear un fenómeno de desatención, de abstracción o de ausencia con relación a la publicidad exterior. Podrá crear incluso un efecto de inercia atencional de los procesos inhibitorios que reducen la accesibilidad de esos estímulos que se presentan como irrelevantes y pueden interferir en el éxito de los objetivos actuales. Es decir, en este contexto de complejidad de los distractores, los efectos de la inercia atencional pueden actuar sobre la publicidad exterior, convirtiéndola, desde el punto de vista de la percepción, como un estímulo irrelevante. Especialmente en situaciones que requieren una mayor concentración de la atención, tales como atascos de tráfico, mayor cantidad de personas o eventos urbanos específicos. El objetivo de este estudio es entender que no es suficiente pensar en la organización y el diseño gráfico de una pieza de comunicación. Es fundamental tener en cuenta que los conceptos como rastreo ocular, los tipos de movimientos oculares, los límites de captura de la atención y la inercia atencional pueden ser fundamentales para la memoria y el razonamiento de una publicidad exterior.

Palabras clave

Publicidad exterior; paisaje urbano; atención; distractores; inercia atencional.

Abstract

The urban landscape is composed of fixed elements (buildings, trees, streets), semi-fixed elements (advertising, street trading) and mobile elements (automobiles, people). In this context, the existence of innumerable distractors in the urban landscape can create, even more than a dispute for attention, the phenomena of inattention, abstraction or absence in relation to external advertising. It can also create the effect of attentional inertia based on inhibitory processes that reduce the accessibility of those stimuli which present themselves as irrelevant and can cause interferences to the successful outcome of the present goals. In other words, in this context of complex distractors, attentional inertia can affect external advertising by making it an irrelevant stimulus, from the point of view of perception. This mostly happens in situations which demand more concentration of attention, such as traffic jams, a large number of people or specific urban events. The objective of this study is to demonstrate that merely thinking



of the organization and the graphic design of a communication piece is not enough. It is essential to take into consideration that concepts such as eye tracking, the types of eye movement, the limits of attention capture and attentional inertia can be decisive in the memorization and reasoning of external advertising.

Keywords

External advertising; urban landscape; attention; distractors; attentional inertia.

Resumo

A paisagem urbana é composta de elementos fixos (prédios, árvores, ruas), semifixos (publicidade, comércio ambulante) e móveis (automóveis, pessoas). Neste contexto, a existência de inúmeros distratores na paisagem urbana, mais do que uma disputa pela atenção, pode criar um fenômeno de desatenção, de abstração ou de ausência em relação à publicidade externa. Poderá criar, ainda, um efeito de inércia atencional, a partir de processos inibitórios que reduzem a acessibilidade daqueles estímulos que se apresentam como irrelevantes e podem causar interferências no êxito das metas atuais. Ou seja, neste contexto de complexidade de distratores, os efeitos da inércia atencional podem agir sobre a publicidade externa tornando-a, do ponto de vista de percepção, um estímulo irrelevante. Isso ocorre sobretudo em situações que exigem maior concentração de atenção, como engarrafamentos, maior quantidade de pessoas ou eventos urbanos específicos. O objetivo deste estudo é o de compreender que não basta somente pensar na organização e na esquematização gráfica de uma peça de comunicação. É fundamental levar em consideração que conceitos como o rastreamento ocular, os tipos de movimentos oculares, os limites de captura de atenção e a inércia atencional podem ser determinantes na memorização e no raciocínio de uma publicidade externa.

Palavras-chave:

Publicidade externa; paisagem urbana; atenção; distratores; inércia atencional.

Introdução

Do ponto de vista sensório-perceptivo, o ser humano é um animal predominantemente óptico. Cerca de dois terços das funções cerebrais relacionam-se à visão e em torno de 85% da percepção humana decorre desse sentido, que pode ser exposto, em um único dia, a mais de 23 mil informações visuais (MENDES, 2006). Conforme Klein e Bulla (2010: 238), “os olhos nunca estão parados, eles sempre se movimentam para uma direção, seja enquanto leem, enquanto procuram objetos ou mesmo quando se está concentrado, refletindo”. São movimentos oculares que podem ser classificados em quatro tipos: as sacadas, as fixações, as regressões e as supressões sacádicas.

As fixações são breves espaços de tempo em que o olho permanece examinando uma determinada área do estímulo visual. Já as sacadas, também conhecidas como movimentos sacádicos progressivos (KLEIN; BULLA, 2010), são os pulos que o olho faz entre uma fixação e outra. Para Maia (2008), existe ainda a supressão sacádica, quando o fluxo de informação

visual é interrompido durante o movimento sacádico. Por fim, o quarto tipo de movimento ocular são as regressões. Também chamadas de sacadas regressivas, Klein e Bulla (2010: 238) afirmam que as regressões “são movimentos sacádicos realizados no sentido oposto da leitura”.

Segundo Carlos (1994), a paisagem urbana é um *locus* dinâmico de atividades, fortemente influenciada pela concentração de construções estáticas e diferenciadas que brotam na cidade; pela enorme quantidade de gente em movimento, uma gente normalmente apressada; pelos mais variados meios de circulação, de placas indicativas e propagandas, de ruas asfaltadas etc. Há na paisagem urbana, portanto, uma quantidade enorme de distratores afetando a percepção e a memorização das pessoas.

Para Mendes (2006: 35),

a paisagem urbana pode ser definida como a percepção individual, espacial e temporal da composição de todos os seus elementos fixos (edificações, árvores, pavimentação, ruas), semifixos (anúncios, comércio ambulante) e móveis (automóveis, pessoas).

Porém, prossegue a autora (2006: 37),

os elementos que compõem a estrutura urbana podem ser assim desmembrados, mas é preciso considerar que eles só existem verdadeiramente quando estão integrados, funcionando simultaneamente e sendo percebidos ao longo do percurso.

A publicidade, portanto, não é um elemento isolado e à parte da paisagem. Ela é a própria paisagem. E, à publicidade, a cidade oferece os seus espaços. Como definem Drigo e Souza (2008), a cidade não pode abandonar a publicidade, pois isso corresponderia a abandonar os seus usuários. Segundo as autoras, sem a publicidade, os objetos não seriam o que são. Ou seja, a publicidade movimenta a vida.

O problema é que a existência de inúmeros distratores na paisagem urbana, mais do que uma disputa pela atenção, cria um fenômeno de desatenção, de abstração ou de ausência. Pode criar, ainda, um efeito de inércia atencional, a partir de processos inibitórios que reduzem a acessibilidade daqueles estímulos que se apresentam como irrelevantes na memória e podem causar interferências no êxito das metas que exigem grande concentração de atenção, como engarrafamentos, grande número de pessoas ou eventos urbanos específicos. Tudo isso poderá ter consequências diretas em relação à percepção e à memorização de uma publicidade externa e seus objetivos mercadológicos e institucionais.

O objetivo deste estudo é o de compreender que não basta somente pensar na organização e na esquematização gráfica de uma peça de comunicação. É fundamental levar em consideração que conceitos como o rastreamento ocular, os tipos de movimentos oculares, os limites de captura de atenção e a inércia atencional podem ser determinantes na memorização e no raciocínio de uma publicidade externa.

Do rastreamento ocular à memorização

A atenção de uma pessoa pode ser classificada de várias maneiras: atenção seletiva, definida como a capacidade de focar em algum estímulo ao mesmo tempo em que permanecemos insensíveis a outros; atenção sustentada, diferente da anterior, refere-se à capacidade de sustentação do esforço atencional, mantendo o foco por um período mais extenso; atenção alternada, capacidade de alternar o foco da atenção, de acordo com as necessidades do contexto, retomando o foco após alguma interferência; e atenção dividida, capacidade de focar dois ou mais contextos de forma simultânea.



Entretanto, o ato de perceber consiste na apreensão de uma totalidade e essa totalidade não representa somente a simples soma de elementos isolados captados pela visão. O todo sensorial caracteriza uma determinada forma e esta forma será, qualitativamente, diferente daquilo que representa as suas partes isoladas. Por isso, como afirma Bleuler (1950), duas qualidades são fundamentais na atenção. A primeira é a tenacidade, que é a propriedade de manter a atenção orientada de modo permanente em determinado sentido. A outra qualidade é a vigilância, que é a possibilidade de desviar a atenção para um novo objeto, especialmente quando se trata de um estímulo do meio exterior. Essas duas qualidades da atenção, em geral, se comportam de maneira antagônica: quanto mais tenacidade aplicamos sobre um determinado objeto, menos vigilante estamos em relação a eventuais estímulos produzidos pelo meio.

Cria-se, portanto, um conflito atencional. Especialmente na paisagem urbana, em que a presença de tantos distratores pode afetar a memorização e o raciocínio das pessoas. Para um efetivo armazenamento da informação, Manteigueiro (2011) afirma que a ativação da memória ocorre em quatro etapas. No nível da aquisição da informação é onde se realiza o primeiro contato com o estímulo que o indivíduo pretende armazenar ou para o qual teve a sua atenção atraída. Nesta fase, torna-se importante, também, o grau de atenção do sujeito, pois isso implicará em uma correta aquisição da informação ou eventuais erros ou, ainda, dissonâncias cognitivas de interpretação.

A etapa seguinte diz respeito à codificação do objeto ou da mensagem percebida, em que o indivíduo tentará atribuir significado à informação apreendida. O significado que for atribuído será muito importante para o próximo passo da memória, que é o armazenamento. A fase de armazenamento tem relação com o traço mnésico, ou seja, com a marca a ser deixada por uma informação no sistema nervoso central.

Esse traço mnésico poderá ser permanente ou temporário, ele é tão permanente quanto maior for a atenção dada e a facilidade de compreensão. A última etapa é a recuperação e ocorre quando as pessoas tentam se lembrar de alguma informação armazenada em sua memória, tendo acesso, portanto, a um traço mnésico. Justamente este processo todo de atenção e armazenamento da informação é que fará com que os indivíduos sintam-se atraídos para determinado objeto ou mensagem ou verifique-se um fenômeno de desatenção, de abstração e de ausência da informação.

Limites de captura de atenção, processos inibitórios e inércia atencional

Segundo Burtenshaw; Mahon e Barfoot (2010), as pessoas têm apenas alguns segundos para registrar as mensagens veiculadas nas publicidades externas. César (2004) e outros autores da publicidade são mais enfáticos neste sentido, ao afirmarem que o tempo máximo para uma publicidade externa chamar a atenção das pessoas é de oito segundos. Entretanto, são teorias publicitárias baseadas somente na organização e na esquematização gráfica de uma peça de comunicação, que não levam em conta a presença de distratores no contexto de leitura. Para Wilson, Baack e Till (2008), além da publicidade ser facilmente visível, em termos de processamento da mensagem, é fundamental considerar como requisito um limite suficiente de captura de atenção.

De acordo com os autores, os limites de captura de atenção estão relacionados a três fatores: os antecedentes, o processamento de mensagens e as consequências. Os antecedentes, são compostos pela motivação individual, pela oportunidade e pela capacidade de processar um anúncio. São estes antecedentes que irão moderar a relação entre a exposição do anúncio e o processamento de mensagens. E, com isso, influenciar as atividades mentais necessárias para que um indivíduo possa analisar e decodificar as informações da publicidade.

A motivação é definida como o desejo que as pessoas têm para processar informações relacionadas à marca. Esta motivação afeta o processamento de mensagens de duas maneiras: primeiro, influencia quais objetos percebidos pelo rastreamento ocular recebem os recursos

de processamento cognitivo; ou seja, aqueles que irão merecer o direcionamento da atenção. Segundo, a motivação influencia a intensidade ou a capacidade de trabalho da memória direcionada para o objeto-alvo. Quanto maior for o nível de processamento das mensagens, mais duradouras serão as atitudes em relação à marca e as informações sobre a marca no campo da memória.

Além da motivação, os outros antecedentes de processamento de mensagens são a oportunidade e a habilidade. Oportunidade é definida como a medida em que as condições do objeto mostram-se favoráveis para o processamento da mensagem (WILSON, BAACK e TILL, 2015). Por exemplo, painéis publicitários localizados mais perto da estrada e não ofuscados pela vegetação têm maior oportunidade de serem vistos e processados. Já o contexto urbano é mais poluído visualmente, portanto, há uma concorrência visual maior com outros distratores.

O outro antecedente de processamento de mensagens é a habilidade, que é definida como a proficiência ou a capacidade de interpretação de informações em relação à marca. Pessoas com conhecimento ou mais experiência com determinada marca estão mais propensos a processar as informações da publicidade. Da mesma forma, prosseguem os autores, anúncios que utilizam *layouts* simples e menos complexos em termos de mensagens verbais e não-verbais são mais facilmente processados.

Entretanto, quando o indivíduo está inserido em um contexto urbano, especialmente se está dirigindo e há a necessidade de maior concentração de atenção, como em engarrafamentos, locais com grande número de pessoas ou eventos urbanos específicos, o processo de percepção e atenção visual pode ser fortemente afetado. Em situações como estas, a flexibilidade cognitiva é o processo executivo responsável por gerar modificações nas condutas e nos pensamentos em contextos dinâmicos. Porém, a possibilidade de nos adaptarmos às mudanças no ambiente não depende somente da flexibilidade cognitiva, mas, também, de outros processos de controle executivos como a memória da tarefa que está sendo executada e a inibição. Enquanto a memória da tarefa participa atualizando os objetivos e as ações mais apropriadas à etapa seguinte, a inibição intervém atenuando a interferência de novos estímulos.

Um dos métodos mais utilizados para avaliar a flexibilidade cognitiva é a mudança de tarefa. Trata-se de um procedimento em que um indivíduo deve alternar rapidamente entre duas ou mais tarefas, o que obriga a uma contínua configuração e reconfiguração dos processos e operações. Porém, essa alternância repetitiva determina um custo de mudança, que acaba repercutindo na diminuição do desempenho da respectiva tarefa. Kirkham, Crues e Diamond (2003) desenvolveram a Teoria da Inércia Atencional, que propõe a inibição como o principal fator explicativo para o fenômeno do custo de mudança.

A teoria se refere ao fenômeno de inércia atencional como a tendência do sistema cognitivo em ficar fixado em um atributo ou estímulo que tenha sido previamente relevante para o desempenho da tarefa. Desta forma, para poder mudar de perspectiva ou de tarefa de maneira flexível, torna-se imprescindível a habilidade para inibir rápida e eficientemente a perspectiva anterior. Em linhas gerais, a Teoria da Inércia Atencional se refere a um processo de controle que intervém reduzindo a acessibilidade daquelas representações que se apresentam como irrelevantes na memória e que acabam gerando interferências sobre as consideradas relevantes para o êxito das metas atuais. Ou seja, neste contexto de complexidade de distratores, os efeitos da inércia atencional podem agir sobre a publicidade externa tornando-a, do ponto de vista de percepção, como um estímulo irrelevante ao indivíduo inserido em determinada tarefa.

Conclusões

A lógica comercial publicitária sempre se baseou em critérios quantitativos para vender seus espaços para os anunciantes. Ou seja, de quantas pessoas e carros circulam e transitam



pela via em que se localiza a publicidade externa. Entretanto, estes números não revelam e nem determinam, de fato, se houve ou não uma atração visual em relação à mensagem veiculada nesse ambiente externo.

Dependendo do tipo de situação em que a pessoa está envolvida no ambiente urbano, os processos inibitórios e a inércia atencional podem determinar que a publicidade externa não seja uma prioridade visual. Além disso, há, também, outro problema importante em termos de percepção: a deficiência visual. A baixa visão não impossibilita a pessoa de conhecer o seu entorno. Porém, resulta na diminuição da acuidade visual. Uma pessoa com este tipo de deficiência terá dificuldade de atração e atenção visual a qualquer tipo de mensagem publicitária que não esteja exatamente a sua frente.

Como se vê, portanto, é fundamental levar em consideração que conceitos como o rastreamento ocular, os tipos de movimentos oculares, os limites de captura de atenção e a inércia atencional podem ser determinantes na memorização e no raciocínio de uma publicidade externa. Não basta, como comumente acontece, pensar somente na organização e na esquematização gráfica de uma publicidade.

Bibliografia

- Bleuler, E. (1950). *Dementia praecox or the group of schizophrenias*. Monograph series on schizophrenia. v. 1. New York: International University.
- Burtenshaw, Ken; Mahon, Nik; Barfoot, Caroline (2010). *Fundamentos de publicidade criativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Carlos, Ana Fani Alessandri (1994). *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP.
- César, Newton (2004). *Direção de arte em propaganda*. São Paulo: Futura.
- Drigo, Maria Ogécia; Souza, Luciana Coutinho Pagliarini de (2008). *Paisagem urbana como sistema de comunicação: um olhar para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Revista Pós, n. 28, jun.
- Kirkham, N. Z.; Cruess, L.; Diamond, A. (2003). *Helping children apply their knowledge to their behavior on a dimension-switching task*. Developmental Science, 6, 449-476.
- Klein, Ângela I.; Bulla, Julieane P. (2010). *Eye tracking e a linguística: aplicações e interfaces*. Letrônica, Porto Alegre, v.3, n. 2, p. 235-249, dez.
- Maia, Marcus (2008). *Processos bottom-up e top-down no rastreamento ocular de imagens*. Veredas on-line psicolinguística: Juiz de Fora, v. 2, p. 01-07.
- Mantegueiro, Ana Catarina Nicolau (2011). *A publicidade clandestina no audiovisual: um estudo de eye tracking*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Mendes, Camila Faccioni (2006). *Paisagem urbana: uma mídia redescoberta*. São Paulo: Editora Senac.
- Wilson, Rick T.; Baack, Daniel W.; Till, Brian D. (2015). *Creativity, attention and the memory for brands: an outdoor advertising field study*. International Journal of Advertising, v. 34 (2), p. 232-261. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02650487.2014.996117>, acessado em 29 de setembro de 2015.

Biografia

Publicitário. Pós-Doutorando em Comunicação pela ECA/USP. Doutor em Comunicação Sociopolítica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2010. Coordenador do Curso de Publicidade e Propaganda na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atuou nas principais agências de publicidade do estado do Rio Grande do Sul, nas áreas de criação e de planejamento. E, também, em agências de marketing político de São Paulo. Autor do livro Comunicação Política no Espaço Urbano, lançado em 2013, e de capítulos em 11 livros, publicados no Brasil e em Portugal. Possui, ainda, mais

de 90 artigos completos publicados em anais de congressos no Brasil, na América Latina e em Portugal. Parecerista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e das revistas Em Questão (UFRGS), Animus (UFSM), Signos do Consumo (USP) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (COMPOLÍTICA). Principais áreas de pesquisa: comunicação política, comunicação urbana, publicidade externa e paisagem urbana, rastreamento ocular em relação à publicidade externa na paisagem urbana, atenção visual e inércia atencional. Endereço eletrônico: sergiotrein@uol.com.br.

Os 400 anos da cidade de Belém e a memória indígena

Universidade Federal do Pará

Ivânia dos Santos Neves

Resumen

El 12 de enero de 2016, la ciudad de Belém , en la Amazonia , completó oficialmente 400 años de fundación. La conmemoración de este aniversario es un homenaje a la colonización europea en la región. En este artículo, trato de mostrar, como en este periodo, la memoria indígena de la ciudad se levantó en el graffiti en las paredes de la ciudad, a pesar del sistema colonial y sus actualizaciones. Tomo como referencias principales del concepto de dispositivo, propuesto por Michel Foucault y la enunciación fracturada formulada por D. Mignolo.

Palabras clave:

Sistema Colonial, Amazônia, dispositivo.

Resumo

Em 12 de janeiro de 2016, a cidade de Belém, na Amazônia, completou, oficialmente, 400 anos de fundação. A comemoração deste aniversário representa uma homenagem ao processo de colonização europeia na região. Neste artigo, procuro mostrar, como neste período, a memória indígena da cidade se insurgiu em grafites nos muros da cidade, apesar do sistema colonial e de suas atualizações. Tomo como referências principais o conceito de dispositivo, proposto por Michel Foucault (2005) e de enunciação fraturada, de D. Mignolo (2003).

Palavras-Chave:

Sistema colonial, Amazônia, dispositivo

Abstract

On January 12, 2016, the city of Belém, in the Amazon, completed officially 400 years of foundation. The commemoration of this anniversary is a tribute to the European colonization process in the region . In this article, I try to show, as in this period, the indigenous memory of the city rose up in graffiti on city walls, despite the colonial system and its updates. I take as main references the concept of device, proposed by Michel Foucault and fractured enunciation by D. Mignolo

Keywords

Colonial system, Amazônia, device



Sobre o aniversário da cidade

Na entrada de Belém, no recém-inaugurado Complexo viário do Entroncamento, única entrada rodoviária da cidade até 2015, uma série de pichações e grafites, aos poucos, estão ocupando os espaços cinzas das paredes que contornam as duas rodovias e os viadutos que formam o complexo. A imagem a seguir é um recorte deste espaço, onde aparecem algumas pichações: o enunciado verbal “Nós é índio”, ao lado de um grafismo indígena e de outro enunciado, menos compreensível ao público em geral, sigla de um coletivo de pichadores.



Figura 01: Entrada rodoviária de Belém 2015

Foto: Shirley Penaforte

As vésperas do aniversário do quarto centenário, a presença de grafites e de pichações envolvendo a pluralidade étnica da cidade multiplicou-se nos mais diferentes espaços da cidade. Chama bastante atenção a presença destes enunciados espalhados na caótica urbanidade de Belém. Simultânea a esta movimentação, a Prefeitura e o Governo do Estado organizaram uma grande comemoração de aniversário e anunciaram, inspirados no modelo de urbanidade parisiense, a “Cidade Luz da Amazônia”. Nas redes sociais, uma série de páginas criadas no Facebook e vídeos amadores postados no Youtube que contestam a ficcionalidade da cidade iluminada e europeia.

Estas contraditórias manifestações visibilizam uma das mais pulsantes tensões discursivas presente na construção das cidades latino-americanas. E se o aniversário toma como referência a data inicial da colonização lusitana, os 400 anos de história da cidade já complexificaram bastante o dualismo colonizador-colonizado. Podemos então pensar numa pluralidade étnica que envolve *a priori* povos indígenas, portugueses e africanos trazidos para cá como escravos, mas hoje, a presença de japoneses, sírios, haitianos, italianos, entre outros, somada aos usos sistemáticos das redes sociais, que dilui as fronteiras transnacionais e este dualismo resulta em uma simplificação.

Em 12 de janeiro de 2016, Belém, capital do estado do Pará, localizada na Amazônia brasileira, completou, oficialmente, 400 anos de fundação. A comemoração desta data, proposta por alguns setores da sociedade local representou, sem dúvida, uma homenagem ao processo de colonização europeia na região. Diferentes sujeitos construíram diferentes discursos para falar sobre a cidade e não foi um processo pacífico, nem igualitário, pelo contrário, foi marcado pelo silenciamento das memórias indígenas e africanas, pela imposição da língua portuguesa e da arquitetura colonial. Não haveria, portanto, um paradoxo entre esta comemoração agenciada pelo poder público e a pluralidade étnica da cidade?

Neste artigo, tratarei mais especificamente das memórias indígenas que emergiram em meio a este grande acontecimento, neste muro da entrada da cidade. Entendo, a partir das

formulações de Foucault (2005), o sistema colonial como um grande dispositivo, sempre atualizado pelas emergências da história.

Desde o início sistemático da colonização do continente americano, a cosmologia európea passou a delinear uma ordem hegemônica, que determina inclusive as línguas oficiais da ciência ocidental, que são todas europeias. Este processo contínuo e difuso foi sempre marcado pela resistência a esta ordem e entre outros efeitos, produziu nas sociedades latino-americanas uma condição de “estar ou sentir-se entre”:

A diferença colonial cria condições para situações dialógicas, nas quais se encena, do ponto de vista subalterno uma enunciação fraturada como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica. Assim, o pensamento liminar é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica. (MIGNOLO, 2003, p.11)

As condições de possibilidades deste momento de comemoração dos 400 anos evidenciaram as memórias indígenas, a partir desta perspectiva liminar, em meio à pluralidade étnica da cidade. Desde o início do século XIX, não existem mais sociedades indígenas organizadas na área metropolitana de Belém, mas não se pode negar a forte herança destas sociedades no cotidiano da cidade.

No Grão Pará, a população de fala portuguesa que por lá se instalou era extremamente reduzida: cerca de 150 indivíduos, na maioria soldados que chegaram em 1616 com Francisco Caldeira Castelo Branco. Um século depois, os portugueses na Amazônia totalizariam mil pessoas, enquanto os diferentes povos indígenas ainda continuavam a ser majoritários. Em 1720, os índios escravos e livres, integrados ao sistema colonial, eram aproximadamente 75 mil, excluídos aqui aqueles que permaneciam autônomos. (BESSA FREIRE, 2004 p.54)

Uma parte da sociedade local, neste momento, reivindicou nos muros e nas redes sociais o reconhecimento da descendência indígena e da descendência africana. Não se trata aqui de analisar o aniversário do quarto centenário como um acontecimento isolado, mas sim de compreender os processos históricos e culturais que fazem de Belém uma cidade latino-americana com todas as suas contradições.

As cidades não são apenas um limite geográfico, ou uma organização política definida, mas sim complexos processos históricos e culturais sempre inconclusos. Neste sentido, também entendo suas paisagens contemporâneas como significativos enunciados, um meio de produção de sentidos, portanto passivas às relações de poder. Nas formulações de Lucrécia Ferrara (2008, p.42):

Os índices materiais e formais constroem as cidades e permitem que sua imagem constitua a mídia mais eloquente e eficaz. Apreender essa mídia, considerando seus suportes construtivos, nos leva a constatar que, às características urbanísticas e funcionais de uma cidade, alia-se a dimensão comunicativa que faz com que a cidade surja sempre e, sobretudo nos dias atuais, de um lado, como eficiente mídia a sustentar as ambições e planos globais e, de outro, nos surpreenda pelas imponentes e inesperadas manifestações de vida que vão muito além da simples intenção midiática.

Para os diferentes sujeitos que moram em Belém, atualmente, a multifacetada paisagem da cidade é um construto midiático, mercadológico, mas é também o espaço onde constroem seus afetos e escrevem o seu cotidiano. Os processos de mediação agenciados por estes moradores estão produzindo dinâmicas singulares, baseadas na experiência muitas vezes imprevisível e contraditória com a cidade.



O sistema colonial/colonialidade como dispositivo e a construção das cidades

Como aconteceu com a grande maioria das cidades latino-americanas, Belém foi constituída a partir de uma pluralidade étnica, que começou com o genocídio de muitas sociedades indígenas. Lamentavelmente e “naturalmente”, a história, desde 1612, é contada pelos grupos que estiveram no poder. Do início da colonização europeia até os nossos dias, a história e a produção do conhecimento oficial viveu e vive sob a ditadura da palavra escrita ocidental, europeia, branca e suas poderosas verdades. Em meio a estes processos, cria-se uma ficção sobre os usos das línguas europeias, que se impõem como as únicas referências linguísticas possíveis.

Durante os longos séculos de colonização, neste continente, a construção das cidades representou uma das mais poderosas estratégias disciplinadoras das práticas culturais dos indígenas e dos povos africanos. Elas representaram o mais preciso ponto de inserção na realidade desta configuração cultural e se consolidaram como um modelo urbano de duração secular, ainda muito presentes na América Latina: a *cidade barroca*. (RAMA, 1985). A palavra europeia prescindia de novos espaços para a encenação de seus rituais. A arquitetura colonial com suas igrejas e suas escolas, muitas vezes construídas por sobre lugares indígenas sagrados, representa, hoje, em cidades como São Luís e Ouro Preto patrimônio cultural da humanidade.

Não houve um único sujeito responsável por conduzir este grande dispositivo de poder que é o sistema colonial, nem ele pode ser compreendido como um processo heterogêneo, sem atualizações. A partir do século XV, os Estados europeus, com seus exércitos e seus anseios de se tornarem impérios, as grandes empresas que começavam a surgir e desejavam abrir novas frentes de exploração econômica e a Igreja Católica com o objetivo de aumentar seu número de fiéis são alguns dos mais visíveis fatores que impulsionaram as práticas coloniais (NEVES, 2009). Para Michel Foucault, dispositivo é um determinado agrupamento de práticas, que constituem um sujeito em uma trama de saberes e em um jogo de forças que lhes são imanentes.

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2006, p. 244)

Uma das principais dicotomias que se estabeleceu entre colônias e metrópoles, sobretudo na América Latina, ainda hoje bastante presente, são as definições de moderno e anacrônico. Existe uma batalha entre as definições de “moderno” e “antigo”, cuja vitalidade, no entanto, é muito frágil e logo se exaure, pois esta não seja, talvez, um jogo de exclusões, mas sim de choques equilibrados, que não se excluem, mas se misturam, sem se fundirem ou se anularem, uma luta sem fim e sem vencedores. É possível entender a modernidade como um projeto político de dominação, que inclusive atravessa o tempo e chega ao século XXI bastante fortalecido.

Segundo D. Mignolo (2003, p. 80), o desenho do sistema mundial moderno começa com as grandes navegações ibéricas, “a conexão do Mediterrâneo com o Atlântico através de um novo circuito comercial, no século 16, lança as fundações tanto para a modernidade quanto para a colonialidade”. As relações de trabalho, econômicas e sociais desta nova ordem, um “moderno sistema mundial” começam a se desenhar neste momento. Para compreender as perspectivas das sociedades que se forjaram a partir destes processos é necessário

[c]ontar as histórias não apenas a partir do interior do mundo “moderno, mas também a partir de suas fronteiras”. Estas não são apenas contra-histórias ou histó-

rias diferentes, são histórias esquecidas que trazem para o primeiro plano, ao mesmo tempo uma nova dimensão epistemológica da, e a partir da margem do sistema mundial colonial/moderno, ou se quiserem, uma epistemologia da diferença colonial que é paralela à epistemologia do mesmo. (D. MIGNOLO, 2003, p.80)

O colonialismo lusitano não se extinguiu com o grito de Dom Pedro I, às margens do Ipiranga. Em 1822, agenciada pelos interesses ingleses, houve, na verdade, a independência de um grupo de portugueses e seus herdeiros, que fundaram o Império do Brasil. A outra colônia lusitana na América do Sul, cuja capital era Belém, a província do Grão Pará, não tinha relações políticas com o Brasil e a partir de uma abordagem bélica, contra a vontade da população local, foi violentamente incorporada ao novo império. Esta adesão fez eclodir uma grande revolta popular, a Cabanagem.

Em relação à Amazônia brasileira, a situação assumiu um caráter ainda mais dramático com a independência do Brasil. As teias do colonialismo na América Latina mudaram para as mãos de uma elite euro-americana, que ganhou vários novos contornos, mas manteve as práticas de colonialidade estabelecidas a princípio pelas metrópoles europeias. O fim da Cabanagem, em Belém teve como resultado uma redistribuição significativa da população da cidade, com a finalidade de evitar novos levantes. Também há de se considerar que uma grande parte dos cabanos ou fugiu para as cidades menores, ou foi assassinada pelo exército brasileiro. Para D. Mignolo (2003, p.129):

A colonialidade do poder deve ser distinguida do período colonial, que se estende na América Latina do início do século 16 ao início do século 19, quando o Brasil e a maioria dos países de língua espanhola conquistam a independência da Espanha e de Portugal e começaram a constituir-se em estados-nações. O colonialismo, como observa Quijano, não se extinguiu com a independência porque a colonialidade do poder e do saber mudou de mãos, por assim dizer, subordinou-se à nova e emergente hegemonia epistemológica: não mais a Renascença, mas o Iluminismo.

As Américas são conhecidas ideológica e politicamente como o “novo mundo” e estes continentes, mais do que qualquer tecnologia, são a grande “invenção” da modernidade. O moderno, no entanto, não se impõe sem luta e esta luta não é contra o “antigo” ou contra as “tradições”, mas sim uma luta pelo poder, uma batalha para desautorizar saberes e eleger outros sob o pretexto de uma lógica, legitimada por instituições e pessoas, uma luta pela subjetivação dos sujeitos, suas práticas e seu próprio corpo.

Este grande dispositivo, o sistema colonial, engloba o poder colonial das metrópoles europeias e a colonialidade, que representa sua atualização, com seus diferentes matizes, prossegue nas histórias das sociedades amazônicas e em muitas outras histórias da América Latina, a moeda colonialidade/modernidade continua a se atualizar e ela está intensamente presente, sobretudo nas ações do poder público na cidade.

A cidade latino-americana, suas contradições e suas paisagens

Em Belém, uma das principais referências da memória arquitetônica da cidade está relacionada às Igrejas Católicas mais antigas e aos edifícios coloniais, casarões, escolas, hospitais, prédios da administração pública. Assim como aconteceu com todas as primeiras cidades brasileiras, foram as paisagens europeias que se impuseram como uma espécie de memória oficial das cidades. Nossa olhar reconhece na arquitetura colonial o familiar histórico.

As cidades, as vilas e povoações da Amazônia nasceram, em geral, de antigas aldeias das missões e de fortalezas do período colonial, mas também de “currais de

índios” – uma espécie de arraial para abrigo temporário de tropas de descimento e resgates. Na segunda metade do século XVIII, seus habitantes, basicamente índios, tiveram que ajustar-se às novas diretrizes pombalinas para que, nas aldeias transformadas em vilas, as casas fossem construídas com “uniformidade e retinilidade”. (BESSA FREIRE, 2004, p.182)

Como aconteceu no litoral sudeste do Brasil, no Pará e no Maranhão viviam muitas sociedades Tupinambá, as primeiras contactadas pelos portugueses. A Igreja Católica, depois da experiência no Rio de Janeiro e na Bahia, já havia elaborado estratégias mais sofisticadas para lidar com estas sociedades indígenas, no início do século XVII. Em Belém, indígenas desta mesma sociedade, foram também perseguidos pelos portugueses, muitos morreram, mas, uma boa parte se rendeu à catequese e se incorporou à população pobre da cidade.

Se o sistema colonial, com suas igrejas, colégios e hospitais estabeleceu uma ordem de produção de sentidos para Belém, nas negociações cotidianas de sentido, as práticas culturais subalternizadas também encontram estratégias de se apropriar da cidade e a partir de suas lógicas de consumo e de sociabilidade. Nestes processos, a mediação estabelecida pelas imagens ocupou um significativo papel no processo de subalternização dos povos indígenas no Brasil, que continua a atualizar o sistema colonial. Os desenhos, as pinturas, as fotografias e mais recentemente as imagens em movimento foram e continuam sendo muito significativas nos processos de interação com as sociedades latino-americanas. Agora, nas redes sociais, ou mesmo nas luxuosas impressões de livros e revistas, ou ainda nos muros das cidades, estas imagens atualizam memórias, refutam e reforçam discursos sobre estas sociedades.

Nos acontecimentos que envolveram as comemorações dos 400 anos, a descendência europeia apareceu como uma verdade única na fala de muitos pesquisadores, de jornalistas, de professores e de uma parte considerável da classe média da cidade. Para estas pessoas, práticas culturais de matrizes indígenas ou africanas devem ser banidas da civilidade de Belém. Neste momento da história, as lideranças locais assumem o discurso da modernidade/colonialidade, pois elegem uma cultura superior como modelo de civilidade, vinculada às ideias do iluminismo francês. Este é um processo bastante recorrente na América Latina, como bem assinala D. Mignolo (2002).

A história, no entanto, no sentido que lhe atribui Foucault (2005) é descontínua. Isso significa que os discursos sobre a pluralidade étnica da cidade de Belém são nós em uma rede de memória, que se move. No momento atual, as lideranças políticas locais retomam o discurso da modernidade/colonialidade, mas nos anos de 1980, um governador chegou ao poder defendendo os ideais da Cabanagem, assim também como já houve um prefeito que se dispôs a realizar dois mandatos consecutivos embalados com os ideais cabanos.

A história se move e os discursos se constituem com momentos de visibilidade e de apagamento e, sem dúvida, a resistência dos Tupinambá à colonização, a grande resistência da Cabanagem e tantos outros micro acontecimentos, com suas regularidades e suas profundas dispersões, também se inscrevem na memória dos moradores da cidade.

Considerações finais

Nos muros e nas paredes espalhadas e espelhadas pela cidade, enunciadores e enunciados inconclusos constituem também uma Belém cosmopolita, assim, como a cidade enunciada nas redes sociais e interage num espaço transnacional, por isso já não podemos pensar em interlocutores que sejam apenas moradores, visitantes ou pesquisadores. Nas postagens da web, Belém se comunica com o planeta.

Neste grande universo de discursos, que muitas vezes se tencionam, há também uma série de sujeitos que reivindicam uma relação mais singular com a cidade, sem assumir a cidade europeia ou colocar numa posição de contestação. São pessoas interessadas em marcar um lugar para as suas origens, numa das grandes metrópoles da Amazônia.

Belém, hoje, desenha e redesenha suas paisagens e de forma geral é possível imaginar que seus moradores estabelecem um intenso vínculo de pertencimento à cidade. Os 400 anos estão produzindo sentidos fortemente administrados pela mídia, mas também se significam como uma experiência de mediação entre os belenenses.

Para finalizar, retomo os enunciados com que iniciei este artigo e entendo a condição de sua enunciação fraturada, este “estar entre” latino-americano de que fala D. Mignolo (2002): um enunciado em língua portuguesa, um grafismo indígena e a quase indecifrável sigla de um coletivo de pichadores. Fiz esta seleção, porque considero que a memória indígena desta grande metrópole deve ser entendida a partir desta perspectiva.

O discurso se materializa nos corpos, nas telas, na arquitetura, na comida. Ele vai muito além da palavra falada. Os dispositivos que instituíram o sistema colonial foram bastante rigorosos e estiveram presentes nas mais diferentes materialidades. Por outro lado, por mais violentos e rigorosos que tenham sido, sempre houve quem resistisse a eles. O olhar como gesto interpretativo estabilizou discursos, mas é também a partir do seu deslocamento que podemos, talvez, quem sabe, escrever e visibilizar outras histórias, que estejam além das línguas e da arquitetura europeias e dos grandes edifícios, feitas também com palha, grafismos indígenas, siglas de coletivos de pichadores e bytes.

Referências

- BESSA FREIRA, J.R. **Rio Babel**: a história das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: EDURJ, 2004.
- FERRARA, Lucrécia. **As mediações da paisagem**. Revista Líbero, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 43-50, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- MIGNOLO, Walter. Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985

Por detrás das grades outras cidades: a arte resistente de prisioneiras políticas do Peru

Universidade Estadual de Campinas

Monica Vasconcellos Cruvinel
moluka8@gmail.com

Resumo

A partir dos estudos da *biopolítica* desenvolvidos por Michel Foucault (2005, 2007, 2009) e posteriormente por Giorgio Agamben (2010), este trabalho pretende discutir como os Estados Modernos, simulacros de Estados de Direito, incluem determinados sujeitos na norma a partir da exceção/exclusão. Pretendo mostrar como o lugar das margens da cidade, embora muitas vezes “invisibilizados” e “silenciados”, são lugares reais, nomináveis e localizáveis. Neste artigo, trago um conjunto de três murais artísticos, criados por um grupo de prisioneiras políticas do Peru que, de alguma forma, participaram do conflito interno armado, entre os anos de 1980 e 1992. No Peru, ao contrário de outros países da América Latina, não houve amnistia, e muitas destas mulheres, condenadas por crime de “terrorismo” e estão sob os braços do Estado. Ainda que elas estejam sob os tentáculos do *biopoder*, elas mostram, como é possível, de maneira organizada, sistemática e estratégica, resistir a esta lógica da exceção, com uma vigorosa produção artística e intelectual que transforma o lugar heterotópico da prisão.

Palavras Chave:

Análise do Discurso, Mulheres, Cidade.

Resumen

A partir de los estudios de la *biopolítica* desarrollados por Michel Foucautl (2005, 2007, 2009) y posteriormente por Giorgio Agamben (2010), este trabajo desea discutir como los Estados Modernos, simulacros de estados de derecho, incluyen ciertos sujetos en la norma, por la excepción/exclusión. Pretendo mostrar como el lugar de las márgenes de la ciudad, aunque muchas veces “invizibilizados” y “silenciados”, son lugares reales, nominables y localizables. En este artículo, traigo un conjunto de tres murales artísticos, creados por un grupo de prisioneras políticas del Perú, que de alguna manera, participaron del conflicto interno armado, entre los años de 1980 y 1992. En Perú, diferentemente de los otros países de Latinoamérica, no hubo amnistía, y muchas de estas mujeres, condenadas por delito de “terrorismo”, están bajo los brazos del Estado. Aunque sigan bajo los tentáculos del *biopoder*, ellas muestran como es posible, de manera organizada, sistemática y estratégica, resistir a esta lógica de excepción, con una vigorosa producción artística y intelectual que transforma el lugar heterotópico del penal.

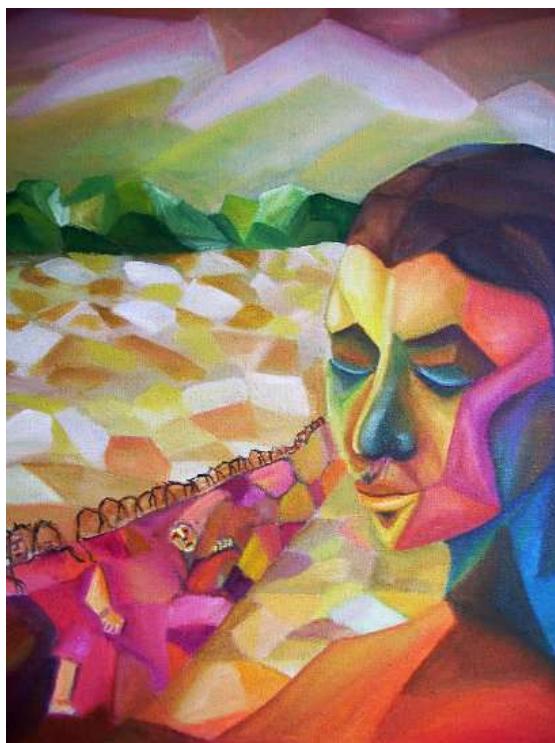


Figura 1 Taller de Arte y Artesania Nueva Semilla

A heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis.
 (Foucault, 2006)

Quando eu cheguei à prisão encontrei uma vida diferente. Era uma vida toda organizada, tudo em seu respectivo momento, tudo em seu respectivo lugar. Era a sociedade que desejamos. Uma sociedade nova. Essa que falam os cristãos. Um mundo novo, mas que se faz na terra, obra dos homens. E eu conheci esta sociedade quando eu fui presa.
 (Prisioneira política do Peru, 2012)

Nas mais diferentes culturas e sociedades, ao longo do tempo “longo” da história, muitos são os sujeitos localizados às margens da **cidade**. E se pensarmos apenas na sociedade ocidental, em todas as épocas, determinados sujeitos foram colocados, calculadamente, em muitas margens, por sofisticados mecanismos de poder. Estar nas margens é **estar em um lugar na cidade**. Não apenas um lugar simbólico ou imaginário, mas um lugar inscrito no real, um lugar possível de ser localizado concretamente, ainda que este lugar seja um “lugar de passagem”, “invizibilizado”, cujos sujeitos que o habitam devam ser disciplinadamente docilizados, silenciados, geridos e incluídos em uma ordem pela exclusão.

No livro *a História da Loucura* (2000), Foucault nos mostra como desde a Idade Média a sociedade ocidental exclui violentamente seus sujeitos indesejados. A princípio, eram criados locais em terra firme, que margeavam as cidades para circunscrever, isolar, prender e exterminar leprosos, portadores de doenças venéreas, pobres, criminosos, transgressores e vagabundos, entre outros sujeitos. Na Renascença, a ideia de margem se expande. E de maneira perversa, a água que envolve o continente, passa a ser utilizada como margem do próprio continente também. Assim, sobre as águas de rios e mares, estranhas barcas deslizam entre as cidades, carregando a massa de sujeitos indesejados, que foram expulsos

da sociedade sob a chancela da loucura. É a *Nau dos Loucos*, revelando que há um interior no exterior (FOUCAULT, 2000:12), e este é o lugar da margem, este é o lugar da exceção.

Se girarmos no tempo e no espaço e chegarmos nas sociedades capitalistas contemporâneas, em que os processos econômicos e os poderes que os sustentam atuam e operam através da segregação e da hierarquização social, criando efeitos de dominação e hegemonia; poderemos observar que muitas são as margens construídas no interior de continentes, ilhas, mares e rios, constituindo-se em lugares “exteriores” e marginais aos lugares que ocupam os sujeitos que dominam os poderes. Poderes que são exercidos através dos aparelhos do Estado, que garantem, segundo Foucault (2007:153):

a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de biopolítica, inventados no século XVIII, como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades).

Os sujeitos excluídos da cidade são diferentes de acordo com os interesses políticos de cada momento histórico. Mulheres, homossexuais, negros, índios, latinos, camponeses, operários, nordestinos, transexuais, judeus, pobres, loucos, colonizados, palestinos, favelados, muitos são os sujeitos indesejáveis, mas “nomináveis”, que precisam ser docilizados, disciplinados, controlados, excluídos e silenciados em uma sociedade “governada” pelo poder sobre a vida - o bio-poder (FOUCAULT, 2007:153). E ainda que os tentáculos da *biopolítica* estejam atuando violentamente nos Estados Modernos, simulacros de Estados de Direito, definindo quais são os sujeitos que devem ser incluídos na norma, pela exceção/exclusão (AGAMBEM, 2010), definindo que sujeitos devem habitar as margens, há sempre espaço para a resistência. Resistência do sujeito em relação ao poder que o atinge diretamente e também a resistência dos sujeitos que se organizam em grupos, com seus pares e fundam na fraternidade (KEHL, 2000) as possibilidades de resistirem, estrategicamente, aos poderes estabelecidos e navearem por entre as margens para ocuparem novos/outros/muitos espaços “visíveis” e legítimos na sociedade.

Neste trabalho, pretendo discutir como a arte produzida por prisioneiras políticas do Peru, transformam o espaço heterotópico da prisão e (re)significam o espaço simbólico que estas mulheres ocupam na cidade de Lima.

A Guerra

Antes de visitar o Peru, eu sabia da existência de *Sendero Luminoso* mas, por ignorância, eu não sabia que, na verdade, *Sendero Luminoso* era a designação que as forças contrarrevolucionárias haviam dado para a fração maoísta do Partido Comunista do Peru, que havia dirigido, entre os anos de 1980 e 1992, a Revolução naquele país. Em meu imaginário, *Sendero* era constituído por um pequeno grupo de insurgentes (homens!), os quais haviam se organizado em guerrilhas, que utilizavam a violência e o terror indiscriminados para lutar contra os poderes do Estado peruano. Não sabia da duração do conflito, nem de suas dimensões de guerra interna. Não tinha a menor ideia de que, conforme esclarece o documentário de Judith Veléz (2011), dois terços do país haviam sido ocupados e decretados por *Sendero* como zonas liberadas e que, o Partido Comunista do Peru, ficou muito próximo de conquistar o poder, até que, em 1992, com ajuda direta da Inteligência dos Estados Unidos, o Estado Peruano captura quase todos os dirigentes do Partido. Também foi uma surpresa tomar conhecimento de que a incorporação feminina no processo revolucionário, foi uma das maiores da América Latina. Segundo a própria Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru, 40% dos insurgentes eram mulheres. Se compararmos com a participação feminina nos grupos armados de esquerda, no Brasil, na época da ditadura militar, podemos verificar



como este número é significativo. Segundo Joffily (2011:221), em nosso país, a incorporação feminina na luta armada contra a ditadura, está estimada entre 15% e 18% do total de militantes.

Embora a guerra interna, com armas, tenha terminado oficialmente em 1992, com a captura dos membros do Comitê Central do Partido Comunista do Peru e com o início de conversas entre o Estado e os membros dirigentes do partido sobre um possível acordo de paz - no Peru, ao contrário de outros países da América Latina, não houve anistia. As prisioneiras e os prisioneiros políticos continuam presos e, segundo relatório final da Comissão da Verdade e Reconciliação do Peru (2003, Tomo VI, p. 275-314), *doravante* CVR, eles foram sentenciados por crime de terrorismo e traição à pátria, no período entre 1983 e 2000, geralmente quando o país se encontrava em Estado de Emergência, ou seja, com a suspensão do Estado de Direito. Deste modo, muitos deles foram sentenciados em tribunais militares “sem rosto” (secretos), sem a presença de seus advogados e, muitas vezes, assumiram “culpas” sob tortura. Receberam penas superiores a 25 anos, ou perpétua (no caso de se serem dirigentes do partido) e estão condenados a pagarem reparações civis que ultrapassam a casa dos milhares de soles. Além disso, segundo a CVR morreram por volta de 70.000 pessoas durante a guerra e há no país em torno de centenas de requisitórias, que afetam por volta de 17.000 pessoas, ou seja, estas pessoas estão sob ordem de detenção, com seus direitos civis e políticos suspensos e podem receber voz de prisão ainda hoje. A guerra não acabou!

Apesar da Comissão da Verdade e Reconciliação (2003) ter recebido este nome, não houve, entre os seus membros, nenhum representante da fração do Partido Comunista do Peru, conhecida como *Sendero Luminoso*, tampouco de outras organizações que na época da guerra, também tenham se levantado em armas contra o Estado. Fica bastante difícil entender como a sociedade peruana pôde negociar esta “verdade” e esta “(re)conciliação” tão necessária sem a participação de representantes de todos os atores envolvidos. Os próprios argumentos numéricos de vítimas, mortos, assassinados, torturados e desaparecidos apresentados pela CVR são controversos ou, ao menos, contestados pelos presos políticos.

Não pretendo aqui esgotar as discussões sobre a Guerra Popular do Peru e seus desdobramentos. O fato é que esta é uma história de um tempo presente, que, apesar dos mortos e desaparecidos, da violência cruel e sangrenta de ambas as partes, dos impactos que o país ainda sofre pelos mais de vinte anos de conflito interno armado, o Partido Comunista do Peru, *Sendero Luminoso*, foi derrotado. E sabemos que a história oficial é sempre contada pelos vencedores.

O objetivo do presente trabalho é mostrar como mulheres, atuais prisioneiras políticas no Peru, acusadas por crime de terrorismo pelo Estado, conseguem fazer memória e história, a partir de práticas coletivas de resistência, que (re)significam e (des)locam a margem que habitam na cidade. Estas mulheres operam, de maneira estratégica, rupturas e deslocamentos nas interpretações e nos sentidos que circulam sobre a guerra, através de uma vigorosa produção artística, que o Estado não consegue silenciar, tampouco invisibilizar.

Encontramos tanto na história do Peru, quanto na história do Brasil fatos, documentos, registros, fotografias, vídeos, monumentos e alguns escombros que comprovam que é prática de nossos Estados modernos, ditos democráticos, explodir seus presídios, com ou sem seres humanos dentro deles, para exterminar com qualquer vestígio de que ali, naquela margem da cidade, existia um aparato (in)visível do Estado, que isolava, controlava, vigiava, disciplinava, torturava e assassinava os sujeitos indesejáveis que ali habitavam. Desse modo, justifico este trabalho pensando nele como uma possibilidade de deixar registrado nestas margens da Academia, uma pequena amostra da produção artística de mulheres que, até maio de 2016, momento em que submeto este texto para publicação, encontram-se presas em Lima (Peru), no Estabelecimento Penitenciário de Piedras Gordas, Ancón II. Um presídio de segurança máxima, concreto, visível, localizado em uma margem da cidade, em que presas políticas resistem contra a lógica dos Estados Modernos, de serem incluídas na norma pela exceção/exclusão, através de práticas incansáveis de resistência.

Abrindo trincheiras de combate

Ainda que nem todas as prisioneiras e ex-prisioneiras políticas do Peru tenham, de fato, participado de alguma maneira deste importante processo revolucionário da América Latina, TODAS foram acusadas pelo Estado por crime de terrorismo. É bastante interessante observar que, em muitos dos discursos destas mulheres (discursos que circulam na mídia, em documentos do partido, em cartas abertas e testemunhos), elas costumam se referir à “prisão”, utilizando o termo “trincheira”. Verificamos aí um importante e significativo deslocamento de sentidos. No Dicionário Aurélio *On Line*, encontramos as seguintes definições:

Trincheira: s.f. Escavação aberta no solo no sentido longitudinal: abrir uma trincheira./ Fosso que permite, durante o combate, a movimentação da tropa e tiro coberto do inimigo.

Prisão: s.f. Ação de prender alguém, de o privar da liberdade. A palavra também é usada para referir-se ao local onde as pessoas ficam presas.

Este gesto de disputa de sentidos para designar o local marginal em que estas mulheres se encontram circunscritas na cidade, evidencia a batalha que elas travam, enquanto sujeitos, com o Estado e com toda a parte da sociedade que junto com ele, condena, segregá e estigmatiza estas mulheres como “terroristas”. Para o Estado, elas estão “presas”, “privadas de liberdade”, isoladas, excluídas, banidas do grupo social. Condenadas ao silêncio e à invisibilidade. Expropriadas do direito à memória, apagadas da história. Para as prisioneiras políticas, elas estão em um espaço de “combate com o inimigo”. Um espaço que embora seja limitado, permite que elas se “movimentem” e se “desloquem” através da resistência. E para além da disputa de sentidos, estas mulheres se estabelecem, de fato, em uma “trincheira de combate”, na qual (re)afirmam suas vidas, suas práticas, suas lutas e suas posições ideológicas, através de uma arte resistente. Aproveitam as brechas que escapam de todo o aparato Repressivo do Estado, que as mantém à margem, na lógica da biopolítica e, de forma organizada, planejada, estratégica e sistemática, vão deixando marcas na história, pequenas evidências que permitem que fiquem registradas suas existências e suas lutas, para que Outros sujeitos, destas e de outras gerações tenham também o direito a interpretar.

Em outubro de 2010, as prisioneiras políticas “localizadas” no Estabelecimento Penal Anexo de Chorrillos, comemoraram o X aniversário de funcionamento do *Taller de Arte y Artesia Nueva Semilla*. Nesta ocasião, promoveram a primeira exposição pictórica do Projeto Mural “*Mujer en La Historia*”. De acordo com a publicação “Primera Exposición Pictórica” (2010), produzida e distribuída pelas próprias prisioneiras durante a exposição, o projeto tinha como objetivo realizar três conjuntos de murais, que abarcassem os períodos históricos do Peru: 1) a pré-história, as culturas pré-incaicas e o Império Incaico; 2) a Conquista espanhola, a Colônia e a Emancipação; 3) a Independência, a República e o século XX. O Projeto também era uma resposta ao Estado, à mídia hegemônica e a uma parte da sociedade peruana que promovem, sistematicamente, campanhas contra a liberdade dos prisioneiros e prisioneiras políticas. Era também uma resposta à perseguição, repressão e prisões arbitrárias que sofrem sujeitos peruanos, que se manifestam publicamente pelos Direitos Fundamentais e pela Anistia de prisioneiros políticos. Assim, depois de estudarem com afincos um pouco da história peruana, buscaram encontrar aí, o papel da mulher. Com a ajuda de voluntários, especialistas, professores e professoras, estudantes de arte, empreenderam o projeto do primeiro conjunto dos murais. Segundo a publicação acima mencionada (2010:4):

Concebimos la idea de pintar un mural porque siendo todas las que pintamos sencillamente aficionadas, creímos que en un trabajo colectivo podríamos rendir lo que no rendimos individualmente, complementando las deficiencias de cada una, aprendiendo todas de todas; más aún, siendo parte de las sin voz en el Perú, por



años y por rejas contenidas, sentimos muchas ganas de hablar a muchos. Y, como el mural es colectivo, llega a mucho y cuenta historias, quisimos contar con él nuestra historia de mujer.

A arte



Figura 2 – Taller de Arte y Artesanía, I PANEL: MUJER EN LA PREHISTORIA (2010).
Óleo sobre tela, 2 X 3 m



Figura 3 – Taller de Arte y Artesanía, II PANEL: MUJER EN LAS CULTURAS PREINCAICAS (2010).
Óleo sobre tela, 2X3 m

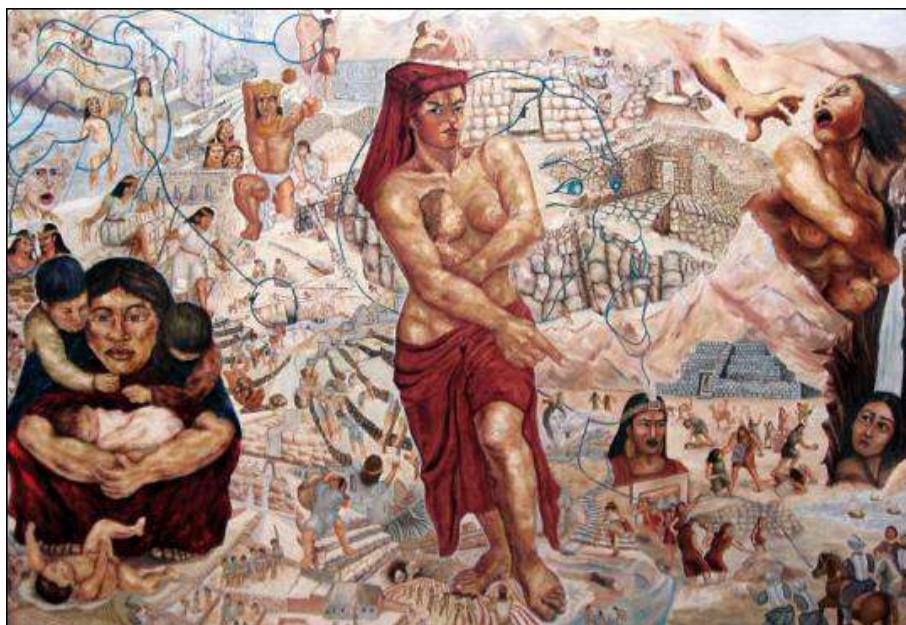


Figura 4 – Taller de Arte y Artesanía, III PANEL: MUJER EN EL IMPERIO DE LOS INCAS (2010).
Óleo sobre tela, 2X3 m

Breves considerações

Neste trabalho, optei por tentar criar um espaço outro de escuta e olhar para estas mulheres com as quais trabalho, que são sujeitos de minha pesquisa de doutorado e que, não sem dor, alegria, medo, valor, coragem, ternura e generosidade, ousaram e ainda ousam tomar a palavra, o corpo e as artes para fazerem história, memória e resistência. Segundo Endo (2012:505):

Aquele que testemunha, como poeta épico, que assume para si o risco psíquico, social e político por sua palavra, não raro, é aquele que, tendo sido subjugado pelo tirano, pelo ditador ou pelo caudilho, não é mais do que aquele que reivindica uma nova origem, um novo começo.

Também optei por não deixar registrado uma única interpretação (minha, datada e situada) das obras de arte que selecionei para este diálogo. Judith Butler (2010:26-27), referindo-se aos prisioneiros de Guantánamo, afirma que a arte que prisioneiros de guerra produzem em confinamento, quando conseguem “evadir” as grades e muros da prisão, embora não consigam libertar ninguém, permitem que os fatos sejam (re)contextualizados e (re)interpretados pela sociedade, provocando “llamamientos a la justicia y al fin de la violencia”.

Depois de circular por algumas cidades no Peru, a exposição dos murais, aqui apresentada, foi censurada, interditada e fechada pelo Estado peruano, com a justificativa que era uma exposição que fazia apologia ao “terrorismo”. Não tenho informações se as obras foram confiscadas e/ou preservadas. Assim, espero que, ainda que margeadas por minhas palavras, as palavras destas mulheres, que estão “plasmadas” nestas obras de arte, possam se deslocar por infinitas cidades.



RELACIÓN DE AUTORAS DEL PROYECTO MURAL
"LA MUJER EN LA HISTORIA PERUANA"

PINTORAS	DETENIDA EN	CONDENA	TIEMPO EN RECLUSIÓN
1. Dominguez Berrospi Margot	1993	30 AÑOS PPL	19 AÑOS
2. Guevara Sarmiento Delia	1993	23 AÑOS PPL	Libertad 2011
3. Yparraguirre Revoredo Elena	1992	Cadena Perpetua	20 AÑOS
4. Vallejo Vasquez Sara	1993	25 AÑOS PPL	19 AÑOS
5. Mejia Ramos Nancy	1993	30 AÑOS PPL	19 AÑOS
6. Galván Montero Judith	1994	20 AÑOS PPL	18 AÑOS
7. Córdova Alzamora Carolina	1993	30 AÑOS PPL	19 AÑOS
8. Liendo gil Margot	1988	25 AÑOS PPL	24 AÑOS
9. Venturo Rios Marisol	1993	20 AÑOS PPL	19 AÑOS
10. Salas La Cruz Rosa	1993	25 AÑOS PPL	19 AÑOS
11. Rodriguez Neyra Yeni	1999	33 AÑOS PPL	13 AÑOS
12. Hinostroza Huacachi Elisa	1999	20 AÑOS PPL	13 AÑOS

CERAMISTAS

13. Gonzales Olarte Silvia	1995	26 AÑOS PPL	17 AÑOS
14. Espinoza Vinces Yohany	1993	27 AÑOS PPL	19 AÑOS
15. Zambrano Padilla Laura	1992	Cadena Perpetua	20 AÑOS
16. Espino Salinas Miriam	1995	25 AÑOS PPL	17 AÑOS
17. Sedelmayor Armas Adelinda	2011	Procesada	
18. Cabanillas Contreras Ayma	1994	18 AÑOS PPL	Libertad 2012

TEJEDORAS Y TALLADORAS

19. Trujillo Agurto Victoria	1989	25 AÑOS PPL	23 AÑOS
20. Quiñonez Colchado Iris	1993	28 AÑOS PPL	19 AÑOS
21. Garrido Lecca Risco Maritza	1992	25 AÑOS PPL	20 AÑOS
22. Arango Chávez Maruja	1995	Cadena Perpetua	17 AÑOS
23. Infante Yupanqui Maritza	1994	20 AÑOS PPL	18 AÑOS

"Todo acto o voz genial viene del pueblo y va hacia él"

E-mail: taanuevasemilla@hotmail.com

Figura 5 – Relación de Autoras del Proyecto Mural – “La Mujer en La Historia Peruana”

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. (Tradução de Henrique Burigo). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BUTLER, J. *Marcos de Guerra: Las vidas lloradas*. (Tradução de Bernardo Moreno Carillo). Buenos Aires, Barcelona, México: Editora Paidós, 2010.
- Comisión de la Verdad y Reconciliación de Perú. *Informe final*. Peru, 2003. Disponível em: <http://www.cverdad.org.pe/ifinal/index.php>. Acesso em: 22/3/2014.
- ENDO, P. Ruínas da palavra: vida nua, estado de exceção e testemunho. In: ARAUJO, N. V.; MILÁN-RAMOS, J. G.; MORAES, M. R. S. (Org.). *De um discurso sem palavras*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. (Tradução de José T. Coelho Netto). São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

- _____ **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976).** (Tradução de Maria E. Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____ **História da Sexualidade – a vontade de saber 1.** (Tradução de Maria. T. C. Albuquerque). São Paulo: Edições Graal Ltda, 2007.
- _____ **Microfísica do Poder.** (Tradução de Roberto Machado). São Paulo: Edições Graal Ltda, 2009.
- JOFFILY, M. Os nunca más no cone sul: gênero e repressão política (1984-1991). In: PEDRO, J. M.; WOLFF, C. S.; VEIGA, A. M. (Org.). **Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- KEHL, M. R. (2000). Existe a função fraterna? In: KEHL, M. R. (Org.). **Função Fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- ROSA, G. *A terceira margem do rio.* Disponível em: <http://www.releituras.com/guimaraosamargem.asp>. Acesso em: 20/3/2014.
- Revista del Movimiento Hijas del Pueblo. **Rimariyña Warmi – Habla Mujer.** Año 2. N. 3, IV Etapa, 2010.
- Taller de Arte y Artesanía “Nueva Semilla”. **Primera Exposición Pictórica. Proyecto Mural: “La Mujer en la Historia”.** Chorrillos, Lima, Perú. Publicação distribuída pelas prisioneiras durante exposição dos murais, 2010.
- Taller de Arte y Artesanía “Nueva Semilla”. Disponível em: <http://tallerdearteyartesanianuevasemilla.netau.net/index.html>. Acesso em: 3/3/2014.
- VÉLEZ, J. **1509 Operación Victoria.** Documentário peruano sobre a captura do líder do PCP, Abímael Guzmán. Ano de Produção: 2011. Direção: Judith Vélez.. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JkKBn2cjLNI>>. Acesso em: 14/7/ 2012.

Ciudad de Desarrollo, Ciudad de Subdesarrollo: concepciones representadas en mapas sociales por estudiantes de comunicación social - periodismo en la UPB Medellín

Universidad Pontificia Bolivariana

Juan David Zapata-Agudelo
juand.zapata@upb.edu.co

Resumen

Esta ponencia presenta algunas reflexiones derivadas de la sistematización del material surgido una actividad de clase realizada en los último seis años en el curso de Comunicación para el Desarrollo I de la Facultad de Comunicación Social - Periodismo de la UPB de Medellín, del que el autor es orientador. En la experiencia mencionada se recogen las percepciones que los estudiantes tiene de la ciudad a partir de las nociones de desarrollo y subdesarrollo mediante la construcción de mapas parlantes hechos por los jóvenes.

La actividad de clase se realiza como diagnóstico inicial de la concepción que los estudiantes tienen de las nociones de desarrollo y subdesarrollo, además de identificar el grado de conocimiento de la ciudad que habitan. El vínculo entre desarrollo y ciudad es de suma relevancia, en particular por las características de alta concentración de población urbana que se presenta en América Latina.

El corpus para la sistematización y el análisis está compuesto por 22 mapas que registran la noción de desarrollo y 22 que refieren al subdesarrollo. Estos 44 mapas contienen registro tanto iconográfico como textual, por lo tanto el abordaje metodológico fue de tipo cualitativo-interpretativo y se implementó como método el análisis de contenido de los elementos consignados en los mapas.

En términos generales, la sistematización evidencia una marcada concepción de desarrollo vinculada a la infraestructura en una dimensión físico-espacial de la vida urbana y a los valores sociales universales promovidos por los discursos políticos del mundo moderno occidental (seguridad, salud, educación, etc); en tanto hay fuertes vínculos de la noción de subdesarrollo con diversas problemáticas sociales históricas y comunes en Medellín, valoradas como negativas o bien por las rupturas sociales que generan en sí mismas o por los discursos emanados de las ideologías políticas hegemónicas en el ideario moderno occidental.

Palabras clave:

Comunicación; Ciudad; Desarrollo; Cartografía social; Estudiantes universitarios.

Abstract

During the last six years the autor has been the academic adviser for students taking the course Communication for Development 1 at Universidad Pontificia Bolivariana Sede Medellín, and lead the systematization of material originated in class activities. This paper explains the reflections derived from the aforementioned experience, which includes



the gathering of students' perception of the city based on development and underdevelopment notions, throughout the production of sound mapping.

The class activity is held as an initial diagnose for the conception that students have for development and underdevelopment notions, and as a means to identify their knowledge of the city they inhabit. The link between development and city is crucial, especially for the high urban population rates that take place in Latin America.

The systematization corpus and its analysis results include 44 maps – 22 for development, 22 for underdevelopment- with both iconographic and textual content. Therefore, the implemented methodological qualitative-interpretative approach included the content analysis on the mapping data.

In general terms, the systematization evidence a tendency to the conception of development as linked to infrastructure in a physical-space dimension of urban life, and to universal values promoted by the political discourse of modern western world – security; health; education, etc. - . Whereas, the notion of underdevelopment is highly associated with diverse and common socio-historical quandary in Medellín, which have been negatively valued due to the social disruption produced by those problems, or due to the discourse originated from hegemonic political ideologies of modern western world values and beliefs.

Keywords:

Communication; Urban areas; Development; Social mapping; University students.

Introducción

Esta ponencia presenta una reflexión sobre una parte de los resultados surgidos del trabajo de sistematización de una actividad de representaciones en mapas sociales sobre la percepción del desarrollo y subdesarrollo en la ciudad de Medellín por parte de los jóvenes que participaron de los cursos de Comunicación para el Desarrollo de la Facultad de Comunicación Social - Periodismo de la Universidad Pontificia Bolivariana servidos por el autor durante los últimos 6 años.

Esta comunicación busca evidenciar tanto las concepciones de los jóvenes en lo que ya se anotó, como las reflexiones que el autor ha elaborado sobre los resultados del ejercicio de sistematización. Por cuestiones de enfoque y extensión no se presentan acá otros resultados emergidos del ejercicio de sistematización, por ejemplo lo relacionado con el análisis georeferenciado.

Aunque en su origen y devenir, la comunicación asociada al desarrollo o a la transformación y el cambio social ha tenido un claro énfasis en procesos rurales, cobra cada vez mayor pertinencia en los procesos de la ciudad, particularmente en América Latina donde, según proyecciones de la CEPAL (ONU, 2013:43), en el año 2015 el 80.9% de la población habitaría en zonas urbanas. El reconocimiento de las concepciones de los comunicadores sociales en formación, permite obtener pistas sobre nuevas maneras de abordar, tanto conceptual como metodológicamente, los procesos de enseñanza-aprendizaje en esta materia.

Marco de referencia

Ámbitos de la comunicación para el desarrollo: lo fáctico, lo virtual, lo utópico

La comunicación para el desarrollo, para el cambio o la transformación social, debe ser repensada: no basta con cambiarle de denominación, tampoco basta con pensar un cambio promovido desde la comunicación misma en vínculo con los procesos de acciones o intervención para el desarrollo. El papel de los comunicadores en ese campo es limitado no solo porque, de manera general, aún se piense en una comunicación instrumental y difusiónista sino porque, al menos en Colombia, la concepción de desarrollo continúa arraigada a las ideas tradicionales, en particular al enfoque clásico que Escobar (2002) formulara como Teoría Liberal.

Entre tanto, podemos plantear que tanto el desarrollo como la comunicación asociada a este, se mueve en tres ámbitos diferentes de existencia: lo fáctico, lo virtual y lo utópico. Lo primero hace referencia a lo que sucede, es la cotidianidad misma, es el diario vivir, el mundo del poder, de las marginalidades, de las violencias. Lo segundo, refiere a lo aparente, al deber ser, a las potencialidades socio-políticas y se inscribe en el mundo de la norma, de los corpus teóricos, de las doctrina. Y el tercero refiere a los sueños, a los deseos irrealizables, a los absurdos socio-políticos: solidaridad, tolerancia, honestidad entre los seres humanos.

Ahora, si lo vemos bien, en cuanto al primero el mundo moderno occidental, como humanidad, ha fracasado respecto a los otros dos; en cambio, respecto al segundo, tenemos un triunfo parcial y, también, importantes fracasos: hay países que han logrado llevar la vida cotidiana a condiciones generalizadas de vida digna, pero hay algunos países -la mayoría- que no logran esos niveles. Pero, al menos, el discurso está decretado y configura la mayor parte de los sistemas político-institucionales y de los discursos normativos del mundo. Respecto al tercero, sigue siendo una posibilidad y, por lo tanto, continúa haciendo parte del sueño.

Un nuevo concepto de desarrollo y una comunicación diferente

Las posibilidades de una nueva concepción y unas nuevas prácticas de acción o intervención para desarrollo, existen. En perspectiva teórica, tanto los enfoques de desarrollo desde la Teoría Liberal, la Teoría Crítica o Teoría Posestructuralista (ESCOBAR, 2008) ya han sido superadas. Los conceptos de Desarrollo a Escala Humana de Manfred Max-Neef (1993), la del desarrollo como instrumento de la libertad del profesor Amartya Sen (2000), los diversos planteamientos en perspectiva del desarrollo sostenible y/o sustentable o la muchas que también se han presentado como alternativas al desarrollo, dieron pasos mas allá de las ideas económico-estadísticas de las miradas clásicas.

Si es necesario hacer cambios en los asuntos del desarrollo, bien como concepto o bien como práctica, se puede pensar que es central pensar de lleno, en un desarrollo que tenga en términos de la vida del ser humano y del mundo en el que está inmerso y en esa dirección cabría asumir como una mirada adecuada la concepción del desarrollo a partir de la mirada que la profesora María Cecilia Múnera López ha propuesto, en la que lo plantea “una construcción socio-cultural múltiple, histórico y territorialmente determinada” (MÚNERA L, 2007:108), como una resignificación del desarrollo mismo.

Con la comunicación el devenir no ha sido muy diferente. Desde las ideas sobre la difusión de innovaciones, del mercadeo social, de los medios de comunicación popular para la lucha de clases, de la relación comunicación-educación como mecanismo de formación para la ciudadanía y hasta las mismas ideas de comunicación para el desarrollo el cambio y/o la transformación social, las concepciones y prácticas siguen atadas a la dimensión funcional-instrumental para la persuasión y la información: una mirada muy moderna. Pero cuando se piensa en una nueva comunicación en relación al desarrollo, el reto es hacer que la comunicación esté en medio del desarrollo: en medio de, no como medio para.



Metodología

El proceso metodológico del ejercicio de sistematización, en particular de la parte que interesa a esta ponencia, se abordó desde un enfoque cualitativo-interpretativo que permitiera dar cuenta de las significaciones representadas por los jóvenes en los mapas.

De la actividad participaron cerca de 170 jóvenes, estudiantes de la Facultad de Comunicación Social - Periodismo de la UPB, quienes distribuidos en grupos de 8 personas construyeron 44 mapas parlantes, 22 en los que se representaba la ciudad del desarrollo y 22 con la ciudad del subdesarrollo. Cabe aclarar que de ese corpus, solo se expone acá el análisis de los elementos que se asumieron, en sí mismos, como caracterizadores de las nociones de desarrollo y subdesarrollo y se excluye, por ejemplo, la dimensión geográfica de los mismos, pues no es el aspecto que nos interesa revisar acá.

Los jóvenes consignaron los elementos representativos utilizando diferentes formas de expresión gráfica: en algunas ocasiones usaron una iconografía convencional urbana; en otras, convenciones acordadas por ellos mismos y, también, se hicieron registros utilizando textos. No obstante la diversidad de formas expresivas, todas ellas son representaciones gráficas cargadas de significado, por ello se formuló como método de lectura y de interpretación el análisis de contenido.

La lectura inicial de los mapas se hizo en dos dimensiones. En primer lugar, cuando los registros eran de carácter textual o iconográfico convencional, se asumieron como tales, con el significado denotativo de los mismos; de otro lado, cuando el registro correspondía a elementos gráficos no convencionales, se le asignó un término genérico de acuerdo a la noción sobre la que se trabajaba, por ejemplo, a la figura de un balón de fútbol en el mapa del desarrollo se le asignó el término deporte o a la figura de un arma de fuego en el mapa del subdesarrollo se le asignó el término violencia.

Se realizó luego una clasificación de los términos extraídos de los mapas y se asumieron como atributos asociados al desarrollo/subdesarrollo, se hizo un conteo básico de los mismos para identificar la recurrencia de los mismos en los mapas. y, finalmente, se clasificaron en unidades analíticas genéricas que dieran cuenta de cuáles de los diversos aspectos que implican la vida urbana, se asocian a la noción de desarrollo y cuáles a la de subdesarrollo.

Análisis

Elementos asociados a la noción de desarrollo

En cuanto a este aspecto hay reseñados términos o elementos gráficos en tres niveles diferentes de recurrencia: El primer grupo de recurrencias agrupa tres unidades analíticas y representa el 59% del total de los atributos reseñados en los mapas; un segundo grupo de recurrencias reúne, también, tres unidades analíticas y equivale al 26% del total de los registros; y el tercer grupo de recurrencias está compuesto por cinco de las unidades, pero sólo suma un 15% de lo consignado por los jóvenes (Ver gráfico 1).

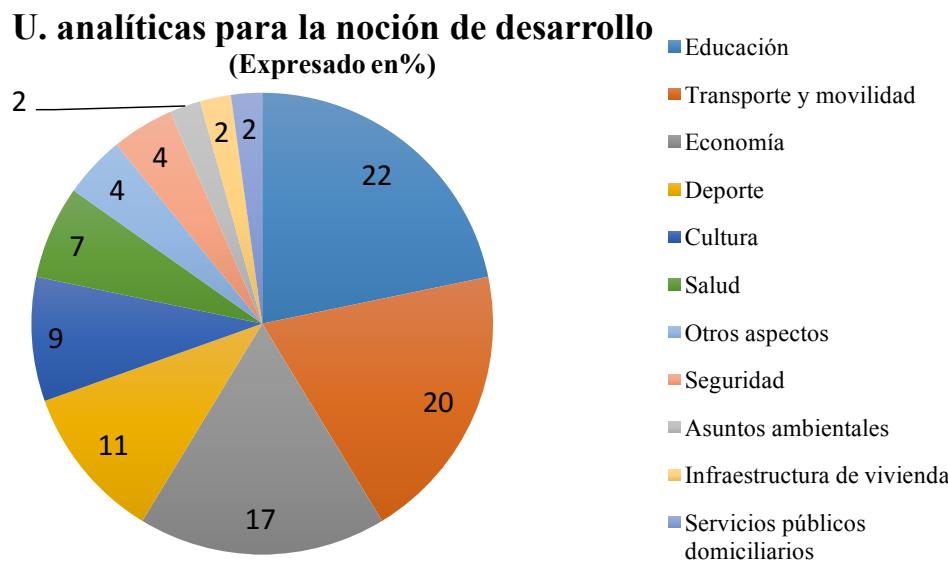


Gráfico 1. Unidades analíticas para la noción de desarrollo

Fuente: Elaboración propia del autor

En el primero de los grupos aparecen educación (22%), transporte y movilidad (20%) y economía (17%). Respecto a educación cabe anotar que el elemento (bien texto o gráfico) que aparece con mayor recurrencia es universidad¹, seguido de otros como bibliotecas o, simplemente, el término educación. En cuanto al transporte y la movilidad, se destacan con mucho énfasis los diferentes componentes del sistema de transporte público masivo de la ciudad (el metro, los cables, las líneas de buses articulados, etc), además pero con menor relevancia aparecen elementos puntuales de la infraestructura vial o el término transporte. Finalmente, respecto a la economía, aparecen asuntos como los centros comerciales (shopping mall), espacios comerciales barriales, y el empleo, pero ninguno con especial relevancia sobre los demás.

El segundo grupo de recurrencia nos refiere al deporte (11%), la cultura (9%) y la salud (7%). Respecto al deporte solo se destaca sobre los demás el término mismo de deporte; en cultura se destaca la mención o referencia a los museos (se mencionan algunos geográficamente o se mencionan como elemento general); y en cuanto a la idea de salud se destaca el hospital como término particular por encima, incluso del uso del término salud de manera genérica.

Elementos asociados a la noción de desarrollo

Para el caso del subdesarrollo se registran, también, términos o elementos gráficos en tres niveles diferentes de recurrencia: en el primer grupo de recurrencias se reúnen tres unidades analíticas y representa el 57% del total de los atributos en los mapas; el segundo grupo de recurrencias agrupa, también, tres unidades analíticas y equivale al 33% del total de los registros contenidos en los mapas; y en este caso el tercer grupo de recurrencias sólo tiene dos unidades que suman un 10% de lo consignado en los mapas (Ver gráfico 2).

¹ En algunas ocasiones no aparece la palabra universidad sino que se registran en el mapa varias de las principales universidades de la ciudad.



U. analíticas para la noción de subdesarrollo (Expresado en %)

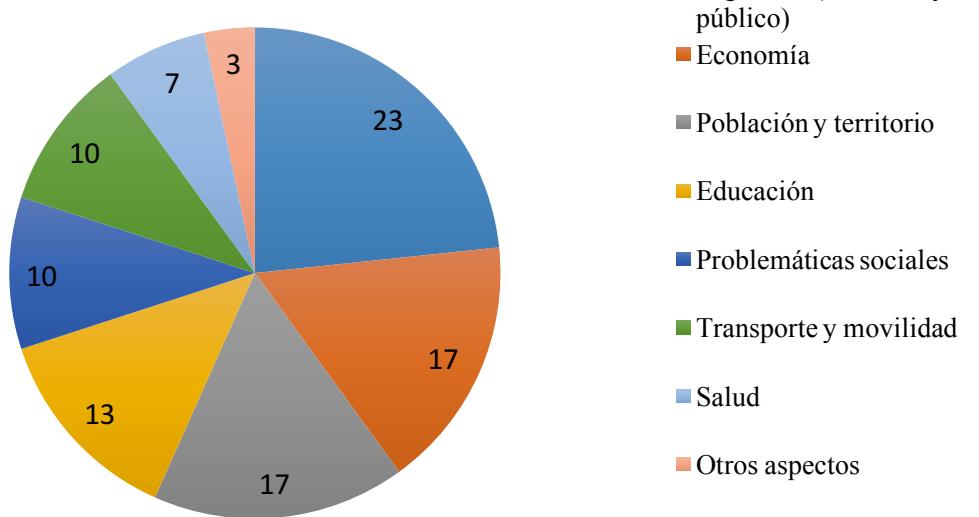


Gráfico 2. Unidades analíticas para la noción de subdesarrollo

Fuente: Elaboración propia del autor

El primero de los grupos deja ver la presencia de las unidades analíticas seguridad -asociada a violencia y orden público- (23%), economía (17%) y población y territorio (17%). En cuanto a seguridad el término que se destaca de manera importante es inseguridad que registra una recurrencia de aparición hasta 4 veces mayor que otros, pero cabe resaltar que los términos conflicto armado, guerra y la relación comunas-violencia, también tienen relevancia en particular para la discusión. Respecto a la economía hay una concentración central en dos elementos puntuales: desempleo y pobreza. Finalmente, población y territorio registra una diversidad de expresiones destacándose sobre los demás el término invasiones.

En el segundo grupo de recurrencia aparecen educación (13%), problemáticas sociales (10%) y transporte y movilidad (7%). En relación a la unidad educación cabe destacar que sólo aparece el término en sí mismo pero asociado a las ideas de baja calidad o carencias; en cuanto a problemáticas sociales, aparecen tres elementos relevantes con la misma recurrencia en su aparición: embarazo, prostitución y drogadicción; finalmente, como tercer elemento de este grupo aparece la unidad transporte y la movilidad y en ella se resaltan congestión vehicular y automóviles como los términos centrales.

Síntesis reflexiva

Como planteamiento general, comienzo anotando que la sistematización de los elementos registrados en los mapas por los jóvenes evidencian una marcada tendencia a asociar el desarrollo a valores propios de los discursos modernos occidentales (seguridad, salud, educación formal, consumo, entre otros), pues la preponderancia de atributos como universidad y centro comercial como aspectos centrales en temáticas como educación y economía, respectivamente, además en relación con el empleo como otro atributo destacado para la segunda unidad analítica, plantean un panorama en relación directa con la necesidad de consumo: formación superior para un empleo con mayor remuneración y el centro comercial como lugar de adquisición de bienes de consumo².

² Tanto la formación superior como obligación como el consumo de bienes en centros comerciales (shopping mall) son muy característicos de los hábitos de vida en la ciudad de Medellín.

En la misma dirección, es importante anotar que la concepción de subdesarrollo también tiene un estrecho vínculo con los discursos de bienestar de occidente. Al respecto, es importante resaltar que, primero, si bien en la ciudad se presentan problemas de robos y atracos con regularidad; y, segundo, que los jóvenes registran términos como guerra y conflicto armado; el concepto que mayor recurrencia tiene es el de inseguridad. Se presenta un matiz importante al respecto, y es la aparición de una idea que se reseña en varias oportunidades vinculando, ya en sí misma, la violencia con las zonas mas pobres de la ciudad: comunas-violencia. Esta concepción está fuertemente marcada por los discursos de seguridad, desde los idearios políticos, tanto en el mundo como en Colombia a comienzos del siglo XXI y que liga desde sus discursos, con mucha fuerza, las condiciones de vida no capitalistas y no democráticas con eventos de violencia extrema.

En aspectos de mayor especificidad, se puede considerar que se evidencia una marcada concepción de desarrollo vinculada a la infraestructura en una dimensión físico-espacial de la vida urbana, de los 28 atributos reseñados por los jóvenes, 18 hacen referencia a infraestructura física, incluso referido a temáticas que podrían considerarse con un papel central en aspectos sociales como cultura, educación, salud, etc. Esto es, que aparece con recurrencia el museo, el campus universitario, la instalación deportiva, el hospital, entre otros. Asunto que también se refleja en la dimensión del subdesarrollo cuando se reseñan atributos como la carencia de infraestructura de salud, deficiencias en la infraestructura vial o la presencia de viviendas de invasión con elementos constructivos no industriales como resultado de la vivienda de invasión.

También es importante resaltar que dos elementos del subdesarrollo tienen mucha importancia al revisarlos incluyendo la dimensión geográfica, como elemento de contexto y no como asunto de análisis georeferenciado. De un lado, la idea de baja calidad en la educación que, a la luz de las cifras, plantea un dilema, pues la educación aparece como elemento de mayor recurrencia en la dimensión del desarrollo, pero tiene una relevancia como asunto del subdesarrollo; sin embargo, en contexto cabe anotar que esta refiere a la educación básica primaria y secundaria a cargo del sistema educativo oficial: se localiza en zonas de la ciudad con estrato socio-económico inferior a medio-medio. Del otro, lo referido a la drogadicción, que en cuanto a la referenciación geográfica que los estudiantes expresan en sus reseñas, tiene un mayor vínculo con los lugares de expendio que con lugares de consumo; el matiz cruza por el fuerte conflicto que se presenta en la ciudad por el dominio territorial de las llamadas “plazas de vicio”.

Conclusiones

En síntesis, es importante anotar que la concepción de desarrollo y subdesarrollo que, en general, tienen los estudiantes que han participado en el curso cuando comienzan el mismo (momento en el que se hace el ejercicio que se ha sistematizado), está fuertemente marcada por los idearios políticos del mundo moderno que se originaron, principalmente, en las ideas de Montesquieu, Rousseau, Maquiavelo y Richeliu y que, por supuesto readaptados en su forma, se han consolidado como discursos universales desde mediados del siglo XX: democracia, educación, salud, etc. Idearios que se evidencian permanentemente en diferentes actores políticos, con mayor fuerza en los gubernamentales, tanto en Colombia como en muchos otros países del mundo. Esta permanencia se mantiene, nos obstante los años que han pasado entre la primera y la última experiencia -2009-2015- del ejercicio.

Esta situación lleva a fortalecer la idea de continuar con la reflexión y crítica permanente alrededor de la concepción de los procesos de acción o intervención para el desarrollo y la implementación de la comunicación asociada a ello como mecanismo instrumental para construir discursos estandarizados y pensar más en la ciudad como entramado, retomando a Tönnies (1974), de comunidades que habitan sus cotidianidades y no en ella como el espacio ocupado por una sociedad.

Finalmente, es central repensar la comunicación en relación con el desarrollo. Repensar el lugar de la comunicación es la urgencia y asumiendo la idea general de la profesora Múnera, la tarea es resignificar la comunicación en perspectiva de su posición social: no está encima o debajo, no está antes o después, está en medio. Podríamos decir, entonces, la comunicación debe propiciar la producción endógena de redes de comunicación y que estas redes que puedan constituir los propios habitantes potencien los procesos internos de sus comunidades, para que hagan memoria, construyan discursos y cuenten su propia historia, la que les corresponde. También es la tarea de los profesores y los estudiantes.

Bibliografía

- Escobar, A. (2002). Globalización, desarrollo y modernidad. En: Planeación, participación y desarrollo. Medellín: Corporación Región, páginas 9 - 32.
- Max Neef, M. (1993). Desarrollo a Escala Humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones. Montevideo: Editorial Norden Comunidad.
- Múnera, M.C. (2007). Resignificar el Desarrollo. Medellín: Escuela del Habitat CEHAP: Universidad Nacional de Colombia.
- ONU. (2013). Anuario Estadístico de América Latina y El Caribe. Naciones Unidad. New York.
- Sen, A. (2000). Desarrollo y libertad. Barcelona: Planeta.
- Tönnies, F. (1974). Comunidad y Sociedad. Biblioteca Sociológica. Buenos Aires: Editorial Losada.

Biografía

Comunicador Social - Periodista de la UPB de Medellín. Magister en Hábitat de la UNAL de Medellín. Docente - Investigador de la Facultad de Comunicación Social - Periodismo de la UPB de Medellín, adscrito al Grupo de Investigación en Comunicación Urbana - GICU de la misma institución. Trabajo de investigación en temáticas relacionadas con la comunicación y su relación con la ciudad, el desarrollo, la política y el hábitat humano. Correo de contacto: juand.zapata@upb.edu.co

Do Parque do Carmo ao estádio do Corinthians: as transformações de um bairro no jornal *Notícias de Itaquera*

Universidade Paulista

Barbara Heller
b.heller@terra.com.br

Fátima Regina Nunes
fatimreginanunez@hotmail.com

Resumen

Itaquera, suburbio en el este de São Paulo, actuó como ciudad-dormitorio, hasta la década de 1980, donde antes, desde los años 20, inmigrantes orientales instalarónse como agricultores en el cultivo de melocotón. Con programas de interés social de vivienda a partir de 1980, hubo una impactante migración. En 1988 fue inaugurada la línea del metro Itaquera y el Arena Corinthians en 2014 y la sublaciadía recibió un gran número de nuevos residentes. Este proceso se dio de forma simultánea a la creación de la arboleda de cerezos en el Parque do Carmo, entonces recién abierto. El “Notícias de Itaquera”, periódico quincenal local y gratuito, comenzó a funcionar en 1980, y anunciaba el éxito de la fiesta de los cerezos como expresión cultural única del barrio. Si, por una parte, el noticiero contribuyó a legitimar la cultura japonesa en la formación de Itaquera, por el otro, se puso a denigrar la imagen de los nuevos sujetos sociales, apartándolos de esta historia. Estas son las conclusiones a las que llegamos por el análisis del discurso y las categorías sociológicas de Norbert Elias, “establecidos” y “outsiders”, del artículo “Un límite sobre la escalada del crimen” (n.9, abr.1981, p.2) y de las tiras cómicas y su relación con otras portadas del periódico (n.78, jun., 1984, p.1).

Palabras-clave:

Itaquera, establecido/puesto; *outsiders*; *Notícias de Itaquera*

Abstract

Itaquera, in the east of São Paulo until the 1980s, was a dormitory neighborhood, inhabited initially by the oriental growers of peaches who arrived in the 1920s. Due to the opening of the Itaquera subway in 1988, the Arena Corinthians in 2014, and the migration caused by social programs of popular houses, since 1980, the district received huge numbers of new residents. This process occurred simultaneously to the creation of the grove of cherry trees in the Parque do Carmo. *Notícias de Itaquera*, inaugurated in 1980, free, local and fortnightly distribution, announced the success of the party. If, on the one hand, the newspaper contributed to legitimize the district's culture and formation and allowed its first residents to have the right to speak, on the other hand, it denigrated the image of the new social inhabitants who settled down there. These are the conclusions we came by applying discourse analysis and two sociological categories: “established” and “outsiders”, by Norbert Elias, after examining critically “A boundary on the crime's climbing” (n.9, abr.1981, p .2), and a charge and its relation to other articles in the first page (n.78, jun. 1984, p.1).

Key words:

Itaquera, established; *outsiders*; *Notícias de Itaquera*



Resumo

Itaquera, na zona leste de São Paulo, até a década de 1980, era um bairro-dormitório, habitada, inicialmente, pelos orientais cultivadores de pêssegos que ali chegaram na década de 1920. Com a inauguração do metrô Itaquera em 1988, da Arena Corinthians em 2014, e com a migração ocasionada por programas sociais de habitação popular a partir de 1980, o bairro recebeu enorme contingente de novos moradores. Esse processo ocorreu simultaneamente à criação do Bosque das Cerejeiras, no então recém-inaugurado Parque do Carmo. O jornal *Notícias de Itaquera*, que começou a funcionar quinzenalmente em 1980 e com distribuição gratuita e local, divulgou o sucesso da festa. Se, por um lado, o periódico contribuiu para legitimar a cultura e a formação do bairro e deu e permissão de fala aos seus primeiros moradores, por outro, denegriu a imagem dos novos sujeitos sociais que ali se instalaram. São essas as conclusões a que chegamos por meio da análise do discurso e das categorias sociológicas “estabelecidos” e “outsiders”, de Norbert Elias, a partir da matéria “Um limite na escalada do crime” (n.9, abr.1981, p.2), e da *charge* e sua relação com as outras matérias da capa (n.78, jun. 1984, p.1).

Palavras-chave:

Itaquera, estabelecidos; *outsiders*; *Notícias de Itaquera*

Introdução

Festas étnicas na cidade de São Paulo (Brasil) movimentam o mercado de turismo cultural. O “Sakura Matsuri”, ou Festa das Cerejeiras, no Parque do Carmo, no bairro de Itaquera, recebe um público tão expressivo quanto outros eventos que já fazem parte do calendário oficial das manifestações culturais da cidade. São as razões do sucesso desta festa que instigaram esse artigo¹, uma vez que ela se realiza em um bairro periférico, no extremo da Zona Leste, de difícil acesso e cujos costumes orientais, que deram origem ao bairro, encontram-se muito dispersos.

Assim, pesquisamos o que motiva pessoas de outras regiões da cidade, e mesmo de diferentes Estados do país, a participarem dessa festa, antes restrita à comunidade japonesa.

Para responder a esta indagação, apoiamo-nos nos estudos sobre comunidade, especialmente em *Estabelecidos e Outsiders*, de Norbert Elias, e também na análise de discurso bakhtiniano do jornal *Notícias de Itaquera* (*NI*). Partimos da hipótese de que o *NI* pretendeu que os não orientais incorporassem as tradições nipônicas, uma vez que seu discurso divulgou o que considerava e aceitava como valores sociais e culturais modelares, sem dar espaço para novas interações.

O hibridismo cultural teve seu momento mais expressivo quando o bairro passou por transformações urbanas significativas, com a implantação dos programas de habitação popular na década de 1980 e a expansão da linha de metrô até o bairro com a Estação Itaquera na década de 1990. O processo de deslocamento urbano ocorreu simultaneamente à criação do Bosque das Cerejeiras, no então recém-inaugurado Parque do Carmo. O bosque e a celebração de sua florada são considerados pelos moradores e visitantes como patrimônio cultural local. Em outras palavras: os costumes dos japoneses, relacionados à maneira de viver, à sua produção simbólica, aos hábitos em sociedade e aos conhecimentos transmitidos às gerações seguintes como um bem imaterial, quando chegaram os primeiros orientais no bairro, em 1925:

¹ Este artigo é parte da dissertação *Itaquera e a festa das cerejeiras: um estudo sobre hibridismo cultural e processos migratórios segundo Notícias de Itaquera e Folha de S. Paulo*, de Fátima Regina Nunes, sob orientação de Barbara Heller, defendida em maio de 2016, na Universidade Paulista (Unip), São Paulo, Brasil.

Não se trata, portanto, apenas de um produto da ação humana, mas da própria natureza dessa ação: padronizada e organizada por meio de regras, codificada simbolicamente e carregada de significação (ARANTES, 1984, p. 27).

No início da década de 1980, a população local cresceu com a vinda dos novos moradores nos conjuntos habitacionais e os antigos moradores, cujas reivindicações por melhorias de infraestrutura nunca tinham sido atendidas, sentiram-se preteridos.

Segundo dados do censo da Prefeitura de São Paulo, de 1980 a 1991 a população cresceu 30%². Os que chegavam, os “*outsiders*”³, buscavam apreender o ambiente social e cultural a partir de suas vivências e das informações da mídia impressa local. Os “estabelecidos”⁴, obrigados a conviver com a transformação da paisagem, dos costumes e símbolos, entraram em disputa para preservar suas relações de poder. Segundo Elias: “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (2000, p. 23-24).

Trata-se do mesmo processo social e cultural que Norbert Elias identificou na pequena comunidade de Winston Parva, nome fictício atribuído à pequena cidade no interior da Inglaterra, no final da década de 1950:

A principal diferença entre os dois grupos (estabelecidos e *outsiders*) era exatamente esta: um deles era um grupo antigo de residentes, estabelecido naquela área havia duas ou três gerações, e o outro era composto de recém-chegados. [...] Um era estreitamente integrado, o outro, não (p. 24).

Podemos considerar o grupo de orientais que formou o bairro Colônia Japonesa, em Itaquera, engajado na manutenção de seus hábitos e cultura. São as “famílias antigas” (Elias, 2000, p.38), diversas das que estavam chegando: já tinham experimentado a transformação das chácaras em propriedades fabris, o aumento de impostos, a consequente reorganização e empobrecimento social e a substituição da Festa do Pêssego pela Festa das Cerejeiras, em 1978.

Os *outsiders*, provenientes de outras localidades da cidade, procuravam por ressignificação simbólica e também por inserção. Talvez por isso passaram, voluntariamente, a colaborar na realização das Festas das Cerejeiras em flor, no cultivo e na aclimatação das mudas que resultaram de outro trabalho, também voluntário, produzido pela comunidade japonesa.

Tal procedimento valorizou o esforço dos primeiros habitantes e os aproximou de seus hábitos culturais. Desse processo resultou a celebração do *hanami*⁵, que a popularizou e fez perder a condição de “original”.

A apropriação do espaço do Bosque das Cerejeiras, que começou com os japoneses, foi aos poucos expandida para os moradores locais e, por último, para os novos moradores do bairro.

A fragmentação cultural dos “*outsiders*” está relacionada às profundas transformações sociais por que passaram. A migração para uma localidade desconhecida, mesmo na própria cidade, gera crise de identidade.

Mediante tal processo, constatamos a importância dos registros do jornal local, o *Notícias de Itaquera*, por ter sido criado simultaneamente aos acontecimentos sociais citados. Ele expressava as tentativas de integração dos novos sujeitos sociais, os “*outsiders*”. Não sofria concorrência, era sustentado por anunciantes -- empresários e personalidades nipônicas da região --, anunciava a cultura local e os bens de consumo locais.

2 Disponível em: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxes_de_crescime_1980_10747.html Acesso: 05 mai 2016

3 Tomamos esse termo emprestado de Norbert Elias, de seu livro *Os estabelecidos e os outsiders*, para se referir aos novos moradores do bairro.

4 Também tomamos esse termo emprestado de Norbert Elias, de seu livro *Os estabelecidos e os outsiders*, para os antigos moradores do bairro.

5 *Hanami*: termo japonês que significa contemplação da cerejeira em flor, momento de reflexão sobre a beleza e a temporalidade da vida.

Procuramos compreender a narrativa do NI: seus enunciados revelaram forte conteúdo ideológico e uma polêmica velada entre “estabelecidos” e “outsiders”.

Representação dos sujeitos no *Notícias de Itaquera*

O sentimento de pertencimento está relacionado à necessidade de criar vínculos, à aceitação e integração com os iguais. Tal característica é própria do ser humano. Viver em comunidade permite segurança emocional, social, práticas das crenças e transmissão de saberes.

Os grupos sociais que lá se instalaram eram heterogêneos e distintos dos pioneiros japoneses. Fragmentados social e culturalmente, valeram-se, entre outros recursos, das informações disponíveis na mídia impressa local para construírem seu repertório simbólico e, assim, se inserirem na comunidade.

O NI cumpriu seu papel: divulgou e fortaleceu o sucesso das festas japonesas no bairro. Seus enunciados expressaram a relação do bairro com a colônia japonesa, sua influência cultural, social e política. Os anúncios publicados nos idiomas português e japonês reforçaram a interação do capital industrial com a comunidade do bairro, enquanto as outras matérias, de interesse geral, eram apenas em língua portuguesa. Ou seja: a expectativa dos anunciantes era garantir a adesão dos “estabelecidos”, uma vez que eram os que liam os ideogramas orientais, e excluir os “outsiders”, os de menor poder aquisitivo.

Itaquera, no final da década de 1970, ainda era precária e exigia das autoridades maior investimento em saneamento básico e infraestrutura. Para tanto, contava com a implantação de equipamentos públicos a partir da realização dos projetos de habitação popular do programa Cohab⁶. Mas esse processo não foi nada pacífico.

Um limite na escalada do crime (abril de 1981)

A [sic] medida que vai crescendo, Itaquera vê crescerem os seus problemas. Um deles, e dos mais sérios, é o da criminalidade [...]. Com a vinda de novos habitantes, vêm também os marginais porque aumenta seu **mercado de trabalho**⁷, enquanto as condições de combate ao crime tornam-se insuficientes.

A criminalidade está aumentando não é apenas em decorrência da vinda de marginais para Itaquera ou pelo aumento daqueles aqui radicados. Cresce principalmente porque ela não é combatida [...].

[...]

Todo marginal sabe que a perseguição policial em Itaquera é inviável. Sabe, por isso, que chegando na Estrada Itaquera- Guaianases, à altura da fábrica de papel, estará salvo dos perseguidores: basta embrenhar-se no matagal, depois de atravessar a linha férrea, e desaparecer dos olhos da polícia; sabe também que atacando suas vítimas nos Jardins Santa Maria, Eliane, Marília, Fernandes e Brasília, está a salvo de qualquer perseguição, desde que alcance o jardim Santa Terezinha através dos trilhos e picadas por onde não passam viaturas, muito menos policiais [...].

[...]

Enquanto isso, a população fica indefesa, angustiada com o pesadelo de mais dias menos dia ser submetida ao vexame de um assalto em via pública ou de ver sua casa invadida pelos marginais, cada vez mais violentos e perversos. [...]. NI, n.9, abr.1981. p. 2

No artigo acima, o NI declara que os novos moradores e o aumento da população no bairro tornaram-no mais violento, suscetível ao “vexame de um assalto em via pública” e à

6 Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo – COHAB-SP.

7 Grifo do autor do texto.

invasão de suas casas. Os já estabelecidos, acompanham passivamente à chegada dos “novos habitantes”, de quem se tornam vítimas.

As localidades enumeradas e tidas como fragilizadas pela invasão dos “marginais” estão nos limites dos dois conjuntos habitacionais, que pertencem à região de Itaquera.

A inversão de sentidos na expressão “mercado de trabalho”, em que o substantivo “trabalho”, usualmente positivo, foi utilizado para referir-se à maior incidência de crimes, é coerente com o restante da matéria. Não se encontra nela nenhuma análise das razões pelas quais Itaquera recebeu tantos contingentes populacionais e está entregue à própria sorte.

Por meio desse discurso, o *NI* estabeleceu limites e zonas de interdição invisíveis, e reforçou e classificou os “*outsiders*” como desprovidos de referências éticas e violentos.

No entanto, ao descrever os caminhos escuros e perigosos entre vielas e matagais, o *NI* também estava, indiretamente, denunciando a insatisfação dos “estabelecidos”, uma vez que esses ainda viviam em ruas sem iluminação pública e asfalto, diferentemente do entorno dos conjuntos habitacionais, construídos para os “*outsiders*”.

Três contra um

Três anos mais tarde, a primeira página do *NI* imprimiu uma *charge* em que um cidadão “do bem”, caracterizado por seu paletó e gravata, é assaltado por marginais enfileirados. Dois aspectos merecem análise: o primeiro é a explicação, vazia de sentido, porque é senso comum, do delegado da 41ª DP (Delegacia de Polícia) sobre o combate à violência: “Não é com violência que nós vamos combater a violência, mas sim com orientação e muito amor, principalmente” e, a segunda, a diagramação da página.



Figura 1. *Charge*

Fonte: 41º DP explica a violência. (23 a 30 de junho de 1984). *Notícias de Itaquera*, p.1⁸

⁸ Imagem autorizada para divulgação pela redatora-chefá, Lígia Paniaga.

A charge localiza-se logo abaixo da notícia que ocupa a primeira metade da capa do jornal, onde se lê: "Cohab entrega mais 6 mil casas em Itaquera." Subentende-se, assim, que os agressores, os que atacam os sujeitos do bem, são os que acabaram de receber os apartamentos, os "outsiders", os mesmos que não podem ser "combatidos", mas amados.



Figura 2. Capa do *Notícias de Itaquera*

Fonte: Cohab entrega mais 6 mil casas em Itaquera (23 a 30 de junho de 1984). *Notícias de Itaquera*, p.1.

Trata-se de um discurso demagógico, uma vez que o restante da página deixa entrever que os "estabelecidos", obrigados a dividir o espaço com os "outsiders", são as vítimas da violência. A proporção de três assaltantes para uma vítima figurativiza a ideia do crescimento da nova população de *outsiders*.

Vale destacar, ainda, que os assaltantes estão vestindo roupas idênticas. Isso os aproxima ainda mais dos novos moradores que, para terem direito a um apartamento da Cohab, precisariam ser operários, reconhecidos, no imaginário social, por uniformes que nada mais são do que vestimentas iguais para todos os usuários.

A notícia à direita da charge, sobre a captura de um "maníaco" sexual na região de São Mateus, vizinha à de Itaquera, permite afirmar, nesse contexto, que o controle da criminalidade foi possível graças à baixa onda de migrações. Trata-se de uma contraposição aos enunciados anteriores do NI. Mikhail Bakhtin afirma: "um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual esse se constrói. Ele exibe seu direito e seu avesso" (*apud* Fiorin, 2008, p. 24). Expressar "Preso o 'maníaco' de S. Matheus" só faz sentido porque ele se constitui em contraposição ao enunciado: "Está solto o maníaco de S. Matheus". Se não houvesse qualquer possibilidade de haver algum maníaco sexual solto, ou se nem existissem maníacos sexuais, não haveria razão alguma de aquele enunciado ser veiculado.

Conclusão

O *hanami* passou a ser um evento vinculado ao bairro de Itaquera e parte do calendário turístico do Estado de São Paulo.

A população que migrou para Itaquera com os programas de habitação, os “*outsiders*”, participou dos eventos por meio do trabalho voluntário e colaborou para o hibridismo do bairro.

Apesar de ser um jornal local, de circulação restrita, o *NI* foi prestador de serviços e colaborou para o bairro se inserir cada vez mais na geografia da cidade.

O *NI*, por muito tempo, levou à sociedade de Itaquera o poder dos “estabelecidos” e o ideal da cultura hegemônica no bairro e, ainda assim, teve participação na construção do hibridismo local.

Atualmente, o Parque do Carmo está reformulado e atualizado com novos conceitos urbanos de espaço e lazer. Recebeu iluminação noturna, ciclovia e novos equipamentos de ginástica.

A modernização do parque é apenas reconhecida pelos moradores locais, isto é, pelos novos “estabelecidos”. Aos turistas, a maior referência do lugar está no elemento hibridizado mais significativo da região: o Bosque das Cerejeiras.

O patrimônio da comunidade nipônica, durante as últimas quatro décadas, passou de material, com a produção de frutas como o pêssego, para imaterial, com as celebrações da festa das cerejeiras. No início da sua formação, quando o Bosque ainda era um espaço reservado ao pequeno grupo local, o *NI* certamente exerceu influência no fomento da construção da ideia de que ali havia patrimônio cultural, graças aos sentimentos e ao trabalho da comunidade de orientais. Mas, vimos também, que, por meio de imagens, diagramação, e enunciados diversos representou os “*outsiders*” como cidadãos de segunda categoria.

Bibliografia

- 41º DP explica a violência. (23 a 30 de junho de 1984). *Notícias de Itaquera*, p.1.
 ARANTES, A. A. (1984). *Estratégias de construção de Patrimônio Cultural, Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense.
 Cohab entrega mais 6 mil casas em Itaquera (23 a 30 de junho de 1984). *Notícias de Itaquera*, p.1.
 ELIAS, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar.
 FIORIN, J. L. (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.

Biografia

Barbara Heller é pós-doutora em Comunicação pela Universidade Metodista e pela Universidade de São Paulo. É vice-coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação na Universidade Paulista (Unip – Brasil). É professora-pesquisadora na mesma instituição, com ênfase nos estudos de gênero e nos de memória. E-mail: b.heller@terra.com.br

Fátima Regina Nunes é graduada em Fotografia Digital e Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (Unip – Brasil). É pesquisadora em estudos culturais como patrimônio e memória. E-mail: fatimreginanunez@hotmail.com

Si cambia el medio, cambia el mensaje: entorno y habitar

Universidad de la República, Uruguay

Eduardo Álvarez Pedrosian
eduardo.alvarez@fic.edu.uy

Resumen

El objetivo de esta ponencia es compartir algunas de las líneas principales de análisis de una investigación centrada en las formas de habitar. Consideramos el estudio de la comunicación urbana desde el punto de vista del análisis de los procesos de subjetivación. En primer lugar, caracterizamos la temática general para el caso de Montevideo. En segundo término, presentamos el contexto específico de estudio: la experiencia de transformación del entorno a partir de un plan “socio-habitacional”, en la periferia urbana con la participación de los habitantes. En un tercer momento, describimos el paisaje como expresión del territorio, y la experiencia principal centrada en las obras de construcción y transformación del hábitat. En cuarto lugar, nos centramos en las poéticas y narrativas espaciales presentes en estas experiencias, en la conformación heterogénea de espacios públicos e íntimos. Finalmente, planteamos los aprendizajes etnográficos en términos de las relaciones entre proyectos y concreciones, según un proceso que no es otro que el devenir del habitar.

Palabras clave:

habitar; procesos de subjetivación; diseño; ciudad; comunicación.

Abstract

The purpose of this paper is to share some of the main lines of research analysis focused on the ways of dwelling. We consider the study of urban communication from the point of view of the analysis of the processes of subjectivation. First, we characterize the general theme for the case of Montevideo city. Second, we present the specific context of study: the experience of transformation of the environment from a “social housing” plan, in the urban periphery with the participation of the inhabitants. In a third moment, we describe the landscape as an expression of the territory, and the main experience focused on the construction and transformation of habitat. Fourth, we focus on the poetics and narratives present in these spatial experiences in the heterogeneous formation of publics and intimate spaces. Finally, we propose ethnographic learning in terms of relations between projects and concretions, according to a process that is none other than the becoming of dwelling.

Keywords:

dwelling; processes of subjectivation; design; city; communication.



Resumo

O objetivo do presente documento é compartilhar algumas das principais linhas de análise de uma investigação focalizada em as formas do habitar. Consideramos o estudo da comunicação urbana do ponto de vista da análise dos processos de subjetivação. Em primeiro lugar, temos de caracterizar o tema geral para o caso de Montevidéu. Em segundo termo, apresentamos o contexto específico de estudo: a experiência de transformação do meio a partir de um plano de “habitação social”, na periferia urbana com a participação dos habitantes. Em um terceiro momento, descrevemos a paisagem como uma expressão do território, e a experiência principal sobre as obras de construção e transformação do habitat. Em quarto lugar, seguimos focalizando a nossa prestação nas poética e narrativas espaciais presentes nessas experiências, na formação de espaços públicos e íntimos heterogêneos. Por último, propomos as aprendizagens da pesquisa etnográfica em termos de relações entre projetos e concreções, segundo um processo que não é outro que o devir do habitat.

Palavras chave:

habitar; processos de subjetivação; desenho; cidade; comunicação.

Introducción: Emergencias en la disgregación socio-territorial

Montevideo presenta un proceso socio-territorial a gran escala que hemos caracterizado como de “disgregación territorial” (Álvarez Pedrosian, 2014a). Como han mostrado diversos estudios urbanos, demográficos y sociológicos, en las últimas décadas se ha venido desarrollando una importante expansión territorial junto al no incremento de población. Ello tiene como correlato cultural, social y comunicacional una forma de ciudad y territorio que implica densidades, distancias y expresividades singulares. Las causas son múltiples, y las consecuencias también. Lo cierto es que existe una forma particular de habitar (Heidegger, 1994) en la que hemos reconocido valores y sentidos propios de prácticas que se remontan hasta la propia configuración del territorio de lo que hoy es el Uruguay, la antigua Banda Oriental, frontera seca donde los imperios español y portugués disputaban sus límites, lo que luego perduró en la convulsionada región platense durante la conformación de los Estado-nación de Argentina y Brasil. El territorio de la banda oriental del Río de la Plata se estructuró tardíamente, a partir de una ciudad-fuerte en oposición a un campo concebido como hostil y salvaje. La progresiva ocupación de esa campaña se da con la sucesiva fundación de poblados, siempre siguiendo las líneas generales de las Leyes de Indias, según dameros más o menos homogéneos. Montevideo experimenta un crecimiento exponencial de enormes dimensiones una vez se deja atrás la guerra endémica en la región (Álvarez Lenzi, Arana y Bocchiardo, 1986; Carmona y Gómez, 2002), pasando a ser destino de grandes contingentes migratorios trasatlánticos de un Viejo Mundo que expulsa a campesinos y pobres de todo tipo. Esto conlleva una expansión muy importante, a nuevas zonas que serán los territorios adecuados para la concreción del proyecto de una amplia capa de sectores medios, lo que en el Uruguay batllista de principios del siglo XX cristalizará en la base social moderna, presente aún en ciertos niveles del imaginario social y urbano (Moraña y Achugar, 2000).

Con las sucesivas crisis experimentadas a partir de la segunda mitad del siglo XX, se va tensionando la polarización social, aunque en menor medida con respecto al resto de América Latina, lo que mantendrá vivo aquél imaginario de la “República Modelo” de la “Suiza de América” (Trigo, 1997). Pero la expulsión de los sectores más desfavorecidos hacia zonas periféricas, y el traslado de los sectores más acomodados hacia el este por la codiciada fran-

ja costera, van configurando el vaciamiento de áreas centrales de la ciudad consolidada. Es como si tanto de un lado como del otro de los extremos de las capas sociales, existiera una misma dinámica del habitar, en la que el espíritu de colonia sustenta la búsqueda de nuevos emplazamientos donde comenzar un nuevo hogar. Sea por la presión de un sistema que expulsa hacia las tierras más baratas a la población, incluso a ocupar zonas menospreciadas por la carencia de infraestructuras y deficiencias ambientales (Cecilio, Couriel y Spallanzani, 2003), como por el afán de encontrar los estándares de confort y la distinción propia de una élite que necesita diferenciarse y convivir con quienes se considera son sus iguales apartándose del resto (Bourdieu, 1998), lo cierto es que se ha venido dando una manera de habitar que se liga con procesos de subjetivación desde la conformación de espacialidades singulares y sus “maneras de hacer” en lo cotidiano (De Certeau, Giard y Mayol, 1999), que creemos caracterizan a las territorialidades montevideanas principalmente como propensas a la disgregación e incomunicabilidad.

Como veremos, no se trata de rechazar a priori la existencia de densidades heterogéneas, distancias culturalmente más afines que otras, oponer un tipo de comunicación más fluida a una incomunicabilidad definida como la simple oposición de la anterior. Lo interesante es poder comprender la singularidad de una configuración espacio-temporal que se expresa en la diversidad de dimensiones y mediaciones culturales como composición de subjetividades con estas características ético-estéticas (Guattari, 1996), en la relación con saberes y poderes específicos, hacedores de ciudad (Frígoli, Teixeira de Andrade y Peixoto, 2006) y “lugares antropológicos” (Low y Lawrence-Zúñiga, 2003). También implica poder considerar las grandes problemáticas sociales que se experimentan en términos de crisis de la convivencia, inseguridad, incluso conflictos en torno a la gestión de los residuos urbanos o la movilidad en el transporte, desde una visión integral, holística, que pueda dar claves para interpretar con densidad lo que está en juego en cada una de estas manifestaciones parciales de un fenómeno genérico, el de una manera de habitar y con ello de ser.

En esta disgregación, que es urbana, social y cultural, en tanto dimensiones de una misma lógica comunicacional de mediaciones y transversalidades, encontramos como contrapartida la emergencia de nuevas situaciones que son respuesta más o menos formalizada a las condiciones imperantes. Aquí presentamos una investigación centrada en una de estas experiencias, formalizada a partir de un plan como comenzó siendo cuasi-estatal, intentando actuar sobre las situaciones más urgentes y precarias de todas, a partir de una concepción participativa e inclusiva donde reconocer y trabajar las posibles mejoras a partir de los emergentes que los mismos habitantes dan lugar. De esta forma, hemos intentando explorar estos fenómenos a partir de un caso especialmente relevante por las condiciones de transformación del hábitat o entorno construido, tanto por las necesidades previas que demandan su ejecución como por la perspectiva desde la que se lleva a cabo, y desde allí aportar conocimiento sobre los fenómenos comunicacionales en los espacios urbanos latinoamericanos contemporáneos.

Haciendo ciudad desde una política habitacional muy particular

El Plan socio-habitacional Juntos, comenzó por una iniciativa directamente marcada por la impronta del presidente José “Pepe” Mujica durante su mandato, financiada en su gran mayoría por sus aportes. La formulación, el espíritu de la propuesta, su implementación y demás, se encontró durante esta primera etapa signada por su estilo, en relación a la tendencia ideológico-política que lo sustenta, y el Plan tuvo una vida mediática correspondiente a ello (Álvarez Pedrosian, 2015a). Una especie de política para-estatal, generada desde el corazón del gobierno para enfrentar las carencias de éste (Magri, 2013), tuvo su génesis a partir de una ley de “crisis socio-habitacional” sancionada por el parlamento, pero que no encontró mayores ecos que los de sectores militantes, sindicales y de movimientos sociales cercanos, como



el estudiantil y el del cooperativismo de viviendas -tan emblemático en la sociedad local- en menor medida.

Algo había que hacer con la situación de precariedad de una gran parte de la población que aún para entonces se encontraba sumergida en la pobreza y la indigencia en un país que en las últimas décadas se había derrumbado a un ritmo inusitado con respecto a su historia reciente, y que se acercaba a las realidades latinoamericanas de esta manera. La situación fue aún más contundente cuando se reconoció que la gran mayoría de los hogares en juego estaban conformados por mujeres solas con sus hijos. La pobreza, por tanto, se concentraba en la niñez y en las mujeres; algo por lo menos espeluznante. Si bien a partir de 2004 los indicadores generales del país fueron en mejora, y desde el 2011 este Plan y otras intervenciones en materia de políticas sociales han hecho descender la pobreza y hacer casi desaparecer la indigencia, la problemática se mantiene, así como se consolidan estructuralmente dinámicas como las que aquí nos incumben, relativas al habitar, extremadamente difíciles de revertir.

Paisajes y agenciamientos de la transformación

En nuestra investigación nos centramos en las transformaciones en las formas de habitar a partir de las experiencias de diseño y construcción de los nuevos hábitats por parte de los involucrados. Un primer acercamiento al universo de intervenciones de este Plan nos reveló una concentración por demás importante de sitios en torno a las márgenes del arroyo Pantanoso, donde pueden encontrarse problemas ambientales por la concentración de industrial de larga data, terrenos anegados por las aguas, y por sus distancias relativas con diversos entornos urbanos propicio para la consolidación de asentamientos irregulares de los más precarios entre los existentes en toda la periferia montevideana. Dada la situación, nos focalizamos especialmente en un punto neurálgico, la articulación del arroyo en su desembocadura en la bahía, cuña de articulación territorial y social cargada de simbolismo, materializada en el cambio de territorios, un emblemático puente y una serie de estructuras fabriles por demás significativas. Nos encontramos ante “paisajes”, no como pantalla de fondo (Jóhannesdóttir, 2010), sino como flujo expresivo y por tanto comunicacional, que son particularmente de la resistencia social (Zibechi, 2008). Un entorno urbano comunicacionalmente intenso, donde muros de viejas fábricas ofician de soportes para “manifestos murales” sindicales y de movimientos sociales (Silva, 2007), junto a otros vestigios industriales convertidos en asentamientos, sobre un lado de la centralidad más importante de toda la zona oeste del departamento capitalino, identificada históricamente con los sectores populares. La Cachimba del Piojo en un meandro de la margen este, y barrio Amanecer próximo a la margen oeste, fueron los dos casos específicos en los que desarrollamos un trabajo de campo etnográfico en profundidad.

De entre todas las prácticas existentes en esta situación, la relativa la construcción de las viviendas resultó ser de las más relevantes. “Manos a la obra” es como puede sintetizarse este “agenciamiento” (Deleuze y Guattari, 1997) en tanto disposición existencial que para nuestro caso es fundamental, en tanto se disponen las fuerzas, los saberes de todo tipo, las prácticas cotidianas y no cotidianas, en pos de la transformación del entorno. Esto no solo se materializa al final del proceso, sino que justamente es la puesta del proceso de materialización en evidencia: allí radica la importancia de la situación. La materialidad es des-naturalizada como algo “auto-evidente” (Lindón, 2007). Tipos de relaciones intersubjetivas, vínculos con entidades humanas y no-humanas (Latour y Yaneva, 2008), tecnologías y nuevos conocimientos, constituyen algunos de los temas abordados en el diseño de “ambientes para la vida” (Ingold, 2012).

Poéticas y narrativas entre públicos e intimidades

Nuestra investigación encontró con uno de los ejes de análisis más importantes, la problematización de la noción misma de “territorio”, siempre en relación a las territorialidades

que lo componen y desde las cuales se accede a ellos, entre las cuales se encuentran las de los habitantes residentes y las del etnógrafo, que se convierte durante el proceso de producción de conocimiento en un sujeto que se involucra de formas particulares y por tanto integrando, como visitante interesado, la realidad en cuestión. Los territorios son construcciones integradas por elementos más estables y ordenados en oposiciones, algunos de mayor flexibilidad referidos a micro-devenires donde son posibles los cambios que mantienen viva dicha estructura, así como por desterritorializaciones que lo hacen tender a su disolución o transmutación (Deleuze y Guattari, 1997). Las relaciones complejas entre estos tres órdenes nos refieren a diferentes tipos posibles.

Junto a lo anterior, resultó fundamental poner en crisis la noción de “espacio público” y con él, la dicotomía público/privado. Allí es donde se pone en evidencia el tipo de análisis que proponemos, desnaturalizando la idea de que hay un espacio pre-existente y dotado de los atributos de ciudadanía. Más bien se trata de todo lo contrario: existen territorios con ciertas cualidades y subjetividades conformadas como públicos, a partir de sistemas y dispositivos de poder y saber, dándose la conjunción entre espacios y públicos determinados. Es así como las formas de representación y expresión según todas las mediaciones presentes, son la cuestión central, es decir, la comunicación como dimensión de composición de la existencia de quienes dentro de ella se producen como sujetos habitantes, sean residentes, trabajadores de las políticas sociales allí presentes, e incluso un etnógrafo. En otra oportunidad (Álvarez Pedrosian, 2014b), hemos analizado en profundidad a partir de uno de los casos tomados en cuenta, la dinámica de gestación de un territorio nuevo, a partir de este proceso de diseño y composición entre elementos de variada índole, y cómo pueden comprenderse los desafíos ante los que se enfrentan todos los involucrados para la instauración de dicha entorno de vida en forma consistente, es decir, para que pueda haber lo que ellos mismos conciben desde los variados puntos de vista como un espacio público.

Como contrapartida, el estudio de los ámbitos domésticos nos permitió acceder al universo de la intimidad, al que no consideramos como algo “privado” en términos de la sociedad capitalista, aunque sí reconocimos características más genéricas como las de un territorio a resguardo y control en su máxima expresión. Pero las fronteras son móviles, y existen zonas de hibridación así como umbrales de pasaje de una a otra condición según el tipo de subjetividad de la que se trate, los vínculos sociales en juego, las semióticas convocadas y demás. A la intimidad sólo se puede acceder etnográficamente a partir de una invitación para transitar y con ello narrar, tanto discursiva como espacialmente, estos espacios tan sensibles (Álvarez Pedrosian, 2015b). Dentro de estos universos los sujetos expresan de forma más directa sus cualidades, en estéticas singulares que conforman ámbitos donde se despliega la ritualización de lo cotidiano. Nos encontramos con la presencia de una espiritualidad incluso vedada en el orden del discurso hegemónico uruguayo, sostenido en el presunto reino del agnosticismo heredado de la matriz moderna del siglo pasado. Ciertos rincones ofician de espacios para altares u otras estructuras donde encuentran sitio objetos, se iconologías, y se rinde de una u otra forma culto a la propia espacialidad que nos cobija, a su “genius loci”. Toda una “poética del espacio” (Bachelard, 2000) encuentra allí existencia, haciendo uso de los elementos como materia de expresión para la subjetividad que de esa forma se construye un mundo para sí.

Conclusiones: Aprendizajes etnográficos sobre vida, proyecto y concreción

De esta manera llevamos adelante una investigación centrada en las transformaciones en los modos de habitar en el contexto de una intervención radical en los entorno o hábitat construido, buscando justamente encontrar una situación propicia para la problematización del espacio-tiempo como dimensión constitutiva de los procesos de subjetivación y las dinámicas comunicacionales. En lo relativo a la vida urbana, también nos permitió reflexionar sobre dicotomías aparentemente tan estables como la de lo público y lo privado, que tiene

a su vez repercusiones para el análisis de la esfera de lo público en otras formas mediáticas (Martín-Barbero, 2001).

Nos encontramos, por último, con una serie de aspectos y situaciones que no parecen estar tenidas en cuenta en el diseño y planificación de estas políticas sociales, donde por lo general se sigue pensando el fenómeno según otra dicotomía, la milenaria entre lo físico y lo subjetivo, entre “*physis*” y “*psiquis*”. Hemos intentado contribuir para la comprensión del vínculo fundamental entre lo arquitectónico y lo comunicacional, entendiendo a lo primero como un diseño mucho más amplio que la materia física de los espacios, y a lo segundo como algo más complejo que la simple emisión y recepción de mensajes: se trata de la vida en su despliegue espacio-temporal, según mediaciones que encuentran diversos materiales de expresión para desplegarse y construirse a sí misma, entre proyecciones y concreciones con altas dosis de improvisación (Ingold, 2012).

Bibliografía

- Álvarez Lenzi, R. Arana, M. Bocchiardo, L. (1986). *El Montevideo de la expansión (1868-1915)*. Montevideo: EBO.
- Álvarez Pedrosian, E. (2014a). Espacialidades emergentes en un territorio disgregado. Lecciones montevideanas sobre habitares, territorialidades y diseño existencial. *Anuario de Antropología Social y Cultural del Uruguay*, 12, 77-92.
- _____. (2014b). La gestación de un territorio o de cómo se teje la convivencia. *Actas electrónicas del XII Congreso de la ALAIC*, Lima. Disponible en <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/Ponencia-%C3%81lvarez-Pedrosian-XII-ALAIC-Lima-2014.pdf>
- _____. (2015a). El sueldo del presidente y su buque insignia: “Pepe” Mujica y la mediatización de la “cuestión urbana” desde la crisis socio-habitacional. En *Actas del VIII Seminario de Investigación de la ALAIC*. UMET, San Juan. En proceso de edición.
- _____. (2015b). Vislumbrando intimidades: narrativas espaciales en tránsito. *Contratexto*, 23, 197-229. Disponible en: <http://revistas.ulima.edu.pe/index.php/contratexto/article/view/416>
- Bachelard, G. (2000). *La poética del espacio*. Buenos Aires: FCE.
- Bourdieu, P. (1998). *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus.
- Carmona, L. Gómez, Ma. J. (2002). *Montevideo. Proceso planificador y crecimientos*. Montevideo: Farq-Udelar.
- Cecilio, M. Couriel, J. Spallanzani, M. (2003). *La gestión urbana en la generación de los tejidos residenciales de la periferia de Montevideo. Áreas ocupadas por los sectores de población de bajos y medios ingresos*. Montevideo: Facultad de Arquitectura-Udelar.
- De Certeau, M. Giard, L. Mayol, P. (1999). *La invención de lo cotidiano. 2. Habitar, cocinar*. México: Universidad Iberoamericana.
- Deleuze, G. Guattari, F. (1997). *Mil mesetas. Capitalismo y esquizofrenia II*. Valencia: Pre-textos.
- Frúgoli Jr., H. Teixeira de Andrade, L. Peixoto, F. Arêas (org.) (2006). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: PUC Minas – Edusp.
- Guattari, F. (1996). *Caosmosis*. Buenos Aires: Manantial.
- Heidegger, M. (1994). Construir, habitar, pensar. En Heidegger, M., *Conferencias y artículos (127-142)*. Barcelona: Ed. del Serbal.
- Ingold, T. (2012). *Ambientes para la vida. Conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología*. Montevideo: SCEAM-Udelar –Trilce.
- Jóhannesdóttir, G. (2010). Landscape and Aesthetic Values: Not Only in the Eye of Beholder. En Benediktsson, K. Lund, K. A., *Conversation with landscape (109-123)*. Farnham, Surrey: Ashgate.

- Latour, B. Yaneva, A. (2008). 'Give me a gun and I will make all buildings move': an ANT's view of architecture. En Geiser, R. (edit.), *Exploration in architecture: teaching, design, research* (80-89). Basel: Birkhäuser.
- Lindón, A. (2007). Espacialidades, desplazamientos y trasnacionalismo. *Papeles de Población*, 53, 71-101.
- Low, S. Lawrence-Zúñiga, D. (eds.). (2003). *The anthropology of space and place. Locating culture*. Oxford: Blackwell.
- Magri, A. J. (2013). El Plan Juntos de emergencia habitacional en Uruguay. Respuestas gubernamentales cuando el Estado no alcanza sus metas. *Revista de Ciencias Sociales*, 26 (32), 133-150.
- Martín-Barbero, J. (2001). Reconfiguraciones comunicativas de lo público. *Anàlisi*, 26, 71-88.
- Moraña, M. Achugar, H. (eds.) (2000). *Uruguay: Imaginarios culturales. Tomo I: desde las huellas indígenas a la modernidad*. Montevideo: Trilce.
- Silva, A. (2007). La ciudad como comunicación. *Diálogos de la comunicación*, 74. Disponible en: <http://www.dialogosfelfacs.net/articulos-cul-23ArmandoSilva.php>
- Trigo, A. (1997). ¿Cultura uruguaya o culturas linyeras? Para una cartografía de la neomodernidad posuruguaya. Vintén, Montevideo.
- Zibechi, R. (2008). *Territorios en resistencia. Cartografía política de las periferias latinoamericanas*. Buenos Aires: Lavaca.

Biografía

Eduardo Álvarez Pedrosian es Pos-Doctorado en Antropología (USP, Brasil), Doctor y DEA en Filosofía: Historia de la subjetividad (UB, Cataluña, España), y Lic. en Cs. Antropológicas (Udelar, Uruguay). Coordinador del Laboratorio Transdisciplinario de Etnografía Experimental, y su programa en Comunicación, Arquitectura, Ciudad y Territorio (ACTCom), en el Depto. de Ciencias Humanas y Sociales, Instituto de Comunicación, FIC-Udelar, y miembro del Sistema Nacional de Investigadores (SNI-ANII), Uruguay. Vice-coordinador del GT Comunicación y ciudad de la ALAIC. Materiales: www.eduardoalvarezpedrosian.blogspot.com.

Reflexiones en torno a la investigación sobre ciudad y comunicación: mediaciones sociales e intersecciones espaciales

Universidad Nacional de Jujuy

Alejandra García-Vargas
alegarcia.vargas@gmail.com

California State University

Jessica Retis
jessica.retis@gmail.com

Loughborough University

Patria Román-Velázquez
romanpatria@gmail.com

Resumen

Esta propuesta pone en sintonía aportaciones de tres perspectivas de trabajo de corte interdisciplinario que buscan analizar y comprender los procesos de comunicación /cultura como parte de la producción social de la ciudad. Sugerimos un repaso a los elementos que desde las diversas aproximaciones sociológicas hemos identificado como fundamentales en la investigación sobre ciudad y comunicación.

Realizamos un recorrido que se detiene en tres procesos que confluyen: la problematización de las múltiples escalas para un ingreso situado al trabajo de campo; los espacios migrantes y étnicos en procesos de gentrificación en entornos urbanos; y las formas de autorepresentación en contextos transnacionales vinculadas a las rutas inmigrantes

Para esta presentación partimos de la propuesta de Doreen Massey para considerar a las ciudades (en tanto lugares) como un momento en la intersección de las relaciones sociales pues implica considerar no tan solo la co-presencia de relaciones sociales, sino también lo que se excluye, lo está ausente y de esta manera indagar sobre la geografía del poder a diferentes escalas y desde diferentes posicionamientos. Consideraremos que es un marco que nos permite abordar la desigualdad en la intersección de escalas implicadas tanto en la capacidad de movimiento como en las posiciones relativas de sujetos y regiones en procesos urbanos y globales.

Tanto la idea de *mediación* de Jesús Martín Barbero como su propuesta de *pensar en términos de matrices* los procesos sociocomunicacionales confluyen con la perspectiva de intersecciones espaciales del abordaje “de cerca y de adentro” de la ciudad, porque esas mediaciones se materializan en entornos urbanos, que dan espesor a la experiencia concreta de sujetos y grupos situados, que al mismo tiempo participan activamente en la construcción y mantenimiento de diversas geografías de poder.

Palabras clave:

Comunicación y Ciudad / Geografías del Poder / Empresariado étnico / Inmigrantes y Medios / El Barrio en la Ciudad / Economías migrantes

Abstract

This proposal brings together three interdisciplinary perspectives that seek to analyse and understand communication processes and cultural practices as part of the social production of cities. We suggest a review of



different sociological approaches that we deemed as crucial to researching cities and communication.

We cover three interrelated processes: the problem of multiple scales in field work, migrant and ethnic spaces under the context of urban regeneration; and forms of self-representation in transnational contexts related to the routes of immigrants.

For this presentation we depart from Doreen Massey's proposal that considers cities, as places, as a moment in the intersection of social relations. This will entail considering not just the co-presence in social relations, but those that are which is excluded. This approach allows us to look at the power geographies at play in different scales and from the different positions from which we speak. This framework requires a careful consideration of the inequalities present in the capacity of mobility and thus the position from which we are inserted in urban global processes.

The spatial intersections in approaching the city as an acquaintance or an insider are present in the idea of mediation proposed by Jesús Martín Barbero, as well as on his proposal of thinking in relation to the matrixes of socio-communication processes. These mediations are materialised in lived experiences in urban spaces through the situated subjects that are simultaneously active participants in the construction and endurance of diverse geographies of power.

Key words

Communication and the City / Geographies of Power / Ethnic Entrepreneurship / Immigrants and the Media / the Barrio in the City / Migrant Economies

Introducción

Esta propuesta pone en sintonía aportaciones de tres perspectivas de trabajo de corte interdisciplinario que buscan analizar y comprender los procesos de comunicación / cultura como parte de la producción social de la ciudad. Sugerimos un repaso a los elementos que desde las diversas aproximaciones sociológicas hemos identificado como fundamentales en la investigación sobre ciudad y comunicación. Se trata de una reflexión conjunta sobre propuestas *desde* y *con* las que hemos trabajado para analizar y comprender la complejidad de los circuitos comunicativos en los entornos urbanos de diversas ciudades en las que los latinoamericanos y latinoamericanas entrelazan actividades de la vida cotidiana.

La geografía crítica feminista problematiza las bases de la concepción universal de los procesos de globalización y defiende la importancia de los lugares locales para comprender las dinámicas sociales. Doreen Massey (1995), en consonancia con Harvey, propone entender los lugares más allá de la noción de "contenedor" de actividades sociales con bordes claramente delineados, clausurados, o exclusivamente territoriales. Para Massey (1995) las relaciones sociales existen en y a través del espacio; de esta manera nos invita a pensar la noción de lugar como *momentos* en la intersección de relaciones sociales. Una parte importante en su argumento es que las relaciones de poder están articuladas en la producción y transformación de los lugares, proceso que denomina 'geografía del poder'. Pensar los lugares de esta manera requiere una aproximación multi-dimensional y advierte que la producción de los lugares no puede reducirse a la historia del capitalismo (Harvey) o la modernidad (Giddens, 1990) entendidas en tanto procesos "desencarnados", que tienden a observar la ciudad "desde lejos" (Mongin 2006). Massey (1991), en cambio, señala la necesidad de articular los espacios

locales a dinámicas espaciales más amplias que además sean capaces de advertir la inequidad del desarrollo global. En ese sentido, la geógrafa sostiene:

La geografía del poder no es un “modelo” para estudiar la ciudad sino una manera de pensar críticamente acerca de la organización del espacio en la sociedad (Massey, en García Vargas y Román Velázquez, 2008).

Una de las implicaciones de esta propuesta es que no todos participamos de igual manera en los procesos de globalización. Algunos están en una posición de *control*, otros *participan* del proceso pero no están a cargo, algunos son *receptores* de decisiones en las que no participan y otros directamente son *prisioneros* del sistema al que sin embargo contribuyen a sostener (Massey, 1995).

Otra de las implicaciones refiere a la consideración de la politicidad de lo cotidiano y su vínculo con la acción y la memoria social contenidas tanto en la experiencia urbana de la desigualdad y la diferencia como en la territorialidad específica que esa experiencia invoca y al mismo tiempo construye. Se trata de observar “la ciudad diferencialmente vivida por distintos actores sociales” (Segura, 2015: 28)

Entonces, frente a lugares interconectados e interdependientes, y de límites tan importantes como contingentes y arbitrarios, aparece como característica la desigualdad de esa interdependencia (Jess y Massey, 1995). Hay una geografía del poder que estructura la inequidad del desarrollo desigual y cada lugar individual se posiciona en esa geografía. En el caso de las ciudades, estamos ante geografías complejas, que por ejemplo generan mecanismos de resistencia frente a “invasiones” culturales (una “voluntad de pureza” – diría Mary Douglas - que conduce a una ciudad del miedo y la exclusión de lo diferente) o de una mezcla infinita (que en sus versiones más inocentes olvida que esta mezcla también se dará en términos desiguales). Es por eso que las autoras citadas advierten sobre la imposibilidad de una respuesta general y la consecuente necesidad de evaluar cada aspecto de la “mezcla” en sus propios términos.

Para esta presentación partimos de la propuesta de Massey para considerar a las ciudades (en tanto lugares) como un momento en la intersección de las relaciones sociales pues implica considerar no tan solo la co-presencia de relaciones sociales, sino también lo que se excluye, lo está ausente y de esta manera indagar sobre la geografía del poder a diferentes escalas y desde diferentes posicionamientos. Consideramos que es un marco que nos permite abordar la desigualdad en la intersección de escalas implicadas tanto en la capacidad de movimiento como en las posiciones relativas de sujetos y regiones en procesos urbanos y globales.

La sugerencia de abordar los procesos comunicacionales a través de las “matrices históricas de la massmediación” en América Latina que propone Martín Barbero confluyen hacia la experiencia urbana en un sentido compatible con las consideraciones de Massey sobre los lugares y las geografías del poder, superando miradas “desde lejos y desde fuera” de esos procesos. En palabras del gran teórico latinoamericano:

(L)as historias de los medios de comunicación siguen -con raras excepciones- dedicadas a estudiar la “estructura económica” o el “contenido ideológico” de los medios, sin plantearse mínimamente el estudio de las mediaciones a través de las cuales los medios adquirieron materialidad institucional y espesor cultural, y en las que se oscila entre párrafos que parecen atribuir la dinámica de los cambios históricos a la influencia de los medios, y otros en los que éstos son reducidos a meros instrumentos pasivos en manos de una clase dotada de casi tanta autonomía como un sujeto kantiano (Martín Barbero, 1998: 223).

Tanto la idea de *mediación* de Jesús Martín Barbero como su propuesta de *pensar en términos de matrices* los procesos sociocomunicacionales confluyen con la perspectiva de in-

tersecciones espaciales del abordaje “de cerca y de adentro” de la ciudad, porque esas mediaciones se materializan en entornos urbanos, que dan espesor a la experiencia concreta de sujetos y grupos situados, que al mismo tiempo participan activamente en la construcción y mantenimiento de diversas geografías de poder (García Vargas, 2010b).

La ciudad desde el barrio: escalas e intersecciones espaciales

En este apartado proponemos revisar parte de la producción latinoamericana de estudios sobre ciudades, contrastándola entre sí y con otros enfoques, y deteniéndonos en las potencialidades analíticas de aquellos enfoques que privilegian el barrio como escala o posición de observación de la ciudad.

La bibliografía que aborda el barrio como escala para pensar la ciudad, o como espacio “desde” el cual reflexionar sobre ella es frecuente en Latinoamérica.¹ Por ejemplo, la preferencia del barrio como escala para abordar la ciudad en la Historia Social posterior a la última dictadura argentina es complementaria a la imagen de las “ciudades masivas” de José Luis Romero, ofreciendo el punto de vista del actor en el proceso de urbanización acelerada de las ciudades latinoamericanas.²

Esos abordajes de barrios latinoamericanos coinciden con el modelo de integración social urbana que Svampa (2001) denomina “dual”, ubicándolo en una posición intermedia entre el modelo anglosajón y el continental de la ciudad. El modelo continental observa a la ciudad desde los espacios públicos compartidos, como espacio de encuentro entre personas de diferentes clases sociales. El modelo anglosajón, en cambio, tiende a pensar a la ciudad como un mosaico, que concibe a la segregación espacial a partir de algunos abordajes de la historia de *integración social* norteamericana al momento de la inmigración masiva (mediados a fines del siglo XIX). Se trata de una idea vinculada a guetos o grupos que pertenecen a la ciudad – y luego a la nación- sin perder los rasgos identitarios de origen, los lazos con la comunidad primera, desde los cuales “salen” al encuentro con *los otros* de su ciudad. Es una figura habitual hasta hoy para pensar experiencias de comunidades migrantes, y también sustenta una explicación extendida de la inseguridad urbana entendida como pérdida del control del territorio por un grupo de pertenencia.³

América Latina se distancia históricamente de la imagen del mosaico, ofreciendo un *modelo dual* (Svampa 2001: 12) en el que se propicia la integración y “formación” de la ciudadanía mediante una poderosa impronta estatal, al tiempo que esta voluntad de integración está marcada por una profunda jerarquización social en la que son visibles desigualdades extremas y marcas de subordinación. Sin embargo, la escalada neoliberal de la década de 1990 acarreó la intensificación de los rasgos del modelo anglosajón, con una “huida” hacia la polarización y la profunda desigualdad entre barrios (Portes y Roberts, 2005).⁴ Esa territoria-

1 Tempranamente, Gutierrez y Romero (1995) y Armus (1990) exploraron el barrio como contexto por excelencia de los sectores populares argentinos que generó la experiencia de la “sociabilidad barrial”. Esa experiencia, para Gutierrez y Romero (1995) posibilitó la experiencia política del peronismo, y resultó espacio de integración y aceptación del orden social y político.

2 Efectivamente, la “ciudad masiva” implicó la multiplicación de la experiencia barrial y la convivencia urbana, y los abordajes barriales ayudaron a restituir la mirada a la ciudad y la reflexión sobre las tramas de la cotidianidad desde el punto de vista de quienes la construyen, recuperando la dimensión de las prácticas de los actores. La calle y la casa forman parte del universo barrial, y resultan escenario habitual de las etnografías y las descripciones barriales que inauguran esos textos, que también suelen incluir los puntos de encuentro, y las áreas que promueven la sociabilidad comunitaria.

3 Como sostiene Svampa, llevada al extremo esta idea se asocia a la afirmación del derecho del ciudadano a la recuperación, incluso armada, de estos espacios (Davis, 2005).

4 Ese modelo, llevado al extremo de sus posibilidades, toma la forma de las “ciudades fortalezas” norteamericanas descriptas por Davis (2005).

lización diferencial vinculada a los ingresos incluye a las “cárcel fortificadas” de la sociedad fastuosa (Davis, 2005; Ferreira Freitas y Pires, 2012), contrapuesta a los lugares del terror de la pobreza criminalizada en los discursos mediatizados, pero también a la “territorialización de los sectores populares” que menciona Svampa (2005) para referirse a los barrios como espacios de repliegue pero también de auto-organización. En general, esa polarización espacial muestra un “mosaico” de (auto)exclusión y apartamiento de grupos sociales diferentes, y es verificable en numerosas ciudades latinoamericanas.

Los espacios más recurrentemente etnografiados en Latinoamérica son justamente las favelas, las villas miseria o los cantejos, seguidos por los barrios populares (y, dentro de ellos, los que tienen historias políticas o de resistencia más prolongadas). Sin embargo, en los últimos años se ha visto surgir una línea menos habitual pero ya persistente de etnografías sobre los barrios cerrados (los “countries”), en paralelo con las preocupaciones de las Ciencias Sociales sobre las formas de la urbanización relativas a la polarización social neoliberal.

Construir el *barrio como escala o punto de ingreso a la problematización de la ciudad* resulta apropiado para abordajes etnográficos. Sin embargo, si bien el tejido urbano incluye diferentes zonas que lo constituyen, estos sectores no son piezas acabadas si no parte de una continuidad que adquiere contornos tan específicos como variables en diferentes procesos de interpretación y sistematización (García Vargas 2010a). Encontramos dos dificultades principales del abordaje de la escala barrial: por un lado, la deriva al “mapa” de la ciudad (en singular) acarrea el peligro de encerrarse en ese pequeño mundo que forma parte de la ciudad, y eludir de esa manera las experiencias y *cartografías discrepantes* (Segura, 2015) que la constituyen (“los mapas” de la ciudad, en plural). En segundo lugar, el “mapa” está detenido, y la ciudad puede interpretarse crecientemente como “flujo” a través de interacciones sociales que emergen de las prácticas.

Grimson (2009) resalta la potencialidad *históricamente sedimentada* de las características socioespaciales de las ciudades (el autor se refiere concretamente a Buenos Aires) para ofrecer bases específicas (y recursos únicos) a los fenómenos sociopolíticos urbanos, tanto en clave de dominación como de resistencias:

(Esta) relación entre espacio, clase social, sentidos y prácticas cotidianas es muy anterior a las transformaciones neoliberales. Es sobre esa base que el neoliberalismo produce ciertos efectos sobre la trama urbana. El neoliberalismo es una fábrica de fronteras, fronteras de dimensión y calidad muy diversas (Grimson, 2009: 21).

El abordaje de intersecciones espaciales retoman la dimensión política de la tensión entre mapa y flujo, entre fronteras y fluidez de intercambios implicados en la vida de la ciudad (y especialmente, en la de sus barrios), y resaltan la historicidad, la sedimentación y las múltiples escalas que se juegan en esa construcción desigual.⁵

En Latinoamérica se explora insistentemente esas confluencias desde los espacios de los sectores populares, mediante la observación o el cartografiado de rutinas del trabajo en la calle (Lindón, 2008), las ferias (García Vargas y Bergesio, 2010), las manifestaciones políticas

⁵ Entre los primeros trabajos de vasta difusión en el campo académico de la comunicación latinoamericana (y producidos desde y para ese espacio institucionalizado como primer destinatario) que llaman la atención sobre la dimensión barrial se destaca la tesis doctoral de Reguillo (publicada en 1996). La autora mexicana propone una tarea de análisis en dos niveles: el primer nivel será el barrio, el segundo la ciudad. De esa manera, encontrará en el barrio la representación metonímica de la ciudad, y describirá a partir de él los grandes problemas que atraviesan a Guadalajara en su conjunto. Esta fuerte territorialización - y el juego de escalas que produce - altera, enriqueciéndola, la triple localización que puede observarse en el trabajo pionero de José Luis Romero (García Vargas y Román Velázquez, 2011): tenemos, entonces, un lugar que se compone complejamente en la intersección entre el barrio, la ciudad, el estado nación y el espacio latinoamericano. Más adelante, y en sus indagaciones sobre adscripciones juveniles diversas, Reguillo (2012) pondrá la quinta dimensión: la transnacionalización global. Los abordajes fuertemente localizados de Reguillo, que consideran de manera permanente el barrio para el trabajo de campo retoman la intersección de espacialidades para pensarlo como “lugar”.

(López y Gaona, 2013) o las formas de habitar y los desplazamientos de trabajadores, trabajadoras y migrantes en la trama urbana (Segura, 2015; Carman, 2006; Caggiano, 2012 ; Román Velázquez, 1999). A su vez, esa territorialidad urbana popular es enfocada intensamente por el cine (*Pizza, birra y faso*; *Ciudad de Dios*) y la televisión (*Ciudad de hombres*, *El puntero*), en producciones que luego son retomadas como corpus por la crítica y las Ciencias Sociales (Brunsdon, 2007; Paulinelli, 2005).

A su vez, los conflictos estructurados alrededor de un espacio valioso y escaso que se reclama desde distintas posiciones y relaciones e implican desplazamientos de antiguos moradores de sectores populares en situaciones de patrimonialización o gentrificación, como se verá en el próximo apartado. Audiovisualmente, resultan referencias iberoamericanas imprescindibles las películas “La estrategia del caracol” (Cabrera, 1993) y “En construcción” (Guerín, 2001).

Con menos frecuencia pero de manera continua durante lo que va de este siglo, se trabaja a partir de los enclaves fortificados como los countries (Svampa, 2001; Pérez, 2012) o las áreas gentrificadas (Ferreira Freitas y Pires, 2012). Audiovisualmente, el documental *Um lugar ao sol* (Mascaro, 2010) retrata las representaciones sobre la ciudad de familias que habitan los penthouses de Río de Janeiro. El cine argentino ha descripto ese mundo adaptando la novela homónima de Claudia Piñeiro en “La viuda de los jueves” (Piñeyro, 2009), y la televisión ha elegido un country como locación principal para la versión local de la serie “Amas de casa desesperadas” (Cherry, 2007).

La ciudad global desde sus espacios migrantes y étnicos: procesos de gentrificación en entornos urbanos

En este apartado abordaremos la desigualdad en la intersección de escalas implicadas tanto en la capacidad de movimiento como en las posiciones relativas de sujetos y regiones en procesos urbanos globales. Nos detendremos en apuntar narrativas y prácticas transnacionales migratorias como punto de partida para reflexionar sobre la ciudad global desde sus espacios migrantes y étnicos. En el plan de seguir el dialogo que comenzamos hace unos años de converger nuestra diversidad geo-política y académica la literatura destacada intenta retomar debates desde la periferia urbana global con la intención de reflexionar sobre la mirada migrante y étnica como otra escala o posición de observación de la ciudad.

Narrativas sobre migración:

La mirada de la ciudad desde sus espacios migrantes y étnicos requiere retomar narrativas sobre movilidad, localidad y sentido de pertenencia. Un tanto se trata de entender prácticas y narrativas sobre movilidad espacial y temporal que implica sentar raíces, reclamar espacios, desarrollar nuevos vínculos identitarios con lugares, contribuir a la transformación de los espacios urbanos y desarrollar nuevos vínculos transnacionales. Entender la ciudad global desde sus espacios migrantes y étnicos invoca prácticas y procesos de movilidad transnacional así también como el derecho a sentar raíces en nuevos territorios y lugares.

Se trata entonces de una mirada temporal en la que se invoca una mirada al pasado, pero con nuevas aspiraciones, nuevas formas de identificación y nuevos reclamos a sentar raíces en otros lugares, una mirada que nos permite contemplar un futuro alternativo posible (Hall, 1992). También nos ayuda a reflexionar sobre la capacidad de movimiento espacial y las posiciones desde las cuales se construyen espacios migrantes en entornos urbanos de la ciudad global. Esta perspectiva nos permite considerar contextos, prácticas y significados en nuestro entendimiento de la ciudad global desde sus espacios migrantes y étnicos.

Si las narrativas sobre migración ‘son esencialmente historias sobre tiempo y espacio. Se relacionan (o más acertado construyen) una historia e interpelan lugar y posición (social

y jerárquica' (Anthias 2002, 499), entonces el reclamo a un espacio en la ciudad global por comunidades desproporcionadamente representadas en la construcción del discurso de la ciudad global es más que una posición individualista.

El reclamo a un espacio en la ciudad global por grupos migrantes y étnicos no es una posición individual, ni individualista – tal posición disminuiría las luchas colectivas urbanas que venimos presenciando últimamente - donde el reclamo a espacios públicos, vivienda justa y derechos laborales entre otros, convergen con la capacidad de poder vivir en la ciudad global. En todo caso se trata de un reclamo colectivo que interpela desigualdad de movimiento espacio-temporal conjuntamente con nuevas posiciones que se asumen en tanto a las formas de urbanidad en la ciudad global.

Narrativas sobre migración son también historias sobre dislocación y diferencia. Nos ayudan a pensar en cómo las personas entienden cuál es su 'lugar en la ciudad', su sentido de pertenencia e identificación o no con los lugares, en cómo construyen y transforman espacios en la ciudad para construir futuros posibles y nuevos espacios sociales. Sin embargo cuando estos espacios se ven amenazados por procesos intensos de revitalización y por lo general gentrificación urbana – el proceso de movilidad urbana pone en entredicho la capacidad de permanecer o reclamar su derecho a permanecer en los espacios migrantes y étnicos que transformaron y en los que sentaron nuevas raíces. Para las comunidades migrantes y étnicas en espacios urbanos se da entonces un proceso de desplazamiento en múltiples escalas. Ante una situación ambivalente e inestable se van construyendo entonces diferentes narrativas colectivas, y en disputa (o controversiales), sobre migración y espacios urbanos desde nuevas posiciones de reclamo, resistencia, solidaridad y sentido de identificación con el lugar.

Prácticas transnacionales y empresariado étnico en ciudades globales

Los procesos de migración transnacional no son nuevos. Sin embargo, la densidad y diversidad en prácticas transnacionales estimuladas en parte por contextos tecnológicos y financieros cada vez más sofisticados y en un ambiente cada vez más complejo -y en ocasiones, hostil hacia inmigrantes- ha provocado un giro hacia lo que Vertovec (2007) ha denominado como 'ciudades súper-diversas'. Esto incluye ciudades como Londres, donde convergen unas 270 nacionalidades y 300 idiomas y donde sobre un 40% de la población se identifica como migrante y étnico y casi un 40% nació en el extranjero (GLA, Draft Economic Evidence Base, 2016). Sin embargo, no se trata de tan sólo registrar diferencias en tanto a lugar de procedencia, sino también de registrar diferencias significativas en tanto a formas de identificación. Súper-diversidad de esta manera intenta recoger la diversidad de factores que convergen a partir de patrones migratorios emergentes desde comienzos de la década de 1990 (Vertovec, 2007). Esto incluiría factores como: lugar de origen, rutas migratorias, estatus legal, capital humano, acceso al mundo laboral, localidad, transnacionalismo, y respuestas por parte del gobierno local en tanto a la prestación de servicios para sus residentes.

Estas diferencias también quedan capturadas en la diversidad de prácticas locales y transnacionales activadas por poblaciones migrantes para reclamar nuevas y diferentes formas de pertenencia e identificación (Levitt and Glick Schiller 2004, 1011). En su intento por capturar prácticas transnacionales activadas por poblaciones migrantes, Guarnizo (2003) nos invita a reflexionar sobre relaciones y prácticas que vinculan a poblaciones migrantes con diferentes lugares y que permiten la transformación tanto de los países de origen como de las nuevas localidades. De igual manera invita a un análisis que considere las consecuencias de tales prácticas para las ciudades globales (consecuencias financieras, comerciales, así como también de producción, circulación y consumo de productos culturales).

Sin embargo, tal como señalamos en la introducción, no todas las comunidades y grupos migratorios participan de igual manera en los procesos de globalización y prácticas transnacionales. Algunos están en una posición de **control**, otros **participan** del proceso pero no están a cargo, algunos son **receptores** de decisiones en las que no participan y otros direc-



tamente son **prisioneros** del sistema al que sin embargo contribuyen a sostener (Massey, 1995). Para las poblaciones migrantes se desata un proceso altamente diferenciado en el que aunque comparten el mismo espacio físico en la ciudad con otros, el acceso al intercambio de información y recursos es altamente desigual (Portes 1999). Retomamos aquí el concepto de las geografías del poder (Massey, 1995) para pensar los lugares y lo local, específicamente, desde los espacios étnicos y migrantes, desde una aproximación multi-local y multidimensional (Alexander 2013; Levitt & Glick Schiller 2004).

Tomamos el ejemplo del empresariado migrante y étnico para ilustrar la aproximación multidimensional y multi-local de los espacios migrantes y étnicos en la ciudad global, caracterizada por tendencias y procesos intensos de diversificación urbana. Las prácticas transnacionales del empresariado migrante y étnico activa localidades diversas así también como vínculos interpersonales en la que las transacciones económicas están atadas al intercambio monetario global, a políticas de importación y exportación de productos y sujetas a regulaciones locales. De tal forma las prácticas transnacionales del empresariado migrante y étnico no tan sólo activan la capacidad de transformar localidades, sino que también contribuyen a procesos y transacciones financieros globales, y a la producción y consumo de productos culturales (Guarnizo 2003).

El contexto en el que estos procesos se dan es importante para entender la capacidad transformadora del empresariado migrante y étnico en ciudades globales. Si tomamos como ejemplo el caso de pequeños empresarios migrantes Latinoamericanos bajo contextos de revitalización urbana en Londres, los recursos para reclamar y negociar su espacio en la ciudad quedan reducidos frente a la justificación que privilegia una forma de economía global para la ciudad global. Dicha formulación rechaza la posibilidad de imaginar economías diversas y a múltiples escalas, negando así el papel que desempeñan las economías migrantes y étnicas en la ciudad global.

Proponemos una mirada multidimensional y multi-local para entender los espacios y economías migrantes y étnicas desde la ciudad global de manera que se puedan explorar las interdependencias activadas en reclamos y sentido de pertenencia a la ciudad, así como a la interdependencia de actividades económicas que se generan a partir del intercambio de pequeños empresariados migrantes y étnicos.

Esta perspectiva representa una crítica directa a la perspectiva económica que privilegia la eficiencia de recursos en el uso de espacios urbanos en la ciudad global a expensas del impacto que procesos de regeneración urbana puedan tener en el tejido socio-económico urbano y el desplazamiento de comunidades migrantes, étnicas, y de bajos recursos económicos. Tal perspectiva nos facilita un análisis que considere las geografías del poder activadas en espacios migrantes y étnicos desde la ciudad global. Lo local aparece como el escenario desde donde comunidades migrantes y étnicas materializan prácticas transnacionales; reclamos a su espacio en la ciudad global; y, formas de narrar la ciudad y de autorepresentación desde posiciones en competencia.

Las rutas inmigrantes de la ciudad: formas de auto-representación en contextos transnacionales

La condición transnacional de las diásporas latinoamericanas reclama perspectivas que analicen los espacios mediáticos desde la teoría crítica. Los procesos de globalización económica demandan un replanteamiento de las formas tradicionales de observar las sociedades nacionales convirtiéndolos en sistemas red (Castells, 2006), que han dado lugar a la desterritorialización de la vida social, la transformación de sus dimensiones culturales (Appadurai, 2003) y la reconfiguración de nodos en el marco de las ciudades globales (Sassen, 2001). En este contexto, los vínculos que se establecen *entre* y *por* las redes migratorias esbozan nuevos espacios diaspóricos en el que se basan los canales de comunicación e información (Retis, 2008).

Los estudios sobre inmigrantes de segunda y tercera generación muestran que América Latina crece en el exterior, concentrando su transnacionalidad en los circuitos transfronterizos que circulan a través de los canales abiertos de los flujos de capital internacional, pero en la dirección opuesta y con estrategias de la globalización “hacia arriba” (Sassen, 2007; Portes, et. al. 2009; Smith y Guarnizo, 2006; Levitt, 2009; Benton-Short and Price, 2005). En el contexto de las migraciones internacionales desde el Sur global al Norte global, los entornos urbanos de las ciudades norteamericanas y europeas han sido destino preferencial de determinados grupos a lo largo de las décadas recientes. Según la comparativa de los censos de 2000 y 2010, casi 30 millones de latinoamericanos viven fuera de su país de nacimiento. El 70% de ellos viven en Estados Unidos (Martínez, Cano y Contrucci, 2014). Desde los noventa, se incrementaron los flujos hacia España, Japón y Canadá mientras que al cambio de siglo se incrementaron los asentamientos de caribeños en Holanda y el Reino Unido, los sudamericanos se incrementaron en el sur de Europa, particularmente en España, Italia, Portugal y Francia, mientras que subieron los residentes chilenos en Australia y argentinos en Israel (CEPAL, 2006). Actualmente, en Estados Unidos, casi la mitad de los hispanos reside en las diez áreas metropolitanas más grandes del país. La mayor concentración la encontramos en Los Angeles-Long Beach (California) con 5,8 millones (11% del total de los hispanos) y New York-Northeastern (New Jersey), con 4,3 millones (8%). Lo siguen Houston-Brazoria (Texas), Riverside-San Bernardino (California), Chicago (Illinois) con dos millones cada uno; Dallas-Fort Worth (Texas) y Miami-Hialeah (Florida) con más casi dos millones y Phoenix (Arizona), San Francisco-Oakland-Vallejo (California) y San Antonio (Texas) con poco más de un millón de latinos cada uno. La mayor presencia porcentual la encontramos en Miami (65%), San Antonio (56%), Riverside (48%), Los Ángeles (45%), Houston (37%), Phoenix (30%), Dallas (28%), New York (24%), San Francisco (23%) y Chicago (22%) (Pew Research Center, 2013). El reciente aumento de latinoamericanos en ciudades con tradición de recepción de extranjeros como Londres, París, Toronto y Sydney, ha sido señalado por investigadores que, además, ponen de relieve la falta de estudios sobre estas minorías entre las minorías, sobre todo en ciudades clasificadas como “hiperdiversas” (Guarnizo, 2008; Bermúdez, 2008; Block, 2008; Price y Benton-Short, 2007; Retis, 2008, 2011). La crisis económica de 2008 en el sur de Europa produjo nuevos flujos migratorios entre “ciudades globales”, particularmente hacia el norte la Unión Europea. Los latinoamericanos se empezaron a embarcar en segundo y tercer proyecto migratorio internacional hacia el Reino Unido o Alemania, por ejemplo. Estos movimientos conviven también con flujos de retorno a los países de origen (Retis, 2011). Se producen mecanismos de circulación de migrantes en las que las redes migratorias latinoamericanas se articulan en circuitos transfronterizos en los que los lugares de origen y destino fluctúan en función de la coyuntura económica.

Resulta imprescindible abordar los estudios culturales sobre las diásporas contemporáneas latinoamericanas desde una perspectiva que incorpore la condición transnacional de los actuales contextos migratorios. Esta aproximación combina elementos de la perspectiva histórico estructural y de la sociología económica moderna e implica una aproximación diferente al proceso migratorio (Solé, Parella y Cavalcanti, 2008). No ve las migraciones contemporáneas en su condición dicotómica (unidireccional o bidireccional), ni ve el proceso migratorio y sus consecuencias como resultado de decisiones individualistas de maximización de ganancias y recursos personales de migrantes desconectados de su medio ambiente social. Esta perspectiva entiende el proceso dinámico, de construcción y reconstrucción de redes sociales que estructuran la movilidad espacial y la vida laboral, social, cultural y política tanto de la población migrante como de familiares, amigos y comunidades en los países de origen y destino –o destinos (Guarnizo, 2008: 22).

Los estudios culturales, la economía política, la sociología de los medios o la antropología cultural, han echado mano de la etnografía, los diarios de campo, las entrevistas metodológicas, o la observación participante, para dar cuenta de las tendencias generales de las prácticas culturales de las diásporas contemporáneas (Cottle, 2000; Husband, 2000; Sinclair

y Cunningham, 2000, Matasagnis, Katz y Ball-Rokeach, 2010). Se trata principalmente de comprender las complejas relaciones intra e interétnicas en los grupos que se desplazan de manera temporal, permanente o, a veces circular, a otras áreas geográficas distintas a las de sus lugares de origen (Georgiou, 2006; Gillespie, 2003, Retis y Sierra, 2011).

La sociología de la vida cotidiana ha brindado particulares aportes en este proceso de analizar y comprender los embrollos de las prácticas culturales de las comunidades diáspóricas. Así, el transnacionalismo diáspórico se advierte menos como un lugar y más como un espacio Georgiou (2006), invita a considerar la posible emergencia de formas contradictorias pero viables de «comunidades transnacionales imaginadas», especialmente a través de la participación selectiva y parcial en las prácticas comunicativas. Uno de los elementos claves en el entendimiento de estos procesos es la constatación de que se trata de realidades complejas. No es exclusivamente el hecho de «ser extranjero» o de compartir ciertos elementos comunes lo que pretende homogeneizar a los grupos inmigrados del mismo origen geográfico. Algunos estudios han reclamado tomar en cuenta las formas disímiles que se producen en diversos entornos como las organizaciones comunitarias, las prácticas formales e informales en torno a los centros de reuniones, las escuelas de idiomas, las tiendas de productos étnicos, las de alquiler de videos y los restaurantes. Las prácticas culturales se conciben en el telón de fondo de la dispersión geográfica y la diversidad interna y cultural (Sreberny, 2003).

El contexto del consumo cultural de los grupos migrantes internacionales resulta incomprensible sin analizarlo desde el tamiz de las prácticas comunicativas directas y mediadas (Retis y Sierra, 2011). En este contexto, resulta influyente la estructura de la oferta y la demanda de medios de información y comunicación. La investigación comparada de sobre la fundación, gestión y difusión de medios dirigidos a inmigrantes transnacionales demuestra que se trata de procesos complejos y multidimensionales. Reiterando, proponemos que los estudios incorporen miradas multidimensionales y multilocales que permitan analizar y comprender los espacios mediáticos en el contexto de las migraciones transnacionales de los entornos urbanos de las ciudades globales.

Conclusiones

Desde 2008 la mitad de la población mundial vive en ciudades, un cambio significativo si tomamos en cuenta que solo en 1950 únicamente el 30% del mundo era considerado urbano. Según las proyecciones, hacia 2050 el 66% de los residentes del mundo habitará en áreas urbanas (United Nations, 2014). Las áreas más urbanas se encuentran en Norteamérica (80%), Latinoamérica y el Caribe (80%) y Europa (73%). En contraste, África y Asia aún permanecen mayoritariamente rurales, con 40% y 49% de su población viviendo en zonas urbanas aunque está protagonizando los procesos de urbanización más rápidos que otras regiones (*Ibid*). Los procesos de llegada, asentamiento y convivencia de los diversos grupos que conviven en entornos urbanos de diversas metrópolis demandan aproximaciones reflexivas que se sustenten en herramientas interdisciplinarias para analizar y comprender los procesos comunicativos en la ciudad.

Proponemos una mirada interdisciplinaria, multidimensional y multi-local para entender los espacios transnacionales, migrantes y barriales de diversas ciudades en las que los latinoamericanos activan nuevas formas de identificación, sentido de pertenencia a la ciudad, y el reclamo a su espacio en la ciudad. Esta perspectiva supone indagar las geografías del poder a diferentes escalas y desde diferentes posicionamientos desde los cuales se van construyendo narrativas sobre urbanidad. Consideramos que es un marco que nos permite abordar la desigualdad en la intersección de escalas implicadas tanto en la capacidad de movimiento como en las posiciones relativas de sujetos y regiones en procesos urbanos y globales.

Las relaciones transnacionales, migrantes y barriales se dan en entornos ambientales urbanos específicos y situados. La ciudad, en tanto experiencia espacio-temporal, conecta,

articula, reúne, pero también desconecta, fragmenta y separa. La circulación de narrativas mediatisadas ofrece las mismas contradicciones, al amplificar y volver resonantes determinados discursos y apreciaciones sobre la ciudad, pero también por su participación desigual en las geografías amplias de las industrias culturales transnacionales, participación que se da desde entornos urbanos específicos.

El tipo de intersecciones y mediaciones que presentan las situaciones sociales que ofrecemos en este trabajo requiere abordar procesos que implican espacios y trayectos extensos, pero al mismo tiempo se territorializan mediante procesos sociales situados espacial y temporalmente. Esas ubicaciones son crecientemente urbanas (independientemente del lugar relativo que cada ciudad ocupe en una suerte de “tablero de liga de ciudades”, cfr. Robinson, en García Vargas y Román Velázquez, 2006). Las maneras de acceder a esos espacios mediante el trabajo de campo se relacionan con discusiones de larga data, y entendemos que la literatura producida en nuestro continente ofrece antecedentes valiosos para renovarla.

Bibliografía

- Alexandre C. (2013). ‘Marriage, migration, multiculturalism: Gendering and the Bengali Diaspora’, *Journal of Ethnic and Migration Studies* 39(3): 333-351.
- Anthias, F. (2010). ‘Nation and Post-Nation: Nationalism, transnationalism and Intersections of belonging’ in P.H. Collins & J. Solomos (Eds), *Handbook of Race and Ethnic Studies*, London: Sage, pp221-248.
- Armut, D. (1990) (comp.): *Mundo urbano y cultura popular. Estudios de Historia Social Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Appadurai, A. (2003). *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Sixth Printing. Minneapolis: University of Minessota Press.
- Benton-Short, L., Price, M., y Friedman, S. (2005). “Globalization from Below: The Ranking of Global Immigrant Cities”, *International Journal of Urban and Regional Research*, Vol. 29, 945-959.
- Bermudez, A. (2008). *Political Transnationalism, Gender and Peace-building Among Colombian Migrants in the UK and Spain*, Ph.D. Thesis in Geography, Queen May, University of London.
- Block, D. (2008). “The Increasing Presence of Spanish-Speaking Latinos in London: An Emergent Community?” *Journal of Language, Identity, and Education*, 7:5-21,
- Brunsdon, C. (2007): *London in cinema: the cinematic city since 1945*. London: BFI.
- Caggiano, S. (2012): “Inmigrantes en la ciudad de Buenos Aires: demarcaciones y recorridos”, en Huffschmid, Anne y Valeria Durán (eds.), *Topografías conflictivas: memorias, espacios y ciudad en disputa*. Buenos Aires, Nueva Trilce. p. 211 - 241
- Carman, M. (2006). *Las trampas de la cultura. Los “intrusos” y los nuevos usos del barrio de Gardel*. Buenos Aires, Paidós.
- Castells, M. (ed.) (2006). La sociedad red: una visión global. Madrid: Alianza Editorial.
- CEPAL, (2006) Migración internacional de latinoamericanos y caribeños en Iberoamérica: características, retos y oportunidades, Santiago de Chile: Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía.
- Cottle, S. (2000) (Ed.): *Ethnic minorities and the Media*. Buckingham: Open University Press.
- Davis, M. (2005) “City of Quartz: Excavating the future in Los Angeles”, en LeGates, Richard T. y Stout, Frederic (eds.): *The City Reader, Third Edition*. Londres, Routledge.
- Ferreira Freitas, R. y Pires Goncalves, K. (2012): *Comunicação, cidade e violência: a reinvenção do Rio de Janeiro frente aos megaeventos*. Ponencia presentada en XI Congreso ALAIC. Montevideo, Universidad de la República. Disponible en: http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/gt15_ferreira_freitas_ricardo.pdf
- García Vargas, A. (2010a). “Una, otra, esta ciudad. Notas situadas sobre San Salvador de Jujuy”, en García Vargas, Alejandra (ed.): *Ciudad. San Salvador de Jujuy como texto: imágenes y relatos de la ciudad*. San Salvador de Jujuy: EDIUNJu.

- (2010b). “*Tan lejos, tan cerca...*’ Medios masivos e inmigración boliviana en San Salvador de Jujuy”, en **Revista Con-Sciencias Sociales N° 2**. Cochabamba: Departamento de Ciencias Sociales y Humanas, Universidad Católica Boliviana, primer semestre.
- García Vargas, A. y Román Velázquez, P. (2006). “*Ciudades ordinarias*”. *Entrevista a Jennifer Robinson*, en **Población y Sociedad N° 12/13 Revista Regional de Estudios Sociales**. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán/Fundación Yocavil. Pp. 203-226.
- García Vargas, A. y Bergesio, L. (2010). “Las penas son de nosotros, las veredas son ajenas. Espacio y conflicto en la representación del trabajo en las calles de San Salvador de Jujuy durante la década de 1990”, en García Vargas, Alejandra (ed.): *Ciudad. San Salvador de Jujuy como texto: imágenes y relatos de la ciudad*. San Salvador de Jujuy: EDIUNJu.
- García Vargas, A.y Román Velázquez. P. (2011). “Latin American Urban Cultural Studies: Unique Texts, Ordinary Cities”, WPCC 8 (1), pp.131-153. Disponible en: http://www.westminster.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0017/93230/006WPCC-Vol8-No1-Vargas-and-Velazquez.pdf Accedido: 23/10/13
- Georgiou, M. (2006). *Diaspora, Identity and the Media: Diasporic Transnationalism and Mediated Spatialities*. London: Hampton Press.
- Giddens, A. (1990). *The Consequences of Modernity*. California: Stanford University Press.
- Gorelik, A. (1998). *La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1987-1936*. Buenos Aires: UNQ.
- Greater London Authority, GLA (2016). *Draft Economic Evidence Base*. Available at: <https://www.london.gov.uk/business-and-economy-publications/draft-economic-evidence-base-2016> Accedido: 13 May 2016
- Guarnizo, L.E. (2003). ‘The economics of transnational living’, *International Migration Review* 37(3): 666-699.
- . (2008): *Londres latina. La presencia colombiana en la capital británica*. Porrúa: México.
- Guillespie, M. (2003). “Transnational communities and diaspora communities”. In Cottle, S. (Ed.) *Ethnic minorities and the Media* (pp. 164-177). Buckingham: Open University Press.
- Gutiérrez, L. y Romero, L.A. (1995). *Sectores populares, cultura y política. Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires, Sudamericana.
- Harvey, David (2005 [1997]). “Contested cities: Social Process and Spatial Form”, en LeGates, R. T. y Stout, F. (eds.). *The City Reader, Third Edition*. Londres, Routledge. [Primera edición 1997, en Jewson, Nick y Mac Gregor, Susanne (eds): *Transforming Cities*. Londres y Nueva York, Routledge]
- Husband, C. (2000). “Media and the Public Sphere in Multi-ethnic Societies”, en: Cottle, S. (ed.) *Ethnic Minorities and the Media*. Buckingham: Open University Press
- Jess, P. y Massey, D. (1995). “The contestation of place”, en Massey, D. y Jess, P. (ed.) (1995)- *A place in the World? Places, culture and Globalizaton*. Oxford: Oxford University Press / Open University.
- Levitt, P. (2009). “Routes and Roots: Understanding the Lives of the Second Generation Transnationally” *Journal of Ethnic and Migration Studies* 35(7):1225-1242.
- Levitt P and N Glick Schiller (2004). ‘Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society’, *International Migration Review*, 38(3): 1002–39.
- Lindón, A. (2008): “Los giros de la geografía urbana: frente a la pantópolis, la microgeografía urbana”, en *Scripta Nova Vol. XII*, núm. 270 (62). Agosto.
- López, A. y Gaona, M. (2013): *Género, comunicación y cultura en dos organizaciones sociales de San Salvador de Jujuy*. San Salvador de Jujuy: EDIUNJu.
- Martínez, J., Cano, V. y Contrucci, M. (2014). *Tendencias y patrones de la migración latinoamericana y caribeña hacia 2010 y desafíos para una agenda regional*. Santiago de Chile: Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía.
- Massey, D. (1991). “A global sense of place”. *Marxism Today*, june 1991.

- Massey, D. (1995). "The conceptualization of place", en Massey, D. y Jess, P. (ed). *A place in the World? Places, culture and Globalization*, Oxford, Oxford University Press / Open University (The Shape of the World).
- Matsaganis, M., Katz, Vikki y Ball-Rokeach, S. (2010). *Understanding Ethnic Media. Producers, Consumers and Societies*. Sage: Thousand Oaks.
- Paulinelli, M. (coord..) (2005). *Poéticas en el cine argentino. 1995-2005*. Córdoba: Comunicarte.
- Pérez, M. L. (2012). "Las ciudades y los signos: sin barreras no hay fronteras. Un acercamiento a los nuevos imaginarios urbanos en relatos de preadolescentes que viven en urbanizaciones cerradas del distrito de Pilar". Ponencia presentada en XI Congreso ALAIC. Montevideo, Universidad de la República. Disponible en: http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/gt15_perez_maría_laura.pdf Accedido: 21/11/13.
- Pew Research Center, (2013). *Mapping the Latino population by State, County, and City*, Washington: Pew Research Center.
- Portes, A.; Guarnizo, L. E; Landolt, P. (1999). 'The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field', *Ethnic and Racial Studies* 22(2): 217-237, DOI: 10.1080/014198799329468.
- Portes, A. y Roberts, B. (2005). "La ciudad bajo el libre mercado. La urbanización en América Latina durante los años del experimento neoliberal", en Portes, A., Roberts, B. y Grimson, A. (eds.). *Ciudades Latinoamericanas. Un análisis comparativo en el umbral del Nuevo siglo*. Buenos Aires: Prometeo.
- Portes, A., Aparicio, R. y Haller, W. (2009). "La segunda generación en Madrid, un estudio longitudinal", *ARI*, núm. 67, pp. 1-10.
- Price, M y Benton-Short, L. (2007). "Counting Immigrants in Cities across the Globe", Migration Policy Institute, Jan. 1.
- Román Velázquez, P. (1999). *The making of Latin London. Salsa music, place and identity*. Londres, Ashgate.
- Román Velázquez, P. y García Vargas, A. (2008). "Hay que traer el espacio a la vida" Entrevista a Doreen Massey, en *Revista Signo y Pensamiento* N° 53. Bogotá: Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, julio-diciembre. Pp. 327-343.
- Romero, J. L. (2001). *Latinoamérica: las ciudades y sus ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI. [Primera edición 1976]
- Reguiló, R. (1996). *La construcción simbólica de la ciudad. Sociedad, desastre y comunicación*. Guadalajara: Iteso/Universidad Iberoamericana.
- Reguiló, R. (2012). *Culturas juveniles. Formas políticas del desencanto*. Buenos Aires: Siglo XXI
- Retis, J. (2011). *Estudio exploratorio sobre el consumo cultural de los inmigrantes latinoamericanos en España: el contexto transnacional de las prácticas culturales*, Madrid: Fundación Alternativas.
- (2008). *Espacios mediáticos de la inmigración en Madrid: Génesis y evolución*. Madrid: Observatorio de las Migraciones y la Convivencia Intercultural de la Ciudad de Madrid.
- (2006). *El discurso público sobre la inmigración latinoamericana en España. Análisis de la construcción de las imágenes de los inmigrantes latinoamericanos en la prensa de referencia*. Tesis de Doctorado en América Latina Contemporánea. Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset - Universidad Complutense de Madrid.
- Retis, J. y Sierra, F. (2011). "Rethinking Latin American Communicology in the Age of Nomad Culture: Transnational Consumption and Cultural Hybridizations", *Westminster Papers in Communication and Culture*, vol 8 (1), pp.102-130. Disponible en: <http://www.westminsterpapers.org/articles/abstract/10.16997/wpc.164/>
- Sassen, S. (2007). *Una sociología de la globalización*. Buenos Aires: Katz.
- (2001): *The Global City: New York, London, Tokyo*, New York: Princeton University Press.
- Segura, R. (2015). *Vivir afuera. Antropología de la experiencia urbana*. San Martín: UNSAM.

- Sinclair, J. y Cunningham, S. (2000). Diasporas and the Media. In Cunningham, S. & Sinclair, J. (Eds.) *Floating Lives: The Media and Asian Diasporas* (pp. 1-34). Queensland: University of Queensland Press.
- Smith, P. y Guarnizo, L. (eds.) (1998). *Transnationalism from Below*, New Brunswick: Transaction Publishers.
- Solé, C., Parella, S. y Cavalcanti, L. (2008) *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*, Madrid: OPI.
- Sreberny, A. (2003). "Media and diasporic consciousness: an exploration among iranians in London". In Cottle, S. (Ed.) *Ethnic minorities and the Media* (pp. 199-125). Buckingham: Open University Press.
- Svampa, M. (2001). *Los que ganaron. La vida en los countries y barrios privados*. Buenos Aires, Biblos.
- (2005). *La sociedad excluyente. La Argentina bajo el signo del Neoliberalismo*. Buenos Aires: Taurus.
- Vertovec, S. (2007). "Super-diversity and its implications", *Ethnic and Racial Studies* 30(6): 1024-1054.

Biografías

Alejandra García Vargas. Secretaria de la Red de Carreras de Comunicación y Periodismo de Argentina (REDCOM) y del Área Académica de Género y Derechos Humanos (FHyCS, UNJu). Docente regular por concurso, a cargo de cátedras en las carreras de Comunicación Social de la Universidad Nacional de Jujuy y de la Universidad Nacional de Salta. Investigadora de SECTER (dirige un proyecto de investigación categoría "A" radicado en la Unidad de Investigación en Comunicación, Cultura y Sociedad). Investigadora a cargo del equipo Jujuy del Proyecto de Investigación Orientado (PIO) CONICET-Defensoría del Público de la Nación "De la invisibilidad al estigma: identidades y representaciones de la diferencia socio-cultural en telediarios de NOA y NEA". Coordina el GT "Comunicación y Ciudad" de ALAIC. Ha coordinado el Polo NOA (Cabeza UNJu) de la Televisión Digital Argentina y ha dirigido el Departamento de Ciencias de la Comunicación (FHyCS-UNJu), en ambos casos de 2011 a 2014. Ha publicado numerosos artículos en revistas académicas y obras colectivas, ha editado números especiales de revistas académicas y dos libros en EDIUNJu. Trabaja en el área de comunicación/cultura abordando la desigualdad y el poder en procesos comunicacionales contemporáneos.

Jessica Retis. Profesora de periodismo y comunicación en la Universidad Estatal de California, Northridge. Obtuvo la Licenciatura en Comunicaciones por la Universidad de Lima, la Maestría en Estudios Latinoamericanos por la UNAM y el Doctorado en América Latina Contemporánea por la Universidad Complutense de Madrid. Tiene más de veinte años como docente y ha dictado cursos en Estados Unidos, España, México y Ecuador, en áreas del conocimiento sobre América Latina y medios de comunicación, así como de producción de periodismo digital y redes sociales. Por más de veinte años trabajó como periodista para diversos medios impresos, de radio y televisión en Perú, México y España. Es especialista en estudios sobre inmigración internacional y medios de comunicación, economía política de los medios, análisis crítico del discurso y estudios sobre medios latinos en Estados Unidos y Europa. Actualmente trabaja en una investigación sobre medios latinos en las ciudades globales de Los Ángeles, Nueva York, Londres y Madrid. Ha servido como Vice-Chair de International Association for Media and Communication Research (IAMCR) y como Secretaria de la Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC), entre otras organizaciones. Entre sus publicaciones recientes se encuentran: Retis, J. (2016). "Cultural consumption and contemporary diasporas: From Geographical Immigrants to Digital Immigrants" in: *The Routledge Companion to Latina/o Media*, María Elena Cepeda and

Dolores Casillas (Eds.) Routledge. Retis, J. (2014). *Latino Diasporas and the Media. Interdisciplinary Approaches to Understanding Transnationalism and Communications*. Darling-Wolf F. (Ed.) *Methods in Media Studies*. Hoboken: Wiley-Blackwell

Patria Román-Velázquez. Patria es catedrática de la Universidad de Loughborough en el Reino Unido. Se especializa en el campo de la sociología de la comunicación, con intereses en comunicación urbana, economías migrantes y étnicas y revitalización urbana. Trabaja teorías de globalización, ciudad, lugar e identidad a través de etnografías urbanas. Específicamente trabaja con grupos Latino Americanos en Londres. La construcción de lugres e identidades desde la mirada del empresariado étnico dentro del contexto de procesos intensos de revitalización urbana queda plasmado en su investigación con conglomerados de empresariado Latino Americano en Londres. Su investigación más reciente interroga la relación entre revitalización urbana, políticas de planificación urbana y economías migrantes y étnicas en Londres. Patria es la autora de *The Making of Latin London: Salsa Music, Place and Identity* (1999), y de un sin número de artículos académicos. Actualmente funge como Vice-Coordinadora del GT Comunicación y Ciudad de ALAIC. Antes de incorporarse a la Universidad de Loughborough, Patria trabajó en City University en Londres y en la Universidad de Puerto Rico. Es también fundadora y directora del Cuerpo Ejecutivo de Latin Elephant, una organización sin fines de lucro que trabaja para aumentar la participación de Latino Americanos en procesos de cambio urbano en Londres.

100em1dia Cuiabá, comunicação participativa numa cidade possível

Universidade Federal de Mato Grosso

Heidy Bello Medina
heidy.bello@gmail.com

Maria Thereza Azevedo
maritheaz@gmail.com

Resumo

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o processo de participação cidadã no projeto do festival da cidadania *100em1dia-Cuiabá*, a partir da disposição de um grupo no Facebook, no qual intervêm multiplicidades que permitem ter uma perspectiva da utilização dos recursos da rede para os cérebros em rede, força viva das revoluções moleculares que tentam transformar a cidade para melhora do espaço físico e as condições sociais, através do que Peter Pál Pelbart denomina potência da vida. A análise permite entretecer a relação da comunicação com as micropolíticas urbanas, vinculando-a com a proposta do festival da cidadania desenvolvido na Colômbia.

Palavras-chave:

100Em1DiaCuiabá; potência da vida; comunicação participativa; criatividade coletiva, cidadania.

Abstract

*This text presents a reflection on the process of citizen participation in the project of the festival of the citizenship *100in1dayCuiabá*, from the disposal of a group in Facebook, in which multiplicities take part and they allow to have a perspective of the utilization of the resources of the network for the brains in network, alive strength of the molecular revolutions that try to transform the city to improve the physical space and the social conditions, through what Peter Pál Pelbart calls potentiality as a life. The analysis allows weave the relation of the communication with the urban micropolitics, linking it with the proposal of the citizen festival developed in Colombia.*

Key-words:

100Em1DiaCuiabá; Potentiality as a life; Participatory communication; Collective creativity; citizenship.

Introdução

A relação entre comunicação e cidadania é cada vez mais questionada, pois exige pensar na forma como os meios de comunicação ajudam a gerar a cidadania e na forma como os cidadãos escolhem os conteúdos, na democratização da informação, e para além, sobre como os cidadãos criam seus próprios meios para falar dos seus interesses e potenciar a força viva criativa. No mundo contemporâneo, as redes sociais geram a cada dia mobilizações



diversas na luta pelos direitos humanos e também pelo direito à cidade¹. Nesse contexto de sociabilidade, pode pensar-se nas redes sociais como construtoras de conhecimento através da integração de experiências?

O nascimento da internet e das redes sociais tem mudado o conceito de conexão social para sempre, o eco replica-se constantemente na aldeia global de McLuhan, onde a proximidade é diversa e indefinível. Diz Suely Rolnik que estamos num mundo que se apresenta como um oceano infinito e as subjetividades estão “arrancadas do solo, elas tem o dom da ubiquidade —flutuam ao sabor das conexões mutáveis do desejo com fluxos de todos os lugares e todos os tempos, que transitam simultâneos pelas ondas eletrônicas” (1998, p. 1).

Aquelas subjetividades flutuantes no imenso oceano brindam também novas possibilidades de pesquisa para conhecer como elas transitam nas novas tecnologias da informação e da comunicação, mas também para saber quais são os lugares onde elas se atravessam e se contaminam, e como as multiplicidades interagem para gerar revoluções moleculares e potenciar a vida. Néstor García Canclini (2008, p. 15) afirma, “Embora continue havendo inovações na arte e surpreendentes descobertas científicas, as maiores fontes de assombro, agora, provêm da diversidade do mundo presente na própria sociedade e daquilo que está distante ou é ignorado e que a conectividade aproxima”.

O presente texto² pretende refletir sobre a relação entre participação cidadã e comunicação através de uma das fases de construção coletiva de conhecimento no processo da organização do primeiro festival da cidadania *100em1diaCuiabá*³, através do grupo de Facebook *CIDADE POSSIVEL100em1diaCUIABÁ*, onde as pessoas, a partir das suas publicações, constituíram uma base de dados de experiências do estado de Mato Grosso, do Brasil e do mundo para potenciar a criatividade em rede e agir na cidade durante o 3 de abril de 2016, durante a realização do festival. As dinâmicas próprias de participação no grupo permitiram obter um diagnóstico preliminar das necessidades (conceitos e imaginários) sobre a cidade e vislumbrar o rumo das ações cidadãs do *100em1diaCuiabá*. A análise parte do nascimento e concepção do movimento social na Colômbia para entender a proposta e a execução na capital matogrossense.

“Além de pensar, vamos fazer”⁴

100En1Día nasceu em Bogotá em 2012, a partir das ideias e inquietudes de jovens dos grupos *Acciones Urbanas*, de Bogotá, e *Ciudadanía Activada*, conformado por estudantes do Team 17 da escola de negócios *Kaospilot* da Dinamarca, com o interesse de mobilizar a população para agir pela cidade e transformar a capital da Colômbia num lugar melhor. Depois do sucesso do primeiro acontecimento, no qual aconteceram 250 intervenções urbanas, o modelo foi espalhado por quatro continentes, formando uma rede na qual participam 29 cidades.

O movimento cidadão global coloca o processo comunicativo como base na melhora da relação entre o cidadão e a cidade, e do cidadão com outros sujeitos do mundo, que procurem atingir objetivos parecidos para transformar o espaço urbano através de modos baseados na solidariedade, no compartilhamento de experiências e afetos.

1 Conceito desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre através da obra *Le droit à la ville* (1968), onde considera o direito à cidade como um direito onde a sociedade deve ser partícipe dos benefícios e qualidades da vida urbana.

2 O texto faz parte da pesquisa em andamento: *100em1dia Cuiabá: micropolíticas urbanas na relação Colômbia-Brasil*.

3 A iniciativa *100em1diaCuiabá*, foi desenvolvida dentro do projeto de pesquisa Cidade Possível, financiado pela CAPES.

4 Diego Cuadros Rojas, co-fundador do movimento, diz que a diferença de *100In1day* dos outros movimentos é que eles não somente são sonhadores na busca de uma cidade melhor, mas que eles ajudam ao cidadão agir pela cidade e quando isso acontece não unicamente a cidade muda, mas também a pessoa, o ser capaz de dar da sua criatividade para fazer alguma coisa acontecer. Então, o crescimento do movimento baseia-se nos acontecimentos, nas experiências; as pessoas acreditam porque é possível. Entrevista realizada em Bogotá, em outubro de 2015.

Humanity, more connected every day, does not see frontiers or barriers that might prevent thinking, feeling, and acting as a whole. That is why, this global movement searches the involvement of all the citizens thinking globally, feeling wholly, and acting crazily.

100In1Day shows, connects, and catalyses the change, from empowerment and active participation from people in order to build their dreamed cities. One day where citizens make 100 or more actions in public space. (100In1Day, n.d.)

Cuadros Rojas diz (2015) que “o propósito da iniciativa é que o cidadão possa-se pensar como ser global, capaz de gerar diálogos, cenários de ação conjunta entre pessoas, cidades e países, num ambiente intercultural para salientar as ações positivas para o mundo”.

Quando acontece um festival da cidadania em alguma parte do mundo há uma possibilidade de conhecer a criatividade local e de gerar conhecimento coletivo através das experiências, pois as ações fornecem as novas cidades de ideias. No contexto das cidades capitalistas, existem processos de afetação similares, não há exclusividade geográfica, mas uma dimensão global no propósito da constituição de cidades para as pessoas. No caso de Cuiabá, são 28 cidades de exemplo e milhares de propostas.

Cuiabá, lugar de participação fervorosa

Em 2015, a iniciativa *100In1Day* chegou a Cuiabá e pensou-se redes sociais como uma primeira opção para comunicar o projeto e compartilhar a sua preocupação para agir na cidade. Com a criação do grupo *CIDADE POSSIVEL100em1diaCUIABÁ* no Facebook, começou circular diversas mensagens com o intuito de pensar *O que significa Cuiabá para você, O que você acha que a cidade precisa e O que você daria de presente à cidade?* Permitindo a comunicação ser uma ferramenta do processo no qual adquire sentido a potência da vida proposta por Peter Pál Pelbart.

As mensagens pretendiam fazer as pessoas refletir sobre o conhecimento e significação da cidade e a sua responsabilidade como cidadãos. Meditar sobre a cidade, em palavras de Hoyos Sánchez (2013), é pensar na condição humana, senão também no carácter político. Por isso, pensar numa cidade não é somente reconhecer quais são as macropolíticas, mas também as micropolíticas e como o sujeito pode intervir e criar aquela cidade que ele quer.

Uma das respostas foi:

Quero fazer de Cuiabá uma cidade melhor porque sou cuiabana, filha de cuiabanos, neta de cuiabanos e mãe de duas cuiabanhinhas. Vi a cidade crescer mas não quero ver a cidade destruída, cheia de entulhos de restos de corrupção, sem o verde da rua das mangueiras, sem a água do chafariz da Boa Morte, e sem o colorido nas ruas de quem anda sem medo. Quero poder lembrar da alegria de descer de carrinho de rolemã a rua Cândido Mariano, de tomar sorvete na Patotinha, de dançar na Boite do Tênis Clube. Sem aquele saudosismo melancólico, mas com a felicidade de viver em uma cidade melhor. (Cidade possível 100em1diaCuiabá, 2015).

As subjetividades, como diz Rolnik (1998) flutuam no processo, subjetividades entendidas desde Guattari (1992, p. 19) como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”.

Gushiken (2007) refere-se ao devir epistemológico que pressupõe nos estudos da comunicação a expressão “usos dos meios”, devido a que a reflexão proporcionava, desde os estudos do comportamento, um interesse por estudar o que os meios faziam com as pessoas,



contudo pensar nas possibilidades da utilização dos meios para falar sobre assuntos que atravessam as pessoas na cotidianidade, permite pensar na comunicação como cultura.

Neste caso de estudo, a partir de uma etnografia dos entornos virtuais tem sido possível monitorar e registrar a participação dos sujeitos através das diversas publicações (vídeos, fotografias, conversas etc.). Sobre a coleta de dados nos ambientes virtuais, Orellana López e Sánchez Gómez (2006) validam a observação como instrumento importante para que o pesquisador possa analisar várias vezes a informação tendo em conta a permanência neste cenário.

As redes sociais permitem falar da contaminação e do fluxo das subjetividades, pois além de ser um processo mediado, a criação coletiva está presente na medida em que a pessoa ingressa no grupo desde sua conta de Facebook e depois participa nele por iniciativa própria ou seguindo as notificações da rede social. Uma vez no grupo, as publicações que correspondem à pessoa, são compartilhadas por cada um. Para o qual os sujeitos devem seguir um procedimento genérico (colocar o link no espaço, aguardar o sistema carregar a informação, escrever alguma ementa, embora não seja sempre, ficar atentos no feedback dos participantes do grupo). Gushiken (2007, p. 3) assegura:

Não se trata, numa conjuntura de alta visibilidade tecnológica, de fazer apologia da tecnologia, como se ela por si só fosse capaz de promover processos de subjetivação ou emancipação de indivíduos e coletividades. Se a perspectiva é otimista, não necessariamente torna-se ingênua quando se trata de sua inserção no modo de produção capitalista. É a relação do usuário com a tecnologia, uma espécie de agenciamento homem-máquina, que vai apontar como projetos comunicacionais e culturais são construídos numa perspectiva de desenvolvimento social.

Segundo Howard Rheingold as novas tecnologias da comunicação tem permitido novas formas de integração e de encontros antes não concebíveis. Essas relações sugerem o que ele denomina “a próxima revolução social” na qual participa uma multidão inteligente definida como: “Grupos de personas que emprenden movilizaciones colectivas —políticas, sociales, económicas— gracias a que un nuevo medio de comunicación posibilita otros modos de organización, a una escala novedosa, entre personas que hasta entonces no podían coordinar tales movimientos.” (2009, p. 283)

Na observação do grupo e das dinâmicas das publicações pode-se reconhecer a busca de uma cidade pensada, de outra cidade possível, acham-se publicações de iniciativas como *cidades para pessoas*, *cidades sustentáveis* e *cidade democrática*, também foi encontrado um link de *ONU Hábitat*.

Os temas a salientar nas publicações serão descritos em ordem da quantidade de informações divulgadas: Arborização da cidade, agricultura urbana, a participação das diversas comunidades da cidade (a indígena por exemplo, tendo em conta a presença de mais de 40 etnias no estado de Mato Grosso), a mobilidade urbana, a troca afetividade dos sujeitos no espaço, iniciativas diversas de aproveitamento do lixo e a recuperação dos recursos hídricos poluídos, as experiências do 100em1dia em cidades como em Bogotá, Copenhague, Milão, Santiago, Montreal, Valdivia, Toronto, Blumenau e Rio de Janeiro etc.

Conclusão

Encontrasse a biopotência da multidão nas redes sociais para entretecer desejos, sonhos, afetos e produzir ações. As relações geradas graças a novas tecnologias da comunicação são possíveis, diversas e contínuas. Diz Philippe Quéau, em tempos de cibercultura, “todo grupo de pessoas conectadas à internet poderia, teoricamente, colaborar em proveito de uma obra coletiva. A inteligência de cada um poderia ser mobilizada em benefício de todos” (2002, p. 463).

A cidade possível habita na inovação que não somente provém dos génios, mas do homem comum. Entendendo as possibilidades entretecidas nos pequenos espaços onde as subjetividades fogem do sistema capitalístico, a força criativa da multidão gerada a partir da própria vida constitui-se no principal ato de rebeldia, numa revolução molecular. Nasce aqui a possibilidade de pensar o conceito de cidadão não somente como um indivíduo com umas características determinadas pelo Estado, mas como aquele sujeito capaz de conceber nele a cidade através da consciência da vida.

A produção baseada nos recursos disponíveis na rede poderia ser pensada como de autoria coletiva. O que há trás as informações é vida, são experiências que adquirem valor para as pessoas que as recebem, refletem sobre elas e geram ações a partir delas, potência da vida. Segundo Pelbart: “a vida inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção de material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo”. (2002, p. 39).

A luta pelo direito à cidade aqui referenciada deixa ver também um interesse pela democratização da informação; a pesar da hegemonia também presente nas redes sociais onde a autoria atribui-se as pessoas e as corporações, as dinâmicas do grupo do Facebook tem implícitas igualmente uma luta pelos direitos dos leitores, espectadores e internautas, segundo García Canclini (2008), a apropriação, uso e reprodução dos bens.

Bibliografia

- 100IN1DAY. (n.d.) Introdution Brief. 100in1day: Bogotá.
- CIDADE POSSÍVEL 100EM1DIACUIABÁ. (2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/410511635823766>. Acesso em: 20 de abril, 2016.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Volumen1. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- García Canclini, N. (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras.
- Guattari, F. (1977). *Revolução molecular: pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografia do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Gushiken, Y. (2008). Circuitos culturais e comunicacionais populares urbanos no Brasil. *Revista E-compós*, 11(1). Recuperado de: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/244/263>.
- Hoyos Sánchez, I. (2013) ¿Poner límites a la ciudad? Obras de arte y lugares. In Ordóñez Eslava, P. e López, D. M. (Comp.). *Between categories, beyond boundaries: Arte, ciudad e identidad*. (pp. 28-40.). Libargo.
- Orellana López, D. M., & Sánchez Gómez, M. C. (2006). Técnicas de recolección de datos en entornos virtuales más usadas en la investigación cualitativa. *Revista de Investigación Educativa*, 24(1), 205-222.
- Pelbart, P. P. (2002). Poder sobre a vida, potência da vida. *Revista Lugar Comum*, 17, 33-43. Recuperado de: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%A1ncia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf.
- Quéau, P. (2001). Cibercultura e info-ética. In: Morin, E. (Org.). *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. (pp. 460-480). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Rheingold, H. (2004). Multitudes inteligentes. La próxima revolución social (Smart Mobs). Barcelona: Gedisa. Resenha de: Sierra Gutiérrez, L. I. Conectados móviles o “tribus del pulgar”. *Signo y Pensamiento*, v. XXVIII, n. 54, p. 382-383, jan/jun, 2009.
- Rolnik, S. (1998). A subjetividade antropofágica. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjemobra.pdf>. Acesso em, 18 de out.



Agradecimentos

A pesquisa *100em1dia Cuiabá: micropolíticas urbanas na relação Colômbia-Brasil* tem sido possível graças ao apoio da CAPES, ao programa de bolsas da OEA e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), ao PPG em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) da UFMT e aos cidadãos de Cuiabá que tem participado do 100em1diaCuiabá com amor demonstrando que é possível viver numa cidade melhor.

Biografias

Heidy Bello Medina é comunicadora social e jornalista da Universidade de La Sabana (Colômbia). Atualmente é mestrandona Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (Brasil), onde pesquisa cidade, comunicação, arte e subjetividade. Faz parte do grupo de pesquisa Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades, ligado à linha de pesquisa Poéticas contemporâneas; membro do Coletivo À Deriva; tem participado em várias intervenções urbanas em Cuiabá para repensar a apropriação do espaço público e a memória. A pesquisadora é bolsista CAPES. heidy.bello@gmail.com.

Maria Thereza Azevedo é cineasta, artista visual, curadora e crítica, professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - Mestrado e Doutorado- da UFMT. Líder do Coletivo à Deriva e do grupo de pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações transversalidades, ligado à linha de pesquisa Poéticas contemporâneas. Doutora em Artes Cênicas (literatura dramática) pela ECA/USP, Mestre em Cinema pela ECA/ USP, Especialização em dramaturgia e roteiros cinematográficos pela Escuela de Cine y TV de San Antônio de Los Baños, Cuba. Cursos com Jean Claude Carrière, Gabriel García Márquez, Giafrancesco Guarnieri. Graduação em Comunicação pela Universidade de Brasília. Foi coordenadora e professora no curso de Rádio e TV da Unimep, professora no Curso de Cinema da FAAP e no curso de Cinema da USP. maritheaz@gmail.com

Prácticas comunicacionales en el escenario urbano: elementos para el abordaje y análisis de estrategias de comunicación creadas por grupos de vecinos autoconvocados

Universidad Nacional de La Plata

Virginia Cáneva
vir.caneva@gmail.com

Resumen

En el devenir de sus experiencias las organizaciones de vecinos autoconvocados en tanto actores políticos involucrados en una disputa de poder enfrentan diversas instancias de deliberación y decisión. Las prácticas comunicacionales creadas por sus miembros no son ajenas a las dinámicas de selección y definición, si no que por el contrario, condensan en sus actividades valores, legitimidades, ideas y acciones. En el presente trabajo, nos proponemos ofrecer al lector elementos clave y modos de abordaje de las acciones comunicacionales llevadas a cabo por los integrantes de Vecinos Autoconvocados de Villa Elisa (VAVE) del distrito de La Plata, capital de la provincia de Buenos Aires, Argentina.

Situados en el orden de la práctica, buscamos comprender cómo los horizontes de legitimidad (Guiddens, 1993) que VAVE construye se expresan en una estrategia de acción/comunicación que moviliza dominios que el grupo reconoce como propios, para imponer en el devenir de la lucha su “visión del mundo” (Bourdieu, 1980). El ejercicio que desarrollamos en las próximas páginas brinda una mirada problematizadora sobre las instancias de comunicación emprendidas por el colectivo. Con fines analíticos agrupamos las actividades identificadas en tres grupos que denominamos: “acciones de racionalización de la protesta”; “actividades de divulgación y sensibilización” y “acciones de intervención directa en el escenario de la ciudad”.

En relación a la construcción metodológica nuestra investigación privilegia la etnografía como modo de construcción del trabajo de campo (Guber, 2001) y el análisis interpretativo (Vasallo de Lopes, 1999) como guía para la producción de instancias de comprensión y síntesis.

Consideramos que el trabajo expone claves para la problematización de las miradas comunicacionales que orientan las dinámicas que los grupos de vecinos emprenden.

Palabras Clave:

Comunicación; Organizaciones de Vecinos Autoconvocados; ciudad; participación; ciudadanía

Summary

In the evolution of their experiences, self summoned neighbors organizations, as political actors involved in a dispute, can face various instances of deliberation and decision. Communicational practices created by its members are not alien to the dynamics of selection and definition. In contrast, they condense their values activities, legitimacies, ideas and actions. In this paper, we propose to offer the reader key elements and modes of approach to the communicational actions carried out by the members



of "Vecinos Autoconvocados de Villa Elisa" in the district of La Plata, capital of the province of Buenos Aires, Argentina.

Located in the order of the practice, we seek to understand how the horizons of legitimacy (Giddens, 1993) VAVE builds are expressed in an action/communication strategy that mobilizes domains that the group recognizes like own, to impose its "vision of the world" (Bourdieu, 1980) in the future of the fight. The exercise that we develop in the next few pages gives a problematizing look at instances of communication undertaken by the collective. For analytical purposes, we group activities identified in three groups that we call: "rationalisation of the protest actions"; "divulgation outreach and awareness-raising activities" and "actions of direct intervention at the scene of the city".

In relation to the methodological construction, our research privileges ethnography as a mode of construction of field work (Guber, 2001) and interpretive analysis (Vasallo de Lopes, 1999) as a guide for the production of instances of comprehension and synthesis.

We consider that the work exposes keys to the problematization of communicational looks that guide the dynamics that the neighborhood groups undertake.

Key words:

Communication; neighbors self summoned organizations; city; participation; citizenship

Resumo

No decorrer de suas experiências, organizações de vizinhos autoconvocadas de bairros, como atores políticos envolvidos em uma luta de poder enfrentam várias instâncias de deliberação e decisão. As práticas comunicacionais criadas pelos seus membros não são alheias à dinâmica da seleção e definição, se não, pelo contrário, os seus valores condensam atividades, legitimidades, idéias e ações. Neste artigo, pretende-se proporcionar ao leitor elementos-chave e formas de abordar as ações de comunicação realizadas por membros dos vizinhos do distrito de Villa Elisa Autoconvocados de La Plata, capital da província de Buenos Aires.

Localizado no fim da prática, buscamos compreender como os horizontes de legitimidade (Giddens, 1993) que VAVE constrói são expressos numa domínios de ação / estratégia de comunicação que mobiliza o grupo e reconhece como sua, para impor no curso da luta de sua "visão de mundo" (Bourdieu, 1980). O exercício que desenvolvemos nas páginas a seguir fornece uma visão problematização de situações de comunicação realizadas pelo grupo. Para efeitos de análise das atividades identificadas agrupamos em três grupos o que chamamos de "ações de racionalização de protesto"; "Ações de intervenção direta no palco da cidade."

Em relação à nossa construção metodológica da pesquisa nos favorece a etnografia como uma forma de construção de trabalho de campo (Guber, 2001) e a análise interpretativa (Vasallo de Lopes, 1999) como guia para a produção de compreensão e de síntese.

Acreditamos que o trabalho expõe algumas chaves para a questão colocada pelos olhares comunicacionais que orientam a dinâmica que grupos de bairros podem empreender.

Palavras chaves:

comunicação; organizações de Vizinhos Autoconvocados; cidade; participação; cidadania

Introducción

El presente trabajo busca contribuir a la problemática central que nos interpela en el marco del XIII Congreso de ALAIC, en torno a la sociedad del conocimiento y la comunicación en América Latina, aportando una serie de reflexiones para abordar el análisis de prácticas comunicacionales que grupos de vecinos autoconvocados construyen en el marco de sus acciones de lucha¹. Tomamos como referente empírico la experiencia del grupo Vecinos Autoconvocados de Villa Elisa², que se origina en 2010 para enfrentar la propuesta de construcción de un tramo de una autopista de vinculación regional sobre un barrio de características residenciales³.

Las organizaciones de vecinos autoconvocados son fenómenos novedosos que emergen en el ámbito de la sociedad civil. Una de sus especificidades es que expresan y desarrollan por fuera de espacios formalmente instituidos⁴, por lo que proponemos comprenderlas como formaciones (Williams, 2000) intersticiales⁵. Los grupos autoconvocados se construyen en y por el conflicto, no preexisten a él, sino que las estrategias de acción, modos de participación y lazos que consolidan se dan en el propio devenir de los acontecimientos. El requisito inicial y casi excluyente para formar parte de un espacio autoconvocado es la pertenencia a un territorio común (Bonzi, 2010), por lo que en sus inicios se nuclean actores heterogéneos desde el punto de vista político, socioeconómico y cultural.

Frente a la diversidad inicial de la composición de sus actores, los grupos necesitan crear sus propios sentidos de pertenencia, en tanto representaciones y valores construidos colectivamente. Observamos como significativas las decisiones en torno a los siguientes elementos, que contribuyen a la posibilidad de conformación de organizaciones autoconvocadas: construcción del conflicto desde una mirada propia y original; identificación del colectivo a través de un nombre representativo; construcción de un relato común acerca del momento fundacional; reconocimiento de dominios legítimos propios; construcción de modos de participación distinguibles de otros colectivos; producción de símbolos identitarios; reconocimiento de adversarios en la lucha y construcción de una estrategia de acción (Cáneva, 2016).

Las experiencias comunicacionales que crean forman parte de sus estrategias de acción. Para abordarlas y analizarlas nos situamos en el orden de las prácticas tomando como punto de partida la teoría de las motivaciones (Giddens, 1993). Desarrollamos nuestro abordaje de las acciones emprendidas por VAVE reconociendo su “posicionamiento en el campo de la lucha” y su “construcción de oponentes”. Luego observamos cómo estas construcciones orientan la puesta en marcha de una serie de prácticas comunicacionales. Para finalizar, exponemos algunas ideas clave para el reconocimiento, abordaje y análisis de prácticas comunicacionales creadas por grupos de vecinos autoconvocados.

¹ Las reflexiones forman parte del proceso de investigación realizado entre 2010 y 2015, en marco del Doctorado en Comunicación Social (FPyCS-UNLP).

² Localidad del distrito de La Plata, a 30 km de la ciudad de Buenos Aires, 22.229 habitantes (INDEC; 2010).

³ La obra, impulsada por el Gobierno Nacional en 2009, busca constituir un tercer anillo alrededor del Área Metropolitana de Buenos Aires para conectar 14 distritos a lo largo de 117 km divididos en cuatro tramos. De las tres trazas posibles para su última etapa de ejecución, el Tramo IV, dos afectarían la integridad del principal pulmón verde de la Región, el Parque Pereyra Iraola, en tanto que la tercera pasaría por la calle 403 de Villa Elisa. Ver: Taquigrafía Audiencia Pública (2010) goo.gl/ZsWyWN Consulta 15-12-2015; V.A.V.E (2011) “No a otra autopista en el Parque Pereyra Iraola ni en Villa Elisa. Informe General”. goo.gl/a0Bnrl Consulta 15-12-2015.

⁴ Se recomienda Roitter y González Bombal (2000).

⁵ Para un desarrollo sobre conceptualización de Organizaciones Autoconvocadas no partidario no gubernamentales ver Cáneva (2015).



Horizontes de legitimidad: abordaje sobre el posicionamiento colectivo

La producción y reproducción social es consecuencia de acciones que los agentes realizan en su vida cotidiana. Según Giddens (1993) la sociedad es una producción humana creada y recreada por los participantes en cada encuentro social. La acción debe comprenderse como una conducta racionalizada, ordenada reflexivamente por los agentes humanos y debe captar la significación del lenguaje como medio práctico que la hace posible. Siguiendo este análisis, las motivaciones contienen elementos propios tanto de las estructuras como de la interacción. La interacción refiere al ámbito de la práctica y la comunicación es su caracterización. Las modalidades que adquiere son la mediación entre estructura e interacción, presente en toda reproducción social, dado que para el autor toda reproducción implica una creación. Desde el punto de vista de su origen, encontramos dos grupos de motivaciones: las que surgen del orden de lo obligado, de las estructuras y las que provienen del orden de la práctica como la moralidad o la racionalidad.

A partir de esas diversas motivaciones los miembros de VAVE construyen “horizontes de legitimidad” que orientan sus acciones. En la trayectoria del colectivo observamos dos: el que denominaremos “de posicionamiento en el campo de lucha”, y el que designamos “de construcción de oponentes”. Ambos contienen imaginarios recreados por procesos de apropiación de los dominios legítimos de las estructuras e implican una acción reflexiva. El primero se caracteriza por la apropiación del conocimiento como medio para ganar la disputa, en tanto que el segundo expresa críticas y oposiciones que cuestionan aspectos de la democracia representativa como sistema de participación.

Pensamos al conocimiento como un “horizonte de legitimidad de posicionamiento en el campo de la lucha” ya que el saber técnico, administrativo, institucional y legal que el grupo posee es un elemento característico de la estructura en la sociedad actual y responde al orden de lo legítimo en tanto significación dominante. El conocimiento técnico y profesional de los miembros de VAVE es reconocido y valorado por sus integrantes, por la comunidad de Villa Elisa y por las instituciones aliadas en el conflicto.

En el “horizonte de legitimidad de posicionamiento en el campo de la lucha” las motivaciones provenían del orden de las estructuras, ya que el conocimiento es un dominio que goza de legitimidad social. En el “horizonte de legitimidad de construcción de oponentes”, las motivaciones provienen de la interacción, ya que aspectos de la significación del orden legítimo que supone el sistema de representación democrático son puestos en tensión desde un ejercicio reflexivo. La construcción de este horizonte parte del reconocimiento de los miembros de VAVE como ciudadanos de derecho. Vecinos que se sienten integrados en un orden social legítimo, como el de la democracia representativa, advierten que sus intereses no están siendo representados y en consecuencia expresan ciertas tensiones de su funcionamiento actual. En este sentido, comprendemos a la ciudadanía como un estatuto dinámico que no se agota en el conjunto de derechos y deberes de los sujetos en relación al Estado, sino que reconocemos la variedad de comunidades a las que pertenece el individuo en relación a las cuales construye su “ser ciudadano”, desde el cual los actores recrean imaginarios que orientan modos de acción (Marshall, 2005 Reguillo, 1999).

En el ámbito de las prácticas podemos ver como las representaciones expresan tensiones, conflictos y estrategias para resolverlas. Una mirada sobre las motivaciones críticas permite comprender qué aspectos de la democracia representativa son cuestionados y en consecuencia preguntarnos si llegan a expresarse como contradicciones o cobran la forma de tensiones que el propio sistema puede incorporar como componentes del orden legítimo.

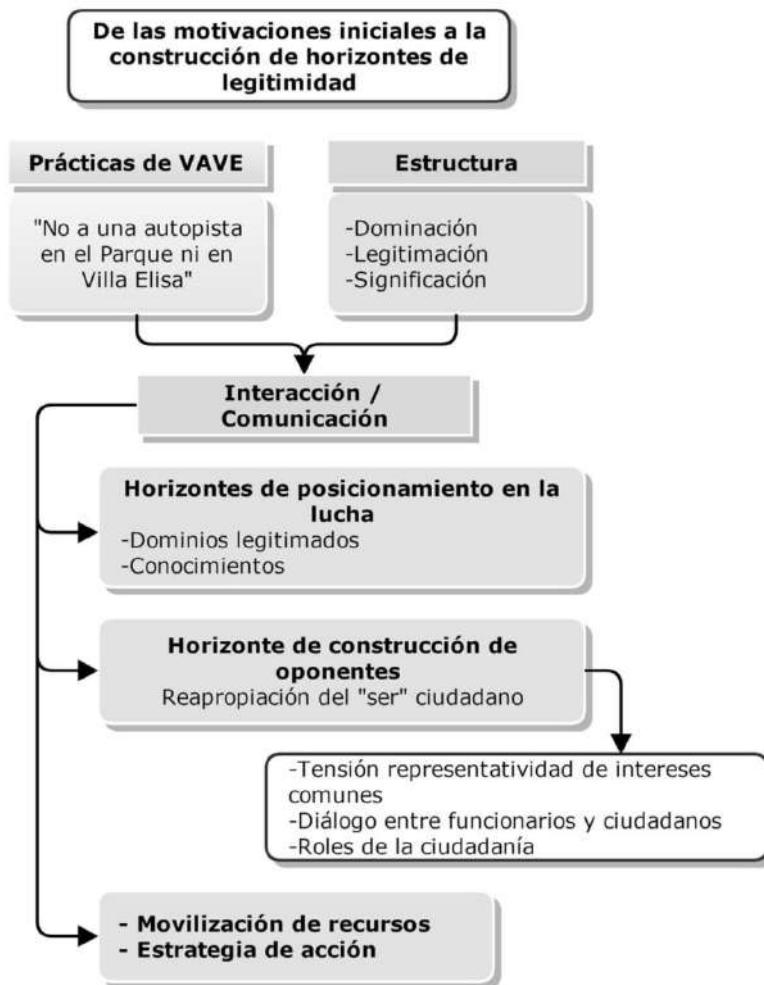


Tabla 1. Horizontes de legitimidad

Fuente: Elaboración propia.

Acciones comunicacionales: dimensiones de una estrategia de acción

Identificados los horizontes de legitimidad que VAVE construye, proponemos observar cómo se expresan en una estrategia de acción que moviliza dominios que el grupo reconoce como propios. Por un lado, el conocimiento académico, técnico y administrativo aparece como un dominio legítimo apropiado. Por el otro, ciertos aspectos del sistema de representación democrático son cuestionados cuando los vecinos desde sus reapropiaciones sobre el ser ciudadano expresan su disconformidad con las propuestas de sus gobernantes. A los fines de este trabajo nos centramos en el reconocimiento de prácticas comunicacionales que el grupo construyó a lo largo de su lucha. Los vecinos planificaron, ejecutaron y evaluaron un conjunto de acciones específicas expresadas en la siguiente frase de Agustina: *"La política de difusión pública debe seguir una secuencia en que el primer tramo sea informativo y el segundo acciones para acaparar a los medios. Para esto necesitamos concientizar a los vecinos desde acciones de información continua en el territorio y al mismo tiempo recuperar la idea de conflictividad social. Esta protesta también es conflictividad social"*. La expresión enuncia una construcción comunicacional que se desarrolla a partir de diferentes prácticas. En el siguiente cuadro incluimos las acciones emprendidas, su vínculo con horizontes de legitimidad, campos de acción y productos en los que se inscriben las acciones.

Prácticas comunicacionales	Relación con los horizontes de legitimidad	Campos de acción y productos
Acciones de racionalización de la protesta: se expresa bajo la consigna de construir “argumentos racionales”, capaces de discutir las propuestas que Vialidad Nacional formula en cada una de las instancias del conflicto.	Suponen la puesta en marcha de la cadena de sentidos que constituyen los horizontes de legitimidad que el grupo enarbola como propios. El conocimiento técnico institucional es el capital puesto en acción y el reconocimiento de ser ciudadanos de derecho moviliza prácticas de control, exigencia y solicitud de toma de posiciones de funcionarios y referentes políticos.	<ul style="list-style-type: none"> -Acciones de producción de argumentos racionales: análisis de proyectos, consultas en organismos especializados, lectura y apropiación de normas vigentes; producción de documentos, observación y estudio de mapas, estudios de presupuesto y variables de costos y análisis de estadísticas. -Acciones de judicialización de la protesta: campo judicial, escenarios principales: Juzgado Federal N° 10 de Quilmes y la Cámara Federal de Apelaciones de la ciudad de La Plata. Los vecinos logran detener la construcción de la Autopista a partir de una medida cautelar. -Acciones de exigencia de toma de posiciones a funcionarios públicos y legisladores: campo político. Los vecinos logran interpelar a funcionarios públicos quienes debieron expresar una posición pública entre los más destacados se encuentran: Defensor del Pueblo de la provincia de Buenos Aires, Intendente municipal de La Plata; Diputados provinciales y nacionales de diversos partidos políticos no oficialistas, Fiscal de Estado de la Provincia de Buenos Aires y Consejales platenses.
Actividades de divulgación y sensibilización: contemplan la construcción de prácticas de comunicaciones mediadas e interpersonales.	La construcción de argumentos racionales y el conocimiento como dominio legítimo guiaron también las acciones de difusión impulsadas por tres objetivos centrales: dar a conocer el proyecto de Vialidad Nacional, concientizar a la población sobre los perjuicios que la obra conllevaría y expresar la posición que V.A.V.E. tomó frente a la propuesta.	<ul style="list-style-type: none"> -Divulgación en medios de difusión masiva locales, regionales y nacionales: campo mediático. Actividades producción y circulación de gacetillas, convocatorias a medios locales, estrategias de posicionamiento frente a los medios de difusión masiva locales. -Producción y circulación de discursos y mensajes a través de dispositivos propios: espacios alternativos a la difusión de los medios masivos mail, blog, Facebook (fan-page y grupo). Estos dispositivos posibilitan la circulación de la palabra de los vecinos sin las mediaciones que supone la construcción de la noticia en los medios masivos de difusión. -Creación de espacios de comunicación interpersonal no mediada con la comunidad de referencia: puestos de difusión; puerta a puerta; asambleas itinerantes; participación en eventos de la localidad (celebraciones, recitales, festivales, etc.).
Acciones de intervención directa en el escenario de la ciudad: incluye una serie de prácticas de participación no contempladas por las instituciones formales de demanda,	Actividades que coinciden en su mayoría con las declaraciones de “estado de alerta y movilización” que tanto V.A.V.E. como las organizaciones aliadas pronunciaron en diversas etapas del conflicto. Las apropiaciones de la ciudad que estas prácticas suponen dan cuenta del potencial político que el escenario urbano encierra, los horizontes de legitimidad suponen la construcción de una estrategia reflexiva y crítica de las acciones emprendidas.	<ul style="list-style-type: none"> -Interrupción del tránsito en las arterias de circulación de la región, que tomaron la forma de cortes parciales. -Realización de caravanas automovilísticas al centro de la ciudad de La Plata.

Tabla 2. Prácticas comunicacionales

Fuente: Elaboración propia.

Conclusiones

Desarrollamos una aproximación a prácticas comunicacionales que producen grupos de vecinos autoconvocados, asumiendo a estas organizaciones como experiencias de la sociedad civil que tienen lugar por fuera de tramas formalmente instituidas. Analizamos las dimensiones que posibilitan la emergencia de un grupo de tales características, considerando que se desarrollan en el devenir del conflicto que los nuclea.

Retomando la teoría de las motivaciones sociales reconocimos los horizontes de “posicionamiento en la lucha” y de “construcción de oponentes” que VAVE construye como orientadores de su acción y los vinculamos con las prácticas comunicacionales emprendidas.

Las siguientes actividades fueron desarrolladas en nuestra investigación, permitiendo aproximarnos a las prácticas comunicacionales analizadas:

- Identificación de la concepción de comunicación que el grupo construye.
- Reconocimiento de la dimensión comunicacional de las prácticas cotidianas del colectivo.
- Aproximación a dinámicas comunicacionales como elementos identitarios.
- Abordaje de prácticas comunicacionales como constitutivas del posicionamiento en el escenario del conflicto.
- Comprensión de la comunicación como conjunto de prácticas de interacción/intervención en diversos campos con que el colectivo dialoga: político, mediático, judicial.
- Reconocimiento de aportes que el grupo genera, a través de sus estrategias comunicacionales, para favorecer espacios de diálogo y encuentro con la ciudadanía y ámbitos de toma de decisiones.
- Análisis de prácticas comunicacionales reconocidas y no reconocidas, vinculadas a comunicación interna y externa.
- Análisis de la relación que los grupos entablan con medios de comunicación locales y la concepción que construyen sobre ellos.

Finalmente, compartimos herramientas que formaron parte de nuestra estrategia metodológica, favoreciendo el reconocimiento y análisis de prácticas comunicacionales:

- Identificación de actores y campos involucrados en el conflicto.
- Reconocimiento de prácticas comunicacionales a partir del trabajo etnográfico.
- Reconstrucción del conflicto en diálogo con prácticas comunicacionales de cada momento.
- Lectura de producciones mediáticas utilizando técnicas de análisis de discurso, análisis de contenidos, teorías de la recepción.
- Análisis de documentos, leyes y normativas.

Bibliografía

- BONZI, L. (2010) Disputas territoriales en torno a la actividad minera en Valles Calchaquíes. En: Manzanal M.; Villareal F. (organizadores): *El desarrollo y sus lógicas de disputa en territorios del norte argentino.* (pp. 197-219) Bs As, CICCUS.
- BOURDIEU, P. (1980) *El Sentido Práctico.* Barcelona, Taurus.
- CÁNEVA, V. (2016) Crisis y encuentros: una mirada comunicacional sobre la recreación de lazos socio-urbanos en organizaciones de vecinos autoconvocados. (Tesis Doctoral) FPyCS-UNLP. goo.gl/thV9kB.
- CÁNEVA, V. (2015) Organizaciones autoconvocadas: construcción de lazos sociales urbanos en tiempos de restitución de lo público. *Contratexto*, 23: 93-110. goo.gl/qRfoQV.
- GIDDENS A. (1993). Las nuevas reglas del método sociológico. Bs As, Amorrortu.
- GUBER, R. (2001) *La etnografía. Método, campo y reflexividad.* Bogotá, Norma.
- REGUILLO, R. (1999) *La construcción simbólica de la ciudad.* México, ITESO.
- ROITTER, M. GONZÁLEZ BOMBAL, I. (2000) *Estudios sobre el sector sin fines de lucro en la Argentina.* Bs As, CNPJHU-CEDES.
- VASALLO DE LOPES, M. (1999) La investigación de la comunicación: cuestiones epistemológicas, teóricas y metodológicas. *Dia-logos*, 56: 12-27.
- WILLIAMS, R. (2000) *Marxismo y Literatura.* Barcelona, Península.



Biografía

Virginia Cáneva Licenciada, Profesora y Doctora en Comunicación, FPyCS-UNLP. Beca-
ria, investigadora y extensionista LILSU. Jefa de Trabajos Prácticos cátedra “Culturas Popu-
lares y Deporte” Tecnicatura Superior en Periodismo Deportivo. Profesora Adjunta Interina
asignatura “Problemáticas contemporáneas sobre medios de comunicación” Tecnicatura Su-
perior Universitaria en Comunicación Digital. Docente en capacitaciones sobre gestión de
comunicación en ámbitos instituidos y no formales. vir.caneva@gmail.com

Prácticas sociales que disputan poder político en un espacio público de la ciudad de San Juan, Argentina

Universidad Nacional de San Juan

Ana Celina Puebla
acelinapuebla@gmail.com

Universidad Nacional de San Juan

Daniel Osvaldo Gimeno
dog1144@hotmail.com

Resumen

En este trabajo nos proponemos abordar el estudio de ciertas prácticas concretas de comunicación y mediación social que se dan en la sociedad del conocimiento, en el eje “comunicación y ciudad”. El objetivo es *Identificar e interpretar los lenguajes y las prácticas con las que el colectivo LGBTQI se apropiá de un espacio público, construye marcas simbólicas y disputa poder político*. Para ello, estudiamos la V Marcha del Orgullo Gay cuyo cierre se realiza en un socio hito urbano, la Estación San Martín, en la ciudad de San Juan, Argentina.

Optamos por dos autores en consonancia con la línea de los estudios culturales críticos. Rossana Reguillo Cruz: de sus reflexiones consideramos las categorías de “*lo público-privado*”, “*lo institucional-emergente*” y “*lo legítimo-ilegítimo o la lucha por la moral pública*”. Lawrence Grossberg: con él priorizamos los conceptos de espacio-tiempo -como un conjunto múltiple y variado de trayectorias de relaciones que expresan, intervienen, resisten, reproducen y transforman la realidad- así como también las categorías de Estados, cuerpos y vida cotidiana.

Hicimos observaciones in situ, entrevistas, relevamiento fotográfico e histórico del socio hito urbano, la Estación San Martín y de la V Marcha del Orgullo Gay. Estudiamos así aquellas prácticas urbanas cuya densidad consideramos altamente significativa y las interrelacionamos con las categorías antes mencionadas. Consideramos que la importancia de estudiar este territorio radica en la emergencia de un lugar con historia que genera disputas de sentido desde las prácticas sociales de quienes circulan por su interior y exterior. En este caso, el colectivo LGBTQI estudiado se apropiá de un espacio emergente en la ciudad de San Juan para construir identidad y ciudadanía como procesos de lucha política.

Palabras claves:

Prácticas sociales; espacio público; poder político; lo emergente; lo institucional.

Abstract

In this paper we propose to approach the study of certain specific communication practices

and social mediation that occur in the knowledge society, in the axis “communication &

city”. The aim is to identify and interpret the languages and practices through which the LGBTQI group appropriates a public space, builds symbolic brands and dispute political power. We studied the V Gay Pride March held in a urban space: the San Martin Station, in the city of San Juan, Argentina.



We opted for two authors in the line of critical cultural studies. From Rossana Reguillo Cruz: we consider three categories about “public-private”, “institutional-emerging” and “legitimate-illegitimate or the struggle for public moral”. Lawrence Grossberg: we prioritize concept of space-time -as a multiple and varied paths of relationships that express, involve, resist, reproduce and transform reality- and categories of States, bodies and everyday life.

We made “in situ” observations, interviews, photographic and historical survey of urban landmark the San Martin Station and the V Gay Pride March. We study those practices whose density we considered highly significant and that we can interrelate with the above categories.

The importance of studying this territory lies in the emergence of a place with history that generates senses of dispute from the social practices of those who circulate inside and outside. In this case, LGBTQI group which we studied appropriates an emerging space in the city of San Juan to build identity and citizenship as a process of political struggle.

Key words:

Social practices; public space, political power; the emergence; the institutional.

Resumo

Neste trabalho, propomos a abordar o estudo de certas práticas específicas de comunicação e mediação social que ocorrem na sociedade do conhecimento, no eixo “comunicação e da cidade.” O objetivo é identificar e interpretar as línguas e práticas com as quais o grupo LGBTQI se apropria do espaço público, constrói marcas disputa de poder simbólico e político. Estudamos a V Parada Gay realizou um parceiro urbana marco, a Estação de San Martin, na cidade de San Juan, Argentina.

Optamos por dois autores em linha com a linha de estudos culturais críticos. A) Rossana Reguillo Cruz. Suas reflexões consideram propõe categorias: “público-privado”, “o institucional emergente” e “legítimo-ilegítimo ou a luta pela moralidade pública». B) Lawrence Grossberg, em torno dos conceitos de espaço-tempo; como um múltiplos e variados caminhos que expressam relações juntos, envolvidos, eles resistem, reproduzir e transformar a realidade; bem como as categorias de membros, órgãos e vida cotidiana.

Nós observações in situ, entrevistas, levantamento fotográfico e histórico do parceiro marco urbano, a Estação San Martin eo estudo Orgulho Gay marcha V e aquelas cuja densidade práticas urbanas consideradas altamente significativo e que pode se inter-relacionam com as categorias acima.

A importância do estudo deste território reside no surgimento de um lugar com história, que gera disputas sentido das práticas sociais daqueles que circulam dentro e fora ea prática da comunidade LGBTQI que se apropria de um espaço emergente na cidade de San Juan para construir identidade e cidadania como um processo de luta política.

Palavras chave:

Práticas sociais; espaço public; poder politico; o emergente; o institucional

Introducción

En 2005, la UNESCO participó en la Cumbre Mundial sobre la Sociedad de la Información (CMSI) y sugirió pasar de la *sociedad de la información* a las *sociedades del conocimiento*, a las que definió como aquellas que se benefician de su diversidad y de su capacidad para estimular el intercambio de conocimientos (Tremblay & Mansell, 2015, p. 16). El informe de la UNESCO rechazó el determinismo tecnológico y pidió el reconocimiento de la diversidad de las sociedades. Para Tremblay & Mansell (2015, pp.17-20) esta contribución fue original y estimulante; sin embargo, exige una renovación a la luz de los acontecimientos ocurridos desde entonces.

En un informe publicado en 2013, estos autores expresan que si bien los objetivos de la UNESCO son deseables, deben tener en cuenta la diversidad de situaciones concretas vividas por personas en diferentes partes del mundo. Las sociedades del conocimiento, dice el informe, tienen que ver con el desarrollo humano y no sólo con la innovación tecnológica y sus efectos.

Se necesitan esfuerzos que fomenten la práctica verdaderamente participativa en las sociedades del conocimiento a través de las cuales los actores involucrados puedan explorar las cuestiones de poder (2015, p. 23). La producción de conocimiento resulta de un proceso que no sólo incluye a individuos, sino también a acciones colectivas. En este sentido, en el informe mencionado aparecen algunas iniciativas a través de las cuales la UNESCO puede desplegar sus estrategias.

Entre esas estrategias, vamos a destacar la especial prioridad dada a acciones tales como *estimular las iniciativas de participación, valorizar la diversidad y dar visibilidad y voz a los individuos y las comunidades locales* (2015, p. 29). Puntualizaremos además que en la construcción de las sociedades del conocimiento están involucrados todos los actores sociales, tanto los del sector estatal, como los del sector privado y de las organizaciones de la sociedad civil.

En este marco, nos proponemos abordar el estudio de ciertas prácticas concretas de comunicación y mediación social que se dan en la sociedad del conocimiento, en el eje “comunicación y ciudad”.

Desarrollo

Esta ponencia se enmarca dentro de una investigación en la que hemos encontrado numerosos polos urbanos que han producido una ruptura de la imagen y, en consecuencia, han generado una ciudad abierta, compleja y difusa. En este sentido, hemos advertimos la emergencia de espacios, discursos, sujetos y prácticas sociales en un nuevo polo urbano, al que hemos denominado *socio hito urbano*. El análisis de parte de este proceso es la temática del presente trabajo.

Al mismo tiempo, hemos tenido en cuenta prácticas sociales urbanas participativas en las sociedades del conocimiento, a través de las cuales, los actores involucrados pueden explorar las cuestiones del poder y de su propia práctica política.

En razón de ello, es que destacaremos algunos aspectos teórico-metodológicos que nos parecen más relevantes; optamos por dos autores en consonancia con la línea de los estudios culturales críticos que nos permiten estudiar a la ciudad como comunicación. Una de ellos es Rossana Reguillo Cruz. De sus reflexiones consideramos las categorías que ella propone: “*lo público-privado*”, “*lo institucional-emergente*” y “*lo legítimo-ilegítimo o la lucha por la moral pública*”.

El otro autor, Lawrence Grossberg, nos ha permitido profundizar la investigación en torno a los conceptos de espacio-tiempo; puesto que toda práctica es un efecto del espacio y al mismo tiempo lo constituye “... *El espacio siempre es un espacio de devenir, el espacio y el tiempo son mutuamente constitutivos; advieren, se realizan juntos*” (Grossberg, 2012). De esta manera,



espacio-tiempo se explica como un conjunto múltiple y variado de trayectorias de relaciones que expresan, intervienen, resisten, reproducen y transforman la realidad.

Hicimos observaciones *in situ*, entrevistas, relevamiento fotográfico e histórico del *socio hito urbano*, la Estación San Martín.

Para este trabajo, el objetivo es identificar e interpretar los lenguajes y las prácticas con las que el colectivo LGBTQI se apropiá de un espacio público, construye marcas simbólicas y disputa poder político.

Estudiamos aquellas prácticas urbanas que se realizaron en la Estación San Martín, cuya densidad considerábamos altamente significativa y las interrelacionamos con las categorías antes mencionadas. Analizamos la V Marcha del Orgullo Gay. Esto se debió a que era la primera vez que sus organizadores optaron por finalizarla en la “Estación San Martín”; a diferencia de años anteriores en que lo hacían en otra zona.

Decidimos detenernos en el edificio denominado Estación San Martín en el que actualmente funciona el Centro Cultural San Martín, el Museo de la Memoria Urbana y las oficinas de la Secretaría de Cultura de la Municipalidad de la Ciudad de San Juan. La importancia de estudiar este territorio radica en la emergencia de un lugar con historia que genera disputas de sentido desde las prácticas sociales de quienes circulan por su interior y exterior.

Para establecer las relaciones entre las prácticas sociales y la Estación San Martín, utilizamos el esquema de Grossberg representado a través de un triángulo con tres vértices: Estados, cuerpos y vida cotidiana. Este abordaje, lo profundizamos conjuntamente con las categorías propuestas por Rossana Reguillo Cruz.

En esta ponencia abordamos el estudio de las prácticas sociales de un colectivo en particular, La Glorieta-Espacio LGBTQI que se apropiá de un espacio emergente en la ciudad de San Juan para construir identidad y ciudadanía como proceso de lucha política.

Ciudad y comunicación. Densidades, ejes y niveles

La ciudad no es un objeto de estudio nuevo en el campo de la comunicación, sin embargo, la mirada puesta sobre ella sí dio un giro innovador. Al principio y durante algún tiempo, la ciudad fue vista como telón de fondo de las prácticas estudiadas y no fue problematizada en su papel co-constitutivo de las formas de socialidad específicas. Más tarde, dejó de ser vista sólo como “*un continente en el que suceden las cosas*” (Reguillo Cruz, 2007). El territorio – o la pertenencia territorial- comenzó a ser considerado como una mediación para la constitución de identidades urbanas y para la movilización política.

Aquí hace su aparición el concepto de *sociedad civil* como vertiente de estudio que permite entender a los nuevos movimientos sociales, sus formas de vinculación con el espacio urbano y sus modos de usar la comunicación. Desde este nuevo enfoque, el ordenamiento urbano y la densidad del territorio se conectan con elementos como la identidad y la memoria de sujetos situados para profundizar en aspectos culturales, raciales y sexuales no sólo como elementos de diferencia sino también como dinamizadores de eventuales movilizaciones políticas.

Este enfoque toma en consideración: el *territorio*, la *acción colectiva* y la *identidad*. La relación que guardan estos elementos puede articularse a partir de tres ejes que cobran creciente importancia en el ámbito de las ciencias sociales: *lo público-privado; lo institucional-lo emergente y lo legítimo-ilegítimo*.

a. Lo público-privado

Ya es un hecho que las fronteras entre lo que pertenece al orden de lo público y lo que compete al orden de lo privado se han alterado. El fenómeno que debe ser cuidadosamente

observado, radica en que hoy los ciudadanos desde el ámbito privado acceden a gran cantidad de información de carácter público (por vía de las tecnologías) que da forma a sus representaciones del mundo.

La categoría público-privado se torna compleja porque no representa un mero cambio de lugar, sino una lógica en la que más que una oposición entre el afuera y el adentro hay una imbricación de elementos donde lo público-afuera se transforma en lo público-adentro.

b. Lo institucional-emergente

Hoy asistimos a la emergencia de formas de agregación social no partidarias y no institucionalizadas que erosionan las formas de ejercicio del poder y desbordan las categorías científicas orientadas por la racionalidad. En las ciudades de hoy emergen grupalidades efímeras, de composición cambiante, de inscripción local y de estructura cotidiana que se interrelacionan de manera horizontal - sin la mediación del Estado- con otras de similares características.

La investigación en comunicación debe atender por dónde pasa hoy la construcción de representaciones sociales para la acción teniendo en cuenta que, la comunicación juega un papel central en las maneras en que estos grupos construyen y mantienen su identidad.

c. Lo legítimo-ilegítimo o la lucha por la moral pública

Este eje, que está en estrecha vinculación con los anteriores, devela los conflictos por la construcción legítima de los sentidos sociales de la vida y coloca en el centro del debate la complicada relación entre Estado-mercado-sociedad civil.

Por un lado, emergen los grupos conservadores que se erigen en portavoces de una moral pública "única". Por el otro, el mercado que interpela a la sociedad con productos, modelos y pautas de comportamiento que alteran las fronteras entre lo legítimo-pensable y lo ilegítimo-impensable. Y en tercer lugar aparece el Estado que se ve rebasado por ese mercado en expansión.

La articulación de estos tres ejes, permite trabajar a diferentes escalas las relaciones entre vida urbana y comunicación.

La pregunta por la ciudad, advierte Reguillo Cruz (2007), debe estar orientada a entender en sentido profundo las formas de vivir un espacio específico, las formas de construir identidades, las formas de comunicarse, de exponerse y de replegarse. Y en esto el reconocimiento del carácter simbólico de la vida social es particularmente relevante.

La complejidad del poder. Estados, cuerpos y vida cotidiana

Grossberg (2002) reflexiona sobre el lugar de la política desde un análisis coyuntural y lo abre a nuevas diferencias y prácticas (p. 272). A la complejidad del campo político la organiza mediante un mapa o diagrama en el que propone encontrar una forma de describir lo político como una dimensión o articulación de toda práctica. Analiza la relación que existe entre el poder y la política y plantea que la especificidad de lo político depende de la modalidad o las formas de su producción.

El mapa que este autor propone está definido por tres lugares o vértices primarios: Estados, cuerpos y vidas cotidianas, en torno a los cuales se organiza el campo de lo político (p. 279).

En relación con uno de los vértices, Estados, el autor considera que:

...el Estado es como un ensamblaje de una serie de instituciones o procesos entrelazados, heterogéneos y de cierta manera independiente.... El Estado es una máqui-

na de territorialización que usa máquinas de codificación para producir, apropiarse e inscribir una red de autoidentificación a través de un territorio y una población sobre la que alega tener poder" (pp. 281-282)

Otro de los vértices que Grossberg destaca en su mapa se refiere a los cuerpos:

... no como simple conjunto empírico de individualidades biológicas. Más bien, se refiere, a la constitución y organización de la vida misma. En la misma línea de lo que Foucault llamó biopolítica, tecnologías euromodernas específicas (disciplina, el biopoder y la gubernamentalidad) que controlan la conducta de la vida humana per se (p. 283).

Por último, el tercer vértice del campo de lo político, se refiere a la Producción de la vida cotidiana.

Al igual que el Estado, es fundamentalmente un conjunto de aparatos territorializadores... La vida cotidiana describe una organización de los espacios de movilidad y emplazamiento, o lo que he denominado "movilidad estructurada". Tales lugares son puntos temporales de pertenencia e identificación, de orientación e instalación. Definen formas de empoderamiento o agencia, formas de avanzar y de salir... esos lugares pueden articular los diversos mapas culturales de significado, deseo, placer, atención, etc., y las diversas relaciones de identidad y diferencia. La vida cotidiana realiza un trazado de cuánto, y cuanto lugar dispone la gente para moverse, y dónde y cómo puede moverse (pp. 287-288).

Espacio emergente y prácticas sociales

a. La Estación San Martín (ex estación de trenes)

Desde 2003 este lugar se convirtió en escenario de acontecimientos tales como exposiciones, conferencias, muestras artísticas y talleres didácticos de teatro, danzas, fotografía y guitarra.

Este lugar adquirió desde sus inicios una gran significación en la vida de San Juan. Era un termómetro político para los líderes de comienzos del siglo XX que medían su caudal partidario en función de la cantidad de gente que los despedía o recibía cuando viajaban a Buenos Aires.

El terremoto de 1944 dañó el edificio que, en su restauración, sólo conservó la planta baja.

En ese predio también funciona el Museo de la Memoria Urbana que presenta una exposición permanente de planos, maquetas y fotografías que exhiben la evolución urbanística y arquitectónica de la ciudad. Además cuenta con una sala de simulación de sismos.

b. La Glorieta y la V Marcha del Orgullo Gay

A partir de la lucha por la sanción de ley de Matrimonio Igualitario en Argentina en 2009, surge en la ciudad de San Juan un nuevo colectivo *La Glorieta-Espacio LGBTQI (LA)* que, como sujeto de discurso, lucha por el reconocimiento de sus derechos apropiándose de espacios públicos. A los miembros de este colectivo los concebimos no sólo como sujetos de discurso sino también como agentes sociales con capacidad para apropiarse y movilizar los objetos sociales tanto simbólicos como materiales.

LG ha ido consolidándose como grupo heterogéneo y diverso en lucha permanente por su reconocimiento en la sociedad sanjuanina frente a los patrones heteronormativos de valor,

institucionalizados y cristalizados de forma generalizada. Entre sus acciones, LG es la institución convocante que organiza anualmente las Marchas del Orgullo Gay en la provincia. A ella adhieren, diferentes asociaciones políticas y sociales de la sociedad civil sanjuanina.

En 2014 La Glorieta organizó la V *Marcha del Orgullo Gay* en San Juan, que se realizó bajo el lema “*Respeto, igualdad: ley antidiscriminatoria*”. A través de una encuesta pudimos conocer que muchxs de lxs participantes marchaban por “*sentirse discriminadxs*” y, en relación con el espacio estudiado, tenían como propósito “*ser vistxs por mucha gente*”.

Lectura y análisis de las prácticas

A partir de un reclamo específico, LG lucha contra el Estado provincial y, al mismo tiempo, interactúa con él. A su vez, “comunica” en y desde la propia ciudad mediante disputas de sentido que interpelan a otros sectores de la sociedad civil. Durante la marcha, transforma el espacio- tiempo de la vida cotidiana. *Nos interesa conocer cómo estos sujetos se apropián de este espacio urbano y cómo al mismo tiempo este espacio, con sus características, su configuración y su historia constituye a estos sujetos sociales en su lucha política.*

La Marcha transitó por una avenida céntrica de la ciudad, José Ignacio de la Roza, y a lo largo de doce cuadras unió lugares paradigmáticos. Partió desde la plaza “Aberastain”, lugar de referencia de la comunidad gay a cuyo frente se encuentra el edificio de la Municipalidad de la Ciudad de San Juan. Atravesó la plaza principal, “25 de mayo”, pasó por la puerta de la catedral metropolitana, (en horario que coincidía con la salida de misa de los sábados) y finalizó en la Estación San Martín, ubicada justo frente al Centro Cívico. En el espacio abierto de este centro cultural tuvo lugar el cierre de la marcha que culminó con las voces de los referentes de cada organización participante y un espectáculo brindado por músicos y artistas locales.

Es la primera vez que LG se apropiá de este espacio urbano. Ante la pregunta acerca de por qué eligieron la Estación San Martín para finalizar el recorrido, la mayoría de quienes desfilaron esa noche señaló que éste es un “*lugar cultural*”, sin precisar de modo alguno el sentido que atribuían al calificativo de “cultural”. Sólo en un par de casos, lo cultural apareció relacionado con “*lo artístico*”, enfatizando así el carácter “*artístico*” del espectáculo de cierre de la marcha. Otras expresiones en relación con esta misma pregunta hicieron referencia a un lugar “*bonito*”, “*céntrico*”, “*turístico*”, “*con mucha gente que los ve*” y, en algunos casos, también se habló de este lugar como un “*símbolo*”.

Por su parte, lxs organizadorxs habían decidido la modificación del recorrido tradicional de las anteriores marchas por la necesidad de “*trascender su identidad al resto de la sociedad*”; “*ir en contra*”, “*contracorriente*”, “*al revés de la mayoría*” y “*hacer más ruido*”. Esto sumado a la declaración de interés cultural por parte de la Secretaría de Cultura de la Municipalidad de la Ciudad, contribuiría, según ellos, a dar más fuerza y sentido al lema convocante: “*Respeto, igualdad. Por una ley antidiscriminatoria*”.

A partir de allí, se intenta ver de qué manera ese espacio media en la constitución de los sujetos y de sus identidades políticas. Para ello, transcribimos algunos de los discursos verbales que consideramos más significativos para la referencia al lugar y al propósito de la Marcha.

- *Referente de AEQualis:*

Queremos promover los espacios de la sexo-diversidad; hemos podido generar encuentros en esta misma estación que está siendo bastante amigable a los encuentros para encontrarse y dialogar. Cuando nos encontramos con el otro, con el compa, nos damos cuenta de que hay que salir, hay que hacer, de que tenemos que hablar... //...a seguir trabajando, a salir a las calles, a encontrarnos en lo que nos parecemos y dejar de lado las diferencias y como decimos en AEQualis... por el igual derecho a ser diferentes.



- Referente del Partido Comunista:

Todo este esfuerzo militante desplegado para poder construir estas marchas habría que irlo proyectando hacia la lucha cotidiana contra la madre del problema; es decir, contra la violencia institucional porque la discriminación es violencia institucional y por derogar el código de faltas que es el elemento que les legaliza (no les legitima) administrativa y burocráticamente artículos con los cuales pueden proceder contra todo aquello que ellos consideran que no es parte.

- Dany Love, a cargo de la conducción del espectáculo de cierre de la marcha:

“No estamos luchando por nada así nomás, estamos luchando por algo que nos corresponde, ser libres, expresarnos como se nos antoje. Eso hay que festejarlo así todo el mundo nos escucha si no para qué estamos haciendo la marcha.”

Ejes y categorías de análisis

a. Lo público y lo privado. Estados/cuerpos/vida cotidiana.

En relación con estos ejes, consignamos que hay una apropiación del espacio público para denunciar las propias demandas como colectivo social en relación con el lema de la marcha: “*Respeto, igualdad. Por una ley antidiscriminatoria*”. Al mismo tiempo, advertimos que el lugar público no es un mero escenario, sino que ambos, espacio y sujetos políticos, se constituyen mutuamente.

Al respecto, destacamos las palabras de Dany Love cuando dice:

...ahora relájense...ya los han visto todos, los parientes y los compañeros de trabajo ya saben que se la comen, así que ahora relájense y divirtámonos...y más allá de divertirnos tomemos conciencia de lo que se está generando hoy en día. Esto antes no existía, antes nos teníamos que esconder absolutamente de todo, antes no podíamos expresarnos ni en el amor. Hoy se han logrado tantas cosas que no le tenemos que tener miedo a nadie y tenemos que afrontar la vida como es, como la sentimos. Y creo que la base de todo esto es el respeto.

b. Lo institucional y lo emergente. Estados/cuerpos/vida cotidiana.

En relación con lo “*institucional-emergente*”, es importante señalar la importancia que han tenido tanto la ley de Matrimonio Igualitario como la de Identidad de Género y la de Educación Sexual Integral. Ésta última aún no se implementa en la provincia de San Juan, hecho que genera constantes demandas por parte del colectivo estudiado. El lema convocante de la marcha estudiada, estaba referido no solo a las permanentes demandas de respeto e igualdad, sino también a la necesidad de la promulgación de la ley antidiscriminatoria que se encuentra como proyecto en el seno de la Cámara de Diputados de la Nación.

Desde los ejes y categorías considerados, la identidad, la significación y los efectos de cualquier práctica o acontecimiento cultural se definen solo por el complejo conjunto de relaciones que los rodean, interpenetran y configuran y que los convierten en lo que son. Ningún elemento puede ser aislado de sus relaciones, aunque éstas puedan modificarse y, de hecho, se modifican constantemente.

Conjuntamente con ello, nos interesa también la relación entre los componentes estéticos y los procesos de simbolización de éstos (Reguillo Cruz, 2000, 97-100).

c. Lo legítimo y lo ilegítimo. Estados/cuerpos/vida cotidiana.

Este eje y estas categorías, están en estrecha vinculación con los anteriores. Permiten develar los conflictos por la construcción legítima de los sentidos sociales de la vida y colocan en el centro del debate a la complicada relación entre Estado, mercado y sociedad civil.

También es necesario destacar aquí el rol que juega la Iglesia Católica en la provincia de San Juan. Ésta es la razón por la cual los organizadores en su paso frente a la Catedral, optaron por detenerse y expresarse con cánticos opositores a la Curia. En estos cánticos se manifiesta concretamente el planteo de “*otra moral*” diferente a la legitimada por los valores hegemónicos.

Conclusiones

Hemos observado que a través de estas prácticas sociales en la Estación San Martín, los participantes de la V Marcha del Orgullo Gay construyen un espacio social distinto al cotidiano, el cual como resultado de negociaciones de poder se constituye en un espacio en el cual los sujetos disputan poder por la apropiación de dicho espacio.

Desde lo físico construido, la Estación San Martín se abre como un espacio abierto entre dos moles (el Teatro del Bicentenario y el Centro Cívico) y se configura como espacio emergente. La construcción de la Estación (de 1885) contrasta con las modernas edificaciones que la circunda, una del 2010 y la otra, en construcción. Al mismo tiempo, la que antiguamente fuera la estación de tren y que articulaba el adentro y el afuera de la ciudad, mantiene un diálogo en permanente tensión con los edificios mencionados.

Dos moles que representan lo legítimo; mientras que la Estación San Martín, se presenta como un espacio que representa lo ilegítimo, abierto, el medio y que interrumpe el poder y resiste con una construcción física que remite a la memoria (Memoria urbana) pero que, además, el Estado administra este lugar.

Al mismo tiempo, las prácticas sociales que hemos analizado, ponen en la escena pública las diferencias, desafían las fronteras simbólicas de la ciudad y comienzan a ocupar un espacio público emergente.

Con nuestra mirada puesta en el territorio, los sujetos y la identidad, el Estado, los cuerpos y la vida cotidiana, podemos ver que las características de dicho territorio, su configuración espacial y su historia, hacen de él un espacio social capaz de producir sentidos de resistencia desde las prácticas de los sujetos que allí se expresan a través de una identidad colectiva.

Bibliografía

- Grossberg, Laurence.(2012) *Estudios culturales en tiempo de futuro. Cómo es el trabajo intelectual que requiere el mundo de hoy*. Buenos Aires. Siglo XXI Editores. Colección Antropológicas.
- Mansell, Robin and Tremblay, Gaëtan (2013) *Renewing the Knowledge Societies Vision: Towards Knowledge Societies for Peace and Sustainable Development*. Final report prepared for UNESCO's Towards Knowledge Societies for Peace and Sustainable Development
- Reguillo Cruz, Rosana (2000). *Emergencia de culturas juveniles. Estrategias del desencanto*. Buenos Aires. Grupo Editorial Norma
- Reguillo Cruz, Rossana (2007). *Ciudad y Comunicación: densidades, ejes y niveles*. Diálogos de la Comunicación N° 74. Felafacs. Edición On line. Disponible en: www.felafacs.org. Revisado 27 de abril de 2016.



Agradecimientos

La presente ponencia es fruto del trabajo de investigación desarrollado y subsidiado por la Universidad Nacional de San Juan, financiamiento gracias al cual se ha podido realizar el trabajo desde 01/01/14 hasta 31/12/16.

Biografías

Ana Celina Puebla, licenciada en Ciencias de la Comunicación, egresada de la Universidad Nacional de San Juan, es docente investigadora del Departamento de Ciencias de la Comunicación de la Universidad de San Juan. Es Profesora Titular de las asignaturas “Comunicación y Cultura” y de “Políticas y Legislación en Comunicación”. Dirige el GEICOM (Gabinete de Estudios e Investigaciones en Comunicación) y dirige hace más de 20 años trabajos de investigación sobre estudios urbanos, comunicación, cultura y poder. Actualmente, está finalizando sus estudios de doctorado en Doctorado de Estudios Sociales en América Latina, Línea de Investigación “Comunicación y Cultura”, en el Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba. El tema de su tesis es “Emergencia de nuevas subjetividades en una ciudad intermedia latinoamericana. San Juan. Argentina”. (acelinapuebla@gmail.com)

Daniel Osvaldo Gimeno, licenciado en Comunicación Social, es docente e investigador del Departamento de Ciencias de la Comunicación, de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de San Juan. Se desempeña como Profesor Adjunto en las cátedras de “Teoría de la Comunicación I” y de “Comunicación y Cultura” y como Profesor Jefe de Trabajos Prácticos en la cátedra “Epistemología de las Ciencias Sociales, de la carrera de Licenciatura en Comunicación Social. Actualmente, integra el GEICOM (Gabinete de Estudios e Investigaciones en Comunicación). Es alumno de la carrera de Doctorado en Comunicación Social, de la Facultad de Ciencias de la Comunicación de la Universidad Nacional de Córdoba. El tema de su tesis es “Poder, sujeto y comunicación. La Marcha del Orgullo Gay en San Juan”. (dog1144@hotmail.com)

Produção do espaço urbano na sociedade de consumo e a constituição do imaginário das cidades inseguras

Universidade Federal de Uberlândia

Maria Angélica de Oliveira Magrini

angelicaomagrini@gmail.com

angelicamagrini@ufu.br

Resumen

La inseguridad urbana es un contenido central del actual momento del proceso de urbanización. Es lo que influencia cada vez más la definición de las lógicas de producción y apropiación del espacio. Consideramos que un conjunto de agentes – entre los cuales se destacan los emprendedores inmobiliarios – es responsable por producir y disseminar representaciones que asocian directamente ciudad e inseguridad con la finalidad de obtener distintos tipos de beneficios, como los financieros y los políticos. En el ámbito de la sociedad de consumo, la inseguridad urbana es manipulada para permitir la comercialización de una cantidad de productos, servicios y espacios que prometen garantizar la protección. De ese modo, la búsqueda por seguridad se constituye como mediación cotidiana capaz de comunicar símbolos de estatus y distinción social, además de proveer prácticas de separación y evitación socioespacial. En este artículo, analizamos la acción de los emprendedores inmobiliarios en la producción del espacio y la ampliación de representaciones que sostienen el consumo de barrios cerrados en las ciudades brasileñas. El análisis se basa en las estrategias de marketing de la empresa Alphaville Urbanismo con el objetivo de comprender cómo esos agentes participan de la producción del imaginario de las ciudades inseguras.

Palabras clave:

Producción del espacio urbano; Inseguridad urbana; Representaciones e imaginarios sociales; Sociedad de consumo; Barrios cerrados.

Abstract

Urban insecurity is a central content of the current stage of urbanisation process and that issue influences increasingly the definition of the logics of production and appropriation of space. We consider that an ensemble of agents – real estate developers amongst them – is responsible by producing and disseminating representations that directly associate cities and insecurity with the aim to obtain different sort of benefits like financial and politic profits. In the scope of the society of consumption, urban insecurity is manipulated in order to allow commercialisation of a variety of products, services and spaces that promise to assure protection. Thus, the seek for security constitutes a daily mediation able to communicate symbols of status and social distinction besides the promotion of practices socio-spatial separation and avoidance. In this paper, we analyse the action of real estate developers in the production and assignment of representations that hold consumption of gated communities in Brazilian



cities from the analysis of marketing strategies of the Alphaville Urbanismo company. The aim is to understand how these agents participate in the production of the imaginary of unsafe cities.

Keywords

Production of the urban space; Urban insecurity; Social representations and imaginaries; Society of consumption; Gated communities.

Resumo

Um conteúdo central do atual estágio do processo de urbanização é a insegurança urbana que cada vez mais influencia na definição das lógicas de produção e apropriação do espaço. Consideramos que um conjunto de agentes – dentre os quais destacamos os empreendedores imobiliários – é responsável por produzir e disseminar representações que associam diretamente cidades e insegurança, com a finalidade de obter diferentes tipos de benefícios como os financeiros e políticos. No âmbito da sociedade de consumo, a insegurança urbana é manipulada no sentido de propiciar a comercialização de uma série de produtos, serviços e espaços que prometem garantir proteção. Deste modo, a busca por segurança passa a constituir uma mediação cotidiana capaz de comunicar símbolos de status e distinção social, além de pautar práticas de separação e evitamento socioespacial. Nesse artigo analisamos a atuação dos empreendedores imobiliários na produção e veiculação de representações que ancoram o consumo de loteamentos fechados nas cidades brasileiras a partir da análise das estratégias de marketing da empresa Alphaville Urbanismo, com o objetivo de compreender como esses agentes participam da produção do imaginário das cidades inseguras.

Palavras Chave: Produção do espaço urbano; Insegurança Urbana; Representações e Imaginários Sociais; Sociedade de Consumo; Loteamentos Fechados.

Introdução

No atual estágio do processo de urbanização um dos conteúdos que vem ganhando centralidade na produção das cidades são as representações da insegurança urbana. Cidades de diferentes dimensões e papéis – das metrópoles até as cidades pequenas – em diferentes contextos socioespaciais – desde países da América Latina aos Estados Unidos – passam a conviver com o “imaginário das cidades inseguras”. Essa expressão designa o conjunto de representações sociais – pautadas em discursos e imagens – que levam ao reconhecimento das cidades como espaços nos quais o cotidiano é pautado pela insegurança de seus moradores. Assim, destacamos seu uso metafórico, posto que não são as cidades e seus espaços em si, que são inseguros mas os cidadãos que lhes apropriam e representam.

Um dos aspectos chave para entendermos a produção do imaginário das cidades inseguras é a contextualização da sociedade de consumo, nos termos propostos por Baudrillard (2009). O fato de que na atualidade a produção do espaço e o estabelecimento das relações sociais são mediados pelo âmbito do consumo material e simbólico faz com que a venda da segurança se torne um negócio lucrativo. Deste modo, espaços de acesso controlado como os loteamentos fechados e os shopping centers passam a ser privilegiados, assim como os sistemas de vigilância baseados em câmeras de monitoramento, cercas elétricas e em empresas de segurança privada ganham cada vez mais mercado.

Neste contexto, a insegurança urbana comparece tanto no nível da apreensão dos significados simbólicos quanto das práticas espaciais, influenciando no estabelecimento das

relações de sociabilidade e nas escolhas das localizações e trajetos cotidianos, resultando em experiências urbanas marcadas pelas desconfianças, pela segmentação, pela separação e pelos evitamentos.

As reflexões apresentadas nesse artigo constituem parte integrante da pesquisa de doutorado intitulada “Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos”¹. O objetivo central do artigo é analisar o papel dos empreendedores imobiliários na produção e na veiculação de mensagens que produzem o imaginário das cidades inseguras. A metodologia do trabalho se baseia no estudo qualitativo de conteúdos de algumas peças publicitárias da empresa Alphaville Urbanismo, responsável pela produção e comercialização de loteamentos fechados em cidades brasileiras.

Imaginário das Cidades Inseguras

Consideramos que o imaginário das cidades inseguras é uma produção que resulta da ação de diferentes agentes responsáveis pela criação e disseminação de discursos e imagens que associam insegurança e cidades. Entre esses agentes consideramos que o papel principal na configuração dessas mensagens é a mídia (impressa, televisiva, digital), que atua direta e continuamente na construção dos conteúdos que sustentam as representações da insegurança urbana. Além dos agentes midiáticos, outros grupos atuam na produção do imaginário das cidades inseguras, como por exemplo os políticos – que disseminam representações de insegurança para oferecer as possíveis “soluções”; as empresas de equipamentos e serviços de vigilância – que passam a integrar a paisagem urbana; e os empreendedores imobiliários – que vendem os espaços fechados e vigiados como as formas ideias de se apropriar das cidades.

Esses agentes atuam a partir de um contexto macrossocial que propicia que as representações veiculadas por eles encontrem identificação e legitimação social. Isso porque não podemos analisar as ações desses produtores como se elas estivessem acima da sociedade ou descoladas dela. Para que haja a produção deste imaginário dominante, é necessário que os cidadãos tenham algum reconhecimento das representações difundidas para que eles possam assimilá-las e resignificá-las.

De acordo com Glasner (2003), vivemos num período de prevalência da *Cultura do Medo*, em que a percepção dos riscos vem aumentando mais que seus níveis reais verificados. Em sua concepção, esta exacerbão dos riscos e em contrapartida da insegurança tira nosso foco de problemas mais relevantes que afetam grandes parcelas da sociedade, como as desigualdades sociais ou as discriminações entre grupos, que são sublimadas diante dos riscos crescentes que temos que enfrentar cotidianamente. Segundo o autor (2003, p. 40), “muito poder e dinheiro estão à espera daqueles que penetram em nossas inseguranças emocionais e nos fornecem substitutos simbólicos”.

A produção de uma atmosfera de incertezas e inseguranças na contemporaneidade só pode ser compreendida no contexto da *Sociedade de Consumo*, tratada a partir de diferentes perspectivas, por autores como Lefebvre (1991), Baudrillard (2009), Canclini (2010) e Bauman (2011).

Para Baudrillard (2009), é notável a tendência para que nos relacionemos mais com objetos do que com pessoas. Estes objetos devem ser entendidos como signos manipuláveis, inseridos em uma lógica de produção social de significantes que permite que haja a comunicação de sentidos entre os diferentes consumidores. O consumo age então, como um processo de classificação e diferenciação social pautado na ordenação dos valores e significações dos objetos/

¹ MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. *Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. Financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo



signos dentro de uma hierarquia compartilhada, que gera distinção. Sendo assim, por meio do consumo se estabelece uma linguagem – operacionalizada pelos objetos/signos – comprometida com a marcação de posições sociais, que influenciam na sociabilidade dos consumidores.

Ao analisar diferentes aspectos característicos do consumo contemporâneo, Bauman (2011) ressalta o papel crescente da individualização, decorrente da terceirização da tarefa de manter unida a sociedade, que foi alocada no plano das políticas individuais de vida. Isto gera alterações profundas nos processos complementares de identificação/pertencimento e diferenciação/oposição, fazendo com que os laços sociais percam grande parte de sua antiga intensidade. Para o autor, a desregulamentação, a privatização e a individualização são características centrais da contemporaneidade, na qual a coesão social é cindida em inúmeras unidades individuais, que o consumo tende a unir – precariamente, visto que o cerne da felicidade dos consumidores é pautado em prazeres individuais, solitários, mesmo quando apreciados em conjunto.

Os laços sociais na sociedade de consumo também são tratados por Canclini (2010), que ressalta o fato de que as mudanças nas formas de se consumir provocaram alterações nas possibilidades e modos de se exercer a cidadania. Muitos dos problemas próprios dos cidadãos são resolvidos por meio do consumo privado de bens e discursos veiculados pelos meios de comunicação, ao invés de figurarem como questões relativas às regras abstratas da democracia. O autor identifica assim, que a ampliação da importância da dimensão do consumo está intimamente ligada ao retraimento da lógica da cidadania tradicional.

Dentre as influências da sociedade de consumo na produção do imaginário das cidades inseguras ressaltamos dois aspectos centrais: a) o recuo da importância das soluções buscadas em conjunto para problemas sociais, baseadas em princípios de cidadania e coesão social, acompanhado da ampliação da busca individualizada por estas soluções, nos auxiliam no entendimento do crescente mercado de segurança, em contrapartida aos discursos que reforçam a ineficácia do Estado enquanto garantidor da segurança pública, e b) a constatação de que o consumo pauta um processo de comunicação de significados entre os consumidores nos ajuda a entender os conteúdos de distinção social que perpassam a comercialização de equipamentos, serviços e espaços relacionados com a segurança, associados com conteúdos de *status* e identificação/diferenciação.

Este conjunto de reflexões nos ajuda a delimitar a perspectiva segundo a qual entendemos a produção do imaginário das cidades inseguras – um imaginário que se pretende global e que indica que passamos, enquanto humanidade, por um período marcado pela necessidade de lidarmos com diferentes inseguranças e que elas podem e são manipuladas em diferentes níveis por agentes específicos que se beneficiam de suas posições de poder para tirar proveitos diversos desta manipulação.

Nosso entendimento sobre a insegurança urbana considera que ela é produzida a partir tanto de aspectos materiais quanto subjetivos – podendo ser causada por contatos diretos com algum tipo de violência ou circunstância considerada perigosa e/ou a partir de elementos subjetivos ligados à disseminação das representações acerca da violência e de outras situações tidas como ameaçadoras.

Os empreendedores imobiliários e a produção do imaginário das cidades inseguras

Na contemporaneidade, a venda de segurança é um negócio rentável e em expansão. Além dos lucros financeiros que se podem auferir, existem os ganhos relacionados às esferas de poder, visto que as pressões da opinião pública acabam por valorizar certas posições políticas, enquanto desvalorizam outras.

É na conjuntura de cidadãos inseguros e dispostos a pagar por segurança que se inserem as ações dos promotores imobiliários. Empenhados em disseminar novos conceitos em

termos de produção de espaços, no intuito de diferenciar e valorizar seus empreendimentos, estes agentes precisam legitimar e despertar o interesse dos possíveis consumidores de seus produtos.

Desta forma, criam uma demanda interessada em comprar seus empreendimentos, cujos exemplos mais emblemáticos no que se refere à venda da segurança são os loteamentos fechados, os *shopping centers* e os condomínios empresariais. Para que todos os controles de acesso, monitoramentos e vigilâncias – que poderiam inicialmente ser identificados como invasões e limitações da privacidade – sejam aceitos e sobretudo, desejados, tidos como indispensáveis, é preciso que exista um imaginário social que sustente a necessidade destes espaços.

Uma das principais formas de despertar o desejo dos consumidores é por meio das mensagens publicitárias, veiculadas pelos diferentes domínios midiáticos. Além da segurança, diversos outros aspectos – materiais e simbólicos – são oferecidos nestes espaços fechados, como tranquilidade, qualidade de vida, contato com a natureza, infraestrutura moderna, etc. Sendo assim, a publicidade que se destina a vender estes empreendimentos tende a contrapor suas características positivas com representações desqualificadoras acerca da cidade aberta (insegura, poluída, sem infraestruturas adequadas, desordenada, etc.). Esta contraposição, no entanto, não é total. No caso dos loteamentos fechados, por exemplo, a proximidade ou a facilidade de acesso a parcelas determinadas da cidade que estão fora de seus muros – universidades, hospitais, *shopping centers* – é valorizada, nos ajudando a entrever a tendência de apropriação fragmentada social e espacialmente que vem sendo consolidada nas cidades brasileiras.

Para criar nos consumidores a necessidade de morar, comprar, trabalhar e desfrutar de lazer em espaços tidos como mais seguros, é preciso que os promotores imobiliários os convençam de que não é mais possível realizar estas atividades na cidade aberta, onde a insegurança é representada como crescente e sem prognóstico de solução. Desta forma, estes empreendedores se beneficiam das mensagens transmitidas pela mídia, ao mesmo tempo em que estimulam sua veiculação, que atestam o aumento geral da insegurança urbana, inclusive em cidades de porte médio, espaços onde a produção dos empreendimentos fechados como os loteamentos e *shopping centers* tem sido cada vez mais significativa.

Sobre este aspecto, é interessante destacar a homogeneização da oferta de segurança e dos outros elementos diferenciados e diferenciadores em empreendimentos localizados em contextos socioespaciais diferentes. Por exemplo, no site da Alphaville Urbanismo – empresa de âmbito nacional que atua tradicionalmente na produção de loteamentos fechados em áreas metropolitanas, mas que vem expandindo sua ação também para cidades de porte médio – podemos observar que os equipamentos e práticas de segurança oferecidos em um loteamento na Granja Viana, em São Paulo, e na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro (cidades metropolitanas), são os mesmos para aqueles localizados em Ribeirão Preto – SP ou Mossoró – RN (cidades de porte médio), como se as situações destas cidades fossem equivalentes quando consideramos as ocorrências efetivas dos atos tidos como violentos.

Para que a estratégia de localização dos empreendimentos desta empresa possa ser ampliada, é necessário que o imaginário das cidades inseguras tenha se expandido e consolidado como conteúdo intrínseco aos diferentes espaços urbanos. Só assim, moradores destas diferentes cidades poderiam ser convencidos de que necessitam dos equipamentos e das práticas de segurança embutidos no conceito Alphaville de habitar:

- Controle de acesso informatizado, com software de última geração em gerenciamento de triagem e câmeras de alta resolução;
- Câmeras *Speed Dome*, com alto poder de visualização à distância no perímetro do empreendimento;
- Célula de segurança blindada, onde são monitorados os alarmes, câmeras e portarias, com estrutura para gerenciamento de crises;

- Planejamento e cultura de prevenção, a partir de um Plano Diretor de Segurança, resultante de estudos da região destinada ao empreendimento, que trata de aspectos como o posicionamento da portaria, colocação de muros e grades e os locais para instalação de equipamentos de segurança, considerando tanto aspectos do terreno quanto as peculiaridades do entorno e;
- Normas de convívio abrangendo orientações aos moradores sobre a necessidade de adotar um comportamento preventivo.

Levando em conta o entendimento de Baudrillard (2009) de que o consumo dos objetos não pode ser analisado em si mesmo, sem a consideração de suas significações sociais compartilhadas que dão ao ato de consumir um sentido de linguagem, observamos que os equipamentos e as medidas de segurança oferecidos nos diferentes espaços fechados, associados com as outras “vantagens” à venda nesses empreendimentos, compõem um constructo simbólico capaz de diferenciar seus consumidores, evidenciando suas posições sociais.

Cabe destacar que estes empreendimentos fechados, inicialmente produzidos para as elites, além de estarem sendo implantados em cidades de diferentes dimensões e características, estão sendo oferecidos também aos segmentos médios e até populares, embora precisemos considerar suas especificidades.

Essa aparente homogeneização das representações que sustentam o consumo dos diferentes segmentos sociais pode ser entendida a partir de ações publicitárias, como a realizada pela empresa Alphaville Urbanismo: nos dias 1 e 5 de outubro de 2012, por exemplo, os empreendimentos da empresa foram citados nos capítulos da novela das nove da Rede Globo, Avenida Brasil, identificada por diferentes meios como tendo uma das maiores audiências dos últimos tempos. Num dos capítulos, uma *socialite* falida obrigada a ir morar no subúrbio do Rio de Janeiro, em meio a suas reclamações sobre o local, comenta: “Isso é um pesadelo, só pode ser. Eu sempre disse que pra sair de Ipanema só se fosse pra morar no Alphaville, com conforto, gente chique, bonita, segurança, silêncio”. Certamente, a mensagem de que os subúrbios são desconfortáveis, habitados por gente “sem classe” e feia, inseguros e barulhentos – em contraposição às qualidades de Alphaville, foi recebida por grande número de pessoas com perfis socioeconômicos diferenciados.

Deste modo, apesar de apenas uma parcela pequena da sociedade ter condições financeiras para efetivamente comprar uma casa em um empreendimento de alto padrão, como o Alphaville, a ideia de que este é um modelo superior de *habitat* é emitida para todos os segmentos, criando uma demanda para empreendimentos mais baratos, mas que também agregam aspectos diferenciados em relação à cidade aberta, como a segurança. Essa homogeneização aparente das “necessidades” de consumo dos diferentes cidadãos tem consequências importantes, visto que potencializa as clivagens sociais para além daquelas existentes entre pobres e ricos. Generaliza-se no próprio interior dos grupos sociais o princípio da suspeita e do evitamento, agregando novos conteúdos ao processo de fragmentação socioespacial.

Além dos aspectos subjetivos envolvidos na criação da demanda por espaços fechados, que se beneficiam da disseminação dos discursos acerca da insegurança urbana, ao mesmo tempo em que a influencia, temos que considerar a dimensão objetiva que estes espaços de acesso controlado têm na composição do imaginário das cidades inseguras. Em decorrência da produção concreta destes espaços, vendidos como mais seguros, temos uma retroalimentação das representações de que as cidades são inseguras.

Pela própria presença física destes empreendimentos na paisagem urbana e todas as significações simbólicas que seus muros, grades e cancelas podem suscitar, é comunicado para os cidadãos que as necessidades contemporâneas em termos de segurança realmente mudaram. Estes empreendimentos promovem deste modo, representações de que viver e frequentar a cidade aberta é sempre mais inseguro do que realizar estas atividades em es-

paços de acesso controlado, mesmo que os limites da segurança oferecida nestes espaços sejam reconhecidos.

As ações das empresas de equipamentos e serviços ligados à segurança privada possuem o mesmo delineamento da atuação dos empreendedores imobiliários, visto que também precisam de uma atmosfera de insegurança urbana para justificar a necessidade de consumo do que oferecem. Precisam ainda, analogamente com o que acontece na venda dos empreendimentos de acesso controlado, que as pessoas não acreditem nos sistemas de segurança pública disponíveis, concluindo que a solução para garantir sua segurança, a de sua família, bem como a de suas residências e empresas, está na utilização individual de equipamentos cada vez mais sofisticados de monitoramento e na contratação de equipes de segurança privada.

Ao contrário dos benefícios que estas empresas obtêm com a disseminação do imaginário das cidades inseguras, que são de fácil identificação, as influências de suas ações na produção deste imaginário não são tão aparentes. O fato é que tanto os equipamentos, quanto os serviços de segurança privada marcam o cotidiano urbano, ratificando as representações de que as cidades são inseguras. Deste modo, podemos concluir que uma das dimensões da participação destas empresas na produção do referido imaginário diz respeito à presença ostensiva de seus produtos nas cidades, indicando – material e simbolicamente – que atualmente eles são praticamente indispensáveis.

Neste ponto, cabe destacar o papel dos cidadãos na produção do imaginário das cidades inseguras, posto que eles, diante das significações disponíveis socialmente, contribuem na comunicação dos discursos e imagens acerca da insegurança por meio de suas interações sociais, nas quais trocam informações e representações, e também a partir de suas escolhas cotidianas. Quando os indivíduos decidem morar em um loteamento fechado ou equipar suas casas com os mais diferentes equipamentos de vigilância, por exemplo, estão produzindo e emitindo mensagens para o restante da sociedade, no sentido de que estas são as escolhas que devem ser feitas. A produção do imaginário das cidades inseguras é sustentada então, pela convergência das representações que circulam a partir da criação do mercado e do consumo de produtos, serviços e espaços que oferecem segurança.

Considerações finais

A produção e a apropriação das cidades contemporâneas vêm sendo cada vez mais influenciadas por discursos e imagens que sustentam representações da insegurança urbana. Consideramos que a mídia é o principal agente produtor das mensagens que constituem o imaginário das cidades inseguras, pois é ela que dá visibilidade, amplifica e sustenta as ações e intenções de todos os outros agentes, ao apresentar aos seus consumidores as “necessidades” do mundo contemporâneo. A sociedade em si também tem papel de destaque nessa produção, pois ela é ao mesmo tempo alvo das representações veiculadas, reproduzora e produtora de transformações de suas significações, a partir das contraposições que realiza nas práticas socioespaciais cotidianas.

Neste artigo destacamos o papel importante que os empreendedores imobiliários possuem na produção do imaginário das cidades inseguras, a partir do exemplo das ações publicitárias da empresa Alphaville Urbanismo, que atua na produção de loteamentos fechados. Para garantir uma demanda crescente para esse tipo de empreendimento, a empresa cria uma série de contraposições simbólicas para os valorizar ao mesmo tempo em que desvaloriza a cidade “aberta”. Nesse sentido, a segurança é associada a um conjunto de outros conteúdos e passa a denotar distinção social e status, atuando como mediadora no estabelecimento das práticas espaciais cotidianas.



Bibliografía

- Baudrillard, Jean. *La sociedad de consumo*. Sus mitos, sus estructuras. Madrid: Siglo XXI, 2009.
- Bauman, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- Canclini, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- Glasner, Barry. *Cultura do medo*. Porque tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. São Paulo: Francis, 2003.
- Lefebvre, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991b.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelos recursos que possibilitaram a realização da pesquisa.

Biografia

Professora Dra. do Curso de Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal – PPGEP da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Ituiutaba, Brasil. Pesquisadora do Observatório das Cidades e do NERUD – Núcleo de estudos e pesquisas sobre Região, Urbanização e Desenvolvimento. Trabalha com as temáticas ligadas à fragmentação socioespacial, relações entre consumo e direito à cidade, desigualdades socioespaciais e insegurança urbana.

O movimento Bandas de Rua no Rio de Janeiro: a música e o espaço público urbano

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucimara Rett
lucimara.rett@eco.ufrj.br

Resumen

El movimiento Bandas Callejeras está tomando forma y representatividad en la ciudad de Río de Janeiro, Brasil, desde el año 2012, con una experiencia urbana distinta do que era conocido por la música de las calles y el arte público hasta entonces. Esta propuesta consolida un estudio etnográfico de la autora, que actúa como productora de bandas callejeras del Río de Janeiro desde 2013. Además de la observación participante en el período 2013-2015, el artículo incluye entrevistas hechas em 2016 con los músicos de las bandas más representativas, con el fin de tener una cronología del movimiento en la ciudad de Río de Janeiro, así como una primera aproximación académica como una investigación exploratoria sobre el tema. La relevancia de la investigación se destaca por la actualidad y potencia del movimiento, así como la originalidad del objeto en el ámbito académico.

Palabras clave:

ciudades; espacio público; arte público; bandas callejeras; Rio de Janeiro.

Abstract

The Street Bands movement is taking shape and representation in the city of Rio de Janeiro, Brazil, since the year 2012, with a different urban experience than the one that was known by street music and public art until then. This proposal consolidates an ethnographic study of the author, which acts as a producer of street bands of Rio de Janeiro since 2013. In addition to participant observation in the period 2013-2015, the article includes interviews reaized in 2016 with the musicians of the most representative bands, in order to have a chronology of the movement in the city of Rio de Janeiro, as well a first approach to Academy such as an exploratory research about the subject. The relevance of the research stands out for its timeliness and potency of the movement, as well as the object of originality in the academic field .

Keywords:

cities; public place; public art; street bands; Rio de Janeiro.

Resumo

O movimento de Bandas de Rua vem tomando corpo e representatividade na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, desde o ano de 2012, com uma experiência urbana diferente do que se conhecia por música de rua e arte pública até então. Esta proposta consolida um



estudo etnográfico da autora, que atua como produtora de bandas de rua do Rio de Janeiro desde 2013. Além da observação participante no período 2013-2015, o artigo contempla entrevistas realizadas em 2016 com os músicos das bandas mais representativas, a fim de se ter uma cronologia do movimento na cidade do Rio de Janeiro, bem como uma primeira aproximação acadêmica a título de investigação exploratória acerca do tema. A pertinência da pesquisa destaca-se pela atualidade e relevância do movimento, bem como pelo ineditismo do objeto no âmbito acadêmico.

Palavras-chave:

cidades; espaço público; arte pública; bandas de rua; Rio de Janeiro.

Introdução

Não é uma novidade dizer que a arte invade as ruas das cidades de todo o mundo. De fato, afirma Claudia Büttner (2002), “projetos artísticos no espaço não-institucional fazem parte, hoje em dia, tanto na Alemanha quanto em toda a Europa, da programação cultural de verão de muitas cidades” (p. 73). No Brasil não é diferente: a arte pública vem ganhando visibilidade e sendo discutida em diversas esferas. Na cidade do Rio de Janeiro, a ocupação do espaço público notadamente se expande, tanto nos movimentos sociais e manifestações políticas populares, como nas manifestações culturais, sobretudo no que tange as bandas de rua. O artista de rua, especificamente o músico, sempre ocupou esse espaço, mas em 2012, a chegada da banda argentina Dominga Petrona no Rio de Janeiro, despertou a curiosidade de bandas locais do circuito alternativo, que, enxergando ali uma oportunidade, acabaram sendo motivadas a mostrar seu trabalho nas ruas da cidade.

O movimento de Bandas de Rua tem, portanto, crescido exponencialmente na cidade e tem, atualmente, grande destaque na mídia, com a publicação de reportagens em jornais impressos e *online*, gravação de programas para a televisão e participação em grandes festivais.

Música e Espaço Público

As performances das bandas de rua criam paisagens sonoras que ocupam uma “centralidade na experiência que envolve a música de rua”, segundo Micael Herschmann e Cíntia Sanmartin Fernandes (2014), priorizando “o volume e o resultado sonoro na rua – num ambiente marcado pelos desafios de fazer ouvir nas cidades polifônicas” (p. 38).

Daniel Bacchieri (2016), fundador e curador do Streetmusicmap¹, um *line up* colaborativo de músicos de rua de todo o mundo, postou um depoimento em seu Instagram²: “A rua é o palco mais livre que um artista pode experimentar. Não há lugar melhor para ter um *feedback* cru e sincero de uma audiência em permanente movimento. Como ouvintes, precisamos ouvir mais as ruas. A trilha sonora das nossas esquinas é o retrato mais apurado da realidade”.

Silvio Essinger (2015)³ ressalta as adversidades enfrentadas pelas bandas de rua, enfatizando que “para as incertezas do dia a dia, as bandas carregam como amuleto, aonde quer que vão, uma cópia da Lei Municipal 5.429, de 5 de junho de 2012, do vereador Jorge Felipe”. A lei dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Rio. Mesmo

1 Disponível em: <<http://www.streetmusicmap.com/>>. Acesso em 14 maio 2016.

2 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BFZjzTbGemE/?r=1028760904>>. Acesso em 14 maio 2016.

3 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/bandas-ocupam-pracas-calcadas-trens-do-rio-pas-sam-chapeu-multiplicam-vendas-de-discos-16362472>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

amparados pela lei, os artistas sofrem diversas pressões do poder público. Em dezembro de 2015 o jornal O Dia⁴ publicou uma reportagem sobre a agressão de músicos no metrô. Em abril de 2016, a vereadora Leila Maywald (PMDB), conhecida como Leila do Flamengo, propôs um projeto de lei que pedia a proibição de apresentação de artistas de rua em praças e outros espaços urbanos que tenham edifícios em volta ou próximos⁵. Dias depois, após ampla mobilização dos artistas, o projeto foi retirado de pauta⁶ pela vereadora.

Por outro lado, com a grande visibilidade e força do movimento na capital carioca, muitas empresas, como a Red Bull e o próprio Metrô (este último, sem sucesso), megaeventos de renome, como o Rock in Rio, casas consolidadas na cidade, como o Circo Voador, e até o governo municipal, sob a forma de editais que contemplam a arte pública, vem dando espaço e destaque às bandas de rua. Em 2015 o Canal Bis, da Multishow, produziu uma série chamada Sons Urbanos⁷, com 13 episódios (cada um com três bandas de diversas partes do mundo) falando sobre a relação dos músicos com o trabalho nas ruas. A cada episódio, praticamente, uma banda carioca era apresentada.

As Bandas de Rua do Rio de Janeiro

Seguramente a arte pública já contempla há bastante tempo os músicos de rua, muitas vezes marginalizados. Como afirma a mexicana Natalia Bieletto (2016, p. 67), os músicos que se apresentam em manifestações tradicionais populares ou religiosas, são bem aceitos, entretanto, “[...] os músicos que usam as ruas como meio de subsistência cotidiana são com frequência objeto de estigma social, condescendência e/ou desvalorização” [tradução nossa]⁸. Partindo dessas considerações, define-se aqui o que consideramos uma nova geração de Bandas de Rua, que tomou as ruas do Rio de Janeiro a partir do ano de 2012. Esses músicos enfrentam muitas adversidades no cotidiano, tais como reclamação de moradores locais, confronto com a polícia e agentes da Ordem Pública, entretanto, para o público, eles assumem um caráter muito mais de artistas (no sentido de *popstars*) do que de músicos buscando meios alternativos de sobrevivência. Essas bandas possuem equipamento e instrumentos próprios e são autônomas em termos de energia, usando uma bateria de automóvel adaptada com um equipamento chamado conversor, que transforma a energia contínua em alternada para alimentação das caixas de som e demais instrumentos elétricos. Já a bateria, o instrumento, é adaptada para facilitar o transporte. Os músicos carregam essa parafernália em pequenos carrinhos, facilitando o deslocamento de toda a banda em um único automóvel ou até mesmo no transporte público.

Hoje são dezenas de bandas de rua na cidade do Rio de Janeiro. Parte-se, entretanto, da pesquisa junto às mais representativas e, para este estudo exploratório foram selecionadas as seguintes bandas: Dominga Petrona, Astro Venga, Beach Combers, Tree”, Bagunço, Ma Non Troppo e Os Camelos, todas de som autoral e instrumental com influências do free jazz. Por questões de espaço e formatação do artigo, apenas as quatro primeiras entrevistas serão citadas neste trabalho.

⁴ Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-12-21/musicos-sao-agredidos-por-seguranças-do-metro.html>>. Acesso em 20 fev. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/vereadora-leila-do-flamengo-quer-acabar-com-artistas-de-rua-19194692.html>>. Acesso em 10 maio 2016.

⁶ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/leila-do-flamengo-pmdb-tira-da-pauta-projeto-que-acaba-com-artistas-de-rua-19218415.html>>. Acesso em 10 maio 2016.

⁷ Disponível em: <<http://canalbis.globo.com/programas/sons-urbanos/>>. Acesso em 14 maio 2016.

⁸ [...] los músicos que usan las calles como medio de subsistencia cotidiana son con frecuencia objeto de estigma social, condescendencia y/o desvalorización.

A Dominga Petrona foi selecionada por ser a pioneira dessa nova fase da música de rua, como veremos adiante, e as demais por outros critérios de representatividade, tais como tempo de existência como banda de rua, participação em reportagens em jornais impressos e eletrônicos, bem como em documentários profissionais e universitários, participação em projetos como Red Bull Soundgroung⁹, em 2014, nas estações do Metrô, eventos como o Praça, do Circo Voador, e apresentações na entrada do Rock in Rio 2015, megaevento realizado na cidade em 2016.

Além da observação participante, tendo a autora atuado como produtora da banda Tree” de 2013 a 2014 e da Ma Non Troppo de 2014 até 2016, foi realizada uma entrevista com roteiro semi-estruturado com um músico de cada uma das bandas selecionadas. Por questões de acesso e conveniência, algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, outras por e-mail e outras, ainda, por Facebook.

Dominga Petrona

A banda argentina existe desde julho de 2009. A formação conta com bateria, baixo elétrico, guitarra e saxofone. Como citado antes, em 2012 ela foi pioneira dessa nova geração de bandas de rua do Rio de Janeiro, por trazer de seu país o *know how* para as apresentações de rua, com adaptação de instrumentos e equipamento para autonomia de energia.

Segundo Beto Cuenca¹⁰ (2016), a ideia de ir para a rua foi, inicialmente, tê-la como palco e divulgação do trabalho. Para ele, “as ruas são uma grande vitrine para todas as artes”. A banda está na terceira edição do CD e ele calcula que já tenham vendido mais de 5 mil cópias. A banda não tem um produtor fixo e divulga seu trabalho principalmente nas ruas e pelas Redes Sociais, com foco no Facebook.

Questionado sobre as diferenças do público das ruas da Argentina e do Brasil, Cuenca afirma que a relação é ótima em ambos os países. “Só palavras de agradecimento, muitas vezes mostrando-se surpreendidos pelo trabalho feito na rua desse jeito. [...] A rua é a mesma em todo o mundo. Você está fazendo arte e está acariciando as almas das pessoas de forma livre”. Já o problema mais enfatizado foi com relação às reclamações dos moradores locais pelo volume do som.

A Dominga se apresentou na entrada do Rock in Rio 2015, no Rio de Janeiro, e para o músico “[...] foi ótimo, quase um sonho. Foi sucesso e muito bom para a trajetória da banda e para seu material de divulgação”.

Astro Venga

A banda foi criada no início de 2014 com uma formação diferente da atual, mantendo, entretanto, o trio de instrumentos: bateria, guitarra e baixo elétrico. De acordo com Antonio Paoli¹¹ (2016), baixista, “o intuito sempre foi o de tocar na rua como uma alternativa à escassez de público e de casas de show que acolham arte e viabilizem o processo de existência através dela”. E complementa, afirmando que “a curadoria espontânea de um público heterogêneo de classes sociais e faixa etária, nos indicou a direção correta: ir de encontro a esse público, assim testando nossa arte”.

⁹ Disponível em: <<http://www.redbull.com/br/pt/music/events/1331652785075/red-bull-sounderground>>. Acesso em 1 maio 2016.

¹⁰ Em entrevista à autora por Facebook, em fevereiro de 2016.

¹¹ Em entrevista à autora por e-mail em março de 2016.

Já venderam 3 mil cópias do CD “Explodiram a Perimetral”¹² e estão em vias de lançar o segundo título, “Ao Vivo na Lapa”. A banda conta há um ano com a produtora Luiza Machado, namorada do guitarrista. Ela trabalha com foco nos shows em casas do Rio de Janeiro e de outros estados, sendo o Facebook o principal meio de divulgação.

Quanto às vantagens da rua, o baixista destaca que “a diversidade do público de rua nos faz ter a certeza de que o povo consome arte independente do estilo e independente do que a grande mídia dita”. Quanto ao principal desafio, Paoli também cita ser “o poder público, representado pela polícia e guarda municipal, respeitarem a atividade tal qual queremos, a de trabalho como o de um camelô que vende sua arte através dos CDs”. E complementa: “viver da arte é nosso objetivo e garantir as ruas e praças públicas como frente de trabalho para os artistas que não foram sorteados pela grande mídia, garantindo, assim, a sobrevivência do artista e da arte em si”. Também acha interessante ser já percebido como um movimento. “Não estamos sozinhos nessa”, diz Paoli. Quanto ao Rock in Rio, “o Sr. Medina [idealizador do festival] também percebeu isso dando oportunidade para as bandas locais que estão nessa atividade para se apresentarem por lá, mas queremos sempre mais”.

Beach Combers

A formação atual existe desde 2010, mas a banda foi criada em 2009. O intuito inicial não era tocar na rua, mas foram motivados pela Dominga Petrona e Por Zozio RL¹³, segundo Gustavo Loureiro¹⁴ (2016), ou Guzz the Fuzz, baixista da banda. Os BC's vestem seus uniformes vermelhos e, na formação bateria, baixo elétrico e guitarra, apresentam *surf music* instrumental nas ruas e praias do Rio de Janeiro. Com isso já venderam praticamente 2 mil CDs e os vinis esgotaram em 2014, segundo o baixista. A banda não tem produtor e se autoproduz. O objetivo é circular entre a rua, o *mainstream* e “por onde mais nosso trabalho se encaixar. Porque apesar da universalidade do som instrumental, temos um espírito muito DIY (*do it yourself*) para focarmos apenas no *mainstream*”, afirma Guzz.

Loureiro destaca que “a relação com público, geralmente, é de muito carinho e *good vibes*. O maior desafio é conseguir seguir com o show quando acontece alguma reclamação de barulho, apesar de nunca termos ultrapassado as 22 horas”.

Os Beach Combers não tocaram no Rock in Rio, mas fizeram um “*Beach Attack*” na entrada do último show dos Rolling Stones no estádio do Maracanã, em fevereiro de 2016, no Rio de Janeiro. Para Guzz, “foi simplesmente um dos melhores dias da minha vida. E acredito que para o Bernar [guitarrista] e para o Lucas [baterista] também. AAAAAHHHHHH!!!! Fico arrepiado só de lembrar”.

Tree”

A banda Tree” foi criada em 2012 já com o objetivo de tocar nas ruas, sobretudo por falta de dinheiro para pagar estúdios para ensaio. A formação inicial seria bateria, baixo elétrico e saxofone, mas atualmente conta com mais um saxofone para a execução de som instrumental autoral, com influência do free jazz, o que Mindu¹⁵ (2016), ex-baixista e fundador da banda, chama de música instrumental espontânea carioca.

¹² Título que faz uma crítica à demolição de um elevado que era considerado uma importante via no Centro do Rio de Janeiro, em 2011. Outras informações disponíveis em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/sobre-a-demolicao-do-elevado-da-perimetral-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em 10 maio 2016.

¹³ Ex baterista da Dominga Petrona e da Astro Venga, irmão de Lucas Leão, baterista dos Beach Combers.

¹⁴ Em entrevista à autora por Facebook em março de 2016.

¹⁵ Em entrevista pessoal à autora em fevereiro de 2016.

A Tree” acaba de gravar seu primeiro CD e já contou com a produção da namorada do baixista, depois de uma amiga e, na data da entrevista, por um dos componentes da banda. Recentemente, Mindu retornou à banda e a primeira produtora reassumiu o trabalho de produção e comunicação. Os principais canais de divulgação são as redes sociais, principalmente Facebook e SoundCloud.

A relação com o público é boa. Pela característica do som, os músicos são considerados “loucões” e a música nem sempre é bem compreendida e aceita pelo público transeunte, mas moradores de rua e ambulantes se identificam e solidarizam com os artistas. Como nas outras bandas, as reclamações com relação ao barulho e o confrontamento da ordem pública são os principais problemas para a apresentação no espaço público. O músico ainda destaca as condições climáticas, pois em dias de chuva não é possível trabalhar.

A banda não tocou no Rock in Rio. Tem procurado casas da cidade e outros espaços alternativos de apresentação, sendo que o objetivo é tocar em outros estados e países.

Considerações finais

A maior parte das bandas se autoproduz (*do it yourself*) ou conta com amigos ou namoradas para o trabalho de produção ou divulgação de maneira amadora. Alguns almejam ter dinheiro para ter produção profissional. O principal canal de divulgação é o Facebook, seguido de redes sociais como YouTube, SoundCloud, Instagram e Twitter. Apenas uma banda, os Beach Combers, mencionou pretender usar aplicativos como iTunes e Spotify.

Todas as bandas tem CDs gravados de maneira amadora. Das entrevistadas, apenas os Beach Combers lançaram, além do CD, um vinil, o que traz certo *status* à banda.

Os principais desafios são o confrontamento da ordem pública, que não acata a lei, a concorrência que aumenta (territórios e renda) e condições climáticas. A rua é hostil, entretanto, a relação com o público é boa, de carinho, surpresa, respeito e admiração. A arte e a música são bem recebidas no espaço público – ruas, praças e praias do Rio de Janeiro. Há uma relação com moradores de rua e ambulantes, que “se reconhecem” nos músicos.

Algumas bandas afirmam que seu DNA é de arte pública, pretendendo, entretanto, estender o trabalho para outros estados do Brasil ou para o exterior.

As bandas de rua já fazem parte da paisagem sonora carioca, num misto de desafios e oportunidades para os artistas que geram uma nova experiência urbana e reconfiguram o espaço público, transformando-o em palco. A curadoria é do público, a mais sincera de todas.

Referências

- BIELETTTO, N. (2016) El estudio histórico de la música en las calles: reflexiones teórico-metodológicas. *XII Congreso de la IASPM-AL: Visiones de América, sonoridades de América. IX Coloquio Internacional de Musicología. Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, La Habana, Cuba. Cuaderno de resúmenes*, pp. 67.
- BÜTTNER, C. (2002). Projetos artísticos nos espaços não-institucionais de hoje. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade. pp. 73-102.
- ESSINGER, S. (2015). Bandas ocupam praças, calçadas e trens do Rio, passam o chapéu e multiplicam vendas de discos. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/bandas-ocupam-pracas-calçadas-trens-do-rio-passam-chapeu-multiplicam-vendas-de-discos-16362472>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- FERNANDES, C. S.; TROTTA, F. C.; HERSCHEMANN, M. M. (2015). Não pode tocar aqui!? Territorialidades sônico-musicais cariocas produzindo tensões e aproximações envol-

vendo diferentes segmentos sociais. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v.18, n.2. Brasília: E-compós.

HERSCHMANN, M.; FERNANDES, C. S. (2014). *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom.

Biografia

Publicitária pela Universidade de Taubaté (1995) e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2009), Lucimara Rett, além de uma experiência de 12 anos no mercado de televisão desde 1988, também atua como docente em cursos de graduação e pós-graduação desde 1999. Hoje é Professora Adjunta DE na Escola de Comunicação da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas principais áreas de pesquisa são convergência das mídias e tendências em publicidade, cidades e questões urbanas, bem como Folkcomunicação. É integrante dos grupos de pesquisa REC – Retórica do Consumo (UFF) e Imagem, Mercado e Tecnologia (UFRN). É sócia da Intercom, da Rede Folkcom e da ABP2 - Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade. E-mail: lucimara.rett@eco.ufrj.br

Cultura Ciudadana desde la piel Cebra

Universidad Católica
Boliviana “San Pablo”

Divha Alejandra Gantier Mita
divha.alejandra@gmail.com

Resumen

La topografía de la ciudad de La Paz nos invita a verla en las montañas y desde las montañas, su singular energía, forma y ritmo reflejan la fuerza de la diversidad cultural albergada por la urbe. Al constituirse como centro político de Bolivia su constante movimiento la establece como la ciudad más cosmopolita del país.

La ciudad es el espacio donde se tejen historias individuales y colectivas. En medio de este tejido se hace evidente que el común denominador de los habitantes es la escasa educación vial con la que se movilizan en la ciudad. Este problema latente adquiere notoriedad en el año 2001 cuando el Gobierno Autónomo Municipal de La Paz empieza a revitalizar el centro de la urbe y se da cuenta que los hábitos de la ciudadanía no aportaban para hacer efectiva la transformación planificada.

Ante esta problemática surge la necesidad de generar cierto orden que facilite el proceso del desarrollo urbanístico que afrontaba la ciudad, es de esta manera que en noviembre de 2001 la Sede de Gobierno empieza a albergar un nuevo personaje, la Cebra, que años más tarde se llega a convertir en un ícono de la ciudad y es reconocido como patrimonio intangible de La Paz.

El pintoresco personaje, cuyo espíritu es inspiración de esta ponencia, fue creado para acompañar un desarrollo urbano y hoy en día es motor del desarrollo humano de la ciudadanía paceña, que a medida que transforma hábitos viales es portavoz de cultura ciudadana, inculcando valores de buen trato y convivencia armónica en un espacio común.

El Programa Cebras abre una invitación a conocer, sentir, vivir y comprometerse con la transformación más importante de la ciudad de La Paz: la transformación de su forma de ser, de vivir y convivir.

Palabras Clave:

cultura; ciudadanía; comunicación; cebra; transformación.

Summary

The topography of the city of La Paz invites us to see it in the mountains and from the mountains, his singular energy, form and rhythm reflect the strength of the cultural diversity housed by the urbe. When constituting like political centre of Bolivia his constant movement establishes it like the take care more cosmopolita of the country.

The city is the space where knit individual and collective histories. In the middle of this fabric does evident that the common denominator of the inhabitants is the scarce education vial with which movilizan in the city. This latent problem purchases notoriety in the year 2001 when the Municipal Autonomous Government of La Paz begins to revitalizar The centre of the urbe and realize that



the habits of the citizenship did not contribute to do effective the transformation scheduled.

In front of this problematic arises the need to generate some order that facilitate the process of the development urbanístico that faced the city, is of this way that in November of 2001 he Headquarters of Government begins to house a new character, the Zebra, that years later arrives to turn into an icon of the city and is recognised like intangible heritage of La Paz.

The picturesque character, whose spirit is inspiration of this report, was created to accompany an urban development and nowadays is engine of the human development of the citizenship paceña, that to measure that transforms habits viales is spokesman of citizen culture, inculcando values of good deal and convivencia harmonic in a common space

The Program Zebras opens an invitation to know, feel, live and engage with the most important transformation of the city of The Peace: the transformation of his form to be, to live and coexist.

Keywords:

culture; citizenship; communication; zebra; transformation.

Resumo

A topografia da cidade de La Paz convida-nos a ver nas montanhas e desde as montanhas, sua singular energia, forma e ritmo refletem a força da diversidade cultural albergada pela urbe. Ao constituir-se como centro político de Bolívia seu constante movimento a estabelece como a cuidem mais cosmopolita do país.

A cidade é o espaço onde se tecem histórias individuais e coletivas. No meio deste tecido faz-se evidente que o comum denominador dos habitantes é a escassa educação via com a que se mobilizam na cidade. Este problema latente adquire notoriedad no ano 2001 quando o Governo Autónomo Municipal de La Paz começa a revigorar o centro da urbe e dá-se conta que os hábitos da cidadania não contribuíam para fazer efetiva a transformação planificada.

Ante esta problemática surge a necessidade de gerar certa ordem que facilite o processo do desenvolvimento urbanístico que enfrentava a cidade, é desta maneira que em novembro de 2001 a Sede de Governo começa a albergar uma nova personagem, a Zebra, que anos mais tarde se chega a converter num ícone da cidade e é reconhecido como património intangível de La Paz.

O pintoresco personagem, cujo espírito é inspiração desta conferência, foi criado para acompanhar um desenvolvimento urbano e hoje em dia é motor do desenvolvimento humano da cidadania paceña, que à medida que transforma hábitos vias é porta-voz de cultura cidadã, inculcando valores de bom trato e convivência harmônica num espaço comum.

O Programa Zebras abre um convite a conhecer, sentir, viver e comprometer com a transformação mais importante da cidade de La Paz: a transformação de sua forma de ser, de viver e conviver.

Palavras-chave:

cultura ; cidadania; comunicação ; zebra ; transformação

Introducción

La cebra es parte del imaginario urbano paceño, es un ícono reconocido de la ciudad que irradia amor, sentimiento tan necesario en una ciudad como la nuestra.

Pedro Susz, Director de Gobernabilidad.

Entre subidas, bajadas, calles estrechas y amplias avenidas, las arterias de la ciudad de La Paz Bolivia, con el paso del tiempo, se convirtieron en arterias incsesantes, escenario de la historia de miles de paceños cuyo común denominador es la escasa educación vial con la que se movilizan en la ciudad. Este problema latente adquiere notoriedad en el año 2001 cuando el Gobierno Autónomo Municipal de La Paz empieza a revitalizar el centro de la urbe y se da cuenta que los hábitos de la ciudadanía no aportarían para hacer efectiva esta transformación.

La revisión de la situación caótica del tránsito en la ciudad y el reconocimiento del avasallamiento del paso de cebra, permitió identificar que la herramienta buscada debería enfocarse en conocer la existencia, uso y respeto del mismo. Es cuando el paso peatonal cobra vida con la personificación de la Cebra, un elemento que saltó del asfalto al corazón de quienes palpitaban la ciudad de La Paz.

El personaje fusiona la imagen de la cebra, con el espíritu humano de quien lo personifica. De esta manera también nace la idea de generar un espacio de participación e inclusión juvenil orientado a la educación ciudadana y al respeto al paso de cebra.

El proceso de acercamiento de las Cebras, como educadores viales, ha permitido que gocen de la aceptación y valoración ciudadana, posicionándolas en el imaginario paceño como una presencia amable que desde los espacios públicos convoca a la observación, reflexión y acción social para la transformación de los hábitos de quienes habitan la ciudad.

Pese al escepticismo inicial sobre la posibilidad de cambiar hábitos y comportamientos poco armoniosos para la convivencia en la ciudad, o sobre la posibilidad de que un elemento externo genere cambio de comportamiento individual; la experiencia Cebra presenta como lecciones centrales: los comportamientos y hábitos sí se pueden transformar; y el ejercicio de autoridad más efectivo no se sustenta en una actitud impositiva o de control, sino que sustenta en una interacción y comunicación abierta.(Salazar y Lanza, 2014)

La Cebra confirma la posibilidad de sensibilizar y educar a través del ejemplo y del arte para transformar emociones y comportamientos.

Descripción del caso

Tras identificar la problemática en torno al caos vehicular y la reacción de la ciudadanía ante esta situación e inspirados por la experiencia desarrollada en Bogotá de enseñar a la gente a cruzar la calle con mimos, payasos y artistas, durante el año 2001 el Gobierno Autónomo Municipal de La Paz delineó una iniciativa que responde a la necesidad de realizar una campaña activa de educación vial que permita destacar la existencia, el uso, y el respeto del paso de cebra.

De esta manera nace el acompañamiento de las Cebras a los procesos mencionados de crecimiento y revitalización de la ciudad de La Paz, convirtiéndose, a través de su dinámica, en un elemento articulador entre el Gobierno Autónomo Municipal y la sociedad.

Durante las primeras incursiones en la ciudad, las Cebras tenían la tarea de rescatar los pasos peatonales posibilitando que el peatón recupere este espacio público para el ejercicio de su derecho de tránsito seguro en la ciudad, además se buscaba que los choferes comprendieran que al apropiarse del paso peatonal limitaban los derechos de los otros. La trayectoria de la Cebra en la ciudad ha permitido no sólo el rescate de espacios públicos, sino que también se los redescubra y se los resignifique en el imaginario urbano (GAMLP, 2015).



Lineamientos centrales del Programa

- Misión: Educar y generar procesos de reflexión en comunidad, mediante acciones destinadas a lograr el cambio y fortalecimiento de actitudes, poniendo en práctica valores, derechos y obligaciones, motivando la participación ciudadana en la construcción de una comunidad en la que vivamos en armonía.
- Visión: Ser referente de una cultura ciudadana a nivel nacional e internacional, con el ejercicio pleno de valores, alcanzando la unidad en la diversidad.
- Objetivo General: Educar y generar procesos de reflexión ciudadana sobre el orden, respeto y consideración, para lograr cambio en la relación y participación de todos frente al “otro” y hacia la ciudad (Salazar y Lanza, 2014).

Público

El público más importante para la presencia de la Cebra son los niños, este segmento de la sociedad es motor de la transformación de la comunidad.

En esta importante tarea se realizan intervenciones mediante talleres y capacitación a diferente grupos etarios en fortalecimiento de la Cultura Ciudadana, abordando temáticas de educación vial y valores en las principales arterias de la ciudad como en las aulas de Unidades Educativas (GAMLP, 2015).

Camino recorrido

La primera impresión de la población paceña al percatarse de la instalación de un nuevo personaje dentro de la urbe, sin duda alguna fue de sorpresa. Las características del traje (en 2001 bipersonal) y la poca comprensión de la labor a desempeñar generó que las Cebras sufrieran agresiones. En primera instancia, la relación con los choferes se caracterizó por el rechazo, insultos e incluso golpes a las Cebras por ser las encargadas de educar respecto al paso peatonal y de acompañar las iniciativas de restricción vehicular y paradas de transporte público. Por su parte, los peatones mostraban indiferencia ante la presencia de la Cebra o en algunos casos ejercían agresión física y verbal al verlas como un elemento de obstaculización. Estos comportamientos fueron observados durante algún tiempo y son corroborados por testimonios de quienes personificaron a la Cebra al iniciar el Programa.

los choferes, algunos te gritaban, incluso te empujaban (...) normalmente los choferes te gritaban y te decían ¡levántate! (...) creo que era primera vez que se les hacía ver lo mal que estaban haciendo, algunos se reían, pero justo cuando estaban de mal humor te gritaban (...) los peatones bien, digamos era algo agradable ver a las cebras. Pero cuando hemos tenido la tarea de trabajar con los peatones para que usen el paso peatonal, para que respeten las paradas, ha sido duro, ahí ya alguno que otro te gritaba ¡que te importa!, ¡yo tomo [el transporte público] de donde sea! (M. Mamani, Ex Cebra Coordinadora, *comunicación personal, 29 de abril de 2016*)

Pese a la reacción muchas veces agresiva por parte de choferes y peatones, los niños se distinguieron por apoyar y promover el uso del paso de cebra con sus padres. La defensa de las Cebras también contó con la participación de agrupaciones de juveniles.

Durante el período 2001-2003, la temática principal que trabajan las Cebras fue la educación vial, enfocándose en la demostración del paso peatonal y el acompañamiento a la primera y segunda fase de la restricción vehicular, así como el uso de los puntos de parada (GAMLP, 2015). En esta etapa, se empleaba una modalidad de incentivos a la población que

respetara las normas comunicadas por las Cebras, es así que los ciudadanos que cumplían con los puntos de parada recibían un obsequio por parte de las Cebras que era básicamente una colección de cuentos sobre La Paz. Para realizar esta labor el grupo humano que conformaba las Cebras recibía una orientación que se limitaba a recomendaciones relacionadas con vialidad y el paso peatonal.

En el proceso de construcción de una relación más empática entre la ciudadanía y las Cebras, la respuesta basada en valores de buen trato, jugó un rol importante para generar una relación positiva no sólo con las Cebras sino hacia la imagen institucional del Gobierno Autónomo Municipal que buscaba reconstruir el rol protagónico de la ciudadanía, fortaleciendo el capital social de la urbe (Salazar y Lanza, 2014).

Para lograr un acompañamiento efectivo, las cebras fueron adoptando y consolidando un lenguaje amable, que no expresa prohibición.

A partir del acompañamiento de las Cebras en las obras de revitalización, el trabajo destacado y perseverante de las Cebras transformó la forma en la que eran percibidas por el mismo Gobierno Autónomo Municipal, “dejando de ser un grupo de apoyo para convertirse en el enlace y amortiguador de la relación gobierno municipal-ciudadana” (Salazar y Lanza, 2014). Asimismo, las Cebras lograron cambiar la percepción y reacción de la población ante su presencia, dejando de ser un elemento represivo, para ser un personaje amable que sensibiliza y se preocupa por el bienestar ciudadano, teniendo al ser humano como centro de su accionar.

Ha sido un trabajo inteligente, perseverante, muy rico en matices y formas, donde se ha encontrado efectivamente una forma de obrar de las cebras que definitivamente ha creado en la gente esta idea de que no se trata de un personaje represivo, que se trata de un personaje amigo que ayuda, de un personaje que de alguna manera nos hace mejores ciudadanos, y eso es lo que poco a poco ha marcado el punto de inflexión entre el rechazo o la indiferencia inicial hacia esta simpatía generalizada (P. Susz, Presidente de Concejo Municipal-GAMLP, comunicación personal, 21 de marzo de 2016).

El valor agregado que cobra el personaje al ser portavoz del cumplimiento de normas viales y buen trato requiere de una alta expresividad corporal. Por ello a partir del 2004 el equipo de Cebras es capacitado en expresión corporal y artes escénicas, convirtiendo cada paso de cebra en un escenario propicio para compartir y difundir hábitos viales, como también valores ciudadanos que aporten a la convivencia en armonía dentro de la urbe.

La intervención de la Cebra con tal expresividad permitió definirla como un personaje vivo y dramático y no así como un disfraz o muñeco. Guiados por expertos en artes escénicas el grupo humano que personifica a las Cebras

trabajó el principio de la máscara, del vestuario, que viene a ser la piel Cebra y los principios básicos del personaje como su actitud, corporalidad, y acción. Conocer quién es la Cebra, y qué hace en la calle permitió reconocer que la Cebra no es sólo un personaje sino que es Educador Urbano que tiene un rol importante en la ciudad (Salazar y Lanza, 2014).

Producto de este proceso se desarrollaron rutinas para que en el transcurso del cambio de semáforo se representaran sucesos cotidianos de la ciudad. El personaje de la Cebra presentaba un mensaje que captara la atención y mediante la representación escénica generara una reacción de reflexión e inducción al cambio de hábitos en el ciudadano.

el impacto ha sido muy fuerte, porque la gente acostumbrada a ver a la Cebra sólo recorrer [el paso de cebra], cuando comienzan a ver una acción más de la Cebra, es cuando la gente comienza a prestar atención, ¿qué están haciendo?, ¿ahora qué

se les ha ocurrido?, y recuerdo perfectamente que hasta la gente de los edificios se ponía en las ventanas para ver, y es ahí donde comienzan a haber ciertas actitudes más empáticas del ciudadano con la Cebra, porque claro la gente de los autos veía la situación que tratamos que sea cómica, ágil, dinámica. Entonces, comenzamos a despertar una nueva emocionalidad de la gente (S. Caballero, ex Director de Cultura Ciudadana-GAMLP, comunicación personal, 21 de marzo de 2016).

De esta manera, las artes escénicas empleadas por las Cebras en cada una de sus intervenciones urbanas se tornan en el principal vínculo de sensibilización hacia la construcción de la cultura ciudadana.

Para que los jóvenes Cebra tuvieran una capacitación artística, se puso a la cabeza del Proyecto a Kathia Salazar, destacada bailarina boliviana, quien hace hincapié en trabajar desde adentro, partir de uno mismo como joven que personifica a una Cebra para poder salir a la relación con las personas a hacer educación y desarrollar la capacidad de promover un cambio de actitud (GAMILP, 2015).

La inclusión del componente artístico en la preparación de los jóvenes Cebra permite hacer del cuerpo un lenguaje de comunicación que ha permitido construir relaciones positivas con la ciudad y sus habitantes. Para el manejo de esta capacidad fue necesario el desarrollo de la observación atenta del comportamiento de la urbe, generando un proceso de retroalimentación constante.

el lenguaje corporal se plantea en su cuerpo, en su espacio, en movimiento, en el ritmo y en la expresión que son justamente lo que hace que los chicos puedan abrirse, ser más sueltos y expresivos y construir ese lenguaje muy personal, y logra construir una nueva forma de decir algo y de responder a determinadas situaciones (Kathia Salazar, Concejal -GAMLP comunicación personal, 13 de abril, 2016)

Al hablar de la relación que las Cebras – ciudadanía es fundamental el enfoque de interculturalidad que parte del hecho que las culturas no se encuentran aisladas ni se producen por generación espontánea; sino que en su diario acontecer tienden a abarcar espacios que le conducen a relacionarse con otras culturas(Salazar y Lanza, 2013). A partir del momento en el que la Cebra se expresa desde la interculturalidad, se convierte en el personaje paceño presente en las actividades del calendario cultural, esta medida hace posible que la Cebra gane protagonismo en la vida de la ciudad.

Las transformaciones que se dieron al interior del Proyecto, permitió que los valores se convirtieran en el eje articulador entre las Cebras y la ciudadanía. De esta manera la cultura ciudadana de la que es portadora la Cebra, muestra que no es una meta, sino una vía. Es una forma de vida que te convoca a convertirte en un ciudadano activo capaz de asumir derechos, deberes y libertades de una manera responsable.

Este proceso (re)significa la ciudad y el rol individual y colectivo de la sociedad en ella. Día a día interpela lo que somos y lo que hacemos en la ciudad, posibilitando la constante reflexión y transformación personal y colectiva.

las Cebras ocupan los espacios públicos en los que se dan la oportunidad de recordarnos la esencia humana, apelando a las emociones de transeúntes para que reconozcamos que los valores permiten el desarrollo de nuestra sociedad (Jorge Enriquez, transeúnte comunicación personal, 28 de marzo de 2016).

Quiénes están bajo la piel Cebra

El Programa Cebra cobra vida gracias a la participación de jóvenes en situación vulnerable, a quienes el Gobierno Autónomo Municipal emplea y capacita para encarar esta relevan-

te labor en la ciudad de La Paz. Es importante recalcar que actualmente se hacen convenios con hogares de acogida y fundaciones para aportar en la inclusión juvenil.

La relación entre los jóvenes de la familia Cebra, caracterizada por su horizontalidad, permitió que se iniciara un cambio en la forma de educar a la ciudadanía. El grupo se consolida basado en que para educar al ciudadano sobre el respeto, equidad, inclusión y consideración, los jóvenes Cebra primero deben entender y vivir su mensaje.

“ellos al convertirse en vehículos de transmisión de valores y de derechos locales, se revalorizaron y cambiaron su vida, este fue un proyecto que cambió la vida de esos jóvenes que participaron en el proyecto, no era algo que se había planteado desde un inicio, es algo que surgió ahí. Es una de las mejores experiencias que hemos tenido en lo que es reconstrucción de la identidad propia en un joven y proyección de ciudadanía en ellos, Yerko Ilich, Ex Responsable el Programa-GAMLP, período 2001-2002” (GAMLP, 2014).

Análisis crítico

Para efectuar el análisis crítico de la situación descrita líneas precedentes desde el punto de vista comunicacional se hará referencia a teorías de comunicación para el cambio social e imaginarios urbanos, principalmente.

Comunicación para el cambio social

Gumucio (2011) hace referencia a esta corriente como un nuevo paradigma que intenta construir un auténtico diálogo, estimular la participación, construir ciudadanía, democratizar la comunicación, devolver la palabra y convertir a los sujetos en actores centrales y agentes de su propio desarrollo humano y social.

En correspondencia a lo planteado por Gumucio, se evidencia que el Programa Cebra pretende demostrar que todos somos actores de cambio, un cambio, impulsado por las Cebras, que empieza en uno mismo y termina en la transformación de la ciudadanía propiciando el desarrollo humano y social en la ciudad de La Paz.

Con el ejemplo de este caso en particular se puede mencionar que los procesos culturales no dependen del aparato gubernamental, central o municipal, sino que es el resultado de la participación del “tejido social comunitario”.

La comunicación para el cambio social es participativa, surge de la sociedad, se basa en la propia cultura (respeto a las lenguas y la historia), busca alianzas y establece redes y además se define como

la apuesta cultural de cambio, se requiere legitimar y promover una actitud frente a la vida asumiendo: el desarrollo como meta personal y colectiva; una mirada común: gestando una identidad comunicativa que mire al futuro; un estilo de actuación basándose en el diálogo y la concertación (Calandria, 2005, p. 3).

Esta corriente apuesta por otras formas de comunicación y construcción de imaginarios sociales y culturales por medio de la comunicación alternativa: teatro, uso de Internet, edutentretenimiento, campañas, entre otros. Como señalan Pereira, Gumucio y Cadavid (2011), no es una nueva manera de llamar un concepto antiguo, sino un nuevo nombre para una comprensión de la fuerza y la capacidad que tiene lo comunicativo; capacidad que ya se visibiliza plenamente en la sociedad. La mencionada capacidad comunicativa encontró en las Cebras de la ciudad de La Paz un canal propicio para promover la cultura ciudadana y educación vial.

Este nuevo modelo de comunicación apuesta por el respeto a la cultura desde lo local, considera la cultura y el contexto histórico como base fundamental para la elaboración de mensajes y la participación activa de los individuos y colectividad.

Clemencia Rodríguez una de las primeras teóricas de este modelo, expone que en este paradigma se apuesta por superar la comunicación vertical y darle un rol más activo a los sujetos y lejos de trabajar en beneficio del mercado en la promoción de servicios y productos, se pretende alcanzar el desarrollo mediante el cambio de actitudes, conductas y creencias. Se trata entonces de construir significado a “partir de un proceso de socialización, a partir del cual media, reelabora y re significa el sentido de su vida y de los mensajes y de los estímulos que percibe”, (Rodríguez, Obregón y Vega, 2002, p.37).

La Cebra al ser un personaje con un rol pedagógico en la ciudad, a través de la utilización de las artes escénicas, su actitud, corporalidad y acción tiene la capacidad de entregar mensajes que generan una reacción positiva en la población.

Imaginarios urbanos

Néstor García Canclini afirma que:

Muchos presupuestos que guían la acción y las omisiones de los ciudadanos derivan de cómo percibimos los usos del espacio urbano, los problemas de consumo, tránsito y comunicación, y también de cómo imaginamos las explicaciones a éstas cuestiones (García, 2005, 47).

Por su parte, Silva (2010) hace referencia a que la ciudad rompe, excede sus definiciones tradicionales. La ciudad no es simplemente la urbe entendida como el lugar donde se construye y constituye, sino más bien habrá que entenderla en calidad de proyecto tanto de cultura como de gestión.

Es la implementación de un personaje, en este caso la Cebra, que durante su proceso de inserción y posicionamiento en la ciudad ha ido transformando la implicancia y significación del espacio vial, logrando que la gente al verla recuerde sus responsabilidades como transeúnte y conductor.

Para la construcción conceptual de lo imaginario, se contempla todo aquello que se estructura a partir de lo real y de las prácticas sociales (Vergara, 2001). Las Cebras al estar presentes en el caminar cotidiano de la ciudad se convierten en una constante que agregándole la interacción que generan con la ciudadanía dan como resultado el diseño de una imagen colectiva de lo que significa su presencia en la ciudad.

Por tanto lo que proyecta la Cebra como imagen y símbolo muestra la práctica de valores y derechos, el trato amable y la no prohibición.

Por su parte, la ciudad presenta murales con la imagen de la Cebra, representada con absoluta fidelidad con el personaje, reflejando a un personaje simpático, dinámico, amigable y positivo; al que se puede observar jugando, compartiendo, y enseñando. “Los rasgos de esta imagen ilustrada de la Cebra han favorecido la identificación de los niños y de la población con las acciones de cultura ciudadana donde se la incluye” (GAML, 2015).

Conclusiones

Tras efectuar una revisión minuciosa del camino recorrido por el Proyecto Cebras, la transformación al interior del mismo y la importancia que fue ganando este personaje en la dinámica de la ciudad de La Paz, se hace evidente que en un mediano a largo plazo los comportamientos y hábitos sí se pueden transformar, por su parte es una lección aprendida que el ejercicio de autoridad más efectivo no se sustenta en una actitud de prohibición, impositiva o de control, sino en una interacción y comunicación abierta y horizontal.

Un elemento a destacar resulta la implementación de las artes escénicas empleadas por las Cebras en cada una de sus intervenciones urbanas, puesto que las mismas se tornan en el principal vínculo de sensibilización hacia la construcción de la cultura ciudadana.

Además, a través del lenguaje corporal y la exploración en el arte se identificaron cinco herramientas que guían el accionar de las cebras en su: presencia - imagen, cuerpo, espacio, ritmo, movimiento y expresión. Las herramientas reconocen que cada joven es capaz de caracterizar su imagen; y que a través de sus talentos y personalidad descubran su forma propia de llegar a los corazones y emociones de los ciudadanos.

De esta manera la experiencia Cebra ratifica la posibilidad de sensibilizar y educar a través del ejemplo, para transformar, desde las emociones, hábitos y comportamientos.

Las Cebras han logrado que la ciudadanía paceña se apropie e identifique con ellas, lo que se manifiesta en una relación empática y de respeto mutuo. Es importante destacar que el vínculo generado surgió a partir del momento en que la cebra cobra vida y representa situaciones cotidianas que vive tanto el transeúnte como el conductor.

El encuentro diario de las Cebras con la ciudad ha generado en la ciudadanía una actitud más abierta hacia el cambio de su conducta como medio para mejorar la calidad de vida en la ciudad. En algunos casos, esta predisposición se materializa en un cambio real de conducta, en otros no; pero lo que sí es innegable, es que existe mayor voluntad para el cambio de conducta en pos de una ciudad más ordenada y en convivencia armónica.

En la ciudad de La Paz, la Cebra no es una herramienta, es un espíritu que rescata los espacios públicos del avasallamiento, que toca el corazón de los ciudadanos y los convoca y compromete para acciones positivas para la sociedad.

Bibliografía

- Calandria, A. (2005). *Comunicación y Desarrollo Local*. Perú: Asociación de Comunicadores Sociales.
- Canclini, N. G. (2005). *La antropología urbana en México*.
- Gobierno Autónomo Municipal de La Paz. (2015). *Una mirada a la Cultura Ciudadana*. La Paz Bolivia.
- Gumucio Dagron, A. (2010). *El cuarto mosquetero: la comunicación para el cambio social*. Investigación & Desarrollo, 12(1).
- Rodríguez, C., Obregón, R., & Vega, J. (2002). *Estrategias de comunicación para el cambio social*. Quito: Fundación Friedrich-Ebert-Stiftung-Proyecto Latinoamericano de Comunicación.
- Salazar K. y Lanza J. (2014). *La Cebras de La Paz documento base*. La Paz Bolivia.
- Silva, A. (2010). *Culturas urbanas desde sus imaginarios sociales*. Colombia.
- Vergara, A. (2001). *Imaginarios: Horizontes Plurales*. México.

Material audiovisual

- Gobierno Autónomo Municipal de La Paz. (2014). *Proyecto Educadores Urbanos Cebras. La Paz Bolivia*

Entrevistas personales

- S. Caballero, ex Director de Cultura Ciudadana-GAMLP, comunicación personal, 21 de marzo de 2016
- Jorge Enriquez, transeúnte comunicación personal, 28 de marzo de 2016
- M. Mamani, Ex Cebra Coordinadora, *comunicación personal, 29 de abril de 2016*
- Kathia Salazar, Concejal -GAMLP comunicación personal, 13 de abril, 2016
- P. Susz, Presidente de Concejo Municipal-GAMLP, comunicación personal, 21 de marzo de 2016



Agradecimientos

A cada persona que conforma el grupo humano de las Cebras, por contagiar su cariño, respeto y alegría.

Al Gobierno Autónomo Municipal de La Paz, por facilitar el acceso a la información.

A cada uno de los entrevistados por brindar su tiempo y experiencia dentro del Programa.

Biografía

Divha Alejandra Gantier Mita, Universidad Católica Boliviana “San Pablo”, divha.alejandra@gmail.com. De profesión comunicadora social. Trabajó desde el 2009 en el ámbito de la comunicación corporativa, con un fuerte énfasis en cultura y medio ambiente. Diseñó campañas, estrategias y planes de comunicación, para implementación a nivel nacional. Profesional con aportes metodológicos de trabajo; generadora de ideas y proyectos, en constante búsqueda de su mejora profesional, personal y del equipo de trabajo. Investigadora de procesos de comunicación en áreas rurales y urbanas. Actualmente efectúa el acompañamiento social a la inclusión de programas y proyectos de agua y medio ambiente, realizando campañas desde el enfoque intercultural.

¿Una vuelta a lo local? Ciudadanos como “coautores” del mundo

Universidad de la República, Uruguay

Alicia García Dalmás
alicia.garcia@fic.edu.uy

Resumen

Este artículo es parte de un trabajo más amplio en relación a comunicación, convivencia, participación ciudadana y espacios públicos. Desde un “recentramiento” del rol del Estado en la definición e implementación de políticas públicas, se promueve la construcción de “comunidad en los territorios”, más y mejor espacio público, donde la sociedad organizada o no, tendría roles en la sustentabilidad de las intervenciones. Estas propuestas sin embargo, no parecen retomar una rica y contradictoria experiencia de descentralización participativa llevada adelante por “la izquierda” en Montevideo, que propuso una reforma del Estado y una propuesta de democracia con el ciudadano como “coautor” del mundo, de su ciudad. Frente a cambios en la región, parece necesario analizar experiencias de las que como comunicadores y educadores fuimos protagonistas, no para buscar recetas sino para problematizar las transformaciones en los vínculos y los sentidos, en las construcciones cotidianas, aprender, replantearnos nuestro rol, nuestro lugar, nuestro compromiso.

Palabras clave:

comunicación; participación; ciudadanía; convivencia; espacios públicos

Abstract

This article is part of a broader work in relation to communication, coexistence, citizen participation and public spaces. From a refocusing of the role of the State in the definition and implementation of public policies, promoting “community in the territories,” more and better public space, society would have roles in the sustainability of interventions. These proposals, however, do not seem to take up a rich and contradictory experience of participatory decentralization carried out by “leftist” in Montevideo, which proposed a state reform and a democracy with the citizen as “co-author” of the world, of his city. Faced with changes in the region, it seems necessary to analyze experiences that as communicators and educators as protagonists, to problematize the changes in the linkage and senses in everyday constructions, to learn, to rethink our role, our place our engagement.

Keywords:

communication ; participation; citizenship; coexistence; Public spaces



Resumo

Este artigo é parte de um trabalho mais amplo em relação à comunicação, a convivência, participação do cidadão e espaços públicos. A partir de uma reorientação do papel do Estado na definição e implementação de políticas públicas, a construção de “comunidade nos territórios,” mais e melhor espaço público, a sociedade teria papéis na sustentabilidade das intervenções. Estas propostas, no entanto, não parece ter-se uma experiência rica e contraditória de descentralização participativa realizada pela “esquerda” em Montevidéu, que propôs uma reforma do Estado, da democracia com o cidadão como “co-autor” do mundo, da cidade. Diante de mudanças na região, parece necessário analisar experiências onde comunicadores e educadores foram protagonistas, não para procurar receitas, mas problematizar as mudanças nos links e sentidos em construções diárias, aprender, repensar o nosso papel, o nosso lugar o nosso compromisso.

Palavras-chave:

comunicação; participação; cidadania; coexistência; espaços públicos

Introducción

La denominada “vía montevideana” de descentralización participativa que se implementó a partir de 1990, se entendía como democratizadora no solo en su aspecto formal o representativo, sino en “la participación de las mayorías ciudadanas en el diseño, construcción y control de las políticas públicas que a ellas van destinadas”. (Revello, 1999: 150)

Este estudio se centró en aquellas propuestas que implicaban más directamente definiciones a mediano y largo plazo de los rumbos de la ciudad y que incluían la construcción de institucionalidad, mecanismos y metodologías que habilitaban la participación de la ciudadanía en las definiciones y el control (presupuesto, planes estratégicos y planes de ordenamiento territorial). No busca ser una rememoración nostálgica, sino poner en juego aprendizajes que surgen de una experiencia vivida, investigada y sistematizada por diversos colectivos y actores, donde el eje comunicación/educación tuvo una importante presencia.

La experiencia considerada como apertura, se corresponde con ejercicios de descentramientos del yo a partir de los cuales el investigador accede a establecer flujos de distanciamiento e inmersión en los fenómenos. La comprensión, en vez de ser concebida como ajena a la acción, es tratada como un tipo de actividad generadora de totalidades parciales integradas por múltiples componentes heterogéneos. (Alvarez Pedrosian, 2011: 23)

Se trata de investigaciones que se enmarcan en la Comunicación Educativa y Comunitaria de una universidad pública, parte a su vez de una matriz de educación y comunicación popular en América Latina.

Me parece que nuestro desafío es empezar a ver por qué carriles, en una situación de complejidad y de crisis orgánica, empezamos a pensar junto a las organizaciones sociales y a otras subjetividades esto de hacer de la Universidad un actor político, no en el sentido de un actor influyente, de un actor de poder, sino en el sentido de un actor que acompañe movimientos de empoderamiento social y político. (Huergo, 2009:39)

Allá por la década de los 90 - La experiencia de y en Montevideo

En el mismo momento que, como en otros países de la región, en Uruguay se profundiza un proceso de deterioro que va transformando y reduciendo el rol del Estado, la esfera pública y su gasto, el Frente Amplio – partido y coalición de izquierda – asume el gobierno de Montevideo, el segundo en importancia del país. Con una propuesta de descentralización y profundización democrática con participación y protagonismo de la sociedad civil, no solo buscaba “acercar” las instituciones a los ciudadanos, sino también crear mecanismos de redistribución del poder. En un contexto de emergencia del “municipalismo”, de búsqueda de autonomía de gobiernos locales, de enfrentamientos y conflictos con los gobiernos nacionales, de alternativas a los desafíos de la globalización, los gobiernos locales y municipios aparecen entonces como actores más “potentes”, con políticas no sólo internas sino de cooperación internacional propias. Un marco propicio para “nuevos espacios públicos locales”. (Revello, 1999: 150)

Inscripta dentro de una reforma del Estado, esta propuesta de “democracia integral” se proponía abarcar el conjunto de dimensiones de la vida en la ciudad, promover una ciudadanía activa, una rearticulación y protagonismo de la sociedad civil, del aparato productivo, de la convivencia social, una transformación cultural en un marco de re-creación de derechos, mientras otros “relatos” buscaban naturalizar “rumbos inevitables”. (Rebellato, 2009)

Requería construir nuevas miradas y categorías históricamente no desarrolladas, “lo público” -- en general reducido a lo estatal -- y lo territorial, como escenarios y ámbitos no sólo de participación sino de conflicto, de lucha y de organización. También incluir sectores, actores, agentes. Aparecen así los “vecinos” y los ámbitos más ligados a la construcción cotidiana del “mundo de la vida”, las relaciones interpersonales más directas. “Nuevos” sujetos colectivos reconocidos como “personas” (Coraggio, 1994; García, A., & Neirotti, E, 1995), con protagonismos, movilizaciones y luchas ignoradas tanto por sectores políticos como por la academia. Sujetos sociales activos, defendiendo sus derechos y luchando por su reconocimiento, siendo “coautores” del mundo, “gobernantes”. (Pontual, 1995) Más allá de ser una propuesta impulsada desde el Estado, se reivindicaba la autonomía de “lo social”, en un marco de cogestión.

Se planteaban como experiencias de participación capaces de cambiar la cultura política, reduciendo el peso de demandas y reivindicaciones, con ciudadanos más comprometidos en asumir las contradicciones. Movimientos más heterogéneos y participativos que buscarían abordar y solucionar problemas comunes. El desafío era crear nuevas relaciones sociales, económicas, políticas, culturales, reconociendo los puntos de partida de la cultura y el saber popular, sus contradicciones y conflictos. Prácticas participativas en lo local que fortalecieran interlocutores también en la búsqueda de nuevos sentidos de lo universal, que no negaran una diversidad que iba abriéndose paso desde miradas y experiencias más normalizadoras y homogeneizadoras. Procesos que debían transferir poder a la sociedad civil para la formulación, decisión, fiscalización, sobre las políticas públicas.

Es así que los procesos de construcción de poder local se convierten en instancias privilegiadas de educación. Puesto que requieren de procesos de aprendizaje, de la articulación entre las visiones sectoriales y las decisiones globales, de un compromiso efectivo de los partícipes en acercarse a quienes no están participando, sea por desmotivación, sea porque no se enmarcan en la organización, sea por discrepancias, sea porque no cuentan con disponibilidad para ello. (Rebellato, 2009: 98)

Las primeras experiencias de descentralización participativa desarrolladas en la región tuvieron en parte una impronta ligada a la educación popular. Se promovía una pedagogía capaz de abordar demandas y necesidades de aprendizaje integral en diferentes contextos. Una pedagogía del conflicto que permitiera analizar las contradicciones del proceso, de los

modelos, que explicitara los intereses en juego. Una práctica referida al saber y al hacer de las organizaciones populares, que buscaba contribuir al fortalecimiento de los movimientos sociales, potenciando su creatividad, aumentando su capacidad de intervenir en conflictos y negociaciones, reforzando el poder de la sociedad civil para hacer más públicas las políticas y acciones del Estado. Una pedagogía democrática de la comunicación que profundizara en los imaginarios desde un conocimiento más riguroso.

El presupuesto y la planificación participativos aparecían como ámbitos de capacitación, de construcción de cultura ciudadana. Elegir en conjunto las prioridades de acción y de inversión, como resultado de las propuestas colectivas, permite construir un conocimiento compartido, a partir del intercambio de saberes, generando además proyectos que articulen soluciones globales, definiendo objetivos comunes, responsabilidades y recursos.

¿Volver sobre la experiencia?

La propuesta de descentralización participativa colocó el tema del territorio como un eje para la redistribución del poder y la búsqueda de alternativas de democracia social. El territorio dejaba de ser un soporte para pasar a ser algo vivo, en constante transformación. Sin embargo, en las propuestas actuales, el “territorio” sigue balanceándose entre un abordaje complejo y el “apellido” de una política. Así se habla de “inclusión social territorializada” (Leal, s/d) de sectores de extrema pobreza, de “recuperar habitabilidad”, de “relaciones de cercanía”, pero se aborda a familias y personas “carenciadas” separadas de las redes locales de acompañamiento y sostén. A pesar de esto, se plantea que las organizaciones de vecinos “continuarán la gestión de las acciones iniciadas”, sin que sea claro su rol durante el proceso.

La crisis de los 90 replanteó el rol de las organizaciones de la sociedad civil. En el marco de una reducción del Estado nacional y delegación de funciones, fueron vistas como garantía para hacer escuchar las opiniones de los beneficiarios y de mayor eficiencia en la utilización de recursos. Esto afectó a organizaciones vecinales, que pasaron a atender a la población más vulnerable a través de merenderos, centros de primera infancia y juveniles. Una vez insertos en esta dinámica, sentían que no podían “volver atrás”, algo había cambiado. De la “lucha” o la “gestión”, pasaron a la “amortiguación”, a “sostener” a quienes iban siendo excluidos. Se transferían funciones pero no la capacidad de incidencia, salvo en ámbitos focalizados y poco articulados. La sustentabilidad económica ligada al estado generó vulnerabilidad a las “modas” y exigencias de los “financiadores”.

El reposicionamiento y recentramiento de políticas en el Estado, con mayor incidencia y regulación produce transformaciones en espacio, tiempo, modalidades organizativas y de participación, roles. El rol técnico pasa a tener un peso mayor desde la convocatoria, coordinación, de los espacios comunes y de decisión. (García Dalmás, 2015)

“Lo público” y el “espacio público” aparecen como categorías que, lo mismo que el territorio, son centrales pero a la vez difusas, hasta cierto punto son confusas, y de disputa en cuanto a sus sentidos. En relación a la descentralización participativa, los “espacios públicos” referían en principio a instancias de participación colectiva, en el sentido de constitución de una nueva “esfera pública” donde se encuentran Estado y sociedad civil muchas veces desde el conflicto. La planificación estratégica puso énfasis en la negociación y el consenso, en los compromisos y acuerdos. Se habla de un modelo de ciudad “más justo, armónico y equilibrado”.

Chantal Mouffe (1999) plantea que, por privilegiar el “vivir conjuntamente” de la polis, se ha ido dejando fuera el “pólemos”, el antagonismo y el conflicto que acompaña toda construcción de identidades colectivas. “El objetivo de una política democrática no reside en eliminar las pasiones ni en relegarlas a la esfera privada, sino en movilizarlas y ponerlas en escena de acuerdo con los dispositivos agonísticos que favorecen el respeto del pluralismo.”

(Mouffe, 1999:14) Construir una discriminación “nosotros/ellos” que resulte compatible con el pluralismo que permita una nueva articulación entre lo universal y lo particular.

La ciudadanía y los derechos “hablan” de la lucha del reconocimiento de los otros como sujetos, con “intereses válidos, valores pertinentes y demandas legítimas” (García Canclini, 1995: 20) Supone tanto reivindicar los derechos de acceder y pertenecer al sistema sociopolítico como el derecho a participar en la reelaboración del sistema, definir por tanto aquello en lo cual queremos ser incluidos.

Conclusiones

Las aproximaciones que se plantean en este trabajo buscan aportar a una construcción con otros, desde conocimientos complejos y situados en relación a la convivencia, lo público y estrategias de transformación que despliegan en los espacios públicos los actores, sus tácticas cotidianas, promoviendo diferentes relatos y narrativas que puedan ponerse en juego y disputar sentidos desde roles protagónicos y no como simples “espectadores”.

Las propuestas incluidas en la descentralización participativa, planteaban la participación en el diseño y control de las políticas públicas. Se hablaba de poder popular, democracia integral o radical, ciudadanía activa, de una ética del poder y una lucha cultural. Ponían en las “instituciones”, las organizaciones y los sujetos colectivos un peso importante para desarrollar algo que, más allá de asumir la diversidad, las diferencias y el conflicto, parecía tener horizontes comunes, proyectos en común y una nueva relación Estado/sociedad civil.

Algunas de las propuestas de políticas públicas en relación a la convivencia y lo público, suponen un otro con interés y capacidad de responder. Las organizaciones de base territorial han sufrido transformaciones, el lugar de “lo barrial” también. Hay nuevos ordenamientos espacio-temporales, nuevas formas de “poner el cuerpo” que requieren no sólo una mejor caracterización, sino poder definir en conjunto cuáles son los sentidos predominantes, cuáles las utopías, dónde se está colocando el deseo, cuál es el proyecto de vida que mueve a las personas. Parece necesario preguntarse cuánto el Estado debe promover la organización de la sociedad civil, hasta qué punto está dispuesto a que sean protagonistas en la construcción de visiones estratégicas.

Como ciudadanos, nos constituimos en el espacio público como sujetos de demanda y proposición, con capacidad de incidir en las reglas y normas que ordenan la vida en sociedad, buscando revertir situaciones de exclusión o de injusticia. Romper con la intolerancia, la negación del otro, el miedo, la indiferencia. Personas, grupos, organizaciones capaces y dispuestas a activar nuevas significaciones. Recuperar la palabra de otros, los procesos comunicativos imbricados en la interacción cotidiana. “Una de las formas de exclusión ciudadana se da en la desposesión del derecho a ser visto y oído”. (Martín Barbero, 2001) Lo que debe buscar una comunicación democrática es posibilitar visibilidades, “existencias”, posibilidades de “contar” socialmente, tanto individuales como colectivas.

Existe en América Latina una amplia tradición en relación a la reflexión sobre la ciudad, la ciudadanía, sus “mapas” y “silencios” que no sólo proponen líneas de investigación sino estrategias de abordaje y el sentido político de tales opciones. Ante cambios que buscan posicionar nuevos “relatos únicos”, estas experiencias y tradiciones tienen mucho que aportar.

Bibliografía

- Álvarez Pedrosian, E. (2011). *Etnografías de la subjetividad. Herramientas para la investigación*. Montevideo: Liccom-Udelar.
- Coraggio, J. L. (1994). Propuesta descentralizadora: límites y posibilidades. En A. E. Cooperación, I. M. Montevideo, & C. A. Madrid, *Descentralización y participación ciudadana* (págs. 20-29). Montevideo: Trilce.

- García Canclini, N. (1995) *Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización*. México: Grijalbo
- García Dalmás, A., & Neirotti, E. (1995). Con ojos de educador popular: una mirada al proceso de descentralización municipal de Montevideo. *Construcción de experiencias. Materiales para la formación de educadores populares* (2), 87-96
- García Dalmás, A. (2015) La Convivencia no es tan obvia. *Revista Contratexto, Revista de la Facultad de Comunicación*. Lima: Perú. Número 23, Enero-junio 2015, pp 15-27
- Leal, Gustavo (s/d), *Más barrio, más vida* (documento)
- Huergo Jorge (2009) Algunos desafíos a la comunicación/educación comunitaria popular. Área de Comunicación comunitaria (comp.) *Construyendo Comunidades...Reflexiones actuales sobre comunicación comunitaria*. Buenos Aires: La Crujía
- Mouffe, C. (1999). *El retorno de lo político: comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical*. Barcelona: Paidós.
- Jesús Martín Barbero (2001) Televisión pública, televisión cultural: entre la renovación y la invención. En Rincón, O. (comp.), *Televisión pública: del consumidor al ciudadano*. Bogotá: Convenio Andrés Bello
- Pontual, P. (1995). Construindo uma pedagogia democrática do poder. *La Piragua, Revista Latinoamericana de Educación y Política* (11), 25-36.
- Rebellato, J. L. (2009). El aporte de la educación popular a los procesos de construcción de poder local. En A. Brenes y otros (comp.), *José Luis Rebellato, intelectual radical* (pp. 93-106). Montevideo: Extensión-Nordan-EPPAL.
- Rebellato, J. L. (2009). Práctica social: la incidencia del conflicto. En A. Brenes y otros (comp.), *José Luis Rebellato, intelectual radical* (pp. 165-180). Montevideo: Extensión-Nordan Comunidad-EPPAL.
- Revello, M. (1999). Descentralización y participación: la experiencia montevideana. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals* (47), 149-168.

Biografía

Coordinadora de la sección Comunicación Educativa y Comunitaria de la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República, Uruguay. Como comunicadora, educadora popular y psicóloga social he trabajado con diversas organizaciones, movimientos y grupos, así como en políticas públicas y programas a nivel departamental y nacional, en abordajes integrales en relación a comunicación, ciudadanía, participación, lo público y espacios públicos. También he estado relacionada con medios comunitarios, en particular las radios.

De las Flechas a los Smartphones. Espacios de consumo y reparación y nuevas legalidades tecnoculturales en Bogotá, Colombia

Universidad de Illinois en Urbana Champaign

Fabian Mauricio Prieto Ñañez
prieton2@illinois.edu

Resumen

En esta presentación, consideraré la intersección entre el consumo y el mantenimiento en la emergencia de nuevas legalidades tecnoculturales (Phillip, 2005) en Bogotá, Colombia. La circulación de teléfonos celulares para poblaciones de bajos recursos está estrechamente ligada a los servicios técnicos ofrecidos en espacios tradicionales de consumo popular. Recientemente políticas de seguridad se han enfocado en esto espacio de distribución, siguiendo los preceptos de la seguridad ciudadana que incluyen la protección de amenazas a la seguridad personal y la libertad frente al miedo, así como el derecho a usar y disfrutar la propiedad (Gledhill, 2015). En esa medida, en medio de quien roba el celular y quienes los circulan en el mercado negro, se encuentra la figura de quien manipula y reprograma los celulares. A partir de localizar este oficio histórica y espacialmente, me interesa indagar sobre los lugares donde el consumo y la reparación de tecnologías móviles se han constituido, y las distinciones sociales articuladas a concepciones racializadas de las tecnologías en Bogotá.

Palabras clave

Teléfonos celulares, reparación, consumo, legalidad

Abstract

In this presentation I will consider the role of consumption and maintenance in the emergence of new techno cultural legalities (Phillip, 2005) in Bogota, Colombia. Mobile phones circulation for low-income populations has been attached to technical service offered in traditional spaces of popular consumption. Recent policies of securitization have focused on these networks of mobile phone distribution, following the precepts of citizen security that include protection from threats to personal security and freedom of fear, as well as the right to use and enjoy property. (Gledhill, 2015) To that extent, between the thief and the black market distributor, we can find the figure of the mobile phone hacker. By locating this craft historically and spatially, I'm interested in inquiring about the locations where hacking practices had been constituted and social distinctions attached to racialized understandings of technology use.

Keywords

Infrastructure , cell phones , repair , consumption, social distinction



Introducción

Recientemente, las políticas de seguridad ciudadana en Bogotá se han enfocado en las redes de distribución de teléfonos celulares, en particular por el aumento en el robo de estos dispositivos en la ciudad. En este artículo parto de un evento reciente en la cual el gobierno local de Bogotá y la Presidencia de Colombia anunciaron el refuerzo de la estrategia para frenar el robo de celulares. Dicho anuncio tuvo lugar en el tradicional sector comercial de San Victorino, lugar donde se concentran parte de la venta y reparación de celulares, principalmente para sectores populares. Si bien este caso abre preguntas relacionadas con las políticas de vigilancia, tecnología y sociedad, en este artículo consideraré la intersección entre el consumo y el mantenimiento de tecnologías móviles.

El centrarme en San Victorino me permite establecer un puente histórico con las prácticas de consumo popular desde la colonia. No solo como puerto de entrada de las mercancías, sino como espacio donde el comercio informal se ha articulado al consumo popular en las regiones aledañas a Bogotá, San Victorino ha sido objeto de múltiples intervenciones a lo largo de su historia. El desarrollo de un mercado de celulares en su entorno, habla de la incorporación de los teléfonos celulares a estos circuitos, que si bien siguen las iniciativas del Gobierno por estimular el uso de tecnologías móviles, se enmarca en las múltiples facetas que ofrece el comercio del bazar. (Sundaram, 2009)

En esa medida, varios locales de San Victorino, no solo se encargan de vender teléfonos celulares y accesorios, sino también de circular varios conocimientos, que dentro de las políticas de seguridad, han entrado en la mira de las autoridades. Es este control sobre el conocimiento y el uso estratégico, que la aproximación a la figura del pirata desde la conformación de nuevas legalidades tecno culturales, ofrece una mirada sobre la forma como gobiernos como el colombiano no solo incorporan las tecnologías de información y comunicación en sus formas de gobierno, sino que también se encargan de determinar los usos legítimos de esas tecnologías. La desconfianza por las posibles desviaciones en el uso, articulada a la construcción de la relación Estado-ciudadano, trae consigo una traza colonial sobre la desconfianza de las élites por las formas locales de conocimiento.

Por el derecho a usar el celular sin miedo

En enero de 2016, el primer concejo de seguridad del recién electo alcalde de Bogotá, Enrique Peñalosa se focalizó en la lucha contra el robo de teléfonos celulares en la ciudad. En un evento cubierto por los medios fue locales, Peñalosa, acompañado del presidente Juan Manuel Santos caminaban por las calles de la ciudad para visitar uno de los “mercados personales” donde, según investigaciones de la fiscalía, se venden los millones de teléfonos celulares robados a lo largo y ancho del país. En esta visita, lo acompañaban también el Ministro de Tecnologías de la Información y Comunicación, David Luna. De acuerdo con el sitio web de la presidencia, Juan Manuel Santos quería conocer de primera mano si su plan para contrarrestar el robo de teléfonos móviles funcionaba. El lugar para hacer esa verificación era uno de los centros comerciales cercanos a la zona de San Victorino en Bogotá.



Figura 1. Mapa del centro de Bogotá. El sector de San Victorino se encuentra al occidente de la Plaza de Bolívar, la cual es la plaza central de la ciudad.

Fuente. Google Maps

Dentro de las cifras presentadas por el “ministro TIC”, como se conoce a quien asume el cargo, en el artículo titulado “Vamos con toda contra el hurto de celulares” publicado en septiembre de 2015, David Luna señala que 1 millón 100 celulares se reportaron a los operadores en ese año. Luna también menciona las 16 muertes que ocurrieron entre 2014 y 2015 en el país asociadas al robo de celulares. Afirmaba que más de la mitad de los hurtos suceden en Bogotá, que 7 de cada 10 celulares son enviados a otros países y que desde 2011, cuando el gobierno del presidente Juan Manuel Santos “le declaró la guerra al robo a los celulares”, el reporte ante operadores se redujo en 18%.

La visita en San Victorino resultó significativa, tanto para el recién elegido alcalde, quien en su pasada administración (1998-2000) había liderado las campañas de recuperación del espacio público y de seguridad ciudadana que tanto influyeron en el imaginario de la más reciente elección, como de David Luna y sus aspiraciones por llegar algún día a ser el alcalde de la ciudad. Frente a otros problemas de seguridad, el robo de celulares ha capturado la atención de los medios de comunicación, que lo han denominado como el crimen que más afecta a la población colombiana. El interés por “proteger el derecho a usar el celular sin miedo” aparece como uno de los nuevos roles que el estado, a nivel local y nacional. Por esta razón, se puede decir que la emergencia de nuevas legalidades tecnoculturales, siguiendo a Stacey Hunt (2009), apunta a la necesidad de entender la naturaleza continua de la construcción del estado, que prioriza nuevos roles asociados a la protección del espacio público o los derechos intelectuales, mientras que otros roles son eliminados o reducidos (p. 345).

Como señala el antropólogo John Gledhill (2015) la securización (securitization) de los problemas sociales es posible por los sentimientos de inseguridad que han permeado la sociedad y que son factores importantes en las decisiones políticas que los ciudadanos más acodados hacen a pesar de que no sean quienes están en mayor riesgo. La novedad en el caso del hurto de celulares recae en la emergencia de la figura del hacker o modificador como un nuevo eslabón en una cadena que tradicionalmente liga al “ladroncillo” con la “mafia”, como lo sugiere el periodista en tecnología José Luis Peñarredonda. Nuevas medidas de orden tecnológico, como la solicitud a los usuarios de vincular el número serial de su dispositivo móvil a su número de identificación nacional, abren muchos cuestionamientos sobre la privacidad y el uso de datos por el Estado.

Pero además de los temas de privacidad, como señala la activista en derechos digitales Carolina Botero, estas políticas tienden a desconocer que las prácticas asociadas al consumo tecnológico en estos espacios, han contribuido a que Colombia se presente ante el mundo como una ciudad global y conectada. Esta mirada hacia las prácticas locales de consumo de telecomunicaciones trae consigo la pregunta por la forma como las legalidades tecnoculturales se han ido creando en el país, en un proceso en el que el Estado, las grandes corporaciones de comunicación han creado alianzas con redes informales para extender el uso a toda la población. Por esta razón, es que enfocarse en la manera como pese a la promoción de la movilidad y el uso de celulares, se encuentre con la necesidad de establecer los usos correctos e incorrectos de la tecnología en Colombia.(Philip, 2005)

De shopping en San Victorino

La parroquia de San Victorino fue fundada en 1578 al sur de la Plaza central de Bogotá. Se localizaba en el camino hacia el río Magdalena, el canal que permitía la entrada del comercio desde el Caribe. (Sabogal Bernal, 2006). La vocación por el comercio se remite a aquellas épocas. En 1950, como parte de las políticas de planeación urbana el gobierno decidió construir una calle que conectara el sur de la ciudad con el centro. La carrera 10, si bien cumplió con ese cometido, desconectó al centro histórico de San Victorino. Más aun, mientras que la parte del Este, concentraba al comercio formal, la parte Oeste, donde actualmente se encuentra San Victorino, alojó a los vendedores informales que fueron desplazados del centro. La zona emergió como una centralidad en el consumo popular, tras la construcción de las Galerías Nariño, que desde entonces ha cumplido con la función de reubicar las ventas ambulantes en espacios formalizados. (Hunt, 2009)

Un elemento clave para reconocer la segregación histórica de este sector es que, como señala Arlene Dávila, el acceso a este sector tiene menos que ver con su ubicación, que con la reputación social de quienes compran en estos espacios. Su denominación como el Unicentro de los pobres, lo ubica socialmente en comparación con el primer centro comercial de la ciudad dirigido a los grupos sociales más acomodados. Más recientemente, San Victorino, ha sido objeto de múltiples intervenciones durante el periodo en el que las políticas de recuperación del espacio público fueron centrales en el gobierno de la ciudad. (Hunt, 2009) Sin embargo, esto no ha significado que la zona siga siendo representada como una “bomba de tiempo” asociada con el contrabando y la piratería.

No solo esta referencia al carácter espacial del consumo es importante, sino que las prácticas que allí tienen lugar también. La gente viene a San Victorino de todas partes de la ciudad, y algunas veces de más lejos para abastecer sus negocios. Comprar en largas cantidades es una rareza en Bogotá, y en los negocios de las esquinas se compra al menudeo, al tiempo que se ofrece conveniencia, familiaridad y mayor disponibilidad de crédito. (Davila, 2016) En conclusión, añade Davila, comprar en pequeñas cantidades no se trata de la falta de recursos como de la eficiencia y practicidad, como sucede en el caso de la compra de minutos de celular. Esos valores en la negociación, se encuentran en San Victorino y se intersectan con las necesidades de mantenimiento y personalización que ofrecen los servicios de reparación asociados a la venta de teléfonos móviles y accesorios.

Si el consumo popular está representando en un espacio como San Victorino, la articulación histórica de esta zona, demuestra los procesos de globalización desde abajo, la cual existe porque resuelve problemas que la globalización desde arriba no puede, al proveer empleo y suficientes ingresos para adquirir los bienes pregonados por los medios. (Mathews, Ribeiro, & Alba Vega, 2012, p. 2). A la par de los cibercafés en el sur de la ciudad, los espacios de reparación sirven como punto de entrada en la sociedad de la información, para quienes no tienen los recursos suficientes demandados por esta. (Qiu, 2009). La denominación de mercado persa o bazar, aunque distintiva no es gratuita. El bazar, como menciona Ravi Sun-

daram (2009), históricamente ha extraído sus recursos de conocimiento de comunidades de mercaderes, redes internas de crédito y reciprocidad, y una confianza razonable en involucrarse en comercio de larga distancia a través de regiones y países. (p. 4)

Reparación y malicia indígena

Como he empezado a esbozar en la sección anterior, en la dinámica del bazar tecnológico, las prácticas de consumo se entrecruzan con la reparación. Las piezas de repuesto no son problema, y los equipos electrónicos localmente ensamblados pueden reencarnar como una marca global con los stickers apropiados y carcasas producidas en el mercado.(Sundaram, 2009, p. 94). La circulación de saberes, sigue el modelo del bazar en donde experiencias previas con otras tecnologías se combinan con la interacción con los equipos donde las experiencias sensuales son parte central del proceso. (Milestone, 2016). En esa medida los locales de reparación se conectan con espacios educativos donde el conocimiento práctico se valora sobre lo teórico.



Figura 2. Locales de servicios de tecnología ubicados en San Victorino.

Fuente: Google Street View.

En tanto que la distinción entre conocimiento práctico y teórico ha jugado un papel en la interpretación de las relaciones coloniales en la producción de conocimiento (Chakrabarty, 2000), es importante considerar que papel juega esta relación con el lugar de la élites latinoamericanas frente a las metrópolis. (Gunder-Frank, 1969). Una categoría asociada a la creatividad y que es considerado un valor nacional es la malicia indígena.

La malicia indígena hace referencia a uno de los valores, que en palabras del antropólogo Jorge Morales (Morales, 1998), ayuda a definir la posición de Colombia en el contexto de la modernidad. Si bien recuerda una venganza ancestral también se reconoce como una herencia y valor nacional que incluye a toda la sociedad. Sin embargo, la idea de malicia indígena tiene trazas coloniales que aun responden a la percepción de las poblaciones indígenas. Como señala Libardo Jose Ariza (2013) valores como la malicia, la mentira, la actitud estratégica o la desobediencia, pese a haber sido construidos en la colonia, aún prevalecen en las percepciones del Estado sobre la población, convirtiéndose en muchos casos en un obstáculo para la justicia.

Aunque recientemente, los discursos alrededor del emprendimiento, han vuelto a considerar la posibilidad de formalizar las prácticas creativas presentes en la piratería, lo que

prevalece en la actitud de escepticismo frente a los posibles usos que desestabilicen la noción de autoridad en temas tecnológicos que maneja el Estado Colombiano. Más aun, como Kavita Philip (2005) muestra la figura del pirata-hacker está emergiendo vía discursos globales de legalidad y contralegalidades, derechos de propiedad corporativa. En esta historia nuevas formas de economía política global, están imbricadas con continuidades y diferencias locales. (Philip, 2016) A la par de las posibilidades democráticas abiertas por las nuevas tecnologías, también emergen nuevas formas de distinción social y de desigualdad.

Conclusión. La ciudad letrada y sus nativos digitales

En este artículo he querido esbozar la intersección entre consumo y reparación como una posible lectura tanto de las prácticas con teléfonos móviles en Bogotá, como para considerar las legalidades tecnoculturales que han empezado a tomar forma en la ciudad.

Al tomar en cuenta estas legalidades tecnoculturales, emergen preguntas sobre las formas de ciudadanía globalizada está siendo formada a partir de los discursos emergentes de propiedad intelectual para acceder a las nuevas formas de información (Philip, 2005) En Colombia, el Estado se ha centrado en la modificación de los teléfonos celulares como lugares para desarrollar políticas locales sobre el derecho a usar el celular sin miedo y sus connotaciones de clase, como a la implementación de sistemas globales de vigilancia y la protección del derecho de autor a nivel global. Si bien las partes de estas economías informales están articuladas a las redes transnacionales que circulan estos bienes, también es cierto que la medida se articula a las ideas de seguridad ciudadana que privilegian ciertos aspectos de la política pública, en este caso el derecho a no sentir miedo, frente a otros problemas sociales que son relegados. En esa medida, la ciudad como un espacio en el que constantemente se definen las estrategias para articularse a la globalización, también hace evidente las tácticas asociadas a la globalización desde abajo encargada los problemas que la globalización desde arriba no puede resolver. (Mathews, Ribeiro, & Alba Vega, 2012) En Bogotá, el velar por los usos legítimos e ilegítimos de la tecnología, se ha convertido en una nueva tarea para el gobierno de la población.

Bibliografía

- Ariza, L. J. (2013). "Malicia Indígena": El reconocimiento y la desconfianza en la puesta en marcha del régimen multicultural en Colombia. *Revista de Derecho Público*(31).
- Chakrabarty, D. (2000). *Provincializing Europe : postcolonial thought and historical difference*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Davila, A. M. (2016). *El mall : the spatial and class politics of shopping malls in Latin America*. Oakland, California: University of California Press.
- Gledhill, J. (2015). *The new war on the poor the production of insecurity in Latin America*. London: Zed Books.
- Gunder-Frank, A. (1969). The Development of underdevelopment. *Monthly Review*, 18(4).
- Hunt, S. (2009). Citizenship's Place: The State's Creation of Public Space and Street Vendors' Culture of Informality in Bogotá, Colombia. *Environment and Planning D: Society and Space*, 27(2), 331-351. doi:10.1068/d1806
- Mathews, G., Ribeiro, G. L., & Alba Vega, C. (2012). *Globalization from below : the world's other economy*. London ; New York: Routledge.
- Milestone, J. (2016). *Anthropologist as Tribologist*. Paper presented at the The Maintainers, Stevens Institute of Technology. Hoboken, NJ.
- Morales, J. (1998). Mestizaje, malicia indígena y viveza en la construcción del carácter nacional *Revista de Estudios Sociales*(1).

- Philip, K. (2005). What is a technological author? The pirate function and intellectual property. *Postcolonial Studies: Culture, Politics, Economy*, 8(2), 199-218.
- Philip, K. (2016). Telling histories of the future: the imaginaries of Indian technoscience. *Identities*, 23(3), 276-293.
- Qiu, J. L. (2009). *Working-class network society: communication technology and the information have-less in urban China*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Sabogal Bernal, S. J. (2006). Imagen y memoria de la transformacion urbana de San Victorino. *Revista Bitacora Urbano Territorial*, 1(10), 234-247.
- Sundaram, R. (2009). *Pirate modernity : Delhi's media urbanism*. London ; New York: Routledge.

Agradecimientos

Agradezco al grupo de trabajo “The World before Us” de la Universidad de Illinois at Urbana Champaign por sus comentarios en la versión en inglés de esta presentación, en particular al profesor Cameron McCarthy del Departamento de Educación de esta universidad.

Biografia

Fabian M. Prieto Ñañez es estudiante del Doctorado en Comunicación y Medios del Institute for Communication Research de la Universidad de Illinois en Urbana-Champaign. Su área de investigación se centra en la intersección entre los estudios culturales y los estudios sociales de la ciencia y tecnología, con la incorporación de perspectivas poscoloniales.

Comunicación, ciudad e inclusión de personas en situación de discapacidad

Fundación Universitaria Los Libertadores

Oscar Julián Cuesta Moreno
oscarjuliancuesta@gmail.com

Resumen

La ponencia presenta los resultados de una investigación que tuvo por objetivo determinar de qué manera la comunicación puede coadyuvar en la inclusión de personas en situación de discapacidad a la vida de las ciudades. Dado que el portal www.bogotaabierta.co le pidió a los ciudadanos de Bogotá proponer ideas para que las personas en situación de discapacidad tuvieran un mejor y mayor acceso en la ciudad, la pesquisa seleccionó las cien propuestas más valoradas. Estas ideas fueron analizadas y clasificadas de acuerdo a su posible realización en estrategias comunicativas. Como resultado, se logró determinar que estas propuestas se pueden agrupar en cuatro líneas: inclusión a la ciudad desde la comunicación–educación; inclusión desde signos (señales, íconos y símbolos); inclusión a la ciudad usando nuevas tecnologías (NT); inclusión a la ciudad garantizando la participación. El trabajo concluye que se pueden construir estrategias comunicativas que, haciendo uso de las NT, logren difuminar imaginarios y prácticas socioculturales que excluyen y minimizan a las personas en situación de discapacidad.

Palabras clave:

Comunicación; Ciudad; Inclusión; Discapacidad; Exclusión

Abstract

The paper presents the results of an investigation that aimed to determine how communication can assist in the inclusion of people with disabilities in the life of cities. Since the site www.bogotaabierta.co asked Bogota citizens to propose ideas to help people with disabilities to have better access to move in the city, the research selected one hundred of the most valuable proposals. These ideas were analyzed and classified according to their possible implementation in communication strategies. As a result, it was determined that these proposals could be grouped into four lines: inclusion into the city from the education- communication line; inclusion from signs (signs, icons and symbols); inclusion the city using new technologies (NT); inclusion in the city to assure participation. The paper concludes that it is possible to build communication strategies using NTs in order to blur exclusive and minimizing imaginary and cultural practices for people with disabilities.

Keywords:

Communication; City; Inclusion; Disability; Exclusion



Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo estabelecer como a comunicação pode contribuir na inclusão de pessoas com deficiência na vida das cidades. A pesquisa escolheu as cem propostas mais valiosas do site www.bogotaabierta.co, portal que solicitou aos cidadãos de Bogotá propor ideias para que as pessoas com deficiência tenham uma melhor acessibilidade na cidade. Estas ideias foram analisadas e classificadas de acordo com sua possível aplicação em estratégias de comunicação. Como resultado determinou-se que ditas propostas podem se agrupar em quatro linhas: inclusão na cidade desde a comunicação-educação; a inclusão desde sinais (sinais, ícones e símbolos); a inclusão à cidade utilizando novas tecnologias (NT); a inclusão à cidade garantindo a participação. O documento conclui que é possível se construir estratégias de comunicação que, utilizando NT, eliminem imaginários e práticas socioculturais que excluem e reduzem às pessoas com deficiência.

Palavras chave:

Comunicação; Cidade; Inclusão; Deficiência; Exclusão

Introducción

El estudio de la ciudad desde la comunicación suele ubicarse, entre otras cosas, en las dinámicas políticas que acaecen en el espacio público, las manifestaciones y tensiones simbólicas que configuran representaciones sobre la ciudad, las experiencias de lugar que determinan identidad o las pujas sociales por la determinación de las agendas urbanas.

Si bien desde las anteriores temáticas se puede investigar la relación entre comunicación, ciudad y discapacidad, los trabajos sobre esta temática no son numerosos. De hecho, en las líneas sobre comunicación y ciudad propuestas por Reguillo (1995) o por Badenes (2007) no se identifica explícitamente la discapacidad como uno de los posibles objetos a abordar en este marco.

De otro lado, trabajos anteriores han abordado el vínculo entre comunicación y discapacidad. Algunos de ellos se centran en la representación que hacen los medios de las personas en condición de discapacidad (Díaz, 2007), el papel de los medios en la accesibilidad e interacción (Rodríguez y García, 2009), el diseño de campañas comunicativas inclusivas (De Andrés y González, 2012) o el análisis que cumple el periodismo en la comunicación de la discapacidad (Rius y Solves, 2010). Sin embargo, no se registran proyectos que hayan abordado en detalle el vínculo comunicación-ciudad-discapacidad. De hecho, de los frentes de investigación para el sub-campo de la comunicación y discapacidad que señala Solves (2011), ninguno se articula explícitamente a la ciudad.

Precisamente, el presente trabajo aporta en la construcción de una línea que analice la comunicación, la ciudad y la discapacidad. Particularmente, tiene por objetivo mostrar de qué manera la comunicación puede coadyuvar en la inclusión de personas en situación de discapacidad mental, cognitiva y sensorial a la vida cotidiana de la ciudad de Bogotá.

Elementos conceptuales preliminares

Antes de mostrar y discutir los resultados de la investigación, es pertinente situar los conceptos con los que se abordó y construyó el objeto de investigación, dado que la polisemia de los términos comunicación, inclusión y discapacidad permite diferentes lecturas.

Cuando pensamos de qué manera la comunicación puede coadyuvar en la inclusión de personas en situación de discapacidad (PSD) a la vida cotidiana de las ciudades, se puede advertir en esta interrogación unas afirmaciones tácitas. En primer lugar, se le atribuye a la comunicación una naturaleza funcional, es decir, que por sus cualidades puede ser usada para lograr algo.

En este caso, se parte de este supuesto: la comunicación puede coadyuvar en la inclusión de personas con discapacidad en la vida cotidiana de las ciudades. ¿De dónde viene este supuesto? Más allá de recurrir a entramados teóricos que hablan de la condición instrumental del proceso comunicativo, la investigación partió de afirmar que la comunicación es un proceso donde se ponen en común sentidos y significados a partir de un proceso en donde los sujetos simulan los objetos mentales del otro (Martino, 2011; Cuesta, 2014).

Así, más allá de asignarle un poder al medio, al mensaje o el emisor, reconocemos que la comunicación tiene, por su naturaleza, la posibilidad de incidir en la inclusión de personas en situación de discapacidad porque su naturaleza permite la simulación de la conciencia del otro, lo que “implica un ejercicio potente de encuentro con la diferencia” (Cuesta, 2014: 164).

Esta realización de la comunicación, que permite la construcción de lo común, de compartir un mismo referente de realidad, puede configurar procesos que tengan un “potencial de transformación cultural desde la inclusión de la otredad” (Cuesta, 2014: 166). Así, la investigación partió del hecho que este proceso de simulación de la conciencia del otro puede ser usado en la inclusión de personas en situación de discapacidad, dado que les permite a los ciudadanos comprender cómo la dinámica de la ciudad puede excluir a PSD.

Por otro lado, al hablar de coadyuvar a la inclusión, se podría pensar que existe exclusión. La inclusión y la exclusión tienen su origen consustancial en el establecimiento de un esquema con el que se decide quién o qué es incluido y, de forma contraria, excluido. Sin embargo, esta forma binaria de comprender los términos ha sido puesta en duda, sobre todo si se incluye en la discusión el concepto de diferencia (Luhmann, 1998). De otro lado, esa lógica estructural también queda en entredicho cuando hay personas que se sienten incluidas en ciertas dinámicas sociales, pero excluidas de otras, es decir, que no se puede hacer una definición taxativa de estas relaciones.

Así, para romper este esquema, la pesquisa entendió inclusión como la existencia de condiciones para hacer *parte de*, es decir, el sujeto no está incluido o excluido como consecuencia de imponer un esquema que marca los límites, sino que él tiene la capacidad de decidir si desea estar o no dentro del esquema, lo que debe garantizar la sociedad es que su diferencia no sea motivo *per se* de inclusión/exclusión, por lo que debe permitir las condiciones para participar si él quiere ser *parte de*.

Por otra parte, la pregunta que orientó el trabajo habla de personas en situación de discapacidad, dado que términos como discapacitado, limitado o minusválido arrastran un significado que puede ser usado con propósitos discriminatorios¹. Además, dichos términos colocan al sujeto y sus características como las causantes de la exclusión y no a las dinámicas sociales, en este caso urbanas, como las que impiden su participación y realización social.

En efecto, la investigación partió de entender que no existe tanto una persona discapacitada sino una ciudad discapacitante, dado que su organización, sus características físicas y sus prácticas socioculturales son las que imposibilitan la vinculación de todos (esto porque se construye desde esquemas de inclusión/exclusión que parten de deseables de ser). Además, hablar de personas en situación de discapacidad permite significar que es algo transitorio, ya sea porque la persona modifique su condición o porque la sociedad difumine las barreras (físicas y culturales) que la colocan en dicha situación.

Bajo estas claridades conceptuales, a continuación se presenta la metodología y los resultados obtenidos en la investigación.

¹ En Colombia, país donde se hizo la investigación, la Corte Constitucional estableció que estas expresiones debían ser modificadas en las leyes nacionales (Sentencia C-458/15).



Metodología

La Alcaldía de Bogotá invitó a los ciudadanos a proponer ideas para que las personas en situación de discapacidad tuvieran un mejor y mayor acceso a la ciudad. Los ciudadanos manifestaron sus sugerencias en el portal www.bogotaabierta.co

En el portal se registraron 942 sugerencias. Dado que los ciudadanos podían valorar los aportes realizados por las otras personas dándole clic a una estrella que acompañaba su sugerencia, se seleccionaron los 100 aportes más valorados por todos los usuarios².

Estas 100 ideas o sugerencias más valoradas fueron revisadas para identificar dos aspectos: por un lado, determinar ideas que explicitaban un desarrollo vinculado a la comunicación; por otro lado, establecer cuáles de los aportes, si bien no mostraban un vínculo con la comunicación de manera directa, si podían desarrollarse mediante estrategias comunicativas.

Las sugerencias que respondían a alguno de estos aspectos fueron recopiladas y analizadas de acuerdo al tipo de inclusión que buscan generar y la clase de discapacidad a la que más se articulaban. Para este proceso se diseñó una matriz y en ella se registraron los resultados.

En ese orden, la estrategia de indagación respondió a un tipo de investigación descriptiva y de corte exploratorio.

Resultados

En el análisis se pudo establecer que la mayoría de las ideas o sugerencias de los ciudadanos gira entorno a dos ideas centrales: mejorar las condiciones del transporte público y la intervención física en el espacio público.

Visto así, la inclusión de PSD a la vida de la ciudad aparentemente se materializa en eliminar las barreras físicas que tiene la ciudad (en andenes, escaleras, puentes, entre otros) y mejorar la movilidad de las personas en condición de discapacidad. Evidentemente, es una noción de la inclusión urbana centrada en una concepción intrínsecamente espacial y productiva.

Distanciarse de esta noción que centra las preocupaciones urbanas en el problema de movilidad y la accesibilidad espacial no quiere decir, por supuesto, que estas intervenciones dejen de hacerse, por el contrario, hay que abogar por resolver estos diagnósticos. Sin embargo, existen nociones de inclusión desde otras perspectivas y buena parte de las ideas registradas en el portal www.bogotaabierta.co dan cuenta de ello.

En efecto, varias de las sugerencias registradas manifestaban otras dimensiones de la inclusión, por ejemplo, desde esquemas diferenciales, donde se reconoce que la persona en condición de discapacidad no está excluida por sus características (físicas, cognitivas, sensoriales o mentales) sino por una sociedad que genera dinámicas discapacitantes. Es decir, la PSD no es discapacitada por sus condiciones ontológicas sino que vive la condición de discapacidad por las características de una ciudad que se ha construido para satisfacer las características de cierta población, obliterando las diferencias entre personas.

Precisamente, las ideas que se formulaban desde lugares de enunciación que tienen esta concepción de la inclusión y la discapacidad expresan sugerencias que abarcan dimensiones no centradas en la intervención física o espacial. Por esta razón, son ideas que explicitan el componente de la comunicación o se pueden articular a estrategias comunicativas.

Estas ideas que incluyen a las PSD a la vida de la ciudad desde realizaciones comunicativas pueden agruparse en las siguientes líneas:

² Es pertinente destacar que muchos de los participantes son personas en situación de discapacidad o tienen familiares en esta condición.

Inclusión a la ciudad desde la comunicación–educación

Varias intervenciones expresan la necesidad de socializar, de capacitar, de concientizar, etc. Dichas sugerencias, sin embargo, remiten en el fondo a pensar estrategias comunicativas que logren afectar la subjetividad de las personas, dicha afectación podríamos englobarla como un resultado educativo, vale decir, de socialización.

En efecto, se registraron ideas que estimulaban el diseño de campañas que mostraran a los ciudadanos como tratar y apoyar a las personas en condición de discapacidad. Igualmente, hay sugerencias que expresan la importancia de visibilizar las capacidades que tienen las PSD (lo que algunos autores han llamado enfoque de capacidades diversas).

En todo caso, existe un llamado a fomentar campañas educativas, por lo general, centradas en incentivar el cumplimiento de normas y la cultura ciudadana; derivado de éstas, impulsar el respeto a las personas en situación de discapacidad. Algunos sugieren usar los medios masivos para divulgar estas campañas, otros proponen hacerlo con medios alternativos o con estrategias comunicativas más personales.

Algunas propuestas, yendo más allá de la promoción de una axiología que se manifieste en el comportamiento (respeto, consideración, justicia con las PSD), expresan la importancia de pensar campañas comunicativas que rompan con estructuras socioculturales que promueven imaginarios equivocados sobre la discapacidad y las PSD, por ejemplo, disgregar representaciones que inferiorizan a las personas en condición de discapacidad, que asocian la discapacidad a algo indeseable (incluso reafirman la lógica de lo anormal/normal), o que restan a las PSD todas sus cualidades y las colocan en situación de commiseración permanente.

Precisamente, un par de ideas proponen elementos para que las campañas educomunicativas logren colocar a los ciudadanos en los zapatos del otro, como ejercicio de empatía, para sentir las barreras, tanto físicas como socioculturales, que hacen de la discapacidad una condición excluyente para participar de la urbe (las propuestas hablaban de juegos de roles como posible estrategia educativa). En últimas, estrategias comunicativas que permitan a las personas sentir cómo la ciudad se presenta como una trinchera y no como una posibilidad para las PSD.

Este ejercicio de sentir lo que siente el otro, es justificado bajo el supuesto que, a partir de esta experiencia, las personas tendrán más conciencia de que la ciudad y las prácticas sociales son las que incapacitan y, además, que se reconocerán en las PSD cualidades más allá de los imaginarios incorporados desde los libertos culturales. En ese orden, algunos ciudadanos hablan de educar para eliminar las barreras actitudinales, es decir, disposiciones cognitivas y emocionales que establecen una estructura de relación excluyente a un antes de entrar en relación con las personas en situación de discapacidad.

Se identificaron, desde otra lógica, propuestas de capacitación para los servidores públicos, de tal manera que ellos tuvieran un trato diferencial de acuerdo a las necesidades de cada una de las discapacidades. Incluso, que varios de ellos aprendieran lenguaje manual colombiano (lenguaje de señas), pues muchas veces las personas sordas sufren exclusión en las entidades públicas por la frontera del lenguaje.

Precisamente, en el plano del lenguaje, un usuario propuso una campaña mediática para que las personas dejaran de utilizar términos como discapacitados, limitados, incapacitados, entre otros, para referirse a las PSD. En esa línea, proponía que dicha campaña explicaría que el término más adecuado es persona en situación de discapacidad, pues hace referencia a una condición circunstancial definida por el entorno, es decir, la discapacidad estaría determinada por el espacio físico y social, no por la naturaleza de la persona.

Inclusión desde signos (señales, íconos y símbolos)

Se registraron ideas que proponen hacer un uso planificado de señales, íconos y símbolos para lograr inclusión de las PSD a la vida cotidiana de las ciudades. La mayoría de las

propuestas están dirigidas a facilitar la orientación y movilidad de personas con algún tipo de discapacidad sensorial (ciegos y sordos, fundamentalmente). Sin embargo, también hay sugerencias para que a través de signos se informe sobre otros aspectos, como lugares de interés, eventos culturales, transacciones comerciales, etc.

Una propuesta, por ejemplo, invitaba a usar líneas amarillas y rojas para señalar obstáculos en los espacios públicos; otra, implementar más alarmas o sensores sonoros en los cruces peatonales para que las personas ciegas supieran cuando el semáforo estaba dando paso. Igualmente, para las personas con visión disminuida, se hizo hincapié en instalar en todos los andenes adoquines táctiles (con relieves) que les permita ubicar una ruta segura.

Un par de ideas hablaban de que las personas en situación de discapacidad podían llevar algún tipo de distintivo, como un chaleco reflectivo, que advierta su presencia a los peatones, conductores y ciclistas, de tal manera que les cedan el paso o los traten con deferencia³.

Un ciudadano indicó que en las oficinas de las entidades públicas y privadas, así como en los centros culturales o comerciales, es importante la instalación de señales o avisos informáticos en braille (para ciegos) y en iconografías (para sordos que no manejen bien el español).

Inclusión a la ciudad usando nuevas tecnologías

Un buen grupo de ideas cimentaron su propuesta en las posibilidades que brindan las nuevas tecnologías. Básicamente, aprovechando su capacidad de facilitar el acceso a la información y de facilitar la interacción (eliminando las distancias físicas). En ese marco, algunos ciudadanos propusieron la implantación de plataformas que garantizaran el teletrabajo y la educación virtual y a distancia.

Por otro lado, se formularon ideas promoviendo el diseño de APP, es decir, aplicación desarrolladas desde software que se usan en dispositivos móviles. Se sugirió diseñar APP para ayudar a las personas en situación de discapacidad a ubicar medios de transporte o rutas con diseño inclusivo. Además, APP para que los ciudadanos reportaran daños u obstáculos en el espacio público de tal manera que las PSD pudieran prever su ruta.

No obstante, las propuestas para diseñar APP no se limitaron a la inclusión espacial y facilitar la movilidad. También se sugirió el diseño de aplicaciones móviles que indicaran a las PSD agendas de programas culturales y deportivos, ojalá de eventos que tuvieran un enfoque diferencial (por ejemplo, cine para ciegos, obras de teatro para sordos o actividades paraolímpicas). Incluso, aplicaciones que sirvan de guías turísticas o guía de restaurantes que muestren lugares con propuestas inclusivas (aplicaciones que les permitan el disfrute de la ciudad).

Otros ciudadanos indicaron la importancia de que todas las páginas web de las entidades del distrito o la alcaldía debían ser configuradas desde un diseño universal o accesibilidad web. Igualmente, las páginas web podrían ser usadas para que las personas en situación de discapacidad pudieran realizar trámites que les eviten desplazamientos. En esa línea, también se propuso que se crearan portales para que las PSD tuvieran interacción directa con las entidades públicas, en especial con las que deben garantizar derechos básicos.

Relacionado con el cambio de imaginarios sociales frente a la discapacidad usando ejercicios de empatía o juegos de rol, un participante opinó que se podría usar los avances tecnológicos para generar simuladores que permitan a los ciudadanos sentir la experiencia que viven las PSD cuando viven los diferentes espacio de la ciudad.

³ Se pueden ver ejemplos de señalética y propuestas iconográficas en esta dirección: <http://www.laciudadaccesible.com/quees/iconografia.html>

Inclusión a la ciudad garantizando la participación

En menor proporción a las ideas que se clasificaron en las tres líneas anteriores, se registraron sugerencias que hablaban de la importancia de garantizar la participación en los diferentes espacios físicos y sociales de la ciudad.

Se clasificaron estas sugerencias como iniciativas que tienen una alta articulación con estrategias comunicativas porque desde el campo de la comunicación y ciudad se han propuesto líneas que reflexionan sobre las tensiones de lo público urbano y la construcción de agendas ciudadanas (Reguillo, 2000; Miralles, 2001, 2002; Esteinou, 1996).

Básicamente, las ideas plasmadas en el portal www.bogotaabierta.co expresan la necesidad de garantizar la participación de las personas en situación de discapacidad en el debate político, garantizando que puedan incidir en la decisión de los asuntos públicos. Por ejemplo, a través de su intervención directa en entidades del poder ejecutivo y legislativo.

No obstante que esta participación recurre a la comunicación en el debate y encuentro interpersonal y grupal, las propuestas se encaminan más a garantizar la intervención de las PSD en los medios masivos, especialmente, en los espacios de orden político.

De otro lado, algunas ideas expresaban la importancia de garantizar la participación de las personas en escenarios culturales, educativos, de ocio y tiempo libre, pues muchos de estos no presentan las condiciones físicas y comunicativas que les permitan a las PSD acceder a ellos.

Discusión

La mayoría de las ideas identificadas se centran en intervenciones físicas en las edificaciones y en el espacio público. Básicamente, estas sugerencias buscan garantizar la movilidad de las personas en situación de discapacidad. Visto así, gran parte de los ciudadanos que participaron concentran la preocupación de la inclusión en aspectos de la infraestructura urbana⁴.

La comunicación puede coadyuvar a mejorar la movilidad de varias formas, por ejemplo, en el diseño de señales o piezas informativas que adviertan sobre los obstáculos y faciliten la elección de la ruta. Incluso, APP en los que se puedan denunciar dichas barreras físicas o proporcionen varias opciones de desplazamiento. De hecho, ya hay propuestas al respecto: Sánchez y Oyarzún (2007) pusieron aprueba un software para facilitar la movilidad de personas ciegas en Santiago de Chile (básicamente planificación de rutas) y en Colombia se desarrolló la aplicación Esppatodos, que señala los lugares en donde existen obstáculos y, además, la información llega a los entes gubernamentales para que resuelvan la barrera.

Si bien destacar el problema de la movilidad es importante, concentrarse solamente en él puede obliterar otras dimensiones de la ciudad que excluyen a las PSD. De hecho, cuando las propuestas trascienden este problema logran construir una noción de inclusión más completa y, de forma paralela, abren posibilidades para que la comunicación pueda incidir en la integración de las personas en situación de discapacidad a la vida de las ciudades.

Precisamente, las propuestas que fueron asociadas a la comunicación-educación invitan a una inclusión sociocultural, incluso como resultado de una transformación en los imaginarios, actitudes y prácticas que se han configurado sobre la discapacidad. En efecto, son propuestas que invitan a procesos educativos que trastocan parámetros aprendidos para formular otros esquemas de relación con las PSD.

⁴ Una propuesta completa es la Guía para la Accesibilidad de Personas con Discapacidad al Medio Físico de Bolivia. Se puede ver en esta dirección: http://www.sobretodopersonas.org/phocadownload/userupload/Guia_Nacional_17_Normas_Bolivianas.pdf



Son propuestas que invitan a un ejercicio de construcción de la otredad desde ejercicios experienciales (juegos de roles y simuladores que permitan vivir lo que siente una persona ciega, sorda, con discapacidad cognitiva, etc., al momento de experimentar la ciudad), no sólo de las barreras físico-espaciales sino culturales.

Este ejercicio educomunicativo tiene alta articulación con la pedagogía urbana, dado que ésta última reflexiona sobre las posibilidades de formación en los espacios urbanos. De hecho, las ideas que hablan sobre incentivar el respeto o brindar ayuda a una PSD que lo necesite se vinculan a categorías desarrolladas por la pedagogía urbana, como los comportamientos urbano responsables y las metacontingencias (Páramo, 2013; Cuesta, 2010a, 2010b).

Esta conjugación entre comunicación, educación y ciudad permite construir propuestas que logren materializar realizaciones de la otredad que permitan difuminar las exclusiones sociales que padecen las PSD y, aún más, permitir su reconocimiento (Honneth, 1997), de tal manera que la ciudad sea un escenario de realización de los sujetos (en clave de autoestima y autorrealización) y se reduzcan las condiciones o circunstancias discapacitantes.

Estas propuestas que pueden usar la comunicación en la inclusión de PSD en la vida de las ciudades tienen un gran aliado en las nuevas tecnologías. En efecto, los avances de software y hardware, especialmente en dispositivos móviles con acceso a red, pueden ser usados de forma creativa en la integración de personas en situación de discapacidad y en la eliminación de barreras al brindar facilidades para estas personas. Por ejemplo, el juego Audiocity, que permite identificar sonidos de la ciudad y ayuda a las personas con discapacidad visual a generar habilidades en ecolocalización de objetos en los espacios urbanos. El reto sería desarrollar aplicaciones que tengan versiones para varias discapacidades.

De manera complementaria, estos desarrollos tecnológicos también pueden ser usados para procesos educativos de la población en general. Así, los dispositivos no sólo ayudan a la inclusión facilitando la vida de las PSD, sino que tienen características que permiten trastocar actitudes y creencias que excluyen y minimizan (por ejemplo, aplicaciones de realidad aumentada que permitan sentir lo que siente una persona con discapacidad sensorial, cognitiva o mental), de tal forma que logren ejercicios de reconocimiento que configuren una realización diferente con el otro, lo que materializaría una inclusión a la ciudad en dimensiones más profundas.

Lo anterior, consecuentemente, llevaría a lograr una participación de las PSD en la vida de las ciudades, no solo en el plano físico-espacial, sino social, vale decir, cultural, educativo, deportivo, recreativo, etc. Los desarrollos tecnológicos permitirían que PSD tengan incidencia directa en procesos políticos acaecidos en las urbes, de tal manera que puedan participar en la agenda pública de las ciudades. Cuesta y Chacón (2007) describieron como las personas sordas tienen dificultades para participar en comités y concejos, no porque no existan estatutos que permitan su presencia, sino por las dificultades comunicativas que interrumpen su participación. Estas dificultades pueden ser desvanecidas con las nuevas tecnologías.

Conclusiones

Si bien existen varias líneas para pensar la comunicación y la ciudad (Reguillo, 1995; Badenes, 2007) no existe explícitamente una qué piense de qué manera la comunicación puede coadyuvar a la inclusión de las personas en situación de discapacidad a la vida de las ciudades. Del mismo modo, en las líneas que piensan la comunicación y la discapacidad (Solves, 2011), ninguna aborda las estrategias comunicativas que se pueden construir para incluir a PSD.

Procurando abrir una nueva línea de trabajo que articule comunicación, ciudad y discapacidad, esta investigación logró identificar ideas o sugerencias que, a través de una comunicación planificada, permitan la inclusión de las personas en situación de discapacidad a la vida de Bogotá. Se logró determinar que estas propuestas se pueden agrupar en cuatro líneas: inclusión a la ciudad desde la comunicación–educación; inclusión desde signos (señales, íconos y símbolos); inclusión a la ciudad usando nuevas tecnologías; inclusión a la ciudad garantizando la participación.

Los resultados permiten destacar la posibilidad de realizar propuestas educomunicativas que logren incluir a las PSD desde dimensiones más allá de los problemas físico-espaciales o de movilidad. En efecto, se pueden construir estrategias que, haciendo uso de las nuevas tecnologías, logren difuminar imaginarios y prácticas socioculturales que excluyen y minimizan a las personas en situación de discapacidad. Esto llevaría a una inclusión más profunda en la medida que se eliminarían esquemas sociales discapacitantes que, de fondo, son los que impiden la integración de estas personas a la ciudad.

Además, se puede lograr una comunicación desde la discapacidad, es decir, que las mismas PSD construyan los conceptos y estrategias con los que se nombra y planifica la misma comunicación (Arrufat, 2009), esto lograría incrementar su presencia en lo político y, sobre todo, su participación en las decisiones públicas.

Se suele decir que, si una ciudad puede ser vivida por niños y ancianos, es una ciudad para todos. La comunicación permite pensar otro principio: una ciudad que elimine las condiciones que permiten espacios, prácticas y situaciones discapacitantes es una ciudad para todos.

Bibliografía

- Arrufat, A. (2009). *Comunicación institucional e intervención en discapacidad*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I. [Tesis de doctorado]
- Badenes, D. (2007). Comunicación y ciudad: líneas de investigación y encuentros con la historia cultural urbana. *Revista Questión*, 01(14)
- Cuesta, O. (2010a). Señalización educativa para la convivencia en el espacio público. *Signo y Pensamiento*, No. 57, pp. 458 - 470
- Cuesta, O. (2010b). Pedagogía urbana, convivencia ciudadana y aprendizaje por reglas. *Educación y Desarrollo Social*, Vol. 4, No.2, pp. 176 - 188
- Cuesta, O. (2014). Consideraciones para un objeto de investigación de la Facultad de Ciencias de la Comunicación. Elementos para iniciar un diálogo. *Revista Polemikós*, No. 8, pp.161-169
- Cuesta, O. Chacón, C. (2007). La ciudad del silencio una mirada a la participación política de las personas sordas en Bogotá. *Miradas*, Vol., 2, No. 2, pp. 305 – 319
- De Andrés, S. González, R. (2012). Comunicación inclusiva: una experiencia en creación de campañas sobre discapacidad intelectual. *Área abierta*, 12 (1), 1-18
- Díaz, L. (2007). La representación de la discapacidad en los medios de comunicación. *Comunicación y ciudadanía*, (1), 89-306
- Esteinou, J. (1996). La ciudad como proceso de Comunicación. *Chasqui*, No. 55, pp. 52-55
- Honneth, A. (1997). *La lucha por el reconocimiento*. Barcelona: Crítica.
- Luhmann, N. (1998). Inclusión y exclusión. *Complejidad y modernidad: de la unidad a la diferencia*. Madrid: Trotta, pp. 167-195.
- Martino, L. (2001): "Elementos para una epistemología de la comunicación" en Vasallo de Lópes, M. Immacolata y Fuentes, R.(comps.) *Comunicación, campo y objeto de estudio*. Guadalajara: ITESO
- Miralles, A. (2001). Comunicación para el desarrollo urbano. *PCLA*, Vol. 3, no. 1. En línea: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/documentos%209-1.htm>
- Miralles, A. (2002). Periodismo, opinión pública y agenda ciudadana. Bogotá: Norma.
- Páramo, P. (2013). Comportamiento urbano responsable: las reglas de convivencia en el espacio público. *Revista Latinoamericana de Psicología*. Vol 45, No. 3, pp 475-487
- Regillo, R. (1995). Pensar la ciudad desde la comunicación. En: Galindo y Luna. (Coord.) *Campo Académico de la Comunicación. Hacia una reconstrucción reflexiva*. México: ITESO
- Reguillo, R. (2000). Ciudad y comunicación. La investigación posible. En Orozco, G. (Coord.). *Lo viejo y lo nuevo. Investigar la comunicación en el siglo xxi*. Madrid: Ediciones de la Torre, pp 33-49

- Rius, I. Solves, J. (2010). Discapacidad y comunicación: periodismo especializado para públicos diversos. *Revista Comunicación y Hombre*, (6), 164-176
- Rodríguez, A.; García, A. (2009). Medios de comunicación y discapacidad: entre la accesibilidad y la interactividad. *Icono*, 14 (15), 303-319
- Sánchez, J. Oyarzún, C. (2007). Asistencia Móvil Basada en Audio para la Movilización por Medio de Microbús de Personas Ciegas. En J. Sánchez (Ed.): Nuevas Ideas en Informática Educativa, Vol. 3, pp. 377-396, Santiago de Chile: LOM Ediciones.
- Solves, J. (2011). Los frentes de la investigación en comunicación y discapacidad. En: Fornieles, Requena, Bañón (eds.). *Lenguaje, comunicación y salud*. Sevilla: , ArCiBel Editores, pp. 69-11.

Ciudades imaginadas: representaciones del imaginario urbano en las ciudades contemporáneas

Universidad del Quindío

Pedro Felipe Díaz Arenas
pfiaz@uniquindio.edu.co

Damaris Ramírez Bernate
dramirezb@uniquindio.edu.co

Resumen

Esta propuesta plantea el desarrollo de la teoría de los imaginarios urbanos a partir de la obra del semiólogo colombiano Armando Silva; busca entender cómo se construye la genealogía y cómo desarrolló y consolidó el autor su pensamiento, el cual derivó en una propuesta metodológica e investigativa de alcance mundial con amplio reconocimiento en el campo de los estudios de la comunicación y varias otras disciplinas relacionadas específicamente con el ámbito de la semiótica.

Se trata de comprender el pensamiento de Silva entorno al fenómeno urbano; se buscan las características que se inscriben en los imaginarios urbanos colectivos, la ciudad vista desde sus cualidades; calificaciones y escenarios reconocidos por los habitantes; las evocaciones que estos tienen de su ciudad, los croquis imaginarios que traza el ser urbano con el fin de reconocer las diferentes formas de ciudad y la de los demás.

La metodología permitió visualizar el impacto de la obra de Armando Silva a través del análisis de los datos arrojados por los instrumentos que se utilizaron para extraer los conceptos y categorías en la muestra representativa (ciudades imaginadas). Y Arroja una serie de hallazgos representados en graficas interrelacionadas a partir de las diversas categorías.

En los resultados se muestra y se problematiza en los imaginarios urbanos, la dimensión que integra la ciudad y lo urbano con relación a la ciudadanía; está se manifestó con claridad en los métodos y la obra del autor. Las categorías y conceptos permitieron fundamentar la mirada hacia lo imaginario y su impacto académico en los estudios culturales.

Las conclusiones nos conducen a los imaginarios urbanos de Silva, que promueve y sostiene la interrelación entre países que tienen en común los estudios urbanos, permitiendo el intercambio de datos estadísticos que orientan la lectura en unidad de las ciudades analizadas a través de sus ciudadanos.

Palabras clave:

Ciudades Imaginadas; Imaginarios Urbanos; Urbanismo; Ciudades Contemporáneas; Espacio Urbano

Abstract

This proposal suggests the development of the theory of urban imaginary from the work of Colombian Armando Silva semiotician; seeks to understand how the genealogy is constructed and how developed and consolidated the author his thinking, which led to a methodological and research proposal global widely recognized in the field of communication studies and several other disciplines related specifically to the field of semiotics.



It is thought Silva understand the environment to the urban phenomenon; the features that are part of the collective imaginary urban sought, the city from its qualities; qualifications and recognized by the inhabitants scenarios; evocations that these have of their city, imaginary sketch trace urban being in order to recognize the different forms of city and others.

The methodology enables to visualize the impact of the work of Armando Silva through analysis of the data produced by the instruments used to extract concepts and categories in the representative sample (Imagined cities). And Throws a series of interrelated findings represented from various categories graphs.

In the results shown and problematizes in urban imaginary dimension which integrates the city and urban concerning citizenship; It is clearly manifested in the methods and work of the author. The categories and concepts allowed substantiate look into the imaginary and academic impact on cultural studies.

Keywords:

Imagined cities; urban imaginary; town planning; contemporary cities; urban space

Resumo

Esta proposta sugere o desenvolvimento da teoria do imaginário urbano do trabalho de colombiano semiótico Armando Silva; procura compreender como a genealogia é construído e como desenvolveu e consolidou o autor o seu pensamento, o que levou a uma proposta metodológica e de pesquisa global amplamente reconhecido no campo dos estudos de comunicação e várias outras disciplinas relacionadas especificamente com o campo da semiótica.

Pensa-se Silva compreender o ambiente ao fenômeno urbano; as características que fazem parte do imaginário coletivo urbano procurado, a cidade de suas qualidades; qualificações e reconhecidos pelos cenários habitantes; evocações que estes têm de sua cidade, esboço imaginário traçar estar urbano, a fim de reconhecer as diferentes formas de cidade e outros.

A metodologia permite visualizar o impacto da obra de Armando Silva através da análise dos dados produzidos pelos instrumentos usados para extrair conceitos e categorias na amostra representativa (cidades imaginadas). E lança uma série de resultados interligados representados a partir de vários gráficos Categorias.

Nos resultados apresentados e problematiza em dimensão imaginária urbana que integra a cidade e urbana à cidadania; É claramente manifestada nos métodos e obra do autor. As categorias e conceitos permitiu olhar substancializar o impacto imaginário e acadêmica sobre estudos culturais.

Os achados nos levam ao imaginário urbano da Silva, que promove e mantém a inter-relação entre os países que partilham estudos urbanos, permitindo a troca de dados estatísticos que guia de leitura unidade das cidades analisadas pelos seus cidadãos.

Palavras chave:

Cidades imaginadas; Imaginário urbano; urbanismo; Cidades contemporâneas; Espaço Urbano

Introducción

Este de proyecto de investigación está planteado en términos de un acercamiento al desarrollo de la teoría de los imaginarios urbanos a partir de la obra del semiólogo colombiano Armando Silva, busca entender cómo se construye la genealogía y cómo desarrolló y consolidó el autor su pensamiento, el cual derivó en una propuesta metodológica e investigativa de alcance mundial con amplio reconocimiento en el campo de los estudios de la comunicación y varias otras disciplinas específicamente con el ámbito de la semiótica.

Se realizó un análisis a las etapas históricas de los imaginarios urbanos de diversas ciudades contemporáneas buscando distinguir el impacto de la obra de los imaginarios urbanos, aspectos que sintetizan la necesidad de presentar y dar unidad al pensamiento de Silva y su incidencia en el campo teórico de las ciencias sociales.

Marco teórico

Imaginarios Urbanos en Armando Silva

Un recorrido sobre el concepto de *Imaginario Urbano* en la obra de Armando Silva:

Sigmund Freud

Freud no habla de manera explícita de imaginario, sí utilizó el término fantasía (realidad psíquica), como forma en que son presentados los deseos (pulsiones) por los pacientes, ésta se manifiesta cuando no se halla el objeto del deseo. Por tal motivo, afirma Freud (1915 - 1916), que:

(...) tales hechos de la infancia son de alguna manera necesarios, pertenecen al patrimonio indispensable de la neurosis. Si están contenidos en la realidad, muy bien; si ella no los ha concedido, se los establece a partir de indicios y se los completa mediante la fantasía. (p. 337- 8)

Jacques Lacan

Otro psicoanalista que estudió con rigurosidad la teoría freudiana; para Lacan existe una intersección entre tres registros: lo real, lo imaginario y lo simbólico, donde lo real es aquello que es inefable, no es representable; para conceptualizar lo imaginario utiliza la metáfora del espejo, este le permite al sujeto ver su imagen y reconocerse como un yo diferente del otro; por último en lo simbólico el sujeto a través del lenguaje para comunicar sus deseos a los otros: dialoga, es por medio del discurso que el sujeto se inserta en la sociedad.

Ernst Cassirer

Para este filósofo la definición del hombre como ser racional debe ser ampliada, pues no agota todas las actuaciones del ser humano, de allí que el lenguaje pueda ser usado tanto para hacer ciencia como para la poesía, el arte, la religión. “La razón es un término verdaderamente inadecuado para abarcar las formas de la vida cultural humana en toda su riqueza y diversidad, pero todas estas formas son formas simbólicas”. (Cassirer, 1967, p. 27)

Cornelius Castoriadis

Propone que el imaginario social es construido por el hacer humano, que puede crear, inventar su entorno y a su vez se reinventa a sí mismo, de allí que afirme que son las insti-

tuciones las que crean “Normas, valores, lenguaje, herramientas, procedimientos y métodos de hacer frente a las cosas y de hacer cosas, y, desde luego, el individuo mismo, aquello que es ‘real’ y aquello que no lo es, qué tiene un sentido y lo que carece de sentido”. (Castoriadis 2005, p. 69- 67)

Gilbert Durand

Anropólogo y crítico de arte que reflexionó acerca de la imaginación simbólica, afirmando que esta es un mecanismo humano que permite resistir a las situaciones adversas, lo deprimente y por lo tanto a la muerte, al respecto declara que:

[...] llegamos a establecer que la función de la imaginación es ante todo una función de eufemización, (...), dinamismo prospectivo que, a través de todas las estructuras del proyecto imaginario, procura mejorar la situación del hombre en el mundo. (Durand, 2000, p. 126)

Umberto Eco

Filósofo y semiólogo que reflexionó acerca de la relación entre el símbolo y el lenguaje: El lenguaje; que es el conjunto de convenciones que acepta una comunidad de hablantes para designar o nombrar algo, por tal motivo, afirma que: “los objetos naturales se conocen y modifican solamente cuando se conocen como objetos convencionales y artificiales”. (Eco, 1986, p. 243).

Néstor García Canclini

Filósofo que se preocupa por lo imaginario y puntualmente por los imaginarios urbanos desde una perspectiva socio-cultural. Imaginamos lo que no conocemos, o lo que no es. Lo imaginario remite a un campo de imágenes diferenciadas de lo empíricamente observable. Lo imaginario corresponde a elaboraciones simbólicas de lo que observamos o de lo que nos atemoriza o desecharíamos que existiera. (Canclini, 2007, p. 90)

Metodología

La investigación indaga en lo cualitativo con una serie de características que devela los estudios de la fenomenología planteados en la creación y desarrollo en la obra de Silva.

Análisis del discurso

El Método: Es de carácter analítico del discurso en la construcción de imaginario urbano, se explora desde el autor en la frecuencia del uso de conceptos aplicados en las ciudades imaginadas.

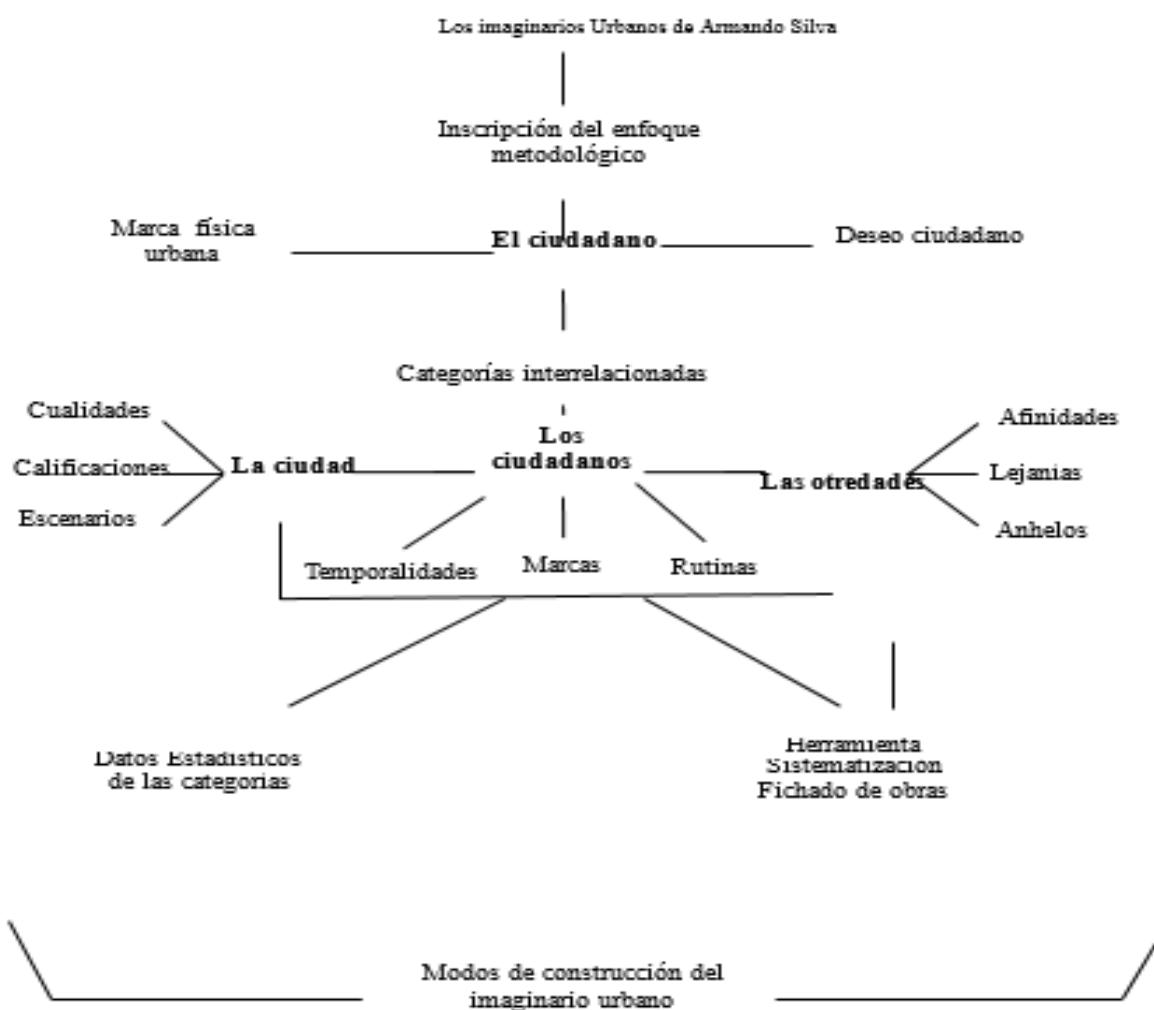
CIUDAD:	
Cualidades Urbanas	
Calificaciones Urbanas	
Escenarios Urbanos	

OTREDADES	
Desde afuera	
Desde otros	
Desde los vecinos	
CIUDADANOS:	
Temporalidades Ciudadanas	
Marcas Ciudadanas	
Rutinas Ciudadanas	

Técnicas de recolección de datos e instrumentos: Análisis de las categorías y conceptos.

Fuente: Armando Silva

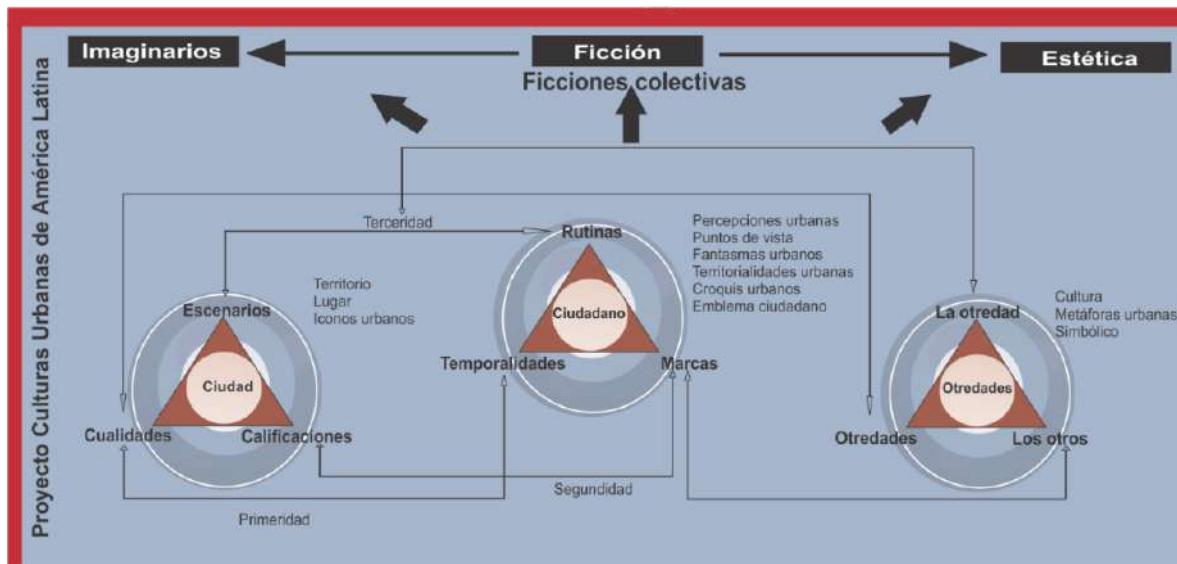
Una vez realizado el análisis categorial se derivó el siguiente esquema:



Esquema 1¹. Categorías. Elaboración propia

Universo: *La obra de Armando Silva*

1 Metodología de Imaginarios urbanos. Hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos. CAB Convenio Andrés Bello/ Universidad Nacional de Colombia. 2004.

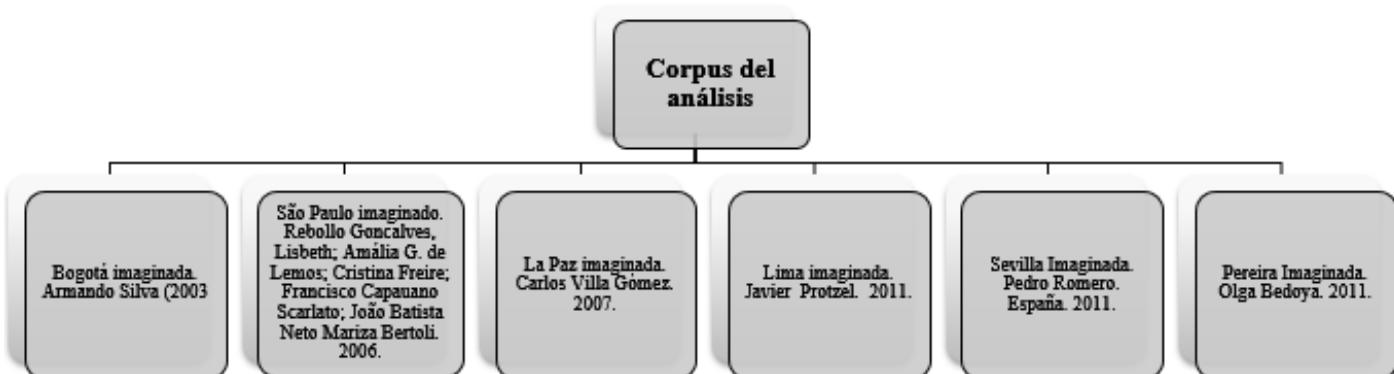


Fuente: Armando Silva. Elaboración propia



Esquema 2: Elaboración propia

Corpus para el análisis: Serie de *Imaginarios Urbanos*.



Esquema 3: Elaboración propia

Analisis y discusión

Ciudad

Sobresale como referencia de ciudad a Bogotá. En la ciudad se agrupan las referencias en su sentido físico histórico. Se argumenta que la ciudad es arte en su sentido espacial, por ser la arquitectura un arte visual la relación entre ciudad y arte y lo urbano como un acontecimiento más allá de lo cotidiano.

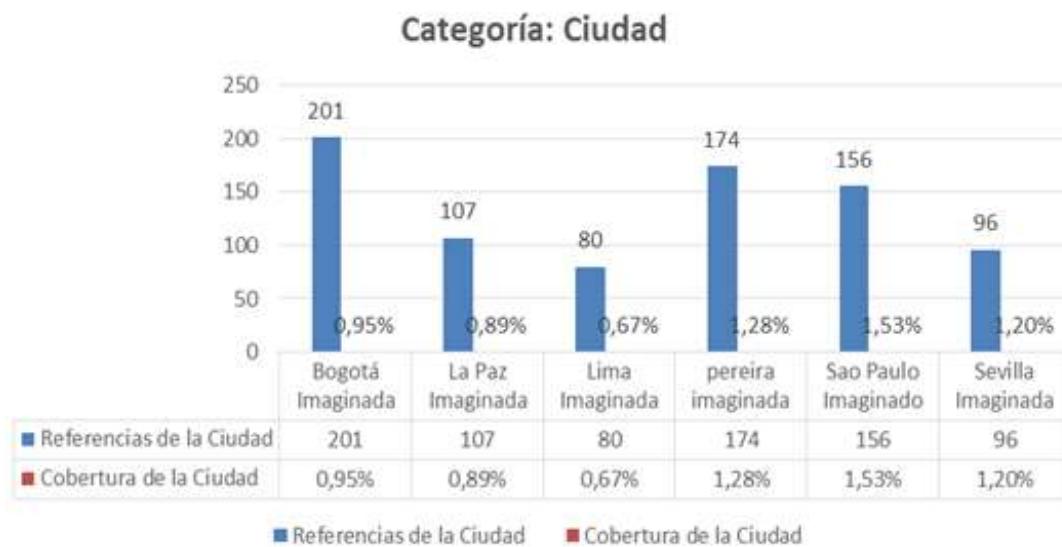


Gráfico 1. Elaboración propia

Cualidades Urbanas

Bogotá y la Paz se muestran como referencias de ciudad más altas, en donde al hablar de las cualidades urbanas, nos referimos a aquellos signos sensibles que a juicio de sus ciudadanos representan la ciudad.

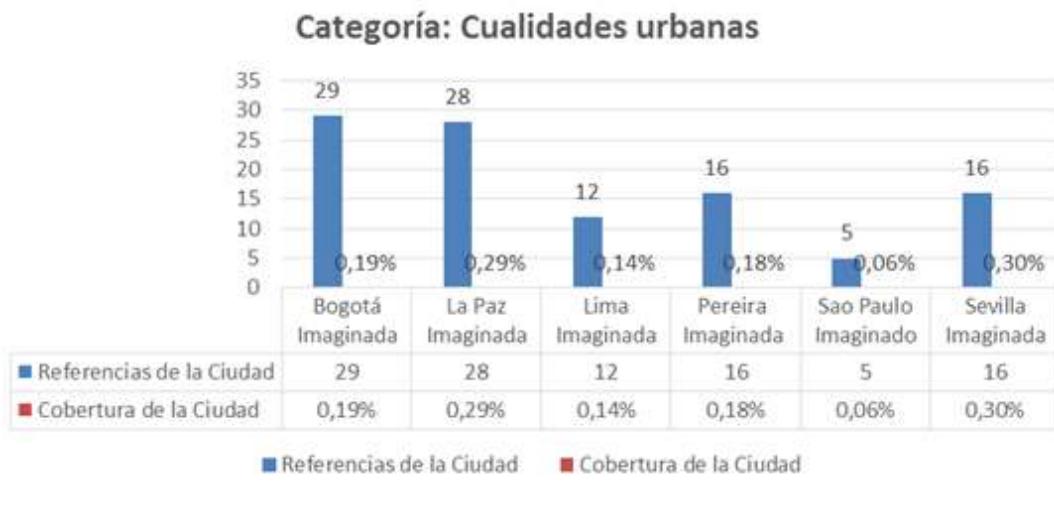


Gráfico 2. Elaboración propia

Calificaciones Urbanas

Se destaca la ciudad de la Paz, seguida de Bogotá y Pereira. Cómo la ciudad es marcada por los ciudadanos, como la califican, es decir las formas en que la objetivan en su percepción.



Gráfico 3. Elaboración propia

Escenarios Urbanos

La Paz tiene un número considerable, por tanto ocupa en primer lugar con el 0.46% de cobertura. Por escenarios urbanos entendemos aquellos sitios o lugares donde los ciudadanos actúan y se representan.



Gráfico 4. Elaboración propia

Ciudadano

La ciudad de Pereira llega a una cobertura de ciudad en la categoría de ciudadano, seguido de Bogotá con 34 referencias de la ciudad y un 0.27% de cobertura de la ciudad.



Gráfico 5. Elaboración propia



Temporalidades ciudadanas

26 referencias de la ciudad y un 0.37% tiene Pereira en cobertura de ciudad. Seguida de Bogotá. La cualidad que hace posible la cocción ciudadana es su temporalidad ósea (tiempo) podríamos elaborar croquis de la temporalidad de los ciudadanos.



Gráfico 6. Elaboración propia

Marcas ciudadanas

Bogotá y Pereira presentan 26 referencias de la ciudad. Referimos a los objetos, elementos, grupos, lugares, que señalan el ciudadano como un objeto de experiencia urbana, diríamos que marca la urbanización del ciudadano así como el ciudadano marca la ciudad con su calificación.



Gráfico 7. Elaboración propia

Rutinas ciudadanas

19 referencias ciudadanas y una cobertura del 0.09%, esta Bogotá. Pereira con 11 referencias y cobertura de 0.08%. Las rutinas ciudadanas nos referencia a aquellas acciones que se repiten de modo que puede ser sistemático y a su vez son estos los que configuran las rutinas.



Gráfico 8. Elaboración propia

Otredades

En Otredades el énfasis está en el reconocimiento de similitudes y diferencias con el otro, con el otro urbano como modo de captar nuestras paredes continentales. La ciudad de Pereira en referencia.



Gráfico 9. Elaboración propia

Los otros

Los *otros* como concepto de comunicación social se instauran en y desde el lenguaje y se proyecta en las distintas ponderaciones que involucra representaciones. Oscilan entre los 9 y 48 siendo Sevilla la más baja y Bogotá la más alta.



Gráfico 10. Elaboración propia

Conclusiones

En este estudio investigativo, se destaca la contribución y la apertura en la transferencia académica de la obra de Silva, dentro y fuera del contexto colombiano. Así, ese sentido holístico de su trabajo hace del *ser urbano* en las ciudades de Latinoamérica y Europa, un referente desde la perspectiva de las culturas urbanas y sus maneras de manifestarse; sus estéticas, su territorio, sus políticas locales, su relación con el otro, su modo de verse a sí mismos; sus temores, sus experiencias colectivas, su diversidad cultural, su memoria colectiva, sus fronteras.

Los resultados validan la importancia y universalidad de la obra de Silva. Dado que, la construcción y desarrollo de sus nociones y conceptos a través del tiempo, han permitido leer desde cada época y contexto los diferentes fenómenos sociales que surgen desde la interacción.

Aun no es posible hablar de política cultural en Latinoamérica, no obstante, Silva coloca en diálogo los países estudiados desde el punto de vista de la percepción y sus afinidades. Este es un escenario que resultó muy interesante para los grupos de investigadores de algunas universidades de habla hispana. No es casualidad que el Convenio Andrés Bello adoptará este proyecto con su metodología para iniciar estudios culturales en los países de impacto. De tal manera, que este estudio ratifica la tendencia de indagaciones acerca de lo urbano y de ciudadanía en el mundo.

Se problematizó en los imaginarios urbanos, la dimensión que integra la ciudad y lo urbano con relación a la ciudadanía; se manifestó con claridad en los métodos y la obra del autor. Las categorías y los conceptos permitieron fundamentar la mirada hacia lo imaginario y su impacto académico en los estudios culturales.

Lo urbano como sujeto perceptivo escrito en una especificidad de contexto, permite connotar significados y una memoria colectiva que pertenece a un grupo social. De tal manera, que los imaginarios surgen para entender y comprender cómo habita y en qué rutinas y circuitos del territorio se mueve el ciudadano contemporáneo.

Se arroja una serie de procesos históricos que van delineando y materializando unas formas de representación que marcan la ciudad, convirtiéndola en un foco de deseo, creación y goce de lo estético.

Existe la necesidad de abordar los estudios de los imaginarios urbanos desde enfoques que relacionen la construcción psíquica, emocional, política, estética del ciudadano en otro tipo de ambientes que no obedecen a la tradicional noción de ciudad. Referida a la construcción de entornos virtuales, ciudades virtuales, que son nuevos espacios de interacción, y mediación de imaginarios desde los ciudadanos.

Bibliografía

- CASTORIADIS, Cornelius. (1983). *La institución imaginaria de la sociedad*, vol. 1. Barcelona: Tusquets.
- CASSIRER, Ernst (1967). Antropología Filosófica. INTRODUCCIÓN A UNA Filosofía de la Cultura.
- CASTORIADIS, Cornelius. (2005). *Los dominios del hombre*. Barcelona: Gedisa.
- DURAND, G. (2000). *La imaginación simbólica*. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- ECO, Umberto. (1970). La definición del arte: lo que hoy llamamos arte ¿ha sido y será siempre arte? – Barcelona - España. Diagràfic, S.A.
- ECO, Umberto. (1995). *Semiotica y filosofia del lenguaje*. Barcelona: Lumen.
- ECO, Umberto. (2007). *Historia de la fealdad*. Italia. G. Canales, Borgaro Torinese (TO).
- FREUD, Sigmund. (1900). *La interpretación de los sueños* (Trad. Luis López Ballesteros, Madrid, Biblioteca Nueva, T1, 1992).
- FREUD, Sigmund. (1915-1916). Conferencias de introducción al psicoanálisis. En Obras completas (T. XV y XVI). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. (2007) ¿Qué son los imaginarios urbanos y cómo actúan en la ciudad? Diálogo con Alicia Lindon. Revista Eure. Vol. XXXIII, No 99, Santiago de Chile.
- LACAN, Jacques. (1975). Seminario 22: R.S.I. Inédito. Cassirer, 1967, p. 39)
- LACAN, Jacques. (2004). Seminario 1: Los escritos técnicos de Freud. Buenos Aires: Paidós.
- LANDOW, G. P. (2009). *Hipertexto 3.0: la teoría crítica y los nuevos medios en una época de globalización*. España: Paidós.
- SILVA, Armando. (2003). *Bogotá imaginada*. Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de Colombia. Editorial Taurus, Bogotá - Colombia.
- SILVA, Armando. (2004). *Imaginarios urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos. Metodología*. Convenio Andrés Bello y Universidad Nacional de Colombia, Bogotá - Colombia.
- SILVA, Armando. (2005). *Polvos de ciudad*: Columna Imaginarios globales publicada por el periódico El Tiempo 2004. La multitud conectada. Editorial sociedad cultural la balsa. Colombia.
- SILVA, Armando. (2006). *Imaginarios Urbanos*. Bogotá – Colombia. Arango Editores Ltda. Quinta edición.
- SILVA, Armando. (2006a). *Imaginarios urbanos*. Bogotá: Editorial Tercer Mundo.
- SILVA, Armando. (2006b). *Centros imaginados de América Latina. Lugares e imaginarios en la metrópolis*. Barcelona: Anthropos.
- SILVA, Armando. (2008). Documenta y los imaginarios urbanos. *Los imaginarios nos habitan*. Quito: Crearimagen.
- SILVA, Armando. (2013). Atmósferas ciudadanas: graffiti, arte público, nichos estéticos. Bogotá – Colombia. Universidad Externado de Colombia.
- SILVA, Armando. (2013). *Imaginarios: el asombro social*. Bogotá – Colombia. Universidad Externado de Colombia.



Biografías

Pedro Felipe Díaz Arenas: Doctor en Ciencias de la Educación Línea pensamiento y comunicación, Universidad Tecnológica de Pereira. Magíster en Comunicación Educativa. Comunicador social, Docente investigador, Asesor de Proyectos de Grado y de Pasantía de la Universidad del Quindío y Decano de la Facultad de Ciencias Humanas y Bellas Artes de la Universidad del Quindío. Colombia.

Damaris Ramírez Bernate: Magíster en Comunicación Digital de la Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín. Licenciada en Tecnología Educativa. Universidad del Quindío. Docente investigador de Comunicación Social – Periodismo Universidad del Quindío. Asesor de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Humanas y Bellas Artes, docente de Radio, Nuevas Tecnologías, Asesor de Proyectos de Grado y de Pasantía Universidad del Quindío. Colombia.

Se essa rua fosse minha... e é!: Ação artística das Madalenas Teatro das Oprimidas na transformação do imaginário de espaço e gênero

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Patricia da Gloria F. Gomes
patfg@gmail.com

Resumen

Esta comunicación analiza cómo las acciones artísticas pueden contribuir a la producción de nuevos significados y prácticas sociales, que cambian en cierta medida el imaginario social de la mujer. Se adopta como objeto de investigación el desempeño artístico de Madalenas Teatro de las Oprimidas en I Festival Internacional Madalenas (septiembre de 2015), en la Argentina; y en el III Encuentro Latinoamericano de Teatro del Oprimido (febrero de 2014), en Bolivia.

Palabras claves:

Teatro del Oprimido – Imaginario – Espacio – Cultura – Género

Abstract

The present article analyzes how artistic actions can contribute to produce new meanings and social practices, transforming in some measure the imaginary social about the woman. It adopts like object of investigation the performance of the Madalenas Theatre of the Oppressed in the I International Festival Madalenas (September 2015), in Argentina; and in the III Latin American Meeting of Theatre of the Oppressed (February 2014), in Bolivia

Keywords:

Theatre of the Oppressed – Imaginary – Space – Culture – Gender

Resumo

O presente artigo analisa como ações artísticas podem contribuir para produzir novos significados e práticas sociais, transformando em certa medida o imaginário social sobre a mulher. Adota-se como objeto de pesquisa a atuação das Madalenas Teatro das Oprimidas no I Festival Internacional Madalenas (setembro de 2015), na Argentina; e no III Encontro Latino-americano de Teatro do Oprimido (fevereiro de 2014), na Bolívia.

Palavras-chave:

Teatro do Oprimido – Imaginário – Espaço – Cultura – Gênero



Introdução

A casa com suas portas, janelas e adornos é tão personagem da história como qualquer sujeito com boca, olhos e cabelo. Tomando como base uma sociedade formada a partir de uma estrutura patriarcal¹, como o Brasil colonial; para o homem, a casa e a rua eram inquestionavelmente seus ambientes. Diferente de sua esposa, ou familiar do sexo feminino, onde o exterior não lhe era aconselhado, não era lugar para ela.

De lá para cá, muito foi modificado em relação à arquitetura e às práticas sociais. Mas então por que ainda há mulheres que reivindicam o direito de poder estar na rua, independente da hora ou roupa que vestem? Críticas poderiam indicar que tal demanda é desnecessária, uma vez que há leis que garantem, independente de gênero, o direito à circulação. É verdade. Contudo, dados de violência praticados contra às mulheres, dentro e fora de casa², demonstram que há muito mais. O que tais críticas talvez não levem em consideração é que, como sugere Santos: “Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam” (SANTOS, 2008, p.315).

O que se problematiza não é se a mulher pode estar na rua (ou qualquer outro lugar), mas que este ‘estar’ não é livre de conflitos. Assim, elege-se como objeto de análise a atuação das Madalenas Teatro das Oprimidas no III Encontro Latino-americano de Teatro do Oprimido (III ELTO), realizado de 10 a 15 de fevereiro de 2014, em La Paz (Bolívia); e no I Festival Internacional Madalenas, ocorrido de 15 a 20 de setembro de 2015, em Puerto Madryn (Argentina); como exemplo de resistência que expõe os conflitos destas relações intersubjetivas.

Adota-se como perspectiva teórica a noção de *imaginário*, guiando-se na compreensão de que “a sociologia do imaginário identifica as imagens que movem subterraneamente o social e determinam os comportamentos coletivos” (LEGROS *et al.*, 2014, p.189). Utiliza-se ainda o conceito de *espaço* de Milton Santos (2008), como algo repleto de simbolismo e ordenador das práticas sociais; e apresenta a cultura, a partir do conceito de *virada cultural* de Stuart Hall (1997), como geradora de transformações sociais amplas.

A calçada

No Brasil no século XVIII, as ruas eram “sem planos e usadas pela população e moradores das casas sem limites definidos, como se não pertencessem a ninguém” (D'INCAO, 2013, p.234). Essa imagem se alterou, virou um espaço para ver e ser visto, de prestígio. Mas não só, pois “nas ruas circulam os mais variados valores, códigos e símbolos cotidianamente” (FERNANDES, 2009, p.74). A partir das práticas culturais, transmitidas entre gerações, os habitantes se estruturam e se reconhecem, isto é, “o imaginário alimenta e faz o homem agir” (LEGROS *et al.*, 2014, p.10). Contudo, essas “imagens têm uma história” (LEGROS *et al.*, 2014, p.24) e, no caso das mulheres, essa história teve como emissor o homem branco, como indicava Beauvoir: “A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p.91).

Tomando isto como norte, nesse ponto do artigo, a rua, a casa e a calçada saem de sua ‘concretude’ e se vestem do conceito de espaço, que ressalta que “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo

¹ Uma lógica de autoridade masculina sobre a feminina e os demais gêneros, nas relações políticas, sociais, familiares etc.

² O Mapa da Violência 2015, aponta que “a violência de conhecidos se realiza contra ambos os sexos, preferencialmente na residência das vítimas. A proporção entre as vítimas do sexo feminino (64,4%) é bem maior que entre as do sexo masculino (46,4%)” (WAISELFISZ 2015, p.58). De 1980 a 2013, foram 106.093 mulheres vítimas de homicídio

uso tem que ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual." (SANTOS, 2008, p.316).

Com isso, e levando em consideração que uma grande parte da sociedade ocidental foi fundada sobre a égide patriarcal, entende-se porque a rua é vista, ainda hoje, como um espaço masculino. Evidente que uma mulher pode andar na rua, mas a questão subterrânea é que esse andar soa mais como uma concessão e ela deve assumir os riscos de frequentar um espaço considerado nocivo à sua presença. Quem nunca ouviu o comentário diante de uma história de estupro: "Ah, mas andando na rua sozinha". Como se a 'transgressão' de estar na rua fosse a responsável pela violência e não o agressor. O resultado da pesquisa brasileira "Tolerância social à violência contra as mulheres"³, lançada em março de 2014 pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), corrobora essa percepção ao analisar que:

Por maiores que tenham sido as transformações sociais nas últimas décadas, com as mulheres ocupando os espaços públicos, o ordenamento patriarcal permanece muito presente em nossa cultura e é cotidianamente reforçado, na desvalorização de todas as características ligadas ao feminino, na violência doméstica, na aceitação da violência sexual" (2014, p.4).⁴

De modo geral, tudo isso se refere à cultura de uma sociedade e, seguindo os passos de Hall,

O que aqui se argumenta, de fato, não é que 'tudo é cultura', mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: consequentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo (HALL, 1997, p.13)

Perceber que tanto a noção de *imaginário* quanto de *espaço* estão fundadas igualmente no âmbito cultural, é compreender que as práticas sociais se transformam e novos simbolismos podem surgir ou serem agregados aos que já existem; e principalmente estar atento de que onde há disputa, há força, mas também resistência.

A sarjeta

Se a rua e a calçada foram adquirindo funções mais nobres, o mesmo não ocorreu com a sarjeta. Foi a boêmia que se despejou um pouco de poesia nela, tornando-a um lugar onde as pessoas com dores do coração choravam e contavam suas mágoas para a lua. A metáfora da sarjeta, com um espaço criativo e inovador, segue provocada por acreditar que:

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção de uma nova história" (SANTOS, 2008, p.330)

³ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf

⁴ A pesquisa do IPEA foi aplicada no Brasil, mas a situação em outros países não é diferente. Na Argentina, uma mulher é morta a cada trinta horas (fonte: ONG Casa del Encuentro). No Brasil, segundo o Mapa da Violência 2015, a média é 01 brasileira morta vítima de violência a cada duas horas. No mundo, 07 em cada 10 mulheres serão violentadas ou já foram em algum momento de suas vidas (fonte: Organização das Nações Unidas).

E é por isso que ocupar a rua (transformando-a em sarjeta) é palavra de ordem e resistência para diversos movimentos sociais que se posicionam contra o *status quo*, como as Madalenas Teatro das Oprimidas (MTO). A história das MTO começou a ser desenvolvida em 2009, com duas oficinas no Rio de Janeiro e, atualmente, há grupos em vários países.

A proposta do MTO é a de ser uma experiência cênica feita por mulheres, buscando investigar os motivos pelos quais elas se deixam oprimir; além de possibilitar um espaço de discussão e troca com a intenção de gerar alternativas que contribuam para a superação de opressões vividas pelas participantes e, de modo mais amplo, na sociedade. Ao utilizar a metodologia do Teatro do Oprimido fia-se na concepção de que todas as pessoas são artistas e de que o teatro é uma “arma de libertação” (BOAL, 2011, p.11).

O meio-fio

O meio-fio só recebe maiores atenções quando se envolve em acidentes, como, por exemplo, porque o menino machucou o dedo quando o chutou ao invés da bola; ou em ano de Copa do Mundo, quando é pintado com as cores do país. De uma forma ou de outra, ele parece sair desta zona oculta, a partir de eventos de conflito ou festivos, o que não deixa de remeter a maneira de atuação dos movimentos feministas, que ganham manchetes de jornais como consequências de ações de embate ou para marcar datas importantes para agenda de luta feminista.

E, não à toa, que temas como deixar a área da invisibilidade e produzir novas formas de significação tanto para o que é o ‘ser feminino’ quanto para o mundo que se habita foram bastante caros no I Festival Internacional Madalenas (FIM), realizado de 15 a 20 de setembro de 2015, em Puerto Madryn (Argentina), que contou com representantes e grupos de diversos países, como Brasil, França, Guatemala, Alemanha, Itália, Nepal, Argentina, Bolívia. O que se pode perceber foi que a questão de efetivamente ocupar a rua estava no topo da lista das discussões e preocupações das participantes. O que remete diretamente à análise de Foucault que indica que:

apesar de todas as técnicas nele investidas, apesar de toda a rede de saber que permite determiná-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado – diferentemente, sem dúvida, do tempo em que ele foi dessacralizado no século XIX (FOUCAULT, 1984, p.413)

Tirar essa veste sacra do espaço é tarefa que começa, por exemplo, quando mulheres se juntam e passam a ditar suas questões de ordem, a partir de uma perspectiva não patriarcal. Nesse sentido, se coaduna à ideia de *virada cultural*, a qual está “intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (HALL, 1997, p.10). Para promover mudanças, é preciso produzir novos discursos, contar a história por outro(s) emissor(es), pelo lado de quem foi posto à sombra, como as mulheres. De acordo com Hall,

A ‘virada cultural’ amplia esta compreensão acerca da linguagem para a vida social como um todo. Argumenta-se que os processos econômicos e sociais, por dependerem do significado e terem consequências em nossa maneira de viver, em razão daquilo que somos — nossas identidades — e dada a ‘forma como vivemos’, também têm que ser compreendidos como práticas culturais, como práticas discursivas. (HALL, 1997, p.10)

Ocupar a rua é uma forma de resistência e de visibilidade às reivindicações. A intenção das Madalenas foi ocupar no sentido do conceito de *performance*, de Judith Butler (2003); isto

é, nas palavras da própria autora, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo: “Toda vez que colocamos reivindicações por direitos, ou insistimos em estar em público sem sermos molestados, feridos ou presos, usamos da performatividade. Não só dizemos quem somos mas ‘fazemos’ quem somos e pedimos ao mundo que aceite.”⁵ A questão da violência está para além do espaço, mas a luta para modificar os sentidos imputados a ele também se faz nele.

Para as Madalenas não basta apenas ser o meio-fio que adorna a calçada, é necessário sair da sombra e, ao invés de esperar, começar a provocar os acidentes. E a arte é uma arma poderosa, pois “as práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervém na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (RANCIÉRE, 2009, p.17). Foi com esse ânimo que se germinou a performance⁶ Desmaio Madalena, apresentada em dois trechos da orla da cidade. Um desdobramento contundente do FIM foi a decisão de promover ações futuras ocupando às ruas em seus locais de origem e, principalmente, não deixar passar ‘em branco’ datas importantes da agenda feminista.

Quebra-pedra

A ideia do FIM começou a ser traçada, segundo relato de Bárbara Santos (atual coordenadora da Rede Internacional Madalenas), durante o III ELTO, realizado em fevereiro de 2014, em La Paz (Bolívia). Segundo Bárbara, observou-se que, mesmo com a maior parte da plateia composta por mulheres, nas mesas de debate não havia essa representação. Assim, foi sugerida a inclusão de mulheres, argumentando inclusive sobre a necessidade de colocar em pauta a discussão de gênero. Os organizadores negaram a sugestão e a justificativa foi que as mulheres queriam dividir o Teatro do Oprimido (TO).

Mas como a planta conhecida como quebra-pedra, que ganhou esse nome por nascer nas brechas do meio-fio, as Madalenas presentes perceberam que estavam diante de uma opressão de gênero, por mais que soasse incoerente – afinal, se está falando de uma técnica que trabalha com oprimidos –, e decidiram romper a rigidez da pedra institucional, realizando um evento paralelo, ainda durante o III ELTO, como ato político em combate ao ocorrido. Perceberam que era fundamental promover a luta por direitos das mulheres dentro do próprio movimento de TO e começaram a produzir o que seria o I Festival Internacional Madalenas, realizado no ano seguinte.

A ação das Madalenas em La Paz e a realização do FIM foram medidas imprescindíveis para tomar uma posição política, promovendo uma virada cultural dentro do movimento do TO, que pode ser observada já no IV ELTO (janeiro de 2016), na Nicarágua. No qual foi garantido espaço na programação oficial para o Encontro Madalenas Internacional; além de que, diferente das outras edições, a coordenação do IV ELTO teve em sua composição Madalenas.

Conclusão

Milton Santos tem uma frase que é: “Cada lugar é, a sua maneira, o mundo” (2008, p.314). Isso porque não apenas os elementos concretos que formam o lugar são repletos de simbolismos e significações, produzidas pela cultura e que são apreendidos e reproduzidos pelos indivíduos de uma sociedade, constituindo-se como formas de ordenamento social; como também cada indivíduo ou grupo pode construir outras formas de significações e modos de perceber e estar no lugar. Por isso o conceito de *espaço* de Santos (2008) foi de singular relevância para este artigo, uma vez que o espaço pode ser entendido como um:

⁵ Publicada em 20/09/2015, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683172-sem-medo-de-fazer-genero-entrevista-com-a-filosofa-americana-judith-butler.shtml>

⁶ O termo performance utilizado neste artigo incorpora a interpretação de expressão artística e a sugerida por Butler.

quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2008, p.322)

A resistência que as Madalenas fizeram no III ELTO e, a partir dele, com o FIM são indícios de que se pode alcançar êxito e provocar fissuras no imaginário, a partir de uma ação que rompa com as normas e regras instituídas, tanto no campo concreto como no simbólico. Ocupar espaços não é somente um ação de marcar presença física, mas é simultaneamente a produção de novas linguagens, novas inscrições de estar no mundo a partir de uma ação performativa; é fazer política com fala e corpo.

Evidente que nada disso é garantia de sucesso ou de não haver retrocessos. Porém, o que se observa com a atuação das Madalenas, é que não há mais tempo para esperar. É preciso produzir novas linguagens, criar novos conceitos, partindo de outras bases de significação e simbolismo, tendo em mente que “a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio” (SANTOS, 2008, p.326).

Desta forma, a efetiva ação de grupos como as Madalenas Teatro das Oprimidas, associada à noção de *virada cultural*, pode contribuir para ampliar a percepção de mutabilidade do imaginário. E este vem demonstrando que há, cada vez mais, fissuras em sua superfície. Assim como os muxarabis que, apesar de serem um obstáculo concreto, tinham lá suas brechas, pois deixavam que a luz solar entrasse e desenhasse no interior da casa um caleidoscópio, produzindo outras imagens no espaço.

Bibliografia

- BEAUVOIR, S. (2011). *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4^a edição, 1970
- BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 11^a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- D'INCAO, M. A. (2013). Mulher e família burguesa. In: *História das mulheres no Brasil*. DEL
- PRIORI, M. (org.). São Paulo: Contexto, p.223-240
- FERNANDES, C. S. (2009). *Sociabilidade, comunicação e política: A experiência estético-comunitativa da Rede MIAC na cidade de Salvador*. Rio de Janeiro: E-papers
- FOUCAULT, M. (1984). Outros espaços. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- HALL, S. (1997). A centralidade da cultura. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2
- LEGROS, P.; MONNEYRON, F.; RENARD, J. e TUCUSSEL, P. (2014). *Sociologia do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina
- RANCIÉRE, J. (2009). *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34
- SANTOS, M. (2008). *A natureza do tempo: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp
- WAISELFISZ, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*, 2015. Disponível em www.mapadaviolencia.org.br

Biografia

Patricia da Gloria F. Gomes – Jornalista; e Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Cultura de Massa, Cidade e Representação Social. Tem como temas de investigação: cidade, imaginário e estudos sobre o gênero.

Rankings de ciudades, competitividad urbana y prensa económica: diálogos y tensiones en el ecosistema de medios en torno al modelo de ‘ciudad contemporánea’

UAM-Cuajimalpa

Alberto Carrera Portugal
albertocp5@hotmail.com

Resumen

La ponencia busca delinear una serie de elementos de análisis y preguntas de investigación susceptibles de incorporarse en el análisis de las correlaciones entre rankings de ciudades (publicados por la prensa económica) y el debate en torno al modelo de ciudad contemporánea. Se lleva a cabo una revisión de los conceptos y referentes sociohistóricos presentes en la discusión sobre el modelo de ciudad, así como las implicaciones que tiene para el diseño de políticas públicas locales en el marco de la sociedad red, el espacio de flujos y el ecosistema de medios. Se aporta un panorama general con respecto a las ciudades latinoamericanas (sus transformaciones y reconversión), planteando como parte de las conclusiones una serie de preguntas de investigación. El trabajo se deriva de un proyecto más amplio en torno al diseño de políticas públicas en materia de competitividad urbana en ciudades mexicanas, y su vinculación con procesos de comunicación e información.

Palabras clave:

Rankings de ciudades; prensa económica; competitividad urbana; gestión local; espacio de flujos.

Abstract

The paper seeks to outline a series of elements of analysis and research questions likely to be incorporated into the analysis of correlations between rankings of cities (published by the economic newspaper) and the debate on the model of contemporary city. A review of the concepts and related socio-historical present in the discussion on the city model is carried out and the implications for the design of local public policies in the context of the network society, the space of flows and media ecosystem. An overview is provided regarding Latin American cities (their transformations and conversion), posing as part of the conclusions of a series of research questions. The work stems from a broader research project around the design of public policies on urban competitiveness in Mexican cities, and its relationship with communication processes and information.

Keywords:

Rankings of cities; business press; urban competitiveness; local management; space of flows.

Resumo:

O artigo procura delinear uma série de elementos de análise e pesquisa questões susceptíveis de serem incorporadas na análise de



correlações entre as classificações de cidades (publicadas pelo jornal econômico) e o debate sobre o modelo de cidade contemporânea. uma revisão dos conceitos e afins presente sócio-histórica na discussão sobre o modelo da cidade é realizada e as implicações para o desenho de políticas públicas locais no contexto da sociedade em rede, o espaço de fluxos e ecossistema mídia. Uma visão geral é fornecido sobre cidades latino-americanas (suas transformações e conversão), posando como parte das conclusões de uma série de questões de pesquisa. O trabalho resulta de uma mais ampla em torno do projeto de políticas públicas em matéria de competitividade urbana em cidades mexicanas, e sua relação com os processos de comunicação e projeto de informação.

Palavras chave:

Ranking das cidades; imprensa de negócios; competitividade urbana; gestão local; espaço de fluxos.

Introducción

Cada año a través de la prensa económica, conformada por diferentes medios que cuentan con un alcance regional y/o global entre los que se encuentran las revistas especializadas en finanzas y comercio, se publican rankings, índices y listados de ciudades; estos ejercicios presentan la medición y comparación de características o atributos específicos en un determinado conjunto de centros urbanos.

El análisis de la publicación de los rankings de ciudades y ejercicios de benchmark en torno a la competitividad urbana publicados por la prensa económica, permite situarse en la convergencia de una serie de procesos de comunicación e información: en primer lugar, ofrece un panorama general acerca de cómo está siendo elaborado una parte del debate en torno al modelo de ciudad contemporánea (McCann, 2004; Mercado, 2009; Beaverstock, Smith & Taylor, 1999) y sus implicaciones para el caso de las ciudades latinoamericanas.

La ciudad como modelo o concepto: una dimensión simbólica y sociohistórica

Las ciudades son objeto de múltiples operaciones simbólicas, referenciales y comunicativas, este proceso es inherente a los entornos urbanos ya que en diferentes etapas de la historia la ciudad ha fungido al mismo tiempo, como espacio o ámbito para la comunicación y como referente simbólico en dos dimensiones: de sí misma y de la formación social en la que se inscribe y a la que pertenece, “la ciudad es entendida [...] no sólo como un territorio espacial y socialmente diferenciado, sino, sobre todo, como búsqueda de libertad y creatividad” (Lezama, 1998, p. 112).

En la agenda de investigación en ciudad y comunicación resulta pertinente abrir una reflexión en torno al concepto de ciudad contemporánea, ya que a partir de este los sujetos sociales negocian sus interacciones en la esfera pública-deliberativa y llevan a cabo diferentes procesos de comunicación e interacción en el territorio.



A lo largo de la historia, el modelo de ciudad lo han predeterminado factores que estructuran las relaciones sociales, en este sentido, el modelo de ciudad tenderá a ser un reflejo o consecuencia de las estructuras macro-sociales, en el caso de la ciudad contemporánea es necesario considerar que esta tiene su antecedente en las ideas vinculadas con la modernidad y los factores económicos presentes en la revolución industrial.

La ciudad que emerge con la sociedad industrial viene a ser, [...] una forma de anticiudad en la medida que se opone a esos momentos de mayor contenido humanista que caracterizan, entre otras formas urbanas a la polis, a la comuna medieval y también, en parte, a la ciudad renacentista. En la ciudad industrial del siglo XIX el espacio se produce por un doble desorden, que deriva de la conformación azarosa de los emplazamientos industriales, comerciales y habitacionales, así como de la constitución del suelo en objeto de especulación e intercambio mercantil (Lezama, 1998, p. 113).

Igualmente se debe considerar que los ámbitos urbanos representan la materialización físico-geográfica de la historia, en función de su antigüedad una ciudad puede haber transitado por diferentes modelos y en los momentos de cambio o reconversión, conservar elementos—arquitectónicos, territoriales o simbólicos—de otras etapas, los cuales son susceptibles de reciclarse, resignificarse o transmutarse.

Todos vivimos una ciudad a tres dimensiones. Una primera dimensión es la ciudad que podemos denominar <clásica>, renacentista, barroca o preindustrial, que ha forjado durante generaciones y hasta hoy el modelo <cultural> de ciudad [...] Una segunda dimensión es la ciudad resultante de la Revolución Industrial, de los centros históricos renovados y expandidos (Haussmann) y de los ensanches (Cerdá), de la zonificación o zoning de la moderna planificación urbana y de los suburbios populares [...] la tercera es la nueva ciudad que se forja hoy ante nuestros ojos, de difícil percepción por sus límites difusos y variables, que engloba la ciudad grande o conurbación preexistente y un conjunto de núcleos de todos los tamaños y edades, así como zonas rurales o espacios naturales (Borja, 2003, p. 40).

Ciudades latinoamericanas: transformaciones y reconversión

En la región ha cobrado fuerza la deliberación sobre el modelo de ciudad contemporánea, nuestros entornos urbanos—heterogéneos y complejos—son objeto de una reconversión diferenciada pero intensa, como resultado de distintos factores demográficos, económicos y políticos.

Desde las fundaciones españolas y portuguesas en el siglo XVI en suelo americano se consolidó la ciudad colonial cuya característica esencial es el de ser una ciudad compacta y con un crecimiento lento que perduró hasta mediados del siglo XIX con estos atributos. A la ciudad colonial le siguió el modelo de la ciudad sectorial (1820-1950) que presentó como rasgo característico la formación de sectores lineales con diferenciaciones socioespaciales, donde se rompe la estructura circular de la ciudad colonial y el centro se expande sectorialmente por algunos de sus ejes urbanos. Bähr y Borsdorf (2009) identifican como tercer estadio de la evolución de la ciudad latinoamericana a la ciudad polarizada (1950-1990) cuyos rasgos empiezan a mostrar tendencias de suburbanización. Finalmente expone la etapa vigente del modelo como es la ciudad fragmentada (1990) [...] Donde actividades económicas y barrios residenciales se dispersan y mezclan en áreas pequeñas: urbanizaciones de lujo se localizan en barrios muy pobres (Martínez, 2015, p. 223).

En la ciudad contemporánea se materializan los procesos globales que se manifiestan con mayor o menor intensidad en función de variables como el grado de incorporación de un tejido económico, social y territorial al espacio de los flujos, los atributos, capacidades e infraestructuras que coloca una ciudad al servicio de los objetivos de una red, así como la capacidad para desplegarse como una economía de aglomeración que posibilita el emplazamiento de organizaciones y empresas que brindan servicios, procesan datos y generan conocimiento pertinente para otras organizaciones (Sassen, 1994).

Análisis

En síntesis, las ciudades latinoamericanas al igual que otros centros urbanos alrededor del mundo participan de la “[...] transición desde una organización territorial en áreas [...] hacia otra configurada como un territorio de redes, a la vez discontinuo y estratificado, producto del entrecruzamiento en determinados lugares de un cúmulo de redes de variada naturaleza” (de Mattos, 2012, p. 83).

Determinar el saldo de esta transición para nuestras ciudades requiere el examen de diferentes variables, por ejemplo: las tensiones entre el espacio de los flujos y el espacio de lugares en términos de marcos institucionales para la gobernanza, o la interacción entre los canales y soportes de la comunicación; la red global de ciudades y la escala metropolitana como forma dominante tanto para las economías avanzadas como para aquellas emergentes o en desarrollo (Taylor, 2004), así como una serie de procesos que Martínez (2015) sintetiza a partir del modelo de ciudad fragmentada planteado por Bähr y Borsdorff (2009) y un estudio comparativo entre las ciudades latinoamericanas de Bogotá, Buenos Aires, Sao Paulo, Río de Janeiro, Lima, Santiago de Chile, México y Caracas.

Discusión

Entre las experiencias en materia de desarrollo urbano-territorial o modelo de ciudad en América Latina que son referidas con mayor frecuencia se encuentran diferentes proyectos en Colombia que han combinado diseño y procesos de intervención social; en el caso de Brasil destaca la intensa dinámica de ordenamiento territorial derivada del fenómeno metropolitano, así como la consolidación en las últimas dos décadas de un conjunto de ciudades medias o el planteamiento urbanístico visionario expresado en Brasilia; la apuesta de Montevideo y Buenos Aires por el impulso a la economía creativa; los múltiples esfuerzos en materia de rescate y regeneración de centros históricos—como los de La Habana (Cuba), Santo Domingo (República Dominicana), Morelia (México) o Lima (Perú)—; la política de vivienda y la reactivación del mercado inmobiliario en Santiago (Chile) o el repunte como hubs o nodos de conexión aeroportuaria y comercial de ciudades como Panamá y Lima (Sabatini, Robles y Vásquez, 2008).

Asimismo, dinámicas como la instauración de la planeación participativa para el diseño de programas, planes y proyectos, la formación de consensos previo a la ejecución de grandes obras o intervenciones en las ciudades (con las respectivas acciones de mitigación de externalidades) o fenómenos específicos como el de la gentrificación (Sabatini, Robles y Vásquez, 2008), han tenido como resultado la emergencia de nuevas formas de acción social que hoy están extendidas entre diferentes sectores socioeconómicos de nuestras ciudades, ya que la perspectiva del derecho a la ciudad al menos en un inicio enmarcaba a los sectores más afectados por la exclusión social y la marginación (Álvarez, 2004).

El derecho a la ciudad es [...] mucho más que un derecho de acceso individual o colectivo a los recursos que esta almacena o protege; es un derecho a cambiar y re-

inventar la ciudad de acuerdo con nuestros deseos [...] un derecho más colectivo que individual, ya que la reinvención de la ciudad depende inevitablemente del ejercicio de un poder colectivo sobre el proceso de urbanización. La libertad para hacer y rehaceremos a nosotros mismos y a nuestras ciudades es [...] uno de los más preciosos pero más descuidados de nuestros derechos humanos (Harvey, 2013, p. 20).

Conclusiones

Dentro del espacio público que se materializa a través de la forma urbana, se articulan y expresan una multiplicidad de debates que se formulan en la esfera social, y dicho espacio público es también una resultante del modelo de ciudad:

¿qué es la ciudad para los sujetos sociales?, ¿cómo se expresa el concepto o idea de ciudad a nivel de la gestión y el diseño de políticas públicas?, ¿qué es la ciudad contemporánea?, ¿qué parámetros o elementos definen a la ciudad contemporánea?, ¿qué fenómeno de comunicación expresa o resume la dinámica deliberativa en torno al modelo de ciudad?

A modo de conclusión, a continuación se enumeran algunas posibilidades para abrir una reflexión en torno a la agenda de investigación que aborde los diálogos y las tensiones existentes en la discusión sobre el ‘modelo de ciudad’, discusión que se expresa principalmente como un proceso de comunicación e información:

- a) En el amplio proceso de deliberación dentro de la esfera política y social, que ya se ha descrito brevemente, un ejemplo es el tránsito del derecho a la ciudad a la revolución urbana que advierte Harvey (2013), el modelo de ciudad se coloca en juego como parte de la alternancia política en los gobiernos locales, la acción política de actores como los habitantes, vecinos, sectores económicos, barrios o grupos con una base socio-territorial en escenarios de interlocución, presión o visibilización que nos sitúa frente a una articulación diferente a la ejercida en los años setenta u ochenta, que apoyados en la tecnología y a través del espacio de flujos—ocupas y otros movimientos como los enumerados a partir del 2008—objetivan en la deliberación el concepto de modelo de ciudad.
- b) Desde luego, en las funciones primarias (de uso) y las funciones secundarias (simbólicas) que de acuerdo con Umberto Eco (1994) coexisten en los objetos arquitectónicos, lo cual exigiría desde luego conceder que la ciudad es también—pero baste aclarar, no únicamente—un objeto arquitectónico en gran escala y de la mayor complejidad.
- c) A través de la dimensión del imaginario cuyo estudio ha venido ganando interés entre investigadores con objetos de estudio que se ubican en el borde de la antropología, la psicología, el psicoanálisis, la sociología, la lingüística y las narrativas presentes en la literatura, el teatro, el cine o la televisión (junto con otros medios de comunicación), que se pueden extender hasta la pintura, la escultura y la música, como parte de las representaciones de diferentes actores sociales sobre la ciudad, expresando una dimensión de la construcción y la experiencia de lo urbano (Hiernaux, 2007; Silva, 2008).
- d) Mediante la exploración de geosímbolos (Giménez, 1999) como elementos físicos-espaciales y geográficos con un carácter referencial estrechamente vinculado con la identidad de las ciudades: ríos, valles, cordilleras, desierto, mar, selva, campiña, etcétera, confieren un marco de apoyo en el que se asienta o legitima un modelo o idea de ciudad.
- e) A través de la dinámica de incorporación de las ciudades como nodos articulados con redes globales, que interactúan en procesos económicos, comerciales y financieros.



ros—mediante flujos—(Castells, 1999; Sassen, 1994) y que en función de lo anterior, requieren ser catalogados, comparados y diferenciados a partir de atributos o características, que se traducen en variables que sirven para establecer una medición de su competitividad (de Mattos, 2012; Sobrino, 2010).

Bibliografía

- Álvarez, L. (2004). *La sociedad civil en la Ciudad de México: actores sociales, oportunidades políticas y esfera pública*. Ciudad de México: UNAM - Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades - Plaza y Valdés.
- Arrese, Á. (2002). *Prensa económica. De la Lloyd's list al wsj.com* (Primera ed.). Navarra, España: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA).
- Bähr, J., & Borsdorf, A. (2009). La ciudad latinoamericana: la construcción de un modelo. Vincencia y perspectivas. En P. Vega (Ed.), *Lima, diversidad y fragmentación de una metrópoli emergente* (págs. 27-46). Quito: Olacchi.
- Beaverstock, J., Smith, R., & Taylor, P. (Diciembre de 1999). A roster of world cities. *Cities. The International Journal of Urban Policy and Planning*, 16(6), 445-458.
- Borja, J. (2003). *La ciudad conquistada* (Primera ed.). Madrid, España: Alianza.
- Cabrero, E., & Orihuela, I. (2013). Índice de competitividad de las ciudades de México versión 2011. En E. Cabrero (Ed.), *Retos de la competitividad urbana* (Primera ed., págs. 37-86). Ciudad de México, México: Centro de Investigación y Docencia Económicas.
- Castells, M. (1999). El espacio de los flujos. En M. Castells, *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*. (Primera ed., Vol. 1. La sociedad red, págs. 453-506). Madrid, España: Alianza Editorial.
- Castells, M. (2009). Prólogo e Informacionalismo, redes y sociedad red: una propuesta teórica. En M. Castells (Ed.), *La sociedad red: una visión global* (F. Muñoz, Trad., págs. 21-75). Madrid, España: Alianza Editorial.
- de Mattos, C. (2012). Restructuración económica y metamorfosis urbana en América Latina: de la ciudad a la región urbana. *Questiones Urbano Regionales*, 1(1), 77-100.
- Eco, U. (1994). *La estructura ausente: introducción a la semiótica*. Barcelona: Lumen.
- Giménez, G. (2000). Territorio, cultura e identidades. La región sociocultural. En *La globalización y regiones en México* (págs. 19-52). Ciudad de México: UNAM-Miguel Ángel Porrúa.
- Harvey, D. (2013). *Ciudades rebeldes. Del derecho de la ciudad a la revolución urbana*. (J. Madarriaga, Trad.) Madrid, España: Ediciones Akal.
- Hiernaux, D. (2007). Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos. *Eure(99)*, 17-30.
- Lezama, J. L. (1998). *Teoría social. Espacio y ciudad* (Primera ed.). Ciudad de México, México: El Colegio de México.
- Martínez, P. M. (2015). La producción del espacio en la ciudad latinoamericana. El modelo del impacto del capitalismo global en la metropolización. *Hallazgos*(23), 211-229. Recuperado el 15 de febrero de 2016, de <http://www.scielo.org.co/pdf/hall/v12n23/v12n23a11.pdf>
- McCann, E. (Septiembre de 2004). ‘Best Places’: Interurban Competition, Quality of Life and Popular Media Discourse. *Urban Studies*, 41(10), 1909-1929.
- Parsons, W. (1990). *The power of the financial press* (Primera ed.). New Jersey, USA: Rutgers University Press.
- Sabatini, F., Robles, M., & Vásquez, H. (diciembre de 2009). Gentrificación sin expulsión, o la ciudad latinoamericana en una encrucijada histórica. *Revista_180*(24), 18-25. Recuperado el 15 de febrero de 2016, de http://www.revista180.udp.cl/ediciones/24/gentrificacion_24.htm
- Sassen, S. (1994). *Cities in a World Economy* (Primera ed.). USA: Pine Forge Press.

- Scolari, C. (2008). *Hipermediaciones. Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva* (Primera ed.). Barcelona, España: Gedisa.
- Scolari, C. (Ed.). (2015). *Ecología de los medios. Entornos, evoluciones e interpretaciones* (Primera ed.). Barcelona, España: Gedisa.
- Silva, A. (Ed.). (2008). *Los imaginarios nos habitan*. Quito: Olacchi.
- Sobrino, J. (Ed.). (2010). *Competitividad urbana. Una perspectiva global y para México* (Primera ed.). Ciudad de México, México: El Colegio de México A.C.
- Taylor, P. J. (2004). *World City Network. A global urban analysis*. Londres, UK: Routledge.

Nas escadas da favcla: sentidos e silêncios na construção do espaço político da cidade

Universidade Federal Fluminense

Tatiana Lima
tatiana_lima@id.uff.br

Resumen

A partir de la etnografía tres escaleras en el conjunto del favelas el Complexo do Alemão, el documento analiza cómo la construcción del espacio se puede formar y resignificar como campo de resistencia política a través de estrategias de pervivencia de la población local, con la mediación de conflictos en las acciones “ausencias” y “presencia” del Estado. Buscamos con la observación participante mostrar el poder de las favelas en cambios de dirección, revelando silencios operados en la construcción de la representación social de los barrios pobres en Rio de Janeiro por parte del estado, dando un nuevo significado a la posición social de la favelas en el campo político de la ciudad, con acciones y reexistencia, impugnar el significado del espacio pacificado.

Palabras Clave:

Etnografía; Resistencia, Favela; Ciudad; Memória

Abstract

Starting from an ethnographic study of three stairways at the Complexo do Alemão favelas, we analyse in this paper how space in favelas can be built from strategies of survival of the local population - mediating conflicts in the face of the State's actions (“absence” and/or “presence”) and therefore fomenting an intervention of re(ex)sistance of the urban space in the favela as a social and political space in the city. Using participant observation we aim to demonstrate the power of the locals' creativity in the face of the lack of public policies on the government side and how these actions change meanings and unveil mutenesses operated by urbanistic interventions by the State, in the space pacified Complexo do Alemão.

Keywords:

Ethnography; Resistance; Favela; City; Memory

Resumo

A partir da etnografia de três escadas no conjunto de favelas do Complexo do Alemão, o trabalho analisa como a construção do espaço pode ser formado e ressignificado como campo de resistência política através de estratégias de sobrevivência da população local, mediando conflitos diante das ações “Ausências e “presenças” do Estado. Buscamos através da observação-participante mostrar a potência da favela, deslocando sentidos e desvelando silêncios operados na



construção da representação social das favelas pelo Estado, ressignificando o lugar social da favela no campo político da cidade do Rio de Janeiro, com ações de reexistência que disputam o sentido do espaço pacificado do Complexo do Alemão.

Palavras Chave:

Etnografia; Resistência, Favela; Cidade; Memória

Introdução

Chegar à Matinha, uma das 13 favelas que compõe o Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro, não é tarefa simples. Localizada em uma das partes mais altas da comunidade, o acesso não é possível por transporte público. Os ônibus chegam somente até a esquina da rua principal que entrecorta a comunidade. A partir dali, preciso seguir o percurso a pé ou na garupa de um moto. A falta de acesso à rede de transporte público, a mobilidade urbana, é só um dos obstáculos na rotina dos mais de cem mil moradores do Complexo do Alemão.

Eles convivem com serviços públicos precários de saúde, saneamento básico, educação e cultura. O conjunto de favelas tem o pior Índice de Desenvolvimento Urbano (IDH) entre os 126 bairros da cidade do Rio de Janeiro, com uma taxa de 0,711. A população é estimada em 100 mil moradores e os moradores com violências simbólicas e físicas, com violações de direitos humanos, incluindo o direito à vida devido à falta de segurança.

Desde 2008, a “retomada de território”, ou seja, a pacificação de favelas é uma das principais ações do governo do Rio de Janeiro para combater a violência, mediante a ocupação policial com as Unidades de Polícia Pacificadoras. O programa de segurança pública surgiu sob argumento de promover a preservação de vidas com a mudança da linha de atuação da política de segurança pública. Teoricamente, o enfrentamento armado ao tráfico de drogas foi substituído pelo controle militar do território.

O Estado justifica a ocupação policial com a prerrogativa da entrada de políticas públicas sociais para atender a população e, integrar as favelas ao espaço formal da cidade. No Complexo do Alemão, a pacificação ocorreu no final de 2010, com a presença de mais de 2.600 soldados da polícia e do Exército que formavam a Força Pacificadora. Um contingente de mais de mil agentes policiais estão lotados nas bases das quatro UPPs instaladas na região, mas a rotina da violência arma segue com mortes e feridos em tiroteios entre a polícia e traficantes.

O Complexo do Alemão também foi palco de intervenções urbanísticas do Estado com um investimento de mais de 716 milhões reais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), sendo 210 milhões usados para a construção de um sistema de teleférico para melhorar a mobilidade urbana no conjunto de favelas e integrar os morros ao sistema público de transporte. Porém, o projeto executado não seguiu o plano original que previa a construção da circulação de linhas de kombis para integrar as estações às ruas principais dos bairros. A conexão com o metrô também não saiu do papel. A integração do teleférico foi realizada apenas à estação férrea.

Sobretudo, um passeio pelo teleférico do Complexo do Alemão, pode revelar com o desvio do olhar para baixo, o quanto falta garantir os direitos dos moradores em termos de acesso a cidadania e políticas sociais. Enquanto as soluções, não chegam, são os moradores que precisam buscar alternativas para solucionar as “ausências” e “presenças” do Estado.

O espaço à margem como lugar político

Na primeira vez que fui à Matinha, no Complexo do Alemão, precisei usar três meios de transporte: ônibus regular, moto e a “minhas pernas” – a favela é uma das mais altas da

comunidade, mas não tem uma estação do teleférico. O objetivo, à época, era chegar à casa de Glória para fazer uma entrevista sobre o cotidiano dos moradores com a pacificação de favelas. A rotina dos moradores era marcada fortemente pela gestão policial do espaço.

Em diferentes pontos das vielas e becos, homem vestindo uniforme verde e boina vermelha, segurando fuzis que passavam da altura da cintura, era vistos compondo o cenário. Eram garotos. Na maioria, negros. A imagem não era nova. As armas seguiam como um ator do cotidiano dos moradores do Complexo do Alemão, mas agora quem regia as regras e assegurava era o Comando Verde¹ – substituído o Comando Vermelho, grupo de traficantes que operava parte do comércio ilegal de drogas na cidade de dentro conjunto de favelas. Desde 2012, são policiais² das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) – coordenada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) que controlam o território do conjunto de favelas.

Até hoje a forma mais utilizada pelos moradores para se locomoverem dentro do espaço das favelas do Complexo do Alemão é o serviço de mototáxi³. É esse meio de transporte que possibilita a circular em becos e vielas sem maiores problemas, diferentemente das kombis. O recurso do uso da moto como forma de mobilidade urbana é um dos exemplos da potência criativa da favela, resolvendo os conflitos pertinentes as “ausências” de Estado, que põe a população favelada à margem do Estado (Das e Poole, 2008).

A compreensão de Estado, de acordo com Das e Poole, precisa ser enxergada como um dispositivo encravado que fabrica suas próprias margens na vida cotidiana das populações periféricas. A estratégia analítica das antropólogas se distancia, portanto, da consolidada imagem de que o Estado deve ser visto apenas como “organização política social, administrativamente racionalizada, que tende a enfraquecer ou desarticula-se sobre suas margens territoriais e sociais” (2008, p.19). Sendo assim, é essencial para a compreensão da dinâmica do espaço perceber que, as “ausências” do Estado têm “caráter performativo sob forma de práticas, linguagens e lugares” (idem), pois geram o argumento de que o Estado não tem como resolver – ou diz não poder – as demandas da população pobre em relação às políticas públicas.

A partir dessa perspectivas a favela como espaço não se constitui quanto existência à margem do Estado, mas com a “presença” do Estado, visto que sua “ausência” é uma figura “fantasmagórica”. É a partir dessa relação Estado/favela como uma co-produção à margem do Estado que tratamos aqui ao abordar o Complexo do Alemão como um lugar social da política da cidade do Rio de Janeiro, visto que “o poder exercido pelo Estado não é exercido somente no território, mas também é exercido sobre os corpos” (DAS e POOLE, 2013, p. 25).

As escadas das favelas: três tempos de um lugar

A favela da Matinha é uma das mais altas da comunidade do Complexo do alemão, mas não tem uma estação do teleférico. A primeira vez que fui lá foi para encontrar Glória para entrevistá-la sobre o cotidiano militarizado da favela sob a ocupação policial das UPPs. Ela me deu as orientações para chegar até a cada dela. Precisava pegar um mototáxi para ficar na parte alta do morro da Matinha, uma forma de me poupar de subir uma longa e íngreme escada que liga a parte baixa do morro até um dos pontos mais altos. Não havia número, nome de rua, da escada ou até do beco.

¹ O coronel do Exército Fernando Montenegro, afirmou em entrevista ao jornal O Dia, publicada em 30/5/2015, que o Exército passou a ser chamado de Comando Verde após a ocupação do Complexo do Alemão “em alusão ao Comando Vermelho”. Comando Verde também é o título da obra que o coronel pretende lançar sobre o evento Disponível em <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-05-30/mare-devia-estar-sob-estado-de-sitio-diz-coronel-que-ajudou-a-ocupar-alemao.html>>. Acessado em 30/4/2015.

² Parte dos moradores chama os policiais das UPP de Comando Azul em alusão ao Comando Vermelho.

³ É comum os mototaxistas sofrerem revistas por policiais que não reconhecem o ofício como um meio formal de trabalho. Em caso de operações, os mototaxistas sempre permeiam o imaginário coletivo de suspeição policial.



O motorista da moto tentou duas vezes, mas não conseguiu me deixar no ponto de encontro marcado. A principal rua, uma ladeira, que dava acesso ao morro, estava interditada por obras do PAC. Com o desvio do percurso, o motorista me deixou na escada na parte baixa da favela. Explicou que era só subir. Eu estava perto da casa de Glória. Bastava vencer os mais de 180 degraus. Na realidade, a escada formava um beco cheio de casas.

Glória não é cria do Complexo do Alemão. Chegou à comunidade em 1º de maio de 1994. Foi a partir da dificuldade de acesso à favela da Matinha que começou a contar a história da família na comunidade. “A nossa mudança ficou lá embaixo porque o caminho até aqui era muito ruim. Começamos a mudança subindo e descendo peso. Na escada, cruzamos com o Orlando Jogador⁴. Ele nos cumprimentou e disse: Sejam bem-vindos novos moradores ao Complexo do Alemão”. A história daquela longa escada que até ali era feita de terra batida, tomou conta da narrativa de Glória como um personagem protagonista da reprodução social de décadas da favela.

A gente tinha que melhorar esse caminho até a Matinha porque não tinha condições. Me juntei com a vizinha e ela falou: “vamos catar o dinheiro dos moradores e aí a gente compra material para fazermos uma escada de cimento” Não era a melhor solução dos mundos, mas era o que tinha, o que dava pra ser feito. E carregar material foi minha sina de vida, porque a gente carregava o nosso, para a comunidade e depois ajudava os vizinhos carregando o deles (DIÁRIO DE CAMPO, 20/11/2014).

De muitas escadas e becos são feitas as favelas. Thales Vieira (2014), antropólogo, filho de uma ex-moradora da favela de Nova Brasília, conta em uma etnografia como uma escada guarda a memória dos moradores em cada um de seus degraus, construindo a dimensão do lugar dentro da favela. A Escada do Capão liga a parte baixa da favela de Nova Brasília até a parte alta da Alvorada, é formada por degraus desnivelados sem nenhuma espécie de descanso. Quando fez pesquisa de campo no Complexo do Alemão, o antropólogo, certa vez, reclamou sobre a escada. Ouviu de sua mãe, em tom de protesto, uma frase que nunca mais saiu de sua cabeça: “se você soubesse o esforço que foi para construir aquela escada não reclamaría de ter que subi-la, mas agradeceria por ela existir” (VIEIRA, 2014, p. 17). A Escada do Capão foi construída por outro mutirão e iniciativa de moradores.

Os papéis, na experiência do mutirão, segundo Vieira (2014), eram bem definidos. Os homens eram os responsáveis pela parte física, botar a mão na massa para executar a obra. As mulheres eram as que organizavam a alimentação e recolheriam o dinheiro para comprar tanto os ingredientes do preparo das refeições como os materiais para a construção. Também tinham a função de mobilizar as pessoas para o trabalho do mutirão. O sentimento de solidariedade gerado pela ausência de serviços públicos, tornou-se uma contrapartida, de certa forma, organizada pelos moradores para melhorias das condições de vida, mas também esconde e denunciava ao mesmo tempo um pouco da relação do Estado e a favela ao longo da história. Para Vieira, marca tensão, opressão e descaso, a opção do Estado em se manter distante da favela.

A experiência da reprodução social do mutirão, de acordo com Vieira, também passar por rituais festivos e uma operação logística que povoam as lembranças dos moradores, remetendo a um sentimento de pertencimento ao lugar. Isso porque uma escada na favela se

⁴ Foi uma das principais lideranças do Comando Vermelho. Ele assumiu o controle do comércio de drogas no Complexo do Alemão em 1990. Foi assassinado em 1994 em uma emboscada por um grupo rival. “Traficantes executam Jogador e mais 12” (*O Globo*, 15/6/1994). A morte de Orlando Jogador é o maior caso de traição da história do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Deu início a duas décadas de guerra entre facções rivais por vingança e controle das bocas de fumo. Os combates quase diários no Complexo do Alemão contribuíram para a representação da comunidade como lócus do mal da violência na cidade. A repercussão da violência no Complexo do Alemão na imprensa também contribuiu para uma intervenção federal armada contra as favelas da cidade, a chamada Operação Rio II.

transforma em um espaço de sociabilidade. Ao construir uma escada, nasce um beco. A juventude hoje no Complexo do Alemão usa muito essa expressão “Nóis é beco”⁵. Eles explicam que se as esquinas e praças das cidades funcionam como lugares de encontro da população, na favela, onde não há muitas ruas tampouco esquinas, são os becos, formado por escadas que servem como lugar de encontro.

Seja nos dias atuais, com o empoderamento dos moradores a partir do sentido de lugar, no qual o beco é o corpo social da expressão do pertencimento, ou ainda, no começo da construção da favela nas décadas de 50 a 70, época em que os pais do antropólogo Vieira, moravam na favela de Nova Brasília, no Complexo do Alemão. Foi na escada que eles se conheceram e casaram. “A escada que os separava era na verdade a escada que os unia: era onde paqueravam, encontravam-se e foi onde tudo começou” (VIEIRA, 2014, p. 17).

O mutirão é um exemplo histórico da “cultura de sobrevivência” da favela, categoria levantada por Adriana Facina, para explicar a experiência compartilhada por seus moradores. “Se refere à vida em escassez de direitos e em ameaça permanente (...). A cultura envolve modos de vida permeados de solidariedade e de estratégias para garantia de direitos e acessos aos benefícios, como luz elétrica, água encanada, internet e sinal de TV” (2014, p.6). Nesse contexto, para as ações dos moradores são geradas a partir de valores que elaboram simbolicamente práticas cotidianas “do chão do beco que se tornam matéria-prima da criatividade” (idem) para a solução de um problema que afeta a todos.

A antropóloga usa a categoria da “cultura da sobrevivência” e o sentimento de enraizamento para abordar o impacto dramático da remoção de casas na favela, enfatizando o quanto uma remoção representa o desenraizamento não só do lugar. Mas, de toda uma rede de laços, afetos e solidariedade que permeia a morada na favela e seu espaço na cidade, produzindo no cotidiano da divisão de um sofrimento “vivido no silêncio do coração e da memória, poucas vezes, divididos” (2014, p. 2).

Adriana Facina, no artigo intitulado “A ‘escada da memória’: arte e conflito no Complexo do Alemão” abordar e o impacto dramático da remoção de casas na favela, enfatizando o quanto uma remoção é o desenraizamento não só do lugar, mas de toda uma rede de laços, afetos e solidariedade que permeia a morada na favela, produzindo no cotidiano um sofrimento “vivido no silêncio do coração e da memória, poucas vezes, divididos” (2014, p. 2).

Recordo-me que, certa vez, estava na sede do Instituto Raízes em Movimento quando uma pessoa entrou. Estava acompanhada da mãe, chamada Maria, ex-moradora do Morro do Alemão. A família tinha deixado o local há mais de dez anos, mas quando Maria se deparou com o lugar onde ficava sua antiga casa, agora vazio, emocionou-se. A casa foi uma das moradias demolidas pelo PAC⁶ para passagem dos caminhões com materiais para a construção do teleférico. Maria foi até os escombros que, depois de três anos, ainda estavam na rua. Pegou um pedaço do que foi um dia sua casa para levar com ela.

“A estratégia de moradia na favela não é uma estratégia pura e simplesmente de habitação, mas sim uma estratégia muito mais ampla de sobrevivência, da qual a moradia é apenas um de seus aspectos” (Valla apud FACINA, 2014, p. 3). Aquela ação de Maria me fez recordar de Marta, uma moradora removida do Morro dos Mineiros pelas obras do PAC, em uma atividade no Complexo do Alemão. Obrigada a sair da casa que construiu com esforço pela intervenção urbanística do Estado, ela levou um pedaço da casa com ela. Emoldurou em um quadro aquele pedaço de concreto e colocou na parede da casa que recebeu dois depois do Estado.

Em novembro de 2013, quando cheguei ao Morro do Alemão, ao descer do teleférico, para participar de um evento político cultural organizado por moradores, fui surpreendida pela transformação do espaço na Avenida Central, principal rua daquela área. No lugar dos

⁵ A palavra “nóis” foi grafada com “i” porque é utilizada dessa forma pelos moradores de favelas.

⁶ Um dos marcos do PAC no Morro do Alemão também foi a destruição dos muros grafitados que formavam uma galeria a céu aberto, com obras tanto de artistas do Alemão como do mundo inteiro.



escombros de casas removidas pelo PAC, grafiteiros⁷ encheram os muros das casas que permaneceram de cores e arte ressignificando o lugar.

Considerações finais

A intervenção urbanística do PAC não deixou só escombro. Havia uma escada. Deixada intactada e cheia de memórias da “presença” do Estado. Era a lembrança de uma ferida, da “presença” autoritária. Mas, o que foi um dia “símbolo de afronta e ameaça” (FACINA, 2014, p.5), após intervenção artística de Mario Brands, se tornou ponto de encontro e lugar social. A escada se tornou um beco imaginário. Porém, um mês após a re-existência, o Estado demoliu a “Escada da Memória”, a mesma escada que estava ali há mais de dois anos sem a sua atenção.

Um dos moradores, ao saberem da destruição da escada, mais uma vez aguardou pela arte a memória política do Complexo do Alemão no espaço da cidade. Publicou um cordel na página de uma rede social, desvelando a compreensão da disputa de sentidos sobre o espaço.

Bem em frente ao Raízes/ sumiram com a escada/ mesmo com doze degraus/ ela não levava a nada/ sumiu para todo o sempre/ pois foi em pó transformada/ Lembraremos dela linda/ depois que foi repintada/mas até antes das tintas/ ficará sempre a lembrança/de uma obra inacabada/ pelos velhos moradores/quando era habitada/ como um claro sinal de conquista batalhada/ Decidiram o seu fim/ quando foi fotografada/ agora só resta luta/ ou não nos sobrará nada/ pra irritar os poderosos/ ergueremos outra escada. (Cordel de José Franklin, morador do Complexo do Alemão, publicado em rede social, fragmento de 13/12/2013).

A “Escada da Memória” transformada em arte serviu de instrumento de “re-referenciação” (FERRAZ, 2012) do território à “nova ordem” imposta, produzindo desordem ao sentido de violência e segurança engendrado pela “presença” à margem do Estado no lugar social da favela do Complexo do Alemão como um lugar político na cidade do Rio de Janeiro. Alguns fragmentos foram guardados por integrantes do Instituto Raízes em Movimento. Eles guardam assim como o chão de becos e degraus de escadas, a memória das estratégias sobrevivência sociais e políticas dos pobres são guardadas, abrem-se como “a memória que guarda o que vale a pena” (GALEANO, 1978): a potência de re-existência.

Bibliografia

- Das, Veena., Poole, Deborah. (2008). El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, núm. 8, junio de 2008, GERI-UAM.
- Facina, Adriana. (2014). “A Escada da Memória”: arte e conflito no Complexo do Alemão. *38º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais*.
- Galeano, Eduardo. (1978). *Dias e noites de amor e de guerra*. Porto Alegre: Paz e Terra.
- Ferraz, Sonia Maria Tadesi. (2012). *Ordem/Desordem. Violência e políticas de segurança pública na cidade. Ou: desordem/ordem na cidade, política de segurança e violência*. (pp. 167-174) In: Política governamental e ação social no espaço. Letra Capital: Rio de Janeiro.
- VIEIRA, Thales Monteiro (2014). *Nem junto, nem misturado: uma etnografia sobre paz e proximidade na UPP Nova Brasília no Complexo do Alemão*. Niterói.

⁷ Na Avenida Central no Morro do Alemão, antes da remoção das casas pelas obras do PAC, existia um grande mural artístico na localidade elaborado a partir de intervenção de grafiteiros do Complexo do Alemão e de outras regiões.

Las representaciones de la ciudad de Buenos Aires en el periodo de la Independencia. Un análisis de la iconografía de Emeric Essex Vidal (1817 – 1819)

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Ana Isabel Guérin
anaiguerin@gmail.com

Resumen

El objetivo del presente trabajo es analizar las representaciones de la ciudad de Buenos Aires en el momento inmediatamente posterior a la declaración de la independencia del 9 de julio de 1816. En esta época, llegó el marino inglés Emeric Essex Vidal (Brentford, R. U., 1791 - Brighton, R. U., 1861), y produjo una serie de acuarelas que integran el corpus de las representaciones iniciales con las que cuenta la ciudad independiente.

El análisis de estas representaciones urbanas se aborda a partir de la aplicación del método iconológico propuesto por Erwin Panovsky, que permite conocer en profundidad las dimensiones *civitas* y *urbs*. Se intenta indagar, en la primera dimensión, las costumbres de la época, las diferencias entre clases sociales, los usos y símbolos urbanos, y, en la segunda, los diseños de la ciudad y sus edificios, las formas y estructuras de la época.

Palabras clave

representación; iconografía; iconología; Buenos Aires, ciudad

Abstract

This article refers to the representations of Buenos Aires city in the immediately subsequent period of the Independence declaration on July 9, 1816. At this time, the English sailor Emeric Essex Vidal (Brentford , UK , 1791 - Brighton, UK, 1861) came to Buenos Aires and produced a series of watercolors that became the corpus of the initial representations of that independent city.

*The analysis undertakes by using the iconological method proposed by Erwin Panovsky in order to know the *civitas* and *urbs* dimensions. In the first dimension it investigates the customs, the differences in the social classes, uses and urban symbols. And in the second dimension: the designs of the city and its buildings, forms and structures.*

Keywords

representation , iconography, iconology , Buenos Aires, city



Introducción

El objetivo del presente trabajo es analizar las representaciones de la ciudad de Buenos Aires en el momento inmediatamente posterior a la declaración de la independencia del 9 de julio de 1816. En esta época, llegó el marino inglés Emeric Essex Vidal (Brentford, R. U., 1791 - Brighton, R. U., 1861), y produjo una serie de acuarelas que integran el corpus de las representaciones iniciales con las que cuenta la ciudad independiente.

Para abordar el análisis urbano, se toman tres planos: la *urbs* referida a la dimensión física, su arquitectura, su forma, su ordenamiento; la *civitas* que refiere la sociedad, su organización, su cultura, sus costumbres y valores, y la *polis* que remite a su organización y su administración, la decisiones políticas que influyen en su funcionamiento diario (Cf: Copel, 2003). Si bien hay límites sutiles entre ellas, estas tres dimensiones están íntimamente relacionadas y, según el enfoque, una de ellas predomina por sobre las otras.

El análisis de las acuarelas se aborda a partir de la aplicación del método iconológico propuesto por Erwin Panovsky, que permite conocer en profundidad las dimensiones *civitas* y *urbs* mencionadas. Se intenta indagar, en la primera dimensión, las costumbres de la época, las diferencias entre clases sociales, los usos y símbolos urbanos, y, en la segunda, los diseños de la ciudad y sus edificios, las formas y estructuras de la época.

La dimensión política está presente en todo el análisis ya que el período seleccionado es clave para la historia Argentina: luego de seis años y medio de la revolución de mayo, el país logró su independencia. Lo que se busca comprobar es que, aunque la ciudad física no cambió significativamente, la ciudad simbólica se vio fuertemente alterada por las resignificaciones de los espacios existentes.

Metodología de investigación: Análisis iconológico

Para analizar la iconografía se toma como referencia la escuela de Warburg, que contó con varios impulsores, entre los que se encontraba el inglés Erwin Panofsky, quién consideraba la iconografía como una historia del arte que debe ser abordada desde una perspectiva intelectual y no meramente desde el sentido común.

Según su concepción, cada obra de arte debe ser analizada como una expresión cultural, dentro de su contexto específico. La obra deja de ser un conjunto de formas para transformarse en una elaboración intelectual que da cuenta de una determinada época.

Panofsky propone tres niveles de análisis: 1) Descripción pre iconográfica. Descripción de la obra; conocimiento de su significación primaria o natural. 2) Análisis iconográfico. Desglose de los elementos de la obra. 3) Interpretación iconológica. Reconocimiento de situaciones políticas, sociales y económicas de la época.

El primer nivel de análisis corresponde a una descripción primaria o natural de lo que se contempla, a simple vista, de una obra de arte. Se observan formas puras - construcciones conformadas por colores, líneas y volúmenes – que son “representaciones de formas naturales, seres humanos, plantas, animales, casa útiles, etc” (Panofsky: 47). Luego deben identificarse también los acontecimientos.

Cuando las formas puras son reconocidas como portadoras de significaciones primarias o naturales, pueden ser denominadas *motivos artísticos* (Cf, Panofsky, 48). Esta es la instancia de reconocimiento e identificación de lo que se observa.

El segundo nivel – nivel secundario o convencional - corresponde a la interpretación de estos objetos, es decir, hay que dilucidar los contenidos temáticos de los objetos y figuras de la obra. Deben ponerse en relación los motivos artísticos y las combinaciones de motivos artísticos (composiciones) con los temas o conceptos. Así, los motivos se transforman en portadores de un significado secundario o convencional y pueden ser llamados imágenes; la combinación de imágenes se denomina historias y alegorías. La iconografía justamente es la identificación de *imágenes, historias y alegorías* (cf: 48).

El tercer nivel de análisis, el iconológico, refiere la significación intrínseca de la obra o contenido. Aquí es dónde se debe investigar los principios subyacentes que ponen de relieve la mentalidad básica de una nación, de una época, de una clase social, de una creencia religiosa o filosófica, matizada por una personalidad y condensada en una obra” (Panofsky, 49).

El objetivo es alcanzar las ideas o conceptos que se encuentran por detrás de los temas figurados, teniendo en cuenta el contexto cultural de realización y de la época. En tanto que el análisis iconográfico es descriptivo, el análisis iconológico es de carácter interpretativo.

La ciudad independiente: Análisis de la iconografía de Emeric Essex Vidal

Emeric Essex Vidal, oriundo de Inglaterra, nació en 1791, formó parte de la Marina Real Británica y estuvo a bordo de la flota inglesa entre 1816 y 1818 en el Atlántico Sur.

Vidal provenía de un hogar de marinos, su padre y sus hermanos se habían dedicado a eso, de manera tal que él siguió sus pasos. Entre el 7 de mayo de 1816 y el 28 de septiembre de 1818 ejerció el cargo de contador en el buque S.M.B. “Hyacinth” que se hallaba en el Brasil. En agosto de 1816 el ejército portugués invadió Uruguay con la intención de anexionarlo al territorio de Brasil. Para proteger el comercio británico, parte de la escuadra inglesa asentada en Brasil fue enviada al Río de la Plata, uno de ellos fue el buque en el que se hallaba Vidal. De esta forma es que llegó Vidal a la Argentina.

“Cuando Vidal llegó a Buenos Aires se encontró con que [...] todo era monótono, sin color y la llanura inmensa se perdía en el horizonte. [...] el interés pictórico que a él se le pudiera ofrecer residía en el habitante de la ciudad y de la campiña [...] Esta es la razón por la cual el paisajista que había en Vidal transformóse en pintor de figura y en animalista” (Gonzalez Garaño, 1933: 12). Vidal emprendió la tarea singular de realizar un registro visual de la ciudad con la arquitectura de la época, vivencias y costumbres. “Se concentra en dar una lectura completa y proporcionada de los monumentos y las distintas partes de la ciudad tratando de respetar cuidadosamente los diferentes niveles y perfiles, o sea aquellos elementos que sean inmediatamente reconocibles ya que constituyen los puntos de referencia básicos para la navegación” (Aliata, 1997:13).

Uno de los editores más populares de Londres, Rudolf Ackermann, accedió a las acuarelas y se entusiasmó tanto que le pidió a Vidal que ordenara toda la información para generar una edición de lujo sobre la temática. Se decidió el armado de un libro ilustrado con 22 acuarelas de Buenos Aires y 3 de Montevideo, que fue publicado en 1820 bajo el nombre *Picturesque Illustrations of Buenos Ayres and Montevideo*.

Se han seleccionado seis acuarelas de dicho libro las que, para su análisis, fueron agrupadas en tres grandes temáticas: 1) Aquellas vinculadas al desembarco y actividades en el Río de la Plata, 2) la plaza y el mercado y 3) los actores sociales en el quehacer cotidiano.

El Río de la Plata como protagonista

La obra “Desembarco en Buenos Aires”, de 1817, está organizada en tres planos ordenados de manera horizontal: un plano superior que corresponde a un cielo con escasas nubes, uno medio que corresponde al ingreso a la ciudad y un plano inferior que refiere al río donde está instalado el punto de vista del pintor, es decir la imagen es realizada desde el río.

Se observa un bergantín con una bandera inglesa en el mástil de popa. Arriban a la ciudad tres personas vestidas de oscuro, hay cuatro que pertenecen a la tripulación del bergantín, dos de los cuales manejan remos, uno la pértiga y un cuarto que atiende las velas del mástil de proa del bergantín. Por delante del velero hay una carreta tirada por dos burros que transporta dos personas, un militar y una persona de civil. Los burros son conducidos por una tercera persona. Por delante, más cerca de la tierra, van otras dos carrozas. De fondo, se visualiza: gente subiendo la barranca del fuerte, cúpulas de las iglesias y en el lugar más alto la bandera argentina flameando en el fuerte.



Imagen 1. "Desembarco en Buenos Aires"

Fuente: Emeric Essex Vidal (1817)

La iconología de esta obra refiere el comercio con Inglaterra ya que ésta ingresa libremente al puerto de Buenos Aires cuyo nuevo gobierno está simbolizado en la bandera argentina. Los cueros fueron claves en la primera revolución industrial y el gran comprador de Argentina fue Inglaterra. Antes de la Revolución de Mayo, el comercio con Inglaterra se realizaba fundamentalmente a través de un circuito de contrabando ya que Buenos Aires tenía prohibido el intercambio comercial con aquel país.

Esta ciudad de Buenos Aires independiente está representada por la bandera que señala el cambio político.

En la acuarela "Antiguo fuerte de Buenos Aires", de 1816, se presentan también tres planos: el cielo que ocupa más de la mitad de la pintura; el sector del fuerte en el que a lo lejos se observan las cúpulas de las iglesias y la silueta urbana y, por último, una tercera instancia que corresponde a las actividades que los ciudadanos desarrollan a la vera de la orilla del Río de la Plata.

Sobre la orilla se observan varias lavanderas de ropa, la mayoría de las cuales son de color, están vestidas de blanco y en actividad.



Imagen 2. "Antiguo fuerte de Buenos Aires"

Fuente: Emeric Essex Vidal (1816)

Cerca del muelle, hay una persona de color, la que más cerca se encuentra de la perspectiva del pintor, que se está bañando. Por detrás de él, en un segundo plano, camina una mujer, de color, que lleva un canasto en la cabeza.

En un primer plano, hacia la derecha del cuadro, se ve una parte del fuerte en el que se aprecia la piedra, material de construcción utilizado en aquella época.

Más alejados de la orilla, se encuentran algunos ciudadanos metidos en el agua, se ven a dos personas paseando por la orilla, una con paraguas, cubriendose del sol y otra no. Dos caballos con sus jinetes también recorren el río, son los pescadores de red.

Conviven en la escena, la arquitectura del fuerte, resignificado por la bandera argentina, los símbolos religiosos – las cúpulas de las Iglesias Santo Domingo y San Francisco - , y las actividades realizadas en el río. El río se presenta como un elemento aglutinador e imprescindible para la vida urbana.

El plano iconológico lo que demuestra es cómo los esclavos realizaban las actividades domésticas. A diferencia de otras regiones, los esclavos estaban completamente integrados a la vida urbana, se incorporaban a las familias de la oligarquía urbana en diversas funciones como limpiar, cocinar, lavar.

La plaza como elemento central de la Ciudad

En la iconografía “Plaza del mercado”, de 1818, se registran diferentes planos: el plano más profundo corresponde al cielo que ocupa un lugar preponderante a la izquierda del cuadro; el plano de la ciudad forma un triángulo – complementario del triángulo del cielo – ocupando casi todo el sector derecho de la acuarela.

En el plano que corresponde a la ciudad, hay dos momentos marcados por una línea que divide el suelo de piedra en el lado izquierdo y del de tierra del lado derecho.

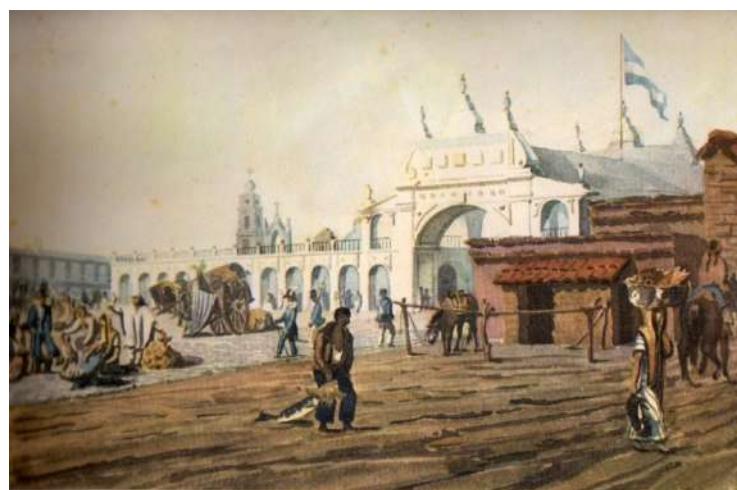


Imagen 3. “Plaza del mercado”
Fuente: Emeric Essex Vidal (1818)

El plano de la izquierda de la ciudad está “iluminado”; partes de las estructuras arquitectónicas y del piso resultan más claras que el mismo cielo. En el plano superior de la urbe, se observa a la izquierda una iglesia, en el medio una estructura con arcos, la recova vieja, y uno central – casi un arco triunfal - y a la derecha una bandera, el punto más alto de toda la composición. Hay vendedores - con ponchos siempre blancos o de colores claros -, una carreta, animales descansando y se destacan tres guardias que custodian el lugar; caminan justamente por sobre la línea que divide esta ciudad de aquella más precaria.



En el segundo momento – hacia la derecha del cuadro- hay construcciones de paredes de barro, tejas de origen colonial, un palenque que está medio caído y una estructura precaria que se contrapone a las estructuras anteriormente mencionadas. Se observan vestimentas precarias en algunos vendedores, dos caballos, uno está en movimiento con una persona y el otro resta descansando en la estructura “rancho”, la carreta del vendedor se encuentra a unos metros a la izquierda.

En el centro de la escena, que corresponde a la ciudad más arcaica, hay una persona de color que lleva arrastrando un pescado, se entiende que viene del mercado. Más a la derecha se ve a una mujer que se está retirando también, ella con una canasta en su cabeza, al parecer lleva gallinas. “En general ese trabajo [ir al mercado] se deja para un sirviente, o más bien para un esclavo de confianza” (Vidal, 1944: 12).

La cuestión iconológica aquí radica en las dos ciudades que se generaron luego de la Revolución de Mayo: la entrada hacia la ciudad nueva, jerarquizada por sus colores claros, con una entrada muy luminosa, mientras que a la derecha hay un remanente de lo que es la ciudad vieja, en el que predomina el color oscuro. La ciudad nueva tiene dos valores vinculados al cielo: el espiritual representado por la iglesia y el político por la bandera argentina.

En el cuadro “La plaza de Buenos Aires desde el arco de la Recova”, de 1818, se pueden ver dos planos determinados por los colores: un sector de colores claros y otro de tonos más oscuros. Los colores oscuros se encuentran básicamente en las paredes de la arcada ocupando el contorno del cuadro.

Quedan contenidos en la arcada un burro y dos caballos, uno con una persona mestiza que lo monta y que lleva al costado una serie de animales colgando para vender y otro caballo del que por detrás se asoma otro señor mestizo que lo está por montar. Estos, según la descripción del propio Vidal, son quinteros “llevan sus animales vivos, atados de las patas y suspendidos del lomo de su caballo, con tal despreocupación como si se tratara de carne muerta” (1944: 14). Más próximo al punto de vista del pintor hay un burro que está montado por una persona de color que lleva al costado una canasta con productos para vender. Según Vidal, este último “es un repartidor de panadería, un esclavo negro. [...] la esclavitud en Buenos Aires es una perfecta libertad comparada con la de los otros países” (1944: 14).



Imagen 4. “La plaza de Buenos Aires desde el arco de la Recova”

Fuente: Emeric Essex Vidal (1818)

En la parte de atrás de la acuarela se visualizan: la pirámide de mayo, el cabildo, algunas casas particulares de dos pisos, y hacia la derecha la Catedral. La pirámide, ubicada en el centro de la plaza, está custodiada por un hombre a caballo.

Se ven claramente dos niveles en la ciudad: una ciudad más antigua representada por los colores oscuros cuyo límite divisor es la Recova; su arcada marca un cambio que también está dado por el piso. Una vez que se traspasa la arcada, se ingresa a la ciudad nueva, “iluminada”, representada por colores claros.

En cuanto al plano iconológico, se visualiza cómo la pirámide se ha incorporado al eje urbano y, su presencia, resignifica la del Cabildo, convertido en gobierno municipal. En cuanto a la *civitas* vuelve a aparecer el rol importante para el desarrollo urbano que llevaban adelante los esclavos, aquí comerciantes.

Actores sociales en la ciudad

La acuarela, “Señoras en traje de paseo” de 1817, está ocupada casi en su totalidad por estructuras arquitectónicas.

Hacia la derecha, se observa una fachada blanca con tres ventanas, simétricas entre sí, de formas arqueadas. Por delante, las rejas recubren las aberturas. Arriba, resaltan tres pináculos que actúan de ornamentos. El centro de la acuarela está ocupado por una pared de ladrillo y por delante de ella se encuentra un local, justo en la esquina, sin ochava, con un esquinero que contiene posiblemente algún anuncio del gobierno. El local vende géneros en el que se encuentra el vendedor, detrás de él hay diversos estantes con mercadería.



Imagen 5. “Señoras en traje de paseo”

Fuente: Emeric Essex Vidal (1817)

Vuelve a aparecer aquí la diferencia entre la calle, de barro de la vereda, de piedras. En la parte central de la acuarela caminan sobre la vereda – llegando a la esquina - cuatro mujeres: una señora, dos jóvenes y una criada mulata. Las dos jóvenes charlan entre sí, la más grande es la que más cerca está de la calle y la del medio camina entre ellas con un aspecto tímido. Las cuatro tienen la cabeza tapada con pañuelos y tres de ellas, salvo la criada, tienen en una de sus manos un abanico y guantes.

En el plano iconológico, se ve a la oligarquía urbana haciendo sus compras con una “criada” que los acompaña. El pintor aquí también da cuenta del vínculo que la Buenos Aires de la independencia tenía con Inglaterra, el comercio de telas venía de allí.

En el cuadro “Mendigo a Caballo”, de 1819, predominan dos instancias: la primera corresponde a la parte de atrás de una iglesia que ocupa casi la totalidad de la acuarela. El color es marrón, se observa una puerta en forma de arcada en la esquina con una pequeña ventana superior, y por la calle lateral una puerta más chica. Detrás de la estructura sobresale la cúpula gris.

Apoyados en la esquina de la iglesia, se encuentra una mendiga vestida de blanco y con un pañuelo negro sobre la cabeza. Al costado izquierdo de ella, parado y apoyado sobre la pared, hay otro mendigo vestido de gris, que en la mano izquierda porta un palo – posiblemente un ciego- y en la derecha un gorro negro. Por delante de ellos, se encuentra pasando un sacerdote, con el capelo y la sotana.



Imagen 6. "Mendigo a caballo"

Fuente: Eméric Essex Vidal (1819)

El centro de la escena lo ocupa un mendigo que está trasladándose a caballo. El caballo es blanco y luce desnutrido y cansado. El mendigo lleva una boina en la cabeza, está vestido con un poncho blanco y negro con varios agujeros, está descalzo y con la barba muy crecida; con una mano sostiene las riendas del caballo y con la otra un sombrero con el que pide ayuda. A los costados del caballo, hay dos bolsas en las que probablemente el mendigo traslade sus pertenencias.

"Los ciegos y los cojos, que siempre son objeto de la caridad, se colocan en las puertas de las iglesias, donde el incesante lamento 'por el amor de Dios', asalta a todos los transeúntes [...] Para el europeo, el más curioso de los ejemplares que integra la fraternidad mendicante es el mendigo a caballo" (Vidal, 1944: 18).

Aquí la iconología remite fundamentalmente a una fuerte presencia de la iglesia dando a entender que la ciudad es católica y practicante. La caridad está vinculada a la iglesia. La presencia de un mendigo a caballo denota que la ciudad se había extendido lo suficiente como para que se la recorriera a caballo.

Conclusiones parciales

A modo de cierre, puede decirse que estas seis acuarelas analizadas dan cuenta de los cambios políticos que se produjeron la ciudad. Se representa la ciudad nueva, la ciudad de la independencia, por oposición a la ciudad "vieja" aquella ciudad "oscura" que ya quedó atrás.

Estas acuarelas fueron realizadas por un inglés cuyo objetivo principal era difundir en el continente europeo cómo era esa lejana ciudad de Buenos Aires y de qué manera se desarrollaba la vida urbana. Inglaterra, si bien no consiguió conquistar la ciudad de Buenos Aires con las armas en las Invasiones Inglesas, si lo logró a través del comercio: la llegada de

ingleses de manera libre a la ciudad, la presencia de esclavos incorporados a la vida doméstica y la importación de productos, como las telas, dan cuenta de una presencia activa en Buenos Aires. Inglaterra logró ingresar e incidir en la ciudad a través del comercio como no lo había logrado con las armas.

Vidal expone claramente que la Buenos Aires era ya una ciudad independiente hecho que se representa con la presencia, casi permanente de la bandera argentina y de la pirámide de mayo.

Bibliografía

- Aliata, Fernando (1997): "De la vista al panorama. Buenos Aires y la evolución de las técnicas de representación del espacio urbano". Estudios del hábitat – Volumen 2. Pp 11-20 Universidad Nacional de la Plata.
- Capel, Horacio (2003): "A modo de introducción: los problemas de las ciudades. Urbs, Civitas y Polis", en Horacio Capel (coord.), Mediterráneo Económico. Ciudades, arquitectura y espacio urbano. Almería, Cajama
- Del Carril, Bonifacio "Monumenta Iconographica. Paisajes, ciudades, tipos, usos y costumbres de la Argentina 1536 – 1860" Emecé Editores, Buenos Aires.
- Del Carril, Bonifacio y Aguirre Saravia, Aníbal G. (1982): "Iconografía de Buenos Aires. La ciudad de Garay hasta 1852". Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires.
- Gonzalez Garaño, Alejo B. (1933): "Acuarelas de E.E. Vidal. Buenos Aires en 1816, 1817, 1818 y 1819. Editorial Amigos del Arte, Buenos Aires.
- Panovsky, Erwin (1985): "El significado en las artes visuales". Alianza editorial
- Vidal, E. E. (1944): "Buenos Ayres y Montevideo en una serie de ilustraciones pintorescas tomadas del natural". Editorial Viau, Buenos Aires

Biografía

Ana Isabel Guérin: Licenciada en Ciencias de la Comunicación (FSOC, UBA) y especialista en Historia y Crítica de la Arquitectura, el Diseño y el Urbanismo (FADU, UBA). Realiza consultorías en comunicación y es periodista especializada en urbanismo. Participa del equipo de investigación del proyecto universitario de investigación "La construcción de representaciones sociales urbanas en el Río de la Plata" (IHA, FCH, UNLPam). Ha sido expositora y asistente en reuniones académicas nacionales e internacionales. Es autora y coautora de diversas publicaciones y artículos académicos. Ha sido editora de: "Pensar los medios en la era digital. Iberoamérica frente al desafío de la convergencia" (2010) y "Pensar la televisión pública. Qué modelos para América Latina" (2013).

La enseñanza de la crónica urbana en la formación de periodistas de la Universidad de Chile: convirtiendo en texto/memoria la historia del presente latinoamericano

Universidad de Chile

Ximena Poo Figueroa
xpoo@uchile.cl

Resumen

La crónica periodística tiene una larga tradición en América Latina. Desde sus inicios en la prensa, a comienzos del siglo XX, la crónica ha sido una expresión de la modernidad, retratando a las élites como a las clases populares, donde se puede observar un retrato que se extiende hasta la vida cotidiana en la actualidad. En ese contexto, la crónica periodística urbana permite construir una cartografía de las ciudades latinoamericanas. La enseñanza de este tipo de escrituras es fundamental en las salas de redacción de las escuelas de periodismo porque permite que los estudiantes observen cómo se estructura la sociedad en espacios públicos en transformación constante. Esta ponencia se centra en experiencias pedagógicas, el rescate de la crónica como estrategia política para relevar el espacio público en la formación de ciudadanías críticas y la valoración de este tipo de relatos que expresan los estudiantes de periodismo de la Universidad de Chile. Entre las conclusiones se observa cómo literatura y registro de la actualidad se articulan en el lenguaje que la crónica para aportar a la construcción de la historia del presente centrada en tradiciones y vanguardias latinoamericanas, anteriores al Nuevo Periodismo que se promociona desde el espacio anglosajón. Además, la crónica periodística urbana permite trazar mapas que orienten el futuro de nuestras ciudades, donde las subjetividades de sus ciudadanos van tejiendo la Historia de las sociedades del siglo XXI en esta región del mundo.

Palabras Clave:

Crónica latinoamericana; ciudadanía; espacio público; pedagogía

Abstract

The journalistic chronicle it has a long tradition in Latin America. From his beginnings in the press, at the beginning of the 20th century, the chronicle has been an expression of the modernity, portraying to the elites as to the popular classes, where it is possible to observe a portrait that spreads up to the daily life at present. In this context, the journalistic urban chronicle allows to construct a cartography of the Latin-American cities. The education of this type of writings is fundamental in the rooms of draft of the schools of journalism because it is allowed that the students should observe how the company is structured in public spaces in constant transformation. This presentation centres on pedagogic experiences, the rescue of the chronicle as political strategy to relieve the public space in the formation of critical citizenships and the valuation of this type of statements that express the students of journalism of the University of



Chile. Between the conclusions is observed how literature and record of the current importance articulate in the language that the chronicle to reach to the construction of the history of the present centred on traditions and Latin-American forefronts, previous to the New Journalism that improves itself from the Anglo-Saxon space. In addition, the journalistic urban chronicle allows to plan maps that orientate the future of our cities, where the subjectivities of his citizens are weaving the History of the society of the 21st century in this region of the world.

Keywords

Latin-American Chronicle; citizenship; public space; pedagogy

Introducción

Hija de la modernidad –aunque ya desde Herodoto es posible descubrir en el historiador el oficio de cronista– y descendiente directa de “cronos”, la crónica periodística constituye en sí misma una experiencia de hibridez entre literatura y periodismo. La crónica, para los cánones burgueses de la crítica literaria, ha sido, hasta hace muy poco, una especie de paria por su supuesta fugacidad, su relación con la realidad en tanto verosimilitud y su ropaje de dudoso estilismo.

Falacias que en los última década se han ido destronando una a una para levantar los velos que caían sobre los escritos periodísticos de escritores, intelectuales y políticos como Rubén Darío, José Enrique Rodó y José Martí. Los tres escribieron de cara al espacio público, a las identidades latinoamericanas que debían resistir al imperialismo y a la necesidad de concebir una estructura de pensamiento y de sentimiento (Williams:1980) adaptada a América Latina y sus heterogeneidades Es en estas aproximaciones cuando la distinción que Susana Rotker hace de la crónica moderna, resulta de gran apoyo:

Y, en verdad, la crónica es el *laboratorio de ensayo del “estilo”* –como diría Darío– modernista, el lugar del nacimiento y transformación de la escritura, el espacio de difusión y contagio de una sensibilidad y de una forma de entender lo literario que tiene que ver con la belleza, con la selección consciente del lenguaje; con el trabajo por medio de imágenes sensoriales y símbolos, con la mixtura de lo extranjero y lo propio, de los estilos, de los géneros, las artes. Lamentos aparte: *el cambio poético comenzó en los periódicos* y fue allí donde algunos modernistas consolidaron lo mejor de su obra (Rotker, 2015:108).

Es ahí donde cabe la pregunta de si en la crónica latinoamericana actual se logran distinguir ciertos momentos y/o espacios que aluden a la América Latina en tanto representación de imaginarios desde una perspectiva social, política y cultural, y si estas representaciones dialogan entre sí para dar contenido y sentido en los bordes de mediaciones globalizadoras y postmodernas en las que los viajes por los “no lugares” físicos e inmateriales se cruzan vertiginosamente con la crítica a la dominación del neoliberalismo.

Y es cuando una siguiente interrogante, teniendo como punto de partida a Darío, Rodó y Martí, aparece: ¿Los cronistas latinoamericanos, cuyas firmas se mueven al ritmo del jazz, pueden bordear el compromiso (escritor comprometido, intelectual comprometido) y a la vez desdellar de él dependiendo del contexto (incluso de industria mediática) que los acoge u opriime?

Muchos (cronistas) oficiaban de poetas; de ahí el aliento poético que subyace en estas breves piezas, y que también trato de rescatar en su estado más puro, cuando ya los cronistas le habían torcido el cuello al lirismo (...). De cualquier manera, es de admirar la capacidad de los cronistas para comprimir un paisaje, la catedral del pueblo, un discurso parlamentario o un episodio callejero en una superficie literaria de quince centímetros cuadrados; o de discurrir sobre los más metafísicos, escatológicos o terrenales asuntos en un espacio tan reducido (Vallejo Mejía, 1998).

Gabriel García Márquez, Tomás Eloy Martínez, Mario Vargas Llosa, Guillermo Cano, Leila Guerreiro, Alma Guillermoprieto, Pedro Lemebel, Francisco Mouat o Julio Villanueva Chang son exponentes claros de la hibridez lingüística y cultural del género. Serán sus huellas biográficas y periodísticas las que proporcionen indicios de un panorama –que para este análisis no se sustentará en la teoría del lenguaje– que abre el siglo XXI entre trampas periodísticas, simulacros, hegemonías diversas y un malestar cultural que ronronea como un gato jugando con serpientes de “sentidos comunes”.

Esas huellas van, a la par entre autor, realidad y “efecto de realidad” –entre condiciones objetivos y subjetivas–, creando discursos que conforman cierta historiografía del presente sobre la que hay que detenerse unos minutos en el cruce entre historia y periodismo a través de los puentes del lenguaje y la creación de imaginarios ideológicos. Ronald Barthes escribió en su artículo *Information sur les sciences sociales*, en 1967, que “el discurso histórico es esencialmente elaboración ideológica, o, para ser más precisos, imaginario, si entendemos por imaginario el lenguaje gracias al cual el enunciante de un discurso (entidad puramente lingüística) “rellena” el sujeto de la enunciación (entidad psicológica o ideológica). Desde esta perspectiva resulta comprensible que la noción de “hecho” histórico haya suscitado a menudo una cierta desconfianza” (Barthes, 1994:174).

Descripción del caso

Lo anterior remite a la reflexión acerca de que en el periodismo la “objetividad no existe” y sobre esta premisa, aunque sin mencionar al relato periodístico como tal, vuelve Barthes al citar a “Nietzsche: “No hay hechos en sí. Siempre hay que empezar por introducir un sentido para que pueda haber un hecho”. A partir del momento en que interviene el lenguaje (¿y cuándo no interviene?) el hecho sólo puede definirse de manera tautológica: lo anotado precede de lo observable, pero lo observable –desde Herodoto, para quien la palabra ya ha perdido su acepción mítica– no es más que lo que es digno de memoria, es decir, digno de ser anotado (Kapusciski, 2007).

Es ese tipo de escritura la que viene rescatándose desde aulas como las situadas en la Escuela de Periodismo de la Universidad de Chile. Un rescate que comienza desde su origen, pero que desde 2005 se instala incluso formalmente a partir de la articulación del curso Taller de Crónica y Entrevista, ubicado en el tercer semestre de la carrera, y se releva como género para ser considerado en la elección de los formatos y lenguajes con que los estudiantes que así lo decidan contarán historias periodísticas en sus memorias para optar al título profesional y que realizan en quinto año, el último del itinerario formativo de pregrado.

Lo anterior ha generado condiciones de posibilidad que se han traducido en publicaciones de libros que han optado por el género híbrido de la crónica para desplegar reportajes de investigación sobre temas tan diversos como el terremoto de 2010 o el movimiento estudiantil de 2011, o las cartografías recientes de las historias diarias de las ciudades. Se trata de que esa materialidad esté profundamente imbricada con las premisas que determinan el perfil de egreso de los estudiantes de la carrera (fragmento):

El periodista egresado de la Universidad de Chile es un profesional que actúa críticamente en ámbitos vinculados a lenguajes, formatos y soportes relacionados con las narrativas escritas, transmediales y audiovisuales. Desarrolla su trabajo con una mirada global, y con vocación pública. Asimismo, es capaz de discutir sobre teorías y problemas inscritos en el campo de la comunicación, desde una perspectiva contemporánea e interdisciplinaria, y en relación con los contextos sociales, culturales e históricos en los que se encuentra situado.

En las crónicas no hay absolutos ni clausuras. Y en la articulación de los imaginarios latinoamericanos urbanos, sostiene el académico de Comunicación de la Universidad de Chile, Carlos Ossa, “lo moderno no es la ruina del pasado sino su futuro”. En esa articulación, en donde el sujeto popular es relevado como protagonista discursivo. Por ejemplo, el mexicano Juan Villoro –admirador de textos como *Las ilusiones perdidas*, de Balzac– ha escrito más crónicas reunidas en *Los once de la tribu*, libro que aglutina, al igual que *Safari Accidental*, lo mejor de sus escritos registrados en diarios y revistas del continente.

Su mirada está siempre en una y otra orilla, es la mirada desde la fisura, en el filo por donde se mueve el corresponsal que busca como zafarse en primera persona –la crónica no admite la supuesta asepsia de la simple nota informativa– del estigma barato y el estereotipo fácil. En el siguiente fragmento –extraído de *Nada que declarar: welcome to Tijuana*– se visualizan las referencias a un *ethos* cultural letrado común, la situación de viaje en la cultura, un discurso en cierto modo político y la síntesis entre ciudad “glocalizada” y la memoria –entre fragmentos de flujo– como garante de identidades.

Y así como si se habla de ciudades “translocales” también debería hacerse la distinción para autores como Villoro de cronistas “transleídas” por lectores que distan mucho de ser los mismos a los que hacía referencia Ángel Rama en *La ciudad letrada*. Se trata de lectores “translocales” sobre los que recaen a diario y casi compulsivamente ejercicios de identidad. Aquí, el cronista no es el que viaja a Europa e intenta mirar, a su regreso, el panorama bajo una óptica europea que condiciona las evidencias y los anhelos; tampoco es quien sólo busca resistir a los modelos imperialistas con una retórica de estrado, ni es el intelectual comprometido como Martí. Aquí el cronista está “traspasado” por los viajes físicos y virtuales, el aeropuerto es muchas veces su “no lugar” de culto, un territorio sin ciudadanía; se aproxima a la historia con entrevistas directas y documentación extraída de relatos de otros, a través de un historiografía social incipiente y a partir de un tamiz ofrecido por la tensión ética y estética que provoca la búsqueda de sensaciones y pulsiones simbólicas, en la corriente del siglo XXI que cuenta entre sus referentes literarios –a la hora de perderse “en” y trazar simbólicamente a la ciudad representada– a Walter Benjamín o Joseph Roth..

Villoro escribe bajo una presión de la que bien sabe Alma Guillermoprieto (Méjico D.F., 1949), colaboradora de *New Yorker* y emparentada con Villoro –y con los que siguen– a través de *Etiqueta Negra y Gatopardo*. Ella ha documentado las transiciones sociales, políticas y culturales de un continente americano consagrado al cambio y a la movilidad, en una cancha rayada por el poder y las articulaciones culturales que dejan espacios inconclusos en la ciudad. Hoy puede ser Cuba, mañana Brasil, ayer Bolivia. Las condiciones sociales determinan sus texturas geográficas y cómo éstas se proyectan al mundo. Porque no hay ciudad no vivida.

Para la autora de textos como ¡Las cholitas se defienden! el periodismo es un asunto de experiencia de vida, de condiciones materiales que imbrican un discurso basado en expresiones culturales y en la oralidad, en “contar América Latina”.

Discusión

En el curso de Taller de Crónica y Entrevista, dividido entre tres profesores con un promedio de 25 alumnos por cada uno (versión 2014-2016), se logra construir un repertorio de

textos vinculados a crónicas latinoamericanas como Monsiváis, Caparrós, Guillermoprieto, Villoro, Guerriero, entre otros, que logran introducir a los estudiantes en ese escenario interpretativo sobre la realidad latinoamericana.

Así, han logrado publicar semanalmente sus crónicas sociales, urbanas, perfiles de vida, entrevistas, imágenes en la revista de la escuela, Con Tinta Negra (www.contintanegra.com), que lleva más de una década recogiendo los mejores trabajos de los estudiantes que, al mismo tiempo, reflexionan sobre “su actividad profesional”, articulando saberes del ámbito de la comunicación con el campo más arraigado a la materialidad de la praxis.

Por tanto, desde el primer ciclo de la carrera ya están pensando en los alcances éticos y narrativos de las representaciones que construyen de la realidad sobre la que informan y comunican. Para esta ponencia se han seleccionado los siguientes fragmentos de ensayos escritos por los estudiantes que, en tercer semestre (desde 2011 para esta muestra), han transitado por estos talleres, logrando también aproximaciones a rutinas periodísticas relacionadas con producción, escritura, edición, publicación y circulación de sus “obras”. Entre esos ensayos se recogen aquí algunas reflexiones sobre la crónica, arraigada en la ciudad latinoamericana, en los siguientes extractos que nos permiten ver el nivel de discusión sobre los procesos identitarios urbanos que aparece en los talleres:

La magia del periodismo no está sólo en informar, sino en hacer una interpretación digna y merecedora de una realidad que está sujeta a cambios, transformaciones y avances. La importancia de la crónica radica en dejar a un lado los datos fríos para dar paso a una mayor cercanía y una reflexión, que son necesarias para los pueblos latinoamericanos (Nicole del Río, 2011).

Se trata de observar la realidad como un temario constante: ésta posee un potencial casi infinito de temáticas de las cuales el escritor selecciona y define según lo que quiere traspasar. Puede tratar de lo cotidiano y lo popular, que es muchas veces obviado. Algunos cronistas amplían una de estas pequeñas realidades banales, y de esta manera obtienen una visión de un principio intrínseco del ser humano en una determinada sociedad (Camila Rebolledo, 2011).

El bagaje cultural del cronista al momento de escribir será un factor decisivo para forjar un estilo particular. Esto cobra particular relevancia en la era actual del hipertexto y la intertextualidad, donde el escrito periodístico remite a otros textos, literarios o no, conformándose un tejido verbal enriquecido de citas a otros autores. Dichas citas servirán para contextualizar la narración a la mirada particular de quien escribe, así como una ventana hacia su interioridad intelectual (Kevin Tarud, 2011).

La crónica es una forma de escribir que mezcla el periodismo informativo con la literatura y en Latinoamérica ha tenido un gran auge y apogeo con cronistas consagrados. Es la manera de mostrar lo que ocurre en el acontecer de naciones de antaño y problemáticas actuales en forma narrativa. Donde las voces han sido acalladas, los cronistas se las han arreglado para mostrar lo que están viviendo, presentar y dejar plasmado en papel que existe una historia y no la que escriben los libros historiográficos, sino la que viven miles de personas a diario (Romina Jaramillo, 2013).

La crónica así es vista como una mezcla “casi perfecta” entre literatura y periodismo, en movimiento, matizada por la hibridez en sus formas y en sus fondos, en las temáticas que aborda anclada en las ciudades, en los espacios públicos y privados de las identidades latinoamericanas.



Conclusiones

La presencia de la crónica en las redacciones, en la calle y su estudio se hace relevante para los periodistas en tiempos en que la inmediatez prima y los relatos se fragmentan sin encontrar indicios de un relato mayor, continente y crítico. La crónica –tal como se puede apreciar en revistas como *Gatopardo*, *Etiqueta Negra*, *Malpensante*, *Anfibio* o *Con Tinta Negra*– se debe al tiempo y su fecha de caducidad debería estar borrada de los textos; marca épocas para contar la historia de cada presente. Su vigencia trasciende a su propio tiempo de factura. La crónica no apela al orden, más bien al desorden y es contenedora de otras voces, más allá del autor que jerarquiza y determina sus límites.

La crónica bien lograda marca una inflexión en el territorio efímero del periodismo cotidiano, creando una expansión de sentidos simbólicos en el ámbito de un sistema de representación en donde el “otro” como sujeto de comunicación es fundamental para que la crónica exista y densifique la conciencia social a la que pretende llegar.

Bibliografía

- Barthes, Ronald (1994). *El susurro del lenguaje*. México: Paidós.
- Benjamín, Walter (1991). “El narrador”. En *Para una crítica de la violencia y otros ensayos. Iluminaciones IV*. Madrid: Taurus.
- Kapuscinski, Ryszard (2007). *La fuerza de la palabra escrita*. En www.saladeprensa.org, N°98, febrero.
- Gullermoprieto, Alma (2008). El nuevo orden de Bolivia, en *Revista National Geographic*, 30 de junio de 2008. En <http://ngenespanol.com/2008/06/30/el-nuevo-orden-de-bolivia/>. Visitado en agosto de 2009.
- Monsiváis, Carlos (2001). *Crónica y fin de siglo en Hispanoamérica*. Santiago de Chile: Revista Chilena de Literatura N° 59.
- _____. (1988). *Entrada libre. Crónicas de la sociedad que se organiza*. México D.F., Ediciones Era.
- _____. (2004). “Sobre el Metro las coronas”. En Sergio González y Leonardo Tarifeño (coord.): *Enviados especiales. Antología de Nuevo Periodismo Hispanoamericano*. Ciudad de México: Nuevo Siglo Aguilar.
- Rotker, Susana (2005). *La invención de la crónica*. México, Fondo de Cultura Económica, 2005.
- Vallejo Mejía, Maryluz: prólogo de la revista “La crónica en Colombia: medio siglo de oro”, citada en la revista *Alma Mater*, Universidad de Antioquia, No. 2, Colección Documentos, octubre de 1998.
- Villoro, Juan (2006). *Safari accidental*. Lima: Ediciones Etiqueta Negra.
- Williams, Raymond (1980). *Marxismo y literatura*. Barcelona: Ediciones Península.

Biografía

Doctora en Estudios Latinoamericanos por la Universidad de Chile, máster en Relaciones Internacionales y Comunicación por la Universidad Complutense de Madrid, periodista y licenciada en comunicación social por la Universidad Austral de Chile. Es profesora asistente e imparte clases en taller de reporteo, taller de crónica y entrevista, estudios culturales, proceso de titulación y taller de investigación en Comunicación Social en el Instituto de Comunicación e Imagen de la Universidad de Chile. Además, es la coordinadora académica del diplomado de Comunicación y Gestión Cultural y realiza diversas investigaciones sobre vidas cotidianas, migraciones y territorio. Ha sido jefa de carrera y directora de la Escuela de Periodismo (2005-2014), gestión que desempeñó hasta agosto de 2014. Ha sido directora de

Relaciones Internacionales en el Instituto de la Comunicación e Imagen de la Universidad de Chile. Actualmente es co-directora del Núcleo de Investigación Interdisciplinario Vidas Cotidianas en Emergencia, en conjunto con académicos de la Facultad de Ciencias Sociales y directora de Extensión de la Vicerrectoría de Extensión y Comunicaciones de la Universidad de Chile.

Jornalismo, redes sociais e casarões em Salvador

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Mary Weinstein
maryweinstein@gmail.com

Resumen

Este artículo es una análisis de lo agendamiento de lo Centro Histórico de Salvador, antes y después las redes sociales digitales y de cómo se aborda el tema de la preservación. Tomamos como referencia el periódico A Tarde durante el Programa de Recuperación del Centro Histórico de 1992 y la demolición de 31 casas en 2015. En este último episodio, el análisis recae sobre A Tarde *online* y otros sitios. Este estudio pone en foco la vulnerabilidad del patrimonio y el periodismo en momentos distintos.

Palabras clave:

Ciudad; Patrimonio Cultural; Periodismo; Redes Sociales; A Tarde.

Abstract

This article is an analysis of the agenda related to the Historic Center of Salvador, before and after the emergence of social networks, as well as how the safeguard issue is approached. We take as reference the A Tarde newspaper coverage during the Historical Center Program, started in 1992, and the overthrow of 31 houses, in 2015. In this last episode, the analysis is based on A Tarde Online and other portals. The study focuses on the vulnerability of the heritage and the journalism practice in two moments.

Keywords:

City; Heritage; Journalism; Social Networks; A Tarde.

Resumo

Este artigo é uma análise do agendamento do Centro Histórico de Salvador, antes e depois do surgimento das redes sociais, e de como a temática da preservação é abordada. Tomamos como referência as coberturas do jornal A Tarde durante o Programa de Recuperação do Centro Histórico, a partir de 1992, e da derrubada de 31 casarões em 2015, sendo que neste episódio, a análise recai sobre matérias do A Tarde *Online* e de outros portais. Este estudo evidencia a vulnerabilidade do patrimônio e a cobertura em dois momentos.

Palavras-chave:

Cidade; Patrimônio Cultural; Jornalismo; Redes Sociais; A Tarde.



Introdução

Se em 1992 jornais noticiaram a proposta de “recuperação” do Centro Histórico de Salvador, a qual se desdobraria por sete etapas envolvendo quarteirões e transferindo a comunidade para outros bairros, em maio de 2015, também registraram a demolição de casarões e ruínas dos séculos XVIII e XIX que ocupavam as emblemáticas ladeiras da Preguiça, Conceição e Montanha, que interligam a Cidade Alta e Baixa, compondo o conjunto colonial da Bahia, Patrimônio da Humanidade, desde 1985. Cidadãos nas redes sociais da internet acompanharam as ações mais recentes fazendo deste um espaço para denúncias e relatos de fatos e de subjetividades relacionadas à perda do patrimônio, à injustiça social e à gentrificação. É sobre esses momentos que este estudo se debruça, para uma análise.

Temas relacionados à conservação dos textos das cidades, ditados por edificações e traços urbanos, fazem parte da agenda do público. Para que essas questões sejam incorporadas pela mídia, ganhem visibilidade e sejam debatidas na esfera pública, dependem de um conjunto de circunstâncias que possibilite atravessar o processo de produção jornalística em que se dá a seleção de assuntos, o *gatekeeping*. Na presença ou na ausência nos atributos de notícias no jornal e nas redes sociais, percebem-se diferenças nas abordagens, conforme a plataforma utilizada e o contexto. Neste trabalho, revemos o modelo clássico de cobertura, e a informação adaptada a um novo formato de produção.

Mostramos como o tema da preservação era apresentado no principal jornal impresso do Estado, o *A Tarde*, durante 10 anos, desde que o governo decidiu “revitalizar” o Centro Histórico, e como este reapareceu na versão *online*. Os dois episódios e seus desdobramentos compõem uma só discussão. Destacamos como o assunto recrudesce e como os meios de colocá-lo em evidência se transformaram sem alterar decisivamente a relação com a conservação e a subtração de edificações que são a memória da cidade. A análise inclui o que foi feito durante o Programa desde 1992, e a derrubada de 31 casarões em 2015. Em ambos, a questão subjacente é a preservação. Para problematizar essa condição, nos concentramos no diálogo entre o jornalismo e o Centro Histórico, quando programas de recuperação voltados para esses espaços se mostram ineficientes e gentrificadores (Mourad, 2011). O tema em evidência, muito em decorrência das transferências de uma agenda para a outra, é revisto sob a ótica da Teoria da Agenda-Setting (McCombs, 2009), com suporte da análise de conteúdo. O nosso marco teórico imbrica-se com o conceito de esfera pública (Habermas, 1984).

Notícia que se elabora

Como produtor de sentido e mediador de discussões, o jornal constitui-se como um dos espaços onde a disputa de campos se processa, e onde o confronto deforças reorganiza as aquisições sociais, uma vez que a comunicação é estruturante da convivência em sociedade (Rubim, 2000). A mídia é central para a organização da estrutura simbólica das cidades (Carah, Louw, 2015, p.245). As notícias, ao surgirem no tecido social, configuram referências coletivas e geram processos modificadores da realidade (Souza, 2000). As redes construídas no meio digital nos últimos 25 anos causam rupturas, também, no modo de processamento da notícia, tanto no *newsmaking*, quanto na sua forma de consumo.

Os jornalistas podem estar presentes a acontecimentos. “Mesmo com a rotineira exclusão de muitos tipos de ocorrências em muitas partes, ainda assim não há suficientes jornalistas para cobrir todos os aspectos” (McCombs, 2009, p. 159). De forma diversa, com as redes sociais, assuntos ganham evidência e têm caminho aberto para chegar à saliência e visibilidade. Desde que a rede mundial do capitalismo tomou consolidou-se, uma nova geografia do poder emergiu. O poder é construído estando-se conectado à rede eletrônica de informação (Carah e Louw, 2015, p. 257).

Nesta trama, o assunto patrimonial começa a ser agendado nas mídias sociais e a fazer o caminho de volta para os meios mais tradicionais que passam a utilizar as redes como ter-

mômetro. Como esta mídia sobrevive de quem compra o seu conteúdo, para que fosse transformado em conteúdo jornalístico, o tema patrimônio tinha que ser de interesse do público. Como qualquer assunto, patrimônio torna-se notícia na medida em que produz novidades, boas ou ruins, contendo valores-notícia (Galtung, Ruge, 1965).

Habermas (1984) referencia o estágio anterior à disseminação de notícias quando estas permaneciam represadas pela insuficiência de espaço de veiculação e autonomia. Até que passa a haver a mediação e não a produção de opinião. A imprensa não seria exclusivamente um meio que possibilitava o debate de onde emerge a opinião, mas uma forma pela qual circulam opiniões para as quais se espera a adesão de um público. Por tudo isso, este tipo de esfera pública não passaria de um meio de propaganda, conforme Gomes (1998, p.164). Isto reduziria os meios de comunicação a propagadores dos interesses privados. “O lugar de origem da opinião que se quer difundir ou publicizar são certamente interesses privados com acesso privilegiado aos meios de comunicação. (...) Agora ela é simplesmente um campo em que proprietários privados agem sobre pessoas privadas (...)” (Gomes, 1998, p.165).

Habermas (1984) observa a desproporcionalidade do diálogo na esfera pública e critica a não representatividade da comunicação de massa que inviabiliza uma resposta do cidadão. Ele aponta para uma opinião quase-pública que não abrange satisfatoriamente a totalidade do público. Na prática, não se envolveriam necessariamente todos os públicos, havendo nesse processo uma exclusão. Habermas (1984, p.264) explica que, desde que as instituições jornalístico-publicitárias se tornaram um poder social, que privilegia ou boicota os interesses privados, numa adequação à mediatisação das opiniões individuais, a formação de uma esfera pública em sentido estrito não é garantida porque qualquer um poderia expressar a sua opinião e fundar um jornal. No universo das redes sociais digitais, o cidadão expressa opiniões podendo influenciar e contribuindo para que estes passem a considerar assuntos que contaminam as redes sociais. Se antes jornal pautava jornal, agora, jornal é pautado também por redes sociais, pela opinião das ruas processada nas redes.

Ações e associações

Se podem fazer associações sobre a veiculação de notícias sobre patrimônio, como se fazem sobre outras notícias. Motivações podem representar não só objetivos de conservação, preservação, adulteração, atualização, master, também, outras intenções. O Programa de Recuperação ficou conhecido como uma das principais obras do governo estadual Antônio Carlos Magalhães (1991-1994), como *marketing*. Quando notícias eram publicadas recorrentemente, a imprensa enfocou pontualmente a situação da população do Centro Histórico, transferida para outras partes da cidade. Os jornais cobriam os acontecimentos reproduzindo informes do governo.

Houve acréscimo significativo no número de matérias na editoria Salvador, do jornal *A Tarde*, sobre patrimônio cultural, em relação aos anos que precederam o início da recuperação (Weinstein, 2011). De 104 unidades em 1990 e 120 em 1991, o número de inserções subiu para 156 em 1992 e para 336, em 1993. De um aumento de 24% em 1991, foi para 40% em 1992 e 49% em 1993, indicando um crescimento de importância para o assunto. Em 1993, das 336 unidades jornalísticas sobre patrimônio histórico e cultural publicadas em *A Tarde*, mais da metade – 173 – eram relacionadas à Recuperação.

Em *A Tarde*, repórteres assinam as matérias que escrevem. Quando a publicação tem a assinatura “Da Redação”, é porque fatos foram apurados por um editor. Também, releases de assessorias de imprensa podem ser tratados e publicados, com a assinatura “Da redação”. Nas matérias sobre os casarões, em maio de 2015, observa-se que a produção de parte delas não contou com o deslocamento de um repórter, não inclui fontes especializadas, e não destaca o Centro Antigo, nem a história do monumento. O jornal propaga informação sem produzi-la - transposição de informação sem comprovação do que é noticiado (Charaudeau,

2009, p.55).Reproduzir “notícia” de autoria alheia, sem comprovar motivação,é “não checar” a veracidade.

As demolições começaram sem que os meios de comunicação publicassem notícias apuradas por repórteres.Estes reproduziam informações da administração municipal. As questões relacionadas à memória da cidade, à produção de renda, uma vez que o conjunto arquitetônico serve ao turismo, à identidade cultural, à história, ficaram em segundo plano.

Matérias, análise e discussão

“Muro de casarão desaba sobre casas e deixa um morto”(A Tarde online,18/05/2015), com assinatura Da Redação, informava que Oberdan Barbosa, 32 anos, morrera após o muro de um casarão ter desabado sobre casas na ladeira da Preguiça, Salvador, por volta das 7h.O incidente foi atribuído à “forte chuva que atinge a cidade desde a noite deste domingo, 17”, sem mencionar a degradação dos casarões no Centro Antigo.O título “Deslizamento de terra atinge casas na Ladeira da Montanha”(A Tarde online, 20/05/2015),com assinatura Da Redação, afirmava que a chuva continuava causando estragos, que um deslizamento teria atingido seis casas na Ladeira da Montanha, mesma área onde ocorreu o desmoronamento do muro na Preguiça, noticiado dois dias antes.Uma mulher estaria sob escombros. O jornal informou que a Superintendência de Trânsito de Salvador (Transalvador) interditaria a Ladeira para evitar novos acidentes.

“Seis imóveis são demolidos na Ladeira da Montanha”(A Tarde online, 22/5/2015) continha novo aviso de interdição. “Seis imóveis com risco de desabamento começaram a ser demolidos por funcionários da Secretaria Municipal de Urbanismo (Sucom) na Ladeira da Montanha durante a tarde desta quinta-feira, 21” (A Tarde online, 22/5/2015), informava o texto.Chamam a atenção quando informam que os trabalhos começaram com no dia em que Claudenice Gonçalves,51 anos, foi soterrada.”A intenção é preservar ao máximo todos os imóveis. Mas, por serem vizinhos, muitas vezes, no momento da retirada, algum pode ficar em risco. Se isto acontecer, teremos que retirar”, reproduz A Tarde, sem entrevistas com especialistas e sem obter a palavra da autarquia federal responsável pela proteção do Patrimônio, dando voz ao engenheiro da prefeitura Celso Carvalho. A informação de que cerca de 30 famílias já tinham sido removidas das edificações consideradas de alto risco em toda a região não remete às anteriores retiradas de moradores do Centro Histórico.

“Máquinas são usadas na demolição de imóveis na Montanha”(A Tarde online, 22/05/2015) informa que 29 construções nas ladeiras da Conceição, Preguiça e Montanha,tinham sido demolidas, sem incluir parecer técnico de qualquer fonte que não fosse oficial. O título “Dez imóveis em situação de risco são demolidos na Ladeira da Montanha”(Correio, 23/5/2015) teve o engenheiro da Prefeitura Celso Carvalho como principal entrevistado.“Tudo ocorreu sem problemas técnicos ou pessoais. A remoção dos moradores foi feita na quarta” (Correio, 23/5/2015), informou Carvalho. Estava prevista a derrubada de outros dois imóveis. O prefeito ACM Neto aparece em foto olhando a vista que se abre com a retirada dos imóveis. O jornal é de propriedade da família do prefeito.

É publicada “31 imóveis são demolidos em uma semana”(A Tarde online, 23/05/2015) sem informações complementares. Declarações do prefeito de que todo imóvel em risco seria demolido não foram confrontadas com a opinião de especialistas.O filho da mulher morta na Ladeira da Montanha perguntou ao prefeito sobre a situação dele e contou que chamou a Codesal(Defesa Civil), antes de a mãe morrer. A repórter presenciou o diálogo e o reproduziu, com a resposta do prefeito.

“Trânsito é liberado na Ladeira da Montanha”(A Tarde online, 25/05/2015), da Redação, com uma foto dos escombros com o mar e a Cidade Baixa ao fundo, é publicada.Correio informa em 25/5/2015, com“Ladeira da Montanha volta a ser interditada nesta segunda-feira”(Correio, 25/5/2015), dois dias depois de ter passado 10 horas fechada. Fotos compõem

a matéria, uma delas do prefeito olhando para a vista do mar. É feito um balanço de 10 imóveis derrubados, na Ladeira da Montanha, e de que desde quinta-feira (21), 14 imóveis tinham sido subtraídos. Desses, três eram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), autarquia federal não consultada, o que contraria a Lei de Tombamento nº 25/37.

Em 25/05/2015, o site da Assessoria Geral de Comunicação (Agecom) veicula “Sucom esclarece sobre demolição de imóveis tombados”, uma nota para informar que as demolições foram decorrentes de avaliações cujos laudos foram enviados ao Iphan, que as autorizou. A palavra oficial é repetida quase com o mesmo texto de A Tarde. A Agecom é uma representação do governo.

“Centro Histórico: Iphan e Sucom rebatem críticas a demolição” (A Tarde *online*, 26/05/2015) mencionou no *facebook*: “O Iphan Bahia, órgão criado para proteger e preservar o patrimônio histórico e cultural do Brasil, neste momento é o responsável por um crime irreparável contra esse mesmo patrimônio. Sem justificativa pública, apresentação de laudos ou respaldo técnico algum, contrariou a missão do órgão, autorizando a demolição de dezenas de casarões”. Desta vez, o repórter inclui resposta atribuída à assessoria do Iphan e informa que ações, com recursos do PAC Cidades Históricas - R\$ 142 milhões - estão em execução.

A Mídia Ninja, de jornalismo digital, veiculou “Salvador e o enredo das demolições consumadas, o centro histórico sangra”.

O maior centro negro do mundo fora da África, (...), vive, ironicamente, um processo de faxina étnica. 31 imóveis localizados nas Ladeiras da Conceição, da Preguiça e da Montanha, incluindo os tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), já foram demolidos. Com conivência e apoio da Prefeitura e do próprio Iphan - órgão responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros -, o Plano de revitalização implantado para o centro antigo da cidade, viabiliza práticas excludentes e possui pilares racistas (Mídia Ninja, 9/6/2015).

Das 14 matérias veiculadas por jornais, sites e blogs, sete tiveram fontes, e em cinco delas apenas a Prefeitura, na voz do prefeito e/ou do engenheiro responsável pelas obras, foi ouvida. Somente nove dias depois das veiculações dos jornais, outras representações foram incluídas. Foi quando o governo federal se pronunciou por meio do Iphan e de um assessor especial enviado pelo Ministério da Cultura. As derrubadas eram atribuídas à necessidade de evitar acidentes. As matérias eram veiculadas sem aprofundamento, contextualização, avaliações de profissionais de arquitetura, história ou engenharia. Nas redessociais, as publicações com comentários de revolta contra a derrubada de casarões e ruínas fizeram com que as notícias ganhassem amplitude e voltasse a serem comentadas pelos jornais. Com as repercussões nas redessociais, o Ministério da Cultura enviou um assessor para avaliar as representações do governo e manifestantes.

Considerações finais

A reconstituição das trajetórias de abordagens permitiu o entendimento sobre a construção da pauta e da midiatização, possibilitando uma leitura acerca do protagonismo midiático assumido por usuários da internet, cujo conceito passa a ser construído a partir dos avanços das mídias digitais. Constatamos que a discussão na internet acontece a partir da publicação de informações e de comentários pessoais, formulados em nichos delimitados, aproveitando a completa autonomia do usuário que se engaja a causas vinculadas a interesses que se relacionam à coletividade em vez de motivos estritamente individuais.

Concluímos que o assunto patrimônio passa a ser fortemente agendado, mas não necessariamente nos meios de comunicação formais. A Tarde e outros jornais abordaram o

assunto de forma comedida e desproporcional ao interesse de cidadãos. Há, neste fenômeno de ampliação cada vez maior de possibilidades da comunicação, um reflexo do contexto social e político. Nesta perspectiva, é natural associar a atuação da mídia à conjuntura em que esta atua, aprofundando-se a percepção das novas condições em que acontece o debate público e a convivência social. O desenvolvimento dessas coberturas relativas ao patrimônio serve como indicador do agendamento. Este estudo constata que houve transferência do assunto “derrubada de casarões do Centro Histórico”, proposto pelo público para os meios de comunicação formais e para o governo. Uma vez que uma agenda influencia a outra e que não há processos isolados (McCombs, 2009), o entendimento sobre agendamento, assim como de jornalismo, passa a ser reconfigurado -as redes sociais forçaram a reformulação da produção e do consumo de informações mas os jornais, ainda assim, mantiveram coberturas pouco aprofundadas, se considerada a relevância do assunto. Nos dois momentos, A Tarde valorizou a questão, mas não buscou surpreender o leitor com todas as informações que poderia apurar, deixando-se pautar pelo governo do Estado e do Município, respectivamente.

Referências bibliográficas

- A Tarde Online (18/05/2015). Muro de casarão desaba sobre casas e deixa um morto. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1681743-muro-de-casarao-desaba-sobre-casas-e-deixa-um-morto>, em 5/02/2015.
- _____(20/05/2015). Deslizamento de terra atinge casas na Ladeira da Montanha. Salvador,. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1682294-deslizamento-de-terra-atinge-casas-na-ladeira-da-montanha>, em 5/02/2015.
- _____(21/05/2015). Ladeira da Montanha fica interditada nesta sexta. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/transito/noticias/1682819-ladeira-da-montanha-fica-interditada-nesta-sexta>, 5/02/2015.
- _____(22/05/2015). Seis imóveis são demolidos na Ladeira da Montanha. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1682937-seis-imoveis-sao-demolidos-na-ladeira-da-montanha>, 7/02/2015.
- _____(22/05/2015). Máquinas são usadas na demolição de imóveis na Montanha. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1683000-maquinas-sao-usadas-em-demolicao-de-imoveis-na-montanha>, Salvador, 7/02/2015.
- _____(23/05/2015). 31 imóveis são demolidos em uma semana. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1683210-31-imoveis-sao-demolidos-em-uma-semana>, 10/02/2015.
- _____(25/05/2015). Trânsito é liberado na Ladeira da Montanha. Salvador. <http://atarde.uol.com.br/transito/noticias/1683645-transito-e-liberado-na-ladeira-da-montanha>, 10/02/2015.
- _____(Centro Histórico: Iphan e Sucom rebatem críticas a demolição. Salvador, 26/05/2015. <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1683805-centro-historico-iphan-e-sucom-rebatem-criticas-a-demolicao>, 10/02/2015.
- Carah, N.; Louw, E. (2015). Media & Society. Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Castells, M. (2013). Redes de indignação e esperança, Movimentos sociais na era da internet. Trad.: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Charaudeau, P. (2009). Discurso das Mídias. Trad.: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto.
- Correio. (23/5/2015). Dez imóveis em situação de risco são demolidos na Ladeira da Montanha. Salvador.http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/dez-imoveis-em-situacao-de-risco-demolidos-na-ladeira-da-montanha/?cHash=23fb00ee_27a80ad8209ffa-9636654cdb, 10/02/2015.
- Correio. (25/5/2015). Ladeira da Montanha volta a ser interditada nesta segunda-feira. Salvador. <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/ladeira-da-montanha-volta-a->

- [-ser-interditada-nesta-segunda-feira-25/?cHash=fd6b29018b49e344f_72dd20a42c4160a,](#)
10/02/2015.
- Foucault, M. (2006). Microfísica do poder. Org. e trad.: R. Machado. 22^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- Galtung, J.; Ruge, M. (1965). The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. In: *Journal of International Peace Research* 1.
- Gomes, W. (1998). Esfera pública política e media: Com Habermas, contra Habermas. In: *Produção e percepção dos sentidos midiáticos*. Orgs: RUBIM, A., BENTZ, I. et al. Rio de Janeiro: Vozes.
- Habermas, J. (2003). Mudança estrutural da ESFERA PÚBLICA. Trad.: F. R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Lippmann, W. (2010). Opinião Pública. Trad.: J.A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- McCombs, M. (2009). A Teoria da Agenda, A mídia e a opinião pública. Trad.: Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Mourad, L. (2011). O processo de gentrificação no Centro Antigo de Salvador 2000 a 2010. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Ufba.
- Ninja Mídia. (9/6/2015). Salvador e o enredo das demolições consumadas. Salvador. <https://ninja.oximity.com/article/Salvador-e-o-enredo-das-demoli%C3%A7%C3%A3o-2>, 11/11/2015.
- Rubim, A. (2000). Comunicação & Política. São Paulo: Hacker Editores.
- Souza, J. P. S. (2000) As notícias e os seus efeitos. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.
- Weinstein, M. (2011). O patrimônio na imprensa da Bahia: entre o Centro Histórico (anos 90) e a Vitória (início dos anos 2000). Tese. Faculdade de Comunicação, Ufba, Salvador.

Biografia

Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), Mary Weinstein trabalhou em diversos meios de comunicação e foi repórter especializada em cidade e patrimônio cultural. Atualmente, é professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), em Vitória da Conquista, onde ensina Oficina de Jornalismo Impresso e coordena o projeto de pesquisa e extensão Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural. maryweinstein@gmail.com